

Arquitectura de Língua Portuguesa – Transcendência Espacial

André Filipe Figueiredo Baptista

Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em
Arquitectura
mestrado integrado

Orientador: Prof. Doutora Cláudia Sofia São Marcos Miranda Beato

Maio de 2021

A presente dissertação de mestrado foi redigida de acordo com a Nomenclatura Gramatical Portuguesa de 1967.

Dedicatória

Ao meu Amilcar Cabral, à minha Cesária, ao meu Vinícius, ao meu Jobim, ao meu João Gilberto, ao meu Paulinho Nogueira, ao meu Fernando Pessoa, ao meu Jorge Amado, ao meu Saramago, ao meu Jorge de Sena, ao meu Eugénio de Andrade, à minha Mayra, ao meu Dino. Ao Drummond, à Clarice Lispector, ao Guimarães Rosa, ao Dorival, ao Chico, à Elis, ao Caetano, à Astrud Gilberto, à Elizeth, à Maria Creuza, ao Toquinho, ao Jorge Ben, ao Seu Jorge, ao Variações, ao Sérgio Godinho, à Carminho, ao Cid, ao Tozé, ao Fausto, ao José Mário Branco, ao Zeca, ao Bonga, ao Baden Powell, à Sylvia Telles.

Ao Pancho Guedes, ao Vasco Vieira da Costa, ao Nuno Craveiro Lopes, ao João José Tinoco, à Maria Carlota Quintanilha, ao Francisco Castro Rodrigues, ao Francisco José de Castro, ao João Afonso Garizo do Carmo, ao José e Luís Garcia de Castilho, ao José Pinto da Cunha, ao Fernão Lopes Simões de Carvalho, ao António Nunes e Silva Campino, ao Francisco Pereira da Costa, ao Cassiano Barbosa, ao José Gomes Bastos, ao Fernando Schiappa de Campos, ao Alberto Soeiro, ao Cândido Palma de Melo, ao Marcos Miranda Guedes, ao Bernardino Ramalhete, ao Paulo de Melo Sampaio, ao Lucínio Cruz, ao José Forjaz, ao Eduardo Naya Marques, ao Fernando Mesquita, ao António Matos Veloso. Ao Affonso Eduardo Reidy, ao Lúcio Costa, ao Niemeyer, ao Burle Marx, ao Athos Bulcão, ao Vilanova Artigas, à Lina Bo Bardi, ao Paulo Mendes da Rocha. Ao José Marques da Silva, ao Távora, ao Siza, ao Teotónio Pereira, ao João Abel Manta, ao Keil do Amaral, ao Bartolomeu Costa Cabral, ao Viana de Lima, ao Arménio Losa,

À Alda Espírito Santo, ao Agostinho Neto, ao Eduardo Mondlane, ao Samora Machel, aos Capitães de Abril e aos desertores que lutaram recusando-se a lutar, ao José Dias Coelho, ao Jorge de Sena, à Natália Correia, ao Fernando Ribeiro de Mello, à Sophia, ao Herberto, ao Humberto, ao Agostinho da Silva, ao Lobo Antunes, à Snu Abecassis, ao Carlos Paredes, ao Ary dos Santos, ao Humberto Delgado, ao Soares, ao Cunhal ao Sá Carneiro, ao Guterres, ao Louça, à Ana Gomes, ao Mamadou, à Joacine, à Marielle, ao Ryszard Kapuscinski e ao general Farrusco. Ao Mia Couto, ao Pepetela, ao Agualusa, ao Malangatana, ao José Manuel Fernandes, à Ana Tostões, ao meu professor Miguel Santiago.

Ao Martin Luther King, ao Nelson Mandela, ao Mahatma Gandhi, ao Thich Nhat Hanh, ao Sérgio Vieira de Mello. Ao Gilles Deleuze, ao Kéré, à minha Frida Kahlo, ao meu Antoine de Saint-Exupéry, ao meu Edgar Morin.

Agradecimentos

Para sempre grato à minha família pelo incondicional amor, apoio e paciência.

À minha Carla pelo amor que me conforta a alma, pelo espírito crítico que leva o meu pensamento além, e por partilhar comigo a fé no poder transcendental dos sonhos.

Ao meu irmão Emílio, pela amizade que se elevou a irmandade, por todos os ensinamentos e por ser o meu camarada primordial na luta e construção deste sonho de língua portuguesa.

À Joana e à Mariana, pela dádiva da amizade, minhas companheiras de percurso, de trabalho, e de intermináveis conversas, onde a cumplicidade intelectual e humana transforma assimetrias em complementaridade que nos enriquece mutuamente.

À minha orientadora, professora e amiga Cláudia, que me descobriu quando eu próprio ainda me descobria, me ajudou a desconstruir todas as limitações criativas, e foi o primeiro norte e sempre norte neste caminho de me cumprir na língua portuguesa.

Ao meu professor e amigo Santiago, por ser o melhor professor de arquitectura. Não é a erudição que se encontra na sua escrita que faz dele o melhor, mas sim a humanidade que se descobre na sua sala de aula. Nunca se entra nessa sala com enfado, a sala do Santiago é bossa nova, e todos os dias são uma nova melodia. No primeiro dia de aulas a turma é transformada numa pequena família que acabou de se descobrir. A sala é um espaço de liberdade, onde se cria, pensa, risca, debate, discute, ri, chora, onde cabe ainda o ridículo a que Pessoa tantas vezes lembrou a falta, o que não cabe é a perfeição, nem semideuses. Cada um percebe que a única competição que tem a fazer é consigo próprio, e que somos melhores em conjunto e solidários, do que isolados. Há espaço à imperfeição do ser humano. Há espaço para errar, que é com o erro que se aprende. Há espaço para perder tempo, que nunca é tempo perdido, mas sim investido. Há espaço para elogiar, há espaço para criticar. Há espaço para falhar, há espaço para perdoar. No fim, não saímos apenas melhores alunos, mas acima de tudo melhores humanos. Esta é para mim a sua verdadeira metamorfose espacial.

Resumo

A presente dissertação, tem como objectivo preconizar a importância da arquitectura e do arquitecto no desenvolvimento de uma consciência humanística e filantrópica, actuando assim como agente de humanização da humanidade. Temos hoje, mais do que em qualquer outro momento da história, todos os meios à nossa disposição para nos percebermos como indivíduos de um único organismo ao qual chamamos humanidade. Tal como temos hoje também, todos os meios para nos tornarmos verdadeiramente uma. Temos a capacidade de criar esses mesmos meios, técnicos, científicos, económicos e, no entanto, falhamos no desenvolvimento de uma consciência capaz de os saber usar, de um conhecimento do conhecimento. Agimos e avançamos como seres inconscientes numa constante dicotomia entre humanização e desumanização. Criamos as nossas próprias crises, desde as económicas que levam às sociais ou as sociais que levam às económicas, incapazes de perceber a crise na origem dessas, a crise da humanidade que não se consegue tornar humanidade. A crise que assenta numa evolução que negligenciou a consciência e a espiritualidade como elementos intrínsecos ao indivíduo e à humanidade. Se na técnica e ciência, somos seres extremamente avançados e progredimos a uma velocidade exponencialmente crescente, em matéria de consciência e espiritualidade, somos ainda extremamente limitados, o avanço é lento e a resistência é grande.

Mas como pode Portugal unir-se e participar deste processo de união e de humanização, se nem a nossa língua somos capazes de unir e humanizar? Tudo isto se reflecte na arquitectura, mas o arquitecto rejeita a complexidade e trona-se cada vez mais subserviente. A insubordinada Geração Africana é deixada no esquecimento, enquanto o moderno se reduz a mera estética. Nos intervalos da subserviência, a arquitectura contemporânea conversa com a mesma frivolidade a moda do momento, como a constante dialógica entre regionalismo e globalização. Ao abster-se da complexidade, a arquitectura abstém-se da consciência, assim como do seu poder metamórfico, não apenas do mundo material, como do mundo imaterial, não apenas do espaço, como do tempo, não apenas da identidade, como da humanidade. Propomos assim, de modo sincrónico, pôr a arquitectura ao serviço deste processo de transcendência espacial, que por sua vez serve a humanização da língua portuguesa, que serve a humanização da humanidade.

Palavras-chave

Humanidade, Identidade, Complexidade, Consciência, Língua Portuguesa

Rezumu

Ês dissertason li, tem objetivu di prekoniza importansia di arkitetura e di arkitetu na desenvolvimentu di um konsiensia umanistika e filantropika, i atua dess manera sima um agenti di umanizasom di umanidadi. Nu tem hoje, mas ki na kualker otu momento di stória, tudo meios na nôs dispozison pa nu intendi nos kabesa sima individus di um úniko organismu ki nu ta txomadu umanidadi. Di mesmo manera ki oji nu tem tudu meius pa nu bira di verdadi um so. Nu tem kapacidadi pa kria êss meius li, téknikus, sientifikus, ikonómikus, mas mesmu assi nu ta fadja na dizenvolvimentu di um konsiensia kapaz di sabi usass, di um konhesimentu di konhesimentu. Nu ta aji i nu ta avansa sima seris inkonsientis num dikotomia konstanti entri umanizason e disumanizason. Nu ta kria nôs propi krisis, di ikonómikus ki ta leba pa sosial ô di social ki ta leba pa ikonómikus, incapaz di percebi krisi ki sta na komeso, kê krisi di umanidadi ki ka sta konsigui bira umanidadi. Êss krisi ki ta basia na um ivoluson ki ta nigligensia konsiensia e spiritualidadi sima ilementus intrinseku di individu pa umanidadi. Si na téknika e sencia nôs ê stremamenti avansadu e nu ta progridi na um velocidadi sponesialmenti kresenti, na matéria di konsencia e di spritualidadi, nôs ê stremamenti limitado, avansu ê lentu e rezistênsia ê grandi.

Mas modi ki Portugal podi uni e participa des proseso di union e harmonizason si nem nôs língua nu ka kapaz di uni i armoniza? Tudu kes cusas li ta rifleti na arkitetura mas arkitetu ta rejeta kompleksidadi e ta bira kada bez mas subiservienti. Kel Gerason Africano insubordinadu ta dexadu na skecimentu, timentu modernu ta resumi a meru estetika. Na intervalus di subserviensia, arkitetura kontemporaniu ta combersa ku mesmo frivolidadi pa moda di momentu, sima konstanti dialogika entri reginionalismu e globalizason. Oras ki arkitetura ta recusa kompleksidadi ê ta recusa tambê konsiensia, sima tambê di si poder di transformason, ka sô di mundu material, mas di mundo imaterial, ka só di spaso, mas tambê di tempo, ka só di identidadi tambê di umanidadi. Nu podi des manera, di forma sinkroniko, poi arkitetura ta sirbi ês proseso di trancendensia spasial, ki ta sirbi umanizason di língua portugueza, ki ta ba sirbi umanizason di umanidadi.

Palavras-xavi

Umanidadi, Identidadi, Kompleksidadi, Konsiensia, Língua Portuguesa

Abstract

This dissertation aims to advocate the importance of architecture and the architect in the development of a humanistic and philanthropic awareness, thus acting as an agent of humanization of humanity. Nowadays, more than at any other time in history, we have all the means at our disposal to perceive ourselves as individuals of a single organism that we nominate humanity. As we also have nowadays, all the means to become truly one. We have the ability to create these technical, scientific, economic means and, however, we fail to develop a conscience capable of knowing how to use them, a knowledge of knowledge. We act and advance like unconscious beings in a constant dichotomy between humanization and dehumanization. We create our own crises, the economic ones that lead to the social ones or the social ones that lead to the economic ones, unable to understand the crisis at the origin of these, the crisis of humanity that cannot become humanity. A crisis based on an evolution that neglected conscience and spirituality as intrinsic elements of the individual and the humanity. If technic and scientifically, we are extremely advanced beings and we progress at an exponentially increasing speed, in matters of conscience and spirituality, we are still extremely limited, the progress is slow and the resistance is considerable.

But how can Portugal unify and participate in this process of unity and humanization, if we are not even able to unify and humanize our own language? All of this is reflected in architecture, whilst the architect rejects complexity and becomes increasingly subservient. The insubordinate African Generation is neglected, while modernism is reduced to mere aesthetics. In the intervals of subservience, contemporary architecture talks with the same frivolity about the current trend, as the constant dialogic between regionalism and globalization. By abstaining from complexity, architecture abstains from consciousness, as well as its metamorphic power, not only from the material world but also from the immaterial world, not only from space but from time, not only from identity but from humanity. Under those circumstances we propose, in a synchronous way, to put architecture at the service of this process of spatial transcendence, which serves the humanization of the Portuguese language, coupled with serving the humanization of humanity.

Keywords

Humanity, Identity, Complexity, Consciousness, Portuguese language

Índice

Dedicatória	v
Agradecimentos	vii
Resumo	ix
Rezumu	xi
<i>Abstract</i>	xiii
Lista de Figuras	xix
Lista de Acrónimos	xxi
1. Introdução	1
2. Consciência Histórica	
2.1 História de Língua Portuguesa	13
2.1.1 Intróito	13
2.2 Novo Olhar – A Humanização da História	16
2.2.1 Origem	16
2.2.2 Ceuta	16
2.2.3 Lagos	18
2.2.4 Cabo Bojador	19
2.2.5 Tânger	21
2.2.6 Rio do Ouro – Início da era dos escravos de L.P.	30
2.2.7 Baía de Arguim	35
2.2.8 Sumário	45
2.3 Nova Identidade – O Mundo da Língua Portuguesa	46
2.3.1 Intróito	46
2.3.2 Património de L.P. – Personalidade/Identidade	50
2.3.3 Arquitectura e Urbanismo de L.P. – Personalidade Africana	51
2.3.4 Metamorfose Espacial 1 – Do século XV ao XVIII	52
2.3.5 Metamorfose Espacial 2 – Do século XVIII ao XX	55
2.3.6 Metamorfose Espacial 3 – 1930-1975	65
2.4 O Espaço Colonial	80
2.4.1 Os anos 1930-50	80
2.4.2 Os anos 1950-60	82
2.4.3 Os anos 1960-74	88
3. Conclusão	

3.1 Transcendência Espacial – A Identidade Complexa de L.P.	93
3.1.1 O Infante	104
3.1.2 Os Marinheiros	110
3.1.3 Os Escravos	118
3.1.4 Azurara	124
3.5.1 O Estado Novo	127
3.2 A Construção do Racismo e da Escravatura Contemporânea	135
3.2.1 Novas Formas de Servidão – Trabalhos Forçados	140
3.2.2 Exploração do Trabalho Infantil	142
3.2.3 O Trabalho Infantil na Guiné-Bissau	143
3.2.4 A Abolição e os Direitos das Mulheres	143
3.2.5 A Abolição e a Conquista de Direitos	144
3.2.6 Novas Formas de Escravatura e Exploração da Mulher	144
3.2.7 A Escravatura Moderna	145
3.3 Conclusão da Conclusão	151
4. Acto de Língua Portuguesa	
4.1 Da Identidade Complexa à União Complexa	177
4.1.1 Título I – Da iniciativa	177
4.1.2 Título II – Da cooperação	178
4.2 Manifesto	180
4.2.1 Arquitectura Complexa	180
4.2.2 Teoria do Sonho	181
5. Memória Descritiva	
5.1 Introdução	193
5.2 PAC – Programa Amílcar Cabral	193
5.3 UBI + Uni-CV	194
5.4 Casa de Estudantes #1	195
5.5 Custo Controlado	196
5.5.1 Localização	196
5.5.2 Sustentabilidade	198
5.5.3 Organização	199
5.5.4 Energia	214
5.5.5 Sustentabilidade Social – O Direito à Arquitectura	215
5.5.6 Materiais	217
6. Posfácio	223
7. Bibliografia	
7.1 Livros	229

7.2 Teses	231
7.3 Vídeos	231
7.4 Música	231
7.5 Sites	232
7.6 Artigos em publicações periódicas	233
8. Notas	237
8. Anexos	265

Lista de Figuras

- 01.** *Um problema difícil.* Desenho de João Abel Manta, tinta-da-china sobre papel, 37 x 62 cm
- 02.** *Esboço de ideograma da arquitectura complexa.* Esquisso do autor, 2020
- 03.** *Apontamentos sobre arquitectura complexa.* Esquisso do autor, 2020
- 04.** *Esboço de processo da arquitectura complexa.* Esquisso do autor, 2020
- 05.** *Esboço de processo da arquitectura complexa.* Esquisso do autor, 2020
- 06.** *Vaso.* Cooperativa Remanescente do Vulcão, basalto vesicular. Disponível em: <http://www.maosdecaboverde.com/produto/vaso/>
- 07.** *Esteira de palmeira estruturada com ripado de cana sacarina.* Cidade Velha, Cabo Verde. Fotografia do autor, 2016
- 08.** *Pánu di Téra.* Cabo Verde Raízes na África – Specifying the african ethenic origins for cape verdeans. Disponível em: https://cvraiz.com/?page_id=162
- 09.** *Pavimento de basalto.* Praia, Cabo Verde. Fotografia do autor, 2016
- 10.** *Capulana.* Mercado de Sucupira – Cidade da Praia, Cabo Verde. Fotografia do autor, 2016
- 11.** Calçada de Copacabana desenhado por Burle Marx – *Pedras Portuguesas.* Fotografia de Bruno Veiga, 2014. Disponível: <http://brunoveigafotografia.com.br/br/>
- 12.** *Painel de azulejos desenhado por Athos Bulcão* – Torre de TV de Brasília, da autoria de Lúcio Costa, Brasília, Brasil, 1966. Fotografia de Edgar César Filho. Disponível em: <https://www.fundathos.org.br/abreGaleria.php?idgal=99>

13. *Guardas MuBE* – Museu Brasileiro da Escultura e Ecologia, da autoria de Paulo Mendes da Rocha, São Paulo, Brasil, 1995. Fotografia de Nelson Kon. Disponível em: <https://www.nelsonkon.com.br/mube/>

14. *Tira Chapéu*. Uma de muitas “zonas de ocupação espontânea”, contígua ao Palmarejo – Cidade da Praia, Cabo Verde. Fotografia do autor, 2016

15. *Copacabana*. Fotografia tirada a partir do sopé do morro do Leme – Rio de Janeiro, Brasil. Fotografia de Marc Ferrez, 1890.

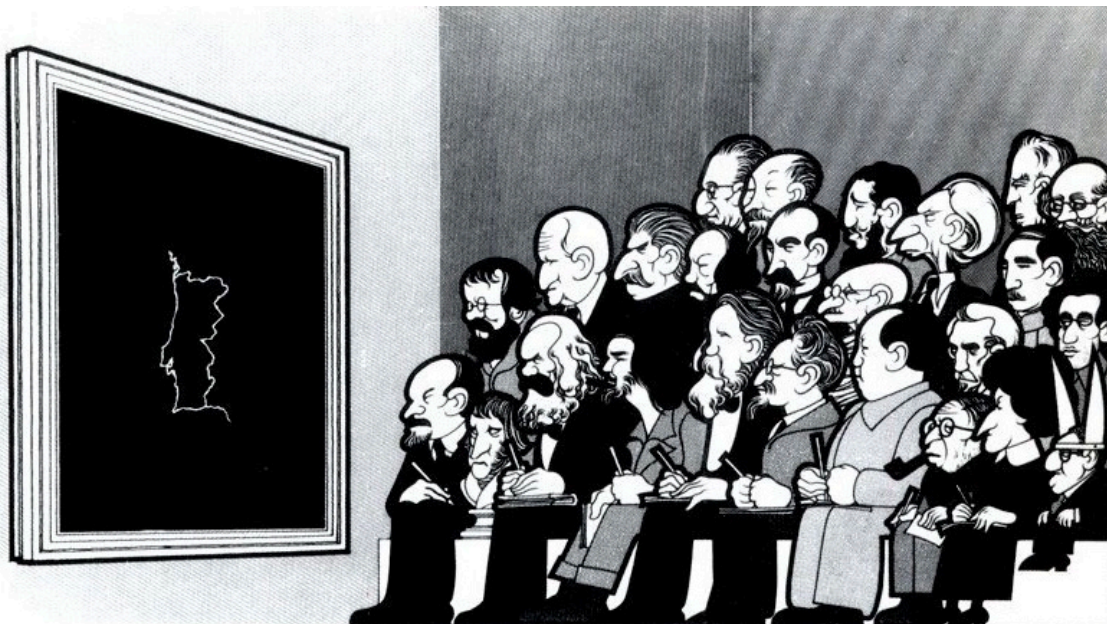
16. *Túnel Alaor Prata*. Conhecido como Túnel Velho, inaugurado a 6 de julho de 1892, fazendo a ligação da Rua Real Grandeza, Botafogo, com Copacabana. Fotografia de Juan Gutierrez.

Lista de Acrónimos

AICEP	Agência para o Investimento e Comércio Externo de Portugal
BNU	Banco Nacional Ultramarino
CECA	Comissão para o Estudo das Campanhas de África
CEMGFA	Chefe do Estado-Maior-General das Forças Armadas
CIALP	Conselho Internacional dos Arquitectos de Língua Portuguesa
CIAM	Congresso Internacional da Arquitectura Moderna
CPLP	Comunidade dos Países de Língua Portuguesa
DSUH/DGOP- MU	Direcção de Serviços de Urbanismo e Habitação da Direcção-Geral de Obras Públicas e Comunicações do Ministério do Ultramar (1958-1974)
EBAL	Escola de Belas Artes de Lisboa
EBAP	Escola de Belas Artes do Porto
ESBAL	Escola Superior de Belas Artes de Lisboa
ESBAP	Escola Superior de Belas Artes do Porto
EUA	Estados Unidos da América
FAUP	Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto
FAUTL	Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa
FCPPA	Frente Comum Popular das Populações de Angola
FIHUAT	Fédération Internationale pour l’Habitation, l’Urbanisme et l’Aménagement des Territoires
FIUL	Fundo de Investimento do Ultramar
FNLA	Frente Nacional de Libertação de Angola
FPLN	Frente Patriótica de Libertação Nacional
FRAIN	Frente Revolucionária Africana para a Independência Nacional
FRELIMO	Frente de Libertação de Moçambique
GAU	Gabinete de Arquitectura e urbanismo
GAUD	Gabinete de Arquitectura, Urbanismo e Decoração
GUC	Gabinete de Urbanização Colonial (1944-1951)
GUU	Gabinete de Urbanização do Ultramar (1951-1957)
HPIP	Heritage of Portuguese Influence/ Património de Influência Portuguesa
ICAT	Iniciativas Culturais Arte e Técnica
IC, I. P.	Camões - Instituto da Cooperação e da Língua
INE	Instituto Nacional de Estatística
IST-UTL	Instituto Superior Técnico-Universidade Técnica de Lisboa
MAC	Movimento Anti-Colonial
MANU	União Nacional Africana de Moçambique
MFA	Movimento das Forças Armadas
MINA	Movimento pela Independência Nacional de Angola
MPLA	Movimento Popular de Libertação de Angola
MuBE	Museu Brasileiro de Escultura e Ecologia
MUD	Movimento de Unidade Democrática
MUNAF	Movimento de Unidade Nacional Anti-Fascista
NATO	North Atlantic Treaty Organization
OA	Ordem dos Arquitectos

OA	Ordem dos Arquitectos de Angola
OAC	Ordem dos Arquitectos de Cabo Verde
ODAM	Organização dos Arquitectos Modernos
ONU	Organização das Nações Unidas
PAC	Programa Amílcar Cabral
PAIGC	Partido Africano para a Independência da Guiné e Cabo Verde
PALOP	Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa
PDM	Plano Director Municipal
PIDE	Polícia de Intervenção e Defesa do Estado
RTP	Rádio e Televisão de Portugal
UBI	Universidade da Beira Interior
UNESCO	United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization
Uni-CV	Universidade de Cabo Verde

1. Introdução



01. *Um problema difícil*. Desenho de João Abel Manta, tinta-da-china sobre papel, 37 x 62 cm

Minha pátria é a língua portuguesa.¹

*Ta manxi lonji nha guentis
Pa-m buska n buska ti kin atxa
Nôbu speransa pa nôs kultura
Nô batuku sta na mundu*

*Kel ké dimeu ké di bo, ka bu skesi
Kel ké di bô ké di nhôs tambê
Kel ké di bô é dimeu simê
Kel ké dimeu é di nôs.²*

Em todas as coisas humanas, a extrema diversidade não deve mascarar a unidade, nem a unidade intrínseca mascarar a diversidade: a diferença oculta a unidade, mas a unidade oculta as diferenças. É necessário evitar que a unidade desapareça quando aparecem as diversidades, e que as diversidades desapareçam quando aparece a unidade. Isto é fácil de compreender, mas difícil de integrar, pois os espíritos recaem na disjunção que, no seio da nossa cultura, domina o seu modo de conhecimento.³

De facto, multiplicaram-se entretanto em Portugal [...] inúmeras investigações académicas, com as respectivas publicações, umas mais científicas e outras mais de divulgação, e até as exposições, sobre tão atraente temática, que por muitos anos fora deixada quase “em segredo”, ou melhor dizendo, quase como um tabu.

Deste modo, saudamos este verdadeiro florescimento, por muitos autores e estudiosos, arquitectos sobretudo, da divulgação documentada e actualizada sobre as obras arquitectónicas, as povoações, vilas e cidades erigidas, e os arquitectos que nelas construíram ou planearam, nos territórios que constituíram a chamada África Colonial Portuguesa, até 1975. Olhando na perspectiva de hoje – como poderia ser de outro modo? – efectivamente, estes espaços, totalizando milhões de quilómetros quadrados, entre ilhas e costas, rios e montanhas, planaltos e lagos, foram a parte substancial de muita da vida colectiva da comunidade portuguesa, em todos os seus estratos sociais e profissionais, ao longo de séculos [...] com um especial protagonismo nos

últimos 150 anos, quando urbes e obras concretas foram levadas a cabo, com marcado sucesso [...]

Mas foi lenta a acordar, a comunidade científica e os investigadores, para o estudo objectivo e desapaixonado dessa realidade, numa perspectiva histórica e de compreensão dos valores culturais e patrimoniais em presença – que agora parece frutificar, em publicações, textos e exposições, desde há cerca de meia dúzia de anos para cá.⁴

Tem nos últimos anos havido um crescendo no panorama editorial, sobre o estudo da chamada *Geração Africana*. Mas o que se entende por *Geração Africana*?

A intriga que fica destes estudos e do conhecimento da história, que instiga este trabalho, são as perguntas: o que representa essa *Geração Africana* nos dias de hoje? O que pode representar para o futuro? Porque é que não está presente nos programas do ensino da Arquitectura? E transcendendo a Arquitectura, porque é que toda esta realidade histórica, que é tão recente, e se repercute e sente ainda nos dias de hoje, parece estar embebida neste secretismo, neste tabu histórico? Será uma subconsciente vergonha nacional de termos estado do lado errado da história? É por ter nascido desse contexto histórico que esta arquitectura, tão atraente, se torna tão desconfortável?

Não diz sempre algo o silêncio do que não se diz? Não dirá este sigilo, que houve, depois da queda do Estado Novo, uma desresponsabilização histórica de quem se sucedeu?

E esse silêncio não se repercute e é também partilhado com os países de língua portuguesa?

Não é este Modernismo de Língua Portuguesa, uma das metamorfoses de um estilo que surgiu como instrumento profundamente socializador da arquitectura, das cidades e da sociedade, ainda um tabu, visto ainda hoje nos países africanos de língua portuguesa, redutoramente, como mero instrumento colonizador?

Le véritable voyage de découverte ne consiste pas à chercher de nouveaux paysages, mais à avoir de nouveaux yeux.⁵

Não está esse tabu partilhado, que faz baixar o olhar de uns, e elevar de arrogância outros, a impedir-nos de encarar verdadeiramente a história e de evoluir os nossos olhos? E de ter esses olhos novos que Proust fala para olhar o presente e o futuro?

Quase cinquenta anos depois, não terão os nossos olhos mudado relativamente pouco em relação a estas temáticas?

Quase cinquenta anos depois, não está novamente Portugal do lado errado da história, quando vem finalmente à luz do dia este caso chamado *Luanda Leaks*?

Por mais estudos, publicações e exposições que tenham havido até aqui, e que continuem a proliferar no futuro, estão os olhos que recaem sobre elas *novos*?

É correcto assumir esta arquitectura como histórica da arquitectura portuguesa? Como africana? Como angolana ou moçambicana? É correcto que na realidade ninguém arrisque assumir o que é, ou de quem? Que não se faça essa discussão? Que se continue a tentar ignorar o passado, desrespeitando o presente e o futuro da língua portuguesa?

É então assim que do desassossego eterno das palavras de Fernando Pessoa – *Minha pátria é a língua portuguesa* – em conjugação com o desassossego do silêncio sobre história, nasce este trabalho, em busca de um novo conceito de Arquitectura de Língua Portuguesa, que por sua vez transcende a uma busca maior, a de um novo conceito de identidade, a Identidade de Língua Portuguesa.

O paradoxo da unidade múltipla consiste em que aquilo que nos une é aquilo que nos separa, a começar pela linguagem: somos gémeos pela linguagem e separados pelas línguas. Somos semelhantes pela cultura e diferentes pelas culturas. O que permitiria a compreensão entre culturas provoca a incompreensão quando se vê apenas a diferença e não o fundo antropológico comum. O mesmo se passa com os indivíduos: somos incapazes de nos compreender enquanto vemos apenas a alteridade e não a identidade. [...] Existe uma unidade humana. Existe uma diversidade humana. Existe unidade na diversidade humana, e existe diversidade na unidade humana.⁶

A linguagem é uma máquina no sentido que definimos. Funciona fazendo trabalhar outras máquinas que, por sua vez, a fazem funcionar. Assim, está engrenada na maquinaria cerebral dos indivíduos e na maquinaria cultural da sociedade. É uma máquina autónoma-dependente dentro de uma polimáquina. Depende de uma sociedade, de uma cultura, de seres humanos, que, para se realizarem, dependem da linguagem. [...]

O que significa que a linguagem é a placa giratória essencial do biológico, do humano, do cultural, do social. A linguagem é uma parte

*da totalidade humana, mas a totalidade humana encontra-se contida na linguagem.*⁷

[...] é o suporte natural da imaginação e da invenção. O pensamento só pode desenvolver-se combinando palavras com uma definição muito precisa com palavras vagas e imprecisas, extraindo palavras do seu sentido usual para as fazer emigrar para um sentido novo.

*O homem fez-se na linguagem que fez o homem. A linguagem está em nós e nós estamos na linguagem. Somos abertos mediante a linguagem, encerrados na linguagem, abertos para os outros através da linguagem (comunicação), fechados sobre os outros pela linguagem (erro, mentira), abertos para as ideias pela linguagem, fechados sobre as ideias pela linguagem. Abertos para o mundo e afastados do mundo pela nossa linguagem, estamos, de acordo com o nosso destino, encerrados por aquilo que nos abre e abertos por aquilo que nos encerra.*⁸

Estaremos então a extrair todo o potencial desta nossa vasta e riquíssima máquina que é a nossa língua? Ou estamos ainda demasiado limitados, espiritual e socialmente, para uma máquina de tal dimensão e complexidade?

Tal como a Língua Portuguesa, também a Arquitectura de Língua Portuguesa se difundiu pelo mundo. E tal como a Língua e a Arquitectura, nós próprios, os humanos de língua portuguesa, também nos difundimos pelo mundo ao longo de séculos de história. E se a Língua se espalhou, evoluiu, variou e adaptou, como podemos perceber desde o português de Camões ao português do Brasil, desde o português do Drummond ou do Vinicius, ao português que se pode ouvir por entre o crioulo cabo verdiano da Cesária, da Mayra ou do Dino, porque resistimos tanto nós a fazer esses mesmos processos?

Simples expressões e palavras correntes como o “bué”, que de África, com variações de significado dependendo da zona onde se dizem, chegam, por vários caminhos diferentes, até ao país da língua que todos falamos e conquistam o seu lugar no dicionário que é de todos.

Há português no Samba, na Morna e no Funaná, no Batuku, no Semba, assim como há português no Fado.

Não é a língua portuguesa do Germano de Almeida e do Mia Couto, do Pepetela e do Jorge Amado, como é do Fernando Pessoa, da Sophia, do Lobo Antunes ou do Bocage?

Não deveríamos então, além da cultura portuguesa, da brasileira, da angolana, da moçambicana, da cabo verdiana, da são tomense, da guineense, falar de uma Cultura de Língua Portuguesa, na qual todas as anteriores se inserem, tanto na sua unidade como na sua diversidade?

Então é a Língua Portuguesa que pertence a Portugal? Ou Portugal é que pertence à Língua Portuguesa? Portugal tem mais soberania sobre a Língua por ser o país de origem? Ou mede-se em quantidade de falantes da Língua? Sendo que aí Portugal aparece em quarto lugar, atrás de Moçambique, Angola e Brasil.

Se a Língua Portuguesa é de quem a fala, independentemente da geografia, será correcto chamar “Arquitectura Portuguesa” à arquitectura da “Geração Africana”, apenas porque foi feita por portugueses num tempo de soberania colonial portuguesa? Ou deveria por exemplo, Angola apoderar-se dela e chamar-lhe apenas “Arquitectura Angolana”, por ter nascido e existir em território Angolano? Ou será então mais correcto, o termo aqui proposto, de lhe chamar por aquilo que é partilhado por todos e nos une, independentemente da geografia ou das cores da pele – Arquitectura de Língua Portuguesa?

Não pertence essa Arquitectura de Língua Portuguesa à nossa Cultura de Língua Portuguesa? E não pertence essa Cultura de Língua Portuguesa à nossa Identidade de Língua Portuguesa?

Talvez tenham havido tempos, em que Língua e país teriam o mesmo exacto tamanho. Mas a Língua saiu, irreversivelmente, para o novo mundo, no dia em que saiu o primeiro barco dos descobrimentos, e expandiu-se e tornou-se ela uma nova língua, que não tem uma terra, nem uma raça, para ser do mundo e conter todas as terras e todas as raças. A terra de Portugal ficou em Portugal, a língua não. Não se tornou a Língua Portuguesa uma entidade, maior que um país? Não é a língua que falamos, que nos permite comunicar e nos conectar com o outro, a nossa verdadeira pátria, mais do que uma geografia? Se de uma maneira poética, ou espiritual – dependendo da preferência de cada um – a Língua Portuguesa é a nossa “língua mãe”, isso não faz de todos os que nascem e vivem com ela “irmãos”? Não é a língua materna o nosso primordial ADN cultural? Não é esse nosso ADN cultural, tão essencial do nosso ser como o nosso ADN físico?

Então se da longínqua partida para o velho “novo mundo”, aquilo que ficou até aos dias de hoje como a nossa recíproca grande herança é essa “nova língua”, não será tempo de a chamar de “nossa Língua”? E se é tempo de chamar de nossa à Língua Portuguesa, não será esse o primeiro passo do processo identitário a que chamamos neste trabalho –

Transcendência Espacial? Se expandimos a nossa consciência individual e colectiva, além dos muros físicos e das fronteiras imaginárias, geográficas e identitárias, construídas por nós para a sociedade e da sociedade para nós, até assumirmos a nossa dimensão de Seres de Língua Portuguesa, não será essa a direcção que nos permite sonhar com um nosso mundo, e cumprir a nossa língua?

Não é esse nosso mundo, o habitat da nossa identidade? Não é essa a nossa verdadeira pátria, o nosso mundo da Língua Portuguesa?

Temos de conceber uma unidade que garanta e favoreça a diversidade, uma diversidade que se inscreva numa unidade. A unidade complexa, é isso mesmo: a unidade na diversidade, a diversidade na unidade, a unidade que produz a diversidade, a diversidade que reproduz unidade; é a unidade de um complexo generativo, o que o jovem Marx denominava o homem genérico, que gera efectivamente diversidades ilimitadas.⁹

O tesouro da humanidade está na sua diversidade criadora, mas a fonte da sua criatividade está na sua unidade geradora.¹⁰

Esta dissertação defende assim, como diz o título, duas ideias fundamentais que pretende preconizar, aprofundar, desenvolver e implementar na arquitectura e na sociedade. O conceito de Arquitectura de Língua Portuguesa, que se pensa, estuda e aprofunda num primeiro momento e o da Transcendência Espacial num segundo, que o desenvolve e aplica numa dialógica entre o mundo das ideias e dos sonhos para o mundo da realidade no qual vivemos.

Esta dissertação pretende assim, usando esta ferramenta – Arquitectura – preconizar essa metamorfose de consciência individual e colectiva – Transcendência Espacial – para uma Identidade de Língua Portuguesa, num Mundo de Língua Portuguesa, acreditando que é da dialógica entre esse mundo das ideias, dos conceitos e dos sonhos, e o mundo da realidade, em que existimos, que acontece aquilo a que chamamos vida.

Se é este o futuro que sonhamos, o da consciência/identidade de Ser de Língua Portuguesa, o de um Mundo de Língua Portuguesa unido, como podemos então, no presente, desencadear esse processo?

Assim, sendo que única certeza que podemos ter quanto ao futuro é que aos jovens pertence, tanto aos de hoje como aos que estão ainda por nascer, conclui-se que um ponto

fundamental pelo qual passará essa partida, será o de uma nova e melhor educação, sem tabus, nem bloqueios, nem limitações.

É então dessa dialógica, que como ponto de partida para esse caminho identitário, nasce a proposta, da criação de um programa de intercâmbio entre todos os países de Língua Portuguesa, para que os jovens do presente e do futuro, vivam, além de conhecer e perceber, esse Mundo de Língua Portuguesa.

Sendo uma proposta muito abrangente e assim, complexa a vários níveis, acredita-se que dependerá, passo a passo, de um processo de execução faseado e gradual, e assim propõe-se um primeiro passo desse processo.

Esse primeiro passo, consiste na iniciação experimental do programa de intercâmbio apenas entre dois dos países de Língua Portuguesa, em que o primeiro é Portugal, e o segundo, que se acredita ser o que tem actualmente a relação mais fácil e maior proximidade com Portugal, Cabo Verde. Propõe-se assim uma parceria, entre Universidade da Beira Interior e Universidade de Cabo Verde, e entre os respectivos cursos de arquitectura, com a intenção que se prolongue às respectivas Ordens profissionais e Ministérios da Educação, com apoio de instituições como a Comunidade dos Países de Língua Portuguesa e respectivos Estados. Pretende-se também, que posteriormente se estenda a outros cursos, outras universidades e outros países.

É fundamental também que sejam criadas as infra-estruturas necessárias, para acolher estas propostas. Assim, para complementar este passo inicial, à sua escala experimental, desenvolveu-se um projecto de habitação para estudantes.

O mosinhos

Nhôs txiga nhôs kamba

Nada nu ka muda la trás

Má oxi eh pa fazi diferença

Nôs tudu nu ten kuza pa fla

Nôs tudu nu ten kuza pa tra

Sô ka nu tenta ka nu tenta

Pa nu fazi sem lamenta¹¹

Porque o filosofo disse, que o começo eram as duas partes da cousa, grande louvor outorgaremos a este honrado mancebo, por sua obra cometida com tal atrevimento, ca pois foi o primeiro que fez presa em esta conquista, vantagem merece sobre todollos outros que ao depois em ella trabalharom [...]¹²

2. Consciência Histórica

2.1 História de Língua Portuguesa

2.1.1 Intróito

A história traz a primazia do tempo irreversível sobre o tempo circular, do tempo factual sobre o tempo repetitivo, do tempo agitado sobre o tempo rotativo. Embora construa ilhas ou arquipélagos de estabilidade, suscita a supremacia da mobilidade sobre a imobilidade.¹³

Com os desenvolvimentos técnicos dos Tempos Modernos, os Estados, dispondo de formidáveis megamáquinas, exibem sobre os continentes o seu desejo de poderio: em finais do século XIX quase todo o planeta está subjogado aos grandes Estados imperiais do Ocidente. Com a exaltação e a exasperação dos nacionalismos, desencadeiam-se os ódios entre as nações, acrescentando-se e combinando-se com os ódios de religião. Após o Moloc do século XX, reclamando e obtendo os mais sangrentos sacrifícios visando a felicidade do género humano, desencadeiam-se os fanatismos ideológicos, nacionais e religiosos.¹⁴

O maior peso. Como seria, se um dia ou uma noite um demónio imperceptivelmente se arrastasse até à tua mais isolada solidão e te dissesse: «Esta vida, tal como a vives agora e tens vivido, terás de vivê-la uma vez mais e mais vezes sem conto; e não haverá nela nada de novo, mas sim te hão-de voltar cada dor e cada prazer, e cada pensamento e suspiro, e tudo o que é indizivelmente pequeno e grande na tua vida, e tudo na mesma ordem e sequência, e de igual modo esta aranha e este luar entre as árvores, e também este instante e eu próprio. A eterna ampulheta da existência está sempre de novo a ser virada, e tu com ela, ínfimo grão de pó da poeira!»

Não te lançarias ao chão, rangendo os dentes e amaldiçoando o demónio que assim falava? Ou experimentaste alguma vez um portentoso instante, em que lhe responderias: «Tu és um deus e eu nunca ouvi nada de mais divino!» Se aquele pensamento se apoderasse de ti, transformar-te-ia, tal qual tu és, esmagando-te talvez; a questão em relação a tudo e todos, sobre se «queres tu isto

uma vez mais e mais vezes sem conto?» permanecerá com o maior peso sobre as tuas acções! Ou então como terias de te sentir bem em relação a ti próprio e à vida para não reclamares mais nada senão esta última eterna confirmação, esta última eterna sanção?»¹⁵

Se esse mesmo demónio, imperceptivelmente se arrastasse, não à nossa mais isolada solidão, mas à nossa mais colectiva consciência identitária ser de Língua Portuguesa e nos dissesse: Esta história da Língua Portuguesa, tal como a vivemos agora e temos vivido, terão de vivê-la uma vez mais e mais vezes sem conto; e não haverá nela nada de novo, mas sim hão-de voltar cada dor e cada prazer, e cada pensamento e cada suspiro, e tudo o que é indizivelmente pequeno e grande nesta história, e tudo na mesma ordem e sequência, e de igual modo também todas as patologias individuais e sociais, e também este instante e eu próprio. A eterna ampulheta da existência está sempre de novo a ser virada, e nós com ela, ínfimos grãos de pó da poeira.

Não nos lançaríamos ao chão, rangendo os dentes e amaldiçoando o demónio que assim falava? Ou experimentámos alguma vez algum portentoso instante histórico, em que lhe responderíamos: Tu és um deus e eu nunca ouvi nada de mais divino!

Sentimo-nos nós, Seres de Língua Portuguesa, tão bem em relação à nossa história e ao nosso presente, para não *reclamarmos mais nada* senão esta última eterna confirmação?

É assim tão gloriosa, essa sempre tão envaidecida, História de Portugal? É isto que entendemos por *Glória*? Devemos ficar orgulhosos, à medida que crescemos, e aprendemos essa tão *fantástica* história dos Descobrimentos, fundada nos alicerces do imperialismo, escravatura e do racismo? Como podemos nós avançar para um futuro mais justo e equilibrado, quando demonstramos esta orgulhosa convívência com este passado?

Somos nós conscientes desses paradoxos históricos? Ensinam-nos os contínuos anos de disciplinas de História a reflectir sobre ela de maneira consciente, ou ensinam-nos apenas a o suficiente para olharmos para ela dessa maneira vaidosa e de suposta glória que alimenta esta identidade inconsciente apenas portuguesa? Daremos no ensino e nas nossas consciências a mesma relevância aos avanços tecnológicos da navegação e da cartografia, como aos avanços tecnológicos da tortura e das ferramentas e estratégias escravizantes?

Ou só estaremos conscientes quando a História de Portugal for para nós, Seres de Língua Portuguesa, apenas uma parte da nossa História da Língua Portuguesa?

Será possível continuar a ver a História da Língua Portuguesa com esses mesmos olhos *gloriosos* de ex-colono, ou, aí, não teríamos como não a ver também pelos olhos dos colonizados?

Essa alegada *glória* da história portuguesa e ocidental, justifica a dor, sofrimento e humilhação causados?

Não deveríamos praticar mais a nossa consciência sobre como é que tão *gloriosa* história, ficou condenada no dia da implementação dos direitos humanos? E como está escondida cobarde atrás dos tabus desde esse fim?

Quais as lições a extrair da História? Quais as que já extraímos? Quais a que estão ainda por extrair?

Para que no presente se trabalhe o futuro, é imprescindível, não apenas conhecer, mas ser consciente perante o passado. Aceitar o passado como nos foi dado, não implica ser conivente com ele.

Contemos em nós, no presente, toda a história da humanidade, assim cabe-nos a nós, continuá-la, quebrá-la, ignorá-la, ou futilmente *glorificá-la*, mas, por mais que se repita uma mentira, ela nunca se poderá tornar verdade. Daí a importância da consciência, é ela que nos permite assumir as rédeas do nosso tempo, do passado, do presente e do futuro, e não nos resignarmos à condição de produtos da história.

É desses exercícios de consciência, repetidos e repetidos mais uma vez, como um mantra, em busca de encontrar um sentido contra a tendência circular da história, que extraímos essa crença, que de tudo quanto é bom e mau na história, a incomensurável herança e legado que ela nos deixou é a Língua Portuguesa.

Temos consciência de que todas as gerações dos nossos antepassados e de que todas as futuras gerações estão presentes em nós.

Temos consciência das expectativas que os nossos antepassados, os nossos filhos e os filhos deles têm de nós.

Temos consciência de que a nossa alegria, paz, liberdade e harmonia são a alegria, paz, liberdade e harmonia dos nossos antepassados, dos nossos filhos e dos filhos deles.

Temos consciência de que a compreensão é a base do amor.

*Temos consciência de que culpar e discutir nunca ajudam e só criam um vazio maior entre nós, que só a compreensão, a confiança e o amor nos podem ajudar a mudar e a crescer.*¹⁶

2.2 Novo Olhar – A Humanização da História

2.2.1 Origem

Ao final de tarde de 14 de Agosto de 1385, dá-se batalha de Aljubarrota. As tropas portuguesas aliadas às inglesas vencem o exército de João I de Castela e dão assim fim à *Crise de 1383 – 1385*, instalada desde a morte do Rei Fernando de Portugal.

Apenas dois meses depois, a 14 de Outubro de 1385, Nuno Álvares Pereira, Condestável do Reino, invade e vence Castela, em Mérida, na que ficou conhecida como batalha de Valverde.

Daqui resulta ainda a confirmação da aliança entre Portugal e Inglaterra, que a 9 de Maio de 1386 assinam o Tratado de Windsor, que perdura até hoje, sendo assim mais antiga aliança diplomática do mundo. Esta aliança teve um papel fundamental, ajudando a terminar a disputa entre o Reino de Portugal e o Reino de Castela e Leão – concluída, só mais tarde em 1411, com a assinatura do *Tratado de Ayllón* – e abrindo caminho à Dinastia de Avis, segunda do Reino de Portugal, fundada por D. João de I de Portugal.

É então esta paz, interna e ibérica, conquistada a 14 de Agosto de 1385, e consagrada depois em 1411, que cria o ambiente propício para que possa nascer uma nova *era* que durará até 20 de Dezembro de 1999, a *Era dos Descobrimentos*.

2.2.2 Ceuta

Com a fronteira terrestre em consolidação, Portugal volta-se assim para a sua outra fronteira – o mar.

A paz interna e a sua posição geográfica, na extremidade do continente, que deixa o país longe de quaisquer outros conflitos europeus, abre assim caminho às *novas cruzadas marítimas*.

Depois deste período de crise e conflitos ibéricos, naturalmente, a economia portuguesa estaria fragilizada e terá sido essa a principal motivação para o caminho marítimo, a busca pela prosperidade económica, sendo que ao mesmo tempo oferecia a oportunidade à nobreza – especialmente aos jovens filhos do rei – de adquirirem novas terras, honras e rendas; ao clero, a oportunidade de continuar as cruzadas cristãs contra o Islão; a

promessa de glória e despojos de guerra à classe militar e de novos mercados e produtos à classe burguesa.

Assim, previsivelmente, o primeiro destino desta nova *era* é o Norte de África.

Do ponto de vista geoeconómico e geopolítico, a posição geográfica de Ceuta seria fundamental para Portugal se apoderar do Estreito de Gibraltar e assim, controlar entrada e saída dos navios vindos do Atlântico para o Mar Mediterrâneo e vice-versa, e proteger a costa do Algarve de ataques piratas, que tinham a costa norte-africana como porto seguro. Além da relevância marítima, a conquista significaria também o controlo sobre um ponto fundamental de afluência de recursos vindos da Índia pelas rotas caravaneiras.

Quanto à causa económica, Portugal tinha em Ceuta uma oportunidade, próxima e rápida, de suprir as carências de vários recursos como o ouro, a prata, os escravos, o trigo e as especiarias. Além de ser também uma cidade de terras férteis, própria para a produção de cereais.

Então, a 21 de Agosto de 1415, dá-se assim a tomada de Ceuta, o enclave muçulmano no Norte de África.

Apesar do sucesso militar da conquista, que marca o início oficial da *Era dos Descobrimentos*, dessa expansão além-mar, rapidamente as forças muçulmanas sitiaram a cidade e impedem que seja usada como base para expansão maior por terra, e as rotas comerciais apenas se alteram e passam a desaguar em portos alternativos.

Apesar da exaltada vitória, que alimenta a dinastia e cumpre assim o papel de *título* de conquistadores aos filhos do rei, a cidade nunca dará o retorno financeiro desejado, tornando-se, pelo contrário, um fardo financeiro que Portugal insiste, orgulhosamente, em manter.

É então, sustentado por esta conquista, que se revela o principal nome, destes – filhos do rei – que ficariam mais tarde eternizados pelo epíteto de *Ínclita Geração*, Infante D. Henrique. Foi aliás o próprio, que um ano antes, em 1414, convenceu o pai a montar uma campanha para a conquista de Ceuta, e é por isso ele que personifica a origem desta busca pelo *Novo Mundo*.

Sendo o quinto filho da Dinastia de Avis e apenas terceiro na linha de sucessão, talvez por isso, terá tido outra liberdade, que D. Duarte, sucessor do trono, não terá tido, que o levaram a desenvolver uma forte relação com a religião e com o conhecimento, as quais aliava a uma fascinante capacidade de sonhar e a uma ambição que não cabia no mundo como se conhecia naquele tempo. Isto, ainda combinado com uma, reconhecida, inteligência social que lhe dava notável capacidade de manipulação e assim levar as suas ideias a bom porto, abriu caminho a que ficasse conhecido como *O Navegador* e mudasse, irreversivelmente, a maneira como vemos o mundo.

2.2.3 Lagos

Depois de Ceuta, armado cavaleiro, feito Senhor da Covilhã e Duque de Viseu, Governador de Ceuta e mais tarde Mestre da Ordem de Cristo, Infante D. Henrique, muda-se para Lagos, que se irá tornar a base de operações dos descobrimentos portugueses, de onde a grande investimento pessoal, dirige todas as operações.

É então Lagos e não em Sagres, como ainda muito se acredita erroneamente, que o Infante vai transformar em *base naval*¹⁷ e não em escola, com a finalidade de coordenar, a partir do reino, o apoio a Ceuta.

Devido à sua larguíssima baía que se estende até Alvor e à proximidade a Morrocos, a costeira vila de Lagos terá sido considerada o local mais adequado ao apoio à navegação.

Noutra frente, à *descoberta*¹⁸ do oceano Atlântico, várias expedições são lançadas ao mar, por iniciativa do Infante ou com a sua permissão e é nessa demanda que dois dos seus escudeiros, João Gonçalves Zarco e Tristão Vaz Teixeira, chegam à ilha de Porto Santo em 1418. No ano seguinte, acompanhados por Bartolomeu Perestrelo chegam à ilha da Madeira e dão início à ocupação do arquipélago. Este revela-se de grande importância económica, sendo capaz de produzir grandes quantidades de cereais, fundamentais para minimizar a escassez que afligia a nação. Em 1433, já com o irmão D. Duarte como Rei de Portugal, o arquipélago é doado a D. Henrique.

A 25 de Maio de 1420, D. Henrique foi nomeado Governador da Ordem Cristo, cargo que deteve até ao final da sua vida. Essa função, permitiu-lhe ter acesso aos recursos da ordem, que foram decisivos para sustentar o seu interesse na exploração do Atlântico, e é aí que as velas passam a envergar a insígnia da cruz de Cristo.

Decorria o ano de 1427, quando de regresso da ilha da Madeira, Diogo de Silves descobre a ilha de Santa Maria. Mais tarde, em 1431, Gonçalo Velho é enviado para localizar essas ilhas e, depois de descobrir os Ilhéus das Formigas, terá iniciado o reconhecimento do restante arquipélago dos Açores, de leste para oeste, já que só terá desembarcado na ilha de Santa Maria em 1432.

É nesta altura que se inicia então o processo de povoação das ilhas dos Açores, com gentes oriundas principalmente do Algarve, Alentejo, Estremadura e Minho, mas também com abertura à ocupação de Flamengos, Bretões entre outros europeus e ainda norte-africanos.

O reconhecimento do arquipélago só ficaria concluído em 1450, com a descoberta de Diogo de Teive das ilhas mais distantes, Flores e Corvo.

Estes arquipélagos, até então desabitados, vão assim desempenhar um importante papel estratégico de entreposto marítimo, devido à sua posição geográfica que, no caso da Madeira, é de proximidade à costa africana. O clima e riqueza natural destes territórios, ofereciam ainda potencialidades económicas quanto à exploração agropecuária.

Destes arquipélagos fazia-se assim escala e se seguia para sul, e é em 1419 – ano do início da ocupação do arquipélago da Madeira – que com o forte estímulo do Infante D. Henrique, se dá início a uma incessante exploração da costa africana.

Lagos havia-se tornado o epicentro da navegação europeia, aqui misturava-se o saber, do académico ao prático dos homens do mar, dos intelectuais aos carpinteiros, dos matemáticos aos pilotos, dos cosmógrafos e aos cartógrafos, homens de saber que o Infante contrata, alguns inclusive vindos de propósito do estrangeiro para ali acrescentarem o seu conhecimento. A *escola* que se aqui se fez, era a de um conjunto de homens de saberes diversificados, a trabalhar em sintonia, a produzir o novo conhecimento, que nos levariam a novos mares e ao novo mundo. Havia uma nova maneira de navegar, havia uma nova maneira de construir navios¹⁹, o avanço tecnológico que se produzia em terra e a experiência que se adquiria no mar levaram a que rapidamente –1422 – o Infante começasse a acreditar que tinha reunidos os meios para ir além do temível Cabo Bojador.

2.2.4 Cabo Bojador

[...] e de huu cabo, que se chama do Bojador, porque ataa aquelle tempo, nem per scriptura, nem per memorya, de nhuus homees, nunca foe sabudo determinadamente a callidade da terra que hya a allem do dicto cabo.²⁰

E porque o dicto senhor quis desto saber a verdade, parendolhe que se elle ou alguu outro senhor se nom trabalhasse de o saber, nehuus mareantes, nem mercadores, nunca se delle antremeteryam, porque claro sta que nunca nehuus daquestes se trabalham de navegar senom pera donde conhecidamente speram proveito;²¹

[...] foe, porque consiirou, que achandosse em aquellas terras alguma povoraçom de xpãaos, ou alguus taaes portos, em que sem perigoo, podessem navegar, que se poderyam pera estes regnos trazer muytas mercadaryas, que se averyam de boõ mercado [...]²²

Isto he claro, deziãam os mareantes, que depois deste cabo nom ha hi gente nem povoraçom algua; a terra nom he menos areosa que os desertos de Libya, onde nom ha augua, nem arvor, nem herva verde; e o mar he tam baixo, que a hua legoa de terra, nom ha de fundo mais que hua braça. As correntes som tamanhas, que navyo que la passe, jamais nunca podera tornar [...]²³

Os milhares de anos de tempestades de areia sopradas pelo deserto Sahara, fizeram com que em alto mar, a vinte e cinco quilómetros da costa, a profundidade seja apenas de dois metros; as ondas altíssimas, os recifes pontiagudos que rodeiam o cabo, quase sempre envolto em nevoeiro, tornavam a navegação impraticável e os barcos que lá iam nunca de lá voltavam.

Quer para os navegadores cristãos, quer para os muçulmanos, o mundo conhecido acabava ali, naquelas intransponíveis águas *ferventes*, habitadas por monstros marinhos como rezava a lenda, ao largo de uma costa onde não há senão um deserto interminável; ali se ia para naufragar a vida e por isso ficou conhecido pelo nome de Cabo do Medo.

Mesmo tanto tempo depois de Pitágoras, ainda não havia consenso sobre o formato da Terra, e muitos a julgavam ainda plana como um disco e que chegados aquele fim do mundo os barcos caíam num abismo sem fundo.

Esférica ou redonda, não havendo quem tivesse atravessado o sinistro cabo, o certo é que todos os mapas daquele tempo terminavam ali e a sul nada se sabia.

Transmitida de geração em geração, firmava-se a lenda daquele *Mar Tenebroso*²⁴ e a crença que ali terminavam os mares e o mundo.

Entre 1424 e 1433, o Infante D. Henrique lançou ao mar 15 expedições com a missão de sobrepujar o dito cabo e todas fracassaram.

Gil Eanes, nascido em Lagos e navegador da Casa do Infante, recebeu nesse ano de 1433, a capitania de uma dessas expedições com o objectivo de dobrar o cabo. Chegado às Canárias, fez alguns cativos e regressou ao reino sem alcançar o Bojador.

Mal regressou, o Infante um homem da ciência e não de superstições, apressou-se a mandá-lo de volta e, Gil Eanes, parte em Maio de 1482. Desta vez, ao aproximar-se do cabo do medo, este decide ir a oeste e afastar-se o mais possível da costa africana. Um dia de navegação depois, percebendo que havia deixado o Cabo Bojador para trás, virou a sudeste, deparando-se com uma baía plácida e ventos amenos.

*[...] menospreçando todo perigoo, dobrou o cabo a allem, onde achou as cousas muyto pello contrairo do que elle e os outros ataally presumyram.*²⁵

Devido há grande quantidade de peixes do mesmo nome que ali encontraram, chamaram-lhe Angra dos Ruivos. Ao invés de monstros encontrou apenas terra deserta, onde colheu algumas rosas silvestres, as Rosas de Santa Maria, que colheu como prova que ali havia chegado, desfazendo assim os mitos e o medo.

Dissipado o terror supersticioso que assombrava os marinheiros, abriu-se assim caminho à descoberta de toda a costa africana.

Gil Eanes e Afonso Gonçalves Baldaia, navegaram depois ainda mais a sul a mando do infante, passaram o Trópico de Caranguejo, descobriram o Rio do Ouro e Pedra da Galé e regressaram decorria o ano 1436.

2.2.5 TÂNGER

No final do Verão de 1437, liderada pelo Infante D. Henrique, parte uma expedição militar, com destino a Tânger.

Em 1432, o Infante havia proposto ao seu pai D. João I um ambicioso projecto com o objectivo de conquistar o sultanato merínida de Marrocos, que se encontrava politicamente instável e por isso num período de maior vulnerabilidade, mas a proposta foi chumbada em concelho por larga maioria.

Em 1435, o Infante consegue que o mais novo dos irmãos, D. Fernando, insatisfeito com as suas poucas posses em Portugal, se alie em defesa da proposta. Juntos fazem pressão junto do agora rei D. Duarte, dizendo que farão a campanha a Marrocos por suas próprias expensas se assim for necessário, levando as suas ordens militares consigo: a Ordem de Cristo de D. Henrique e a Ordem de Avis de D. Fernando.

D. Duarte descrente da viabilidade do projecto e com o apoio dos restantes irmãos, volta a sugerir que proponham a causa a Castela. Aqui surge a rainha Leonor de Aragão, que não querendo os exércitos portugueses aliados ao reino de Castela, inimigos de Aragão, insiste a D. Duarte que autorize a expedição a Marrocos.

Finalmente, acabou por ser a promessa feita por D. Henrique de perfilhar D. Fernando, filho mais novo de D. Duarte, fazendo dele seu único herdeiro, que conseguiu a aprovação do rei. Em Março de 1436 D. Henrique escrevia o testamento e D. Duarte iniciava os preparativos para a expedição.

A ofensiva seria constituída por quatorze mil homens e deveria conquistar Tânger, Alcácer-Ceguer e Arzila.

Após um ano de preparativos, em Agosto de 1437, a expedição estava pronta para partir, mas as tropas reunidas tinham um número inferior ao esperado inicialmente devido à

impopularidade da expedição. Os relatos contam números entre os seis e os oito mil e destes, um quarto não embarcou por falta de embarcações. Apesar de todos os constrangimentos a expedição partiria de Lisboa, crendo que os restantes lá iriam ter quando mais embarcações chegassem.

Por ordem do rei, o Infante detinha total comando sobre a expedição. A 22 de Agosto de 1437, dias depois da cerimónia solene na Catedral de Lisboa, com o apoio do rei e do papa, zarpa a cruzada a partir de Belém.

A demorada e ensurdecadora diplomacia, retirou à expedição o elemento surpresa que tão importante havia sido no sucesso da conquista de Ceuta. A falta de secretismo deu aos marroquinos, apesar da sua instabilidade interna, tempo suficiente para prepararem as defesas das cidades alvo.

Tânger era governada por Sale ibne Sale, que era governador de Ceuta aquando da conquista portuguesa em 1415, de certeza mais experiente e desejoso de desforra. Dispunha de um exército de sete mil homens incluindo um reforço de artilheiros que havia vindo do Emirado de Granada.

Entretanto em Fez, capital merínida, o vizir Abu Zacarias Iáia Aluatassi, que regia em nome do sultão Abdal Haque II ainda criança, apesar da sua impopularidade conseguiu fazer ouvir o seu apelo de unidade contra a invasão portuguesa, e de todos os cantos de Marrocos começaram a chegar tropas para se juntarem à defesa de Tânger.

Pouco depois da frota vinda do porto, comandada por Fernando, conde de Arraiolos, o infante e a sua armada chegam a Ceuta a 27 de Agosto de 1437, onde são recebidos pelo governador D. Pedro de Menezes, conde de Vila Real. D. Henrique, determinado em avançar, decide não esperar pelas tropas que ainda haveriam de chegar.

O plano inicial seria seguir pela costa e tomar Alcácer-Ceguer, depois Tânger e por fim Arzila, mas uma patrulha de reconhecimento enviada, tinha avistado grande resistência nos caminhos para Alcácer Ceguer. Assim sendo D. Henrique e o seu concelho de guerra decidiram avançar para Tânger. A armada é dividida, uma parte vai com o infante D. Fernando por mar, enquanto a maior parte vai por terra, sob o comando de D. Henrique, através das ruínas de Tetuão, evitando assim as montanhas.

A coluna terrestre do exército chega sem incidentes, a 13 de Setembro, aos arrabaldes de Tânger. Aí levam mais uma semana a levantar a sua fortificação numa colina a oeste. Numa decisão que mais tarde se haverá de revelar fatal, D. Henrique ordena uma paliçada de protecção do acampamento em torno do mesmo, ignorando a recomendação do rei D. Duarte que esta se estendesse até à praia, de forma a garantir protecção em caso de retirada e acesso a frota de desembarque. D. Henrique ignorará também as instruções explícitas do rei D. Duarte, consciente das movimentações defensivas marroquinas, de

que deveria assegurar a tomada da cidade na primeira semana e que em caso de isso não suceder, deveria volver a Ceuta e aí invernar e aguardar ordens.

O primeiro ataque à cidade dá-se a 20 de Setembro²⁶ e falha rapidamente. Os ataques e respostas prolongam-se durante dias, que passam a semanas. Até que, depois de gasto tanto tempo, a 9 de Outubro, enquanto D. Henrique preparava o terceiro assalto à cidade recebe informações de que um extenso exército mouro se dirigia na sua direcção. Este era então o exército marroquino que se tinha unificado para a causa da defesa de Tânger, sob o comando do vizir regente Abu Zacarias Iáia Aluatassi.

O infante, percebendo a desproporcional desvantagem planeia e inicia a retirada, mas é tarde demais. O exército mouro atacou imediatamente, dominando rapidamente os postos mais avançados, as baterias de artilharia portuguesas e a cavalaria liderada por D. Henrique, a qual sem dificuldade se fragmentou e retirou de volta ao acampamento. Conta-se até, que morto o cavalo do infante, ele se encontrou desmontado e sozinho, cercado pela cavalaria moura, salvo apenas pelo acto heróico de Fernão Álvares Cabral. Cerca de mil soldados portugueses, incluindo alguns nobres, abandonam as linhas de cerco e fogem rumo aos navios, dando assim fim imediato à retirada. Os que ficam na paliçada resistem, adiando a tomada do acampamento para outro dia. Ao final da tarde, terminada a batalha, o exército mouro monta acampamento em volta do português, cercando-o por completo.

Segundo Rui de Pina²⁷, dos seis a oito mil homens iniciais muitos haviam morrido e outros desertado, restando agora pouco mais de quatro mil homens.

A situação desesperada que se vivia no acampamento português, fez com que apenas três dias depois, 12 de outubro, se iniciassem as negociações de paz. Apesar de algumas escaramuças pelo meio, as conversações chegam a uma conclusão a 16 de Outubro e é assinado o tratado no dia seguinte pelo infante D. Henrique e Sale ibne Sale. Este acordo permitia salvar as vidas do exército português que se retiraria por mar com a armada naval, apenas com roupa que envergavam, deixando para trás tudo o resto, desde armamento a tendas e cavalos. Em troca o infante comprometeu-se a devolver Ceuta ao reino de Fez, libertando com ela todos os cativos, e a um período de cem anos de paz entre Portugal e Marrocos.

*Voltam os reis mouros a reunirem-se em conselho, e, reconhecendo que venciam, agora, os portugueses, mas não lhes arrancavam da alma a necessidade de conquistarem a Africa, antes iam provocar a vingança de toda a christandade, resolvem fazer-lhes uma artilosa proposta de paz, simulando-se dispostos a combaterem-nos, rijamente, mas « movendo-lhes o partido, antes do combate ».*²⁸

Como salvaguarda que a evacuação dos portugueses decorria em segurança, dá-se uma troca de reféns, o governador de Tânger entregou assim o seu próprio filho aos portugueses, e estes um grupo de quatro nobres, Pedro de Ataíde, João Gomes de Avelar, Aires da Cunha e Gomes da Cunha. Como garantia que os termos do acordo seriam cumpridos e Ceuta era devolvida, é feito cativo o infante D. Fernando até que a devolução da cidade esteja consumada. Este e um pequeno grupo de servos, incluindo o cronista Frei João Álvares são assim levados para Arzila, ficando à guarda de Sale ibne Sale.

Acceitou o Infante, porque a dureza das circumstancias o exigia, mas decidido a não cumpri-la, a proposta dos mouros. [...] Houve troca de refens, ficando D. Fernando em poder dos mouros, como garantia de que Ceuta seria restituída.

Queremos acreditar que o coração de D. Henrique lhe arrefecera, lembrando-se de que sacrificava o irmão, porque Ceuta, pelo menos com o seu assentimento, jamais seria entregue. Mas conservar aquella cidade sob o nosso dominio era, para elle, garantir que Portugal realisaria a sua altissima missão. E, nestas circumstancias não hesitava deante dos maiores sacrificios: ficaria elle, e nisso insistiu, como refem, em vez de D. Fernando, pois dizia-lhe a vontade que, assim, não seria, com certeza, entregue Ceuta. «Os do conselho, porém, por justas causas que tiveram, não deram a isso».²⁹

Quebraram os infieis o tratado, e, desejando «matar os christãos de fome e sêde, porque com as armas já não ousavam», defendiam-lhes a entrada nos bateis. Poude D. Henrique, triumphando de grandes perigos, mudar o palanque até ao mar, o que enraiveceu os mouros, porque viram frustado o seu plano que era de requintada maldade. [...] Foi, pois, de armas na mão, e defendendo-se com ardor, que estes alcançaram os bateis [...]»³⁰

Fica assim claro, que D. Henrique apenas viu nas negociações a única maneira possível de sair dali com vida e salvar as vidas que restavam, mas em nenhum momento teve intenção de cumprir aquele tratado. Vindas da parte de soldados muçulmanos que tinham dificuldade em acatar o cessar-fogo imposto pelos seus superiores hierárquicos, as escaramuças, que foram sendo uma constante ao longo das negociações, continuaram durante o embarque dos portugueses. Embora possivelmente em reacção a soldados

portugueses que tentavam, contra o estabelecido, levar consigo algo mais que a roupa do corpo, isso não impedirá D. Henrique de se servir deste acontecimento para alegar a perda do efeito do tratado, justificando que foram os marroquinos que violaram primeiramente a paz estabelecida nos termos do mesmo.

A 19 de Outubro, concluído o embarque, inicia-se a viagem de regresso a Portugal. D. Henrique não honra a sua palavra e decide não libertar o seu refém, o filho de Sale Ibne Sale, que em reacção mantém também os quatro nobres portugueses e envia-os para Arzila, onde se encontrava D. Fernando.

Na patria, alguém chorava. Era D. Duarte a quem o coração lhe adivinhava toda a desgraça do irmão. Tivera notícia de que os mouros haviam cercado os cristãos, e d'acordo com D. Pedro, que o animava, resolveu mandar-lhes, « trigosamente », grande socorro. Mas, enquanto se aviavam as cousas necessarias, aportaram a Lisbôa as naus vindas de Tanger.³¹

Mas o infante D. Henrique não regressa a Lisboa, fica em Ceuta, incumbindo D. Fernando de Castro da tarefa de levar o exército de volta a Lisboa e de se apresentar perante o rei D. Duarte. Em Ceuta, o infante encerra-se nos seus aposentos, e assim fica durante algumas semanas.

A Ínclita Geração tinha antemãos o maior dilema com que haveria de lidar. Os infantes, que tinham construído a sua vitoriosa e honrada reputação sobre a prodigiosa conquista de Ceuta, corriam agora o risco de ver essa glória desmoronar em consequência do recente fracasso.

As opiniões dividem-se, D. Pedro e D. João que sempre foram a favor do abandono da dispendiosa praça de Ceuta, assumem a posição a favor de fazer cumprir o tratado, mas o rei D. Duarte hesita.

Até que D. Henrique põe fim ao seu longo silêncio e, por carta enviada a partir de Ceuta, argumenta resolutamente a D. Duarte contra o cumprimento do tratado por ele próprio estabelecido. D. Henrique alega então que as escaramuças durante o embarque português, violaram a paz estabelecida no tratado, revogando o seu efeito. Na mesma altura, D. Duarte recebe outra carta, esta de D. Fernando, que do seu cativeiro relata impaciência dos líderes merínidas e salienta que para estes, a restituição de Ceuta não é negociável.

Irresoluto, esvai-se o ano de 1437, e é já em Janeiro de 1438 que o rei D. Duarte decide convocar as Cortes, a reunir em Leiria, a respeito do dilema. D. Henrique é convocado, mas não comparece, permanecendo em Ceuta.

As Cortes de Leiria têm início a 25 de Janeiro e, mediante um porta-voz, D. Duarte abre com um discurso de atribuição de culpa a D. Henrique, pelo desastre da expedição, alegando que este ignorou instruções militares explícitas do rei, como já referido anteriormente. É também lida uma carta do próprio D. Fernando, expressando o desejo de ser libertado brevemente, questionando a demora do cumprimento dos termos do tratado e lembrando a pouca utilidade que Ceuta havia revelado. D. Pedro e D. João, mantiveram a sua posição a favor da libertação imediata do irmão e receberam o apoio dos membros do Clero e da grande maioria dos representantes. Mas os representantes das cidades de maior peso comercial como Lisboa, Porto e Lagos, defendiam a renegociação dos termos do tratado. Esta posição foi reforçada pelo apoio da alta nobreza, que liderada pelo retornado de Tânger, Fernando conde de Arraiolos, fez cair a hipótese da devolução de Ceuta, corroborando a posição do infante D. Henrique quanto à nulidade do tratado. Longe de consenso, as cortes terminam sem nenhuma decisão. Em Maio, ao fim de seis meses de um confortável cativeiro em Arzila, o vizir merínida Abu Zacarias Iáia Aluatassi decide tomar a custódia de D. Fernando, que é assim transferido para Fez, onde passa a permanecer numa cela vulgar e a ser tratado com hostilidade, sujeito a humilhações e torturas constantes.

[...] e os levàraõ logo a humas casas muyto fortes, aonde lavraõ a moeda, e fazem as obras delRey, e chamaõ-lhe a Tarecena. Quando entràraõ, achàraõ dentro alli servindo em ferros dous Christaõs Portugueses, que se dizia haverem-se lançado com os Mouros do palanque, a hum chamavaõ Alvareanes, e ao outro Diogo Delgado. Estes mostràraõ ao Infante, e aos seus a masmorra, e os ferros, que para elles faziaõ, e ainda lhes disseraõ mais, que elles ouviraõ dizer, que a cada qual delles haviaõ de cortar hum pé, e hua mãõ.³²

Talvez por isso, em Junho, o infante D. Henrique finalmente decide aceder à vontade do irmão D. Duarte e regressa a Portugal. O infante pretendendo discrição, recusa apresentar-se perante as hostes do rei que se encontrava em Évora, acontecendo o reencontro de forma privada em Portel. Aí, a entrega de Ceuta fica por fim excluída definitivamente e D. Henrique apresenta várias alternativas para a libertação de D. Fernando.

Adoeceu D. Duarte de continua paixão, e morreu a pensar, halucinadamente, na entrega de Ceuta...³³

A 9 de Setembro de 1438, morre D. Duarte, de peste segundo os médicos, de coração partido pelo irmão dizia o povo. Ao fim de cinco curtos anos de reinado, a morte prematura de D. Duarte, gera um conflito interno a respeito da regência do país, visto que o seu filho D. Afonso V, agora rei, tinha somente seis anos. Apesar do testamento de D. Duarte deixar explicitamente a regência do reino à sua mulher Leonor de Aragão, a sua vontade não se cumpre. Gera-se uma querela, entre as duas grandes casas senhoriais de Coimbra e Bragança, que pende a favor de D. Pedro, Duque de Coimbra, que assume o papel de regente do reino em 1439.

D. Pedro, que sempre se havia oposto à dispendiosa manutenção de Ceuta e ao ataque à costa africana, e fazendo cumprir a vontade deixada no testamento de D. Duarte, numa das primeiras medidas como regente decreta que seja cumprido o tratado e se entregue Ceuta por D. Fernando.

E porque não pareça que a redempção e soltura do Infante D. Fernando, depois da morte d'El-Rei seu irmão se esqueceu, é de saber, que com todas as mudanças e divisões passadas entre a Rainha e o Infante D. Pedro, sempre deles foi muito lembrada e negociada, cuja deliberação foi muitas vezes aos mouros cometida por grande somma de dinheiro ou de captivos, e por outras maneiras. Nas quaes elles não quizeram nunca entender, e se mostravam que entendiam, logo se mudavam em outras sentenças, afirmando-se finalmente que lhes dessem Ceuta segundo fórma do contrato que o Infante D. Anrique e os outros capitães do palanque de Tangere com elles fizeram. Pelo qual a Rainha e o Infante D. Pedro ante de seus desvairros, por se satisfazer ao Infante D. Fernando e cumprir a vontade d'El-Rei D. Duarte, que em seu testamento o leixara muito encommendado, determinaram com os do conselho, e houveram por bem, que propositas amoestações do Papa e conselhos de muitos Principes christãos que o contrariavam, que Ceuta todavia se desse por elle, e sobre isso passaram em nome d'El-Rey as cartas e preocupações necessarias, assignadas por ambos, com as quais foram por embaixadores Martim de Tavora, reposteiro mór d'El-Rey, e o licenciado Gomes Eanes, desembargador na casa do civel.³⁴

Chegados a Arzila descobrem que Sale ibne Sale havia também morrido. O filho que lhe devia ter sucedido, continuava prisioneiro dos portugueses, o que causou instabilidade interna. Assim, o irmão Muley Buquer, foi quem lhe sucedeu no governo de Tânger e Arzila, como regente do herdeiro cativo ainda menor. Certamente esta situação terá

fortalecido a soberania de Abu Zacarias que, obstinado quanto à recuperação de Ceuta, era quem, em Fez, detinha a custódia de D. Fernando.

Muley Buquer e os embaixadores portugueses depois de muito alterar, acordam que D. Fernando virá de Fez a Arzila ter com eles, assim que Fernando de Noronha, for destituído do cargo de governador de Ceuta.

Posto isto, os embaixadores retornam a Portugal onde em conselho dão conta das novidades ao regente e à rainha. D. Pedro então nomeia o experimentado diplomata D. Fernando de Castro, governador da casa do Infante D. Henrique, e o seu filho D. Álvaro, para irem a Ceuta tomar a cidade, nela receberem D. Fernando e por ele a entregarem aos mouros. Matim de Távora e Gomes Eanes deveriam voltar a Arzila para lá receberem D. Fernando antes deste rumar a Ceuta.

D. Fernando de Castro era homem de nobre sangue, prudente, e de grande conselho, e tinha boa fazenda; e porque houve este encargo por de muita honra para si e sua linhagem, ordenou sua ida para o mar e para a terra, o mais perfeita e honradamente que pôde. Especialmente o moveu a isso com maior cuidado e diligencia levar esperança que o Infante D. Fernando havia de casar com uma de suas filhas, de que estando em Fez lhe enviara sua certidão, consirando que seu conselho e auctoridade lhe podia por isso em sua deliberação muito aproveitar, e D. Fernando para o mais obrigar havendo sua soltura por certa, lhe levava feitos á sua custa todos os corregimentos que para a pessoa, cama e mesa de um tal Princepe eram pertencentes. E assi levava navios sobresalentes para o Infante e o conde, e os moradores de Ceuta n'elles se virem, além d'outros em que para sua segurança levava mil e duzentos homens, entre os quaes iam muitos fidalgos e gentis homens da casa d'El-Rei e dos Infantes, e com tudo prestes, partiu D. Fernando de Lisboa no mez d'Abril de mil e quatrocentos e quarenta e um, com vento de boa viagem.³⁵

Foi assim com grande alarido e carregados de riquezas em jeito de celebração que esta frota se fez ao mar. Esta exaltação prematura, atraiu atenções indesejáveis e pouco depois de passado o Cabo de São Vicente são emboscados por piratas genoveses. A embarcação principal é abordada e, antes que os outros barcos tivessem tempo de prestar socorro, Fernando de Castro é assassinado e o barco pilhado.

O filho, D. Álvaro de Castro, assume então a capitania, que ruma a Ceuta depois de paragem em Tavira, onde em São Francisco enterram o corpo de Fernando de Castro.

Em Ceuta, escreve ao regente D. Pedro contando o infortúnio e pedindo *ordenança*³⁶. É rapidamente correspondido com afirmação, que complete o encargo que havia sido incumbido ao seu pai.

Apesar da confusão criada pelo infortúnio, os embaixadores Martim Távora e Gomes Eanes, entretanto já em Arzila, cumprem com o que havia sido determinado. Estes ficam em Arzila, enquanto seus emissários devem acompanhar Muley Buquer a Fez. Chegados em Maio, os emissários apresentam-se perante o governador Lazaraque-Martin³⁷ com as cartas de D. Pedro, assegurando a destituição de Fernando de Noronha e que Álvaro de Castro assumiria a evacuação de Ceuta. Mas o vizir recusa entregar primeiro D. Fernando a Muley Buquer e reclama tratar pessoalmente da troca, dando como salvaguarda juramento a Maomé, em como libertará D. Fernando assim que a cidade esteja evacuada. Mas a desconfiança mútua deixou tudo em impasse nunca desfeito. Crê-se que Abu Zacarias, que era regente em nome do sultão merínida Abdal Haque II e que, graças ao sucesso em Tangêr, passou de impopular a herói nacional, se fazia valer da presença portuguesa em Ceuta como distração política enquanto consolidava o seu poder.

E o que de sua contrariedade e contumacia se pôde n'este caso verdadeiramente entender, foi que claramente lhe pesava entregar-se Ceuta aos mouros, e nos modos que sempre teve para se não acabar pareceu mui claro que a causa d'isto era, porque com a necessidade da guerra de Ceuta ocupava assi os sentidos do povo infiel, que lhe não dava lugar acabarem de poder entender e remediar os grandes males de sua tirania.³⁸

Segundo Frei João Álvares, houveram ainda algumas tentativas falhadas de resgate que, sem sucesso, apenas agravaram o as condições cada vez mais precárias e os maus tratos sobre o infante e todos os que com ele tinham ficado. D. Fernando acaba por morrer a 5 de Junho de 1443, aos quarenta e um anos de idade, depois de seis em cativeiro.

Finaraõ-se lá dos nove seus criados, que comsigo levou: Mestre Martinho seu Fysico, Fernão Gil seu Guarda roupa, João Lourenço seu Aposentador, João de Luna homem de forno. Christovão Alemão homem da reposta se tornou Mouro por persuasaõ de hum Alvareanes morador na Alverca.

Joaõ Alvares seu Secretario, e Autor desta Chronica, foy resgatado por mandado do Infante D. Pedro por hum Mouro Chamado Faquyguiznaym, e Joaõ Vaz cozinheiro mòr por hum Mouro, que tinha

*Joaõ de Lisboa, chamado Abdela. E sahiraõ de cativoiro no anno de 1448 e depois foy o dito Joaõ Alvares a Ceuta, e a Arzilla com o resgate, que requireo, de João Rodrigues collaço do Infante, e de Pero Vaz Capellaõ, e trouxe-os o anno de quatrocentos e ceincoenta; e por Joaõ Rodrigues collaço do Infante deraõ oito Mouros, e por Pero Vaz Capellaõ deraõ dous Mouros, e huma Moura.*³⁹

Os acontecimentos, forçaram um interregno das expedições marítimas dos descobrimentos, entre 1437 e 1440. Durante este período o Infante D. Henrique esteve entregue aos cuidados internos do reino, que se encontrava à beira do tumulto, tendo o papel fundamental de mediador da sucessão ao trono.

*E no anno de xxxviiijº. se fynou deste mundo o muy vertuoso elRey dom Eduarte, ix. dyas de setembro, em Tomar, por cujo fallecimento se seguyram no regno muy grandes discordyas, a asquaaes a presença do iffante foe tam necessarya, que de tadallas outras cousas se esqueceo por acorrer e remedyar aos perigoos e trabalhos em que regno estava.*⁴⁰

2.2.6 Rio do Ouro – Início da Era dos Escravos de Língua Portuguesa

Decorria assim o ano de 1441, quando o reino começou finalmente a dar sinais de algum sossego, aproveitado pelo infante para, sem mais demora, retomar as navegações. Fez então armar um pequeno navio, no qual mandou o noviço capitão Antão Gonçalves ir além do Bojador, simplesmente para se abastecer das peles e do azeite, daqueles lobos marinhos que lá haviam em grande abundância.

Chegado ao destino e carregado o barco da mercadoria que o lá tinha enviado, Antão Gonçalves apelando à boa intenção de agradar o infante, convence a sua tripulação a irem além da encomenda e a fazer incursão por terra ao longo do Rio do Ouro em busca de gente. Assim, a pé, lá foi Antão e nove homens, afastando-se da costa até encontrarem um caminho que seguiram em busca de homem ou mulher que pudessem filhar. Tal não acontecia e, sem vontade de voltar ao barco de mãos a abanar, decidem avançar ainda mais adentro, e aí encontram um rasto que presumiram ser de quarenta a cinquenta pessoas. Sendo a água escassa e o dia curto, decidem ir ao seu encontro e, apesar da desvantagem numérica, emboscá-los, confiando que estes surpreendidos fugiriam de medo e aí atacariam quem mais vantajosa presa parecesse. Indo então em sentido oposto

ao mar, avistam pouco depois um homem nu, que seguia um camelo levando duas lanças na mão.

E como quer que aquella fosse soo, e visse que os outros eram tantos, todavya quis mostrar que aquellas armas eram dignas pera elle, e começou de se defender o melhor que pode, fazendo sua contenença mais áspera do que sua fortalleza requerya. Affonso Goterrez o feryo de huu dardo, de cuja ferida o mouro receboo temor, e lançou suas armas como cousa vencida; o qual filhado, nom sem grande prazer daquelles, hindo assy adyante, viram sobre huu outeiro a gente, cujo rastro seguyam, da soma dos quaaes era aquella que trazyam filhado. E nom falleceo per ver suas voontades de chegar a elles, mas o sol era ja muy baixo, e elles cansados, consiirarom que semelhante cometimento lhe podia trazer mayor damno que proveito, e porem determinarom de se recolher a seu navyo.⁴¹

A caminho do navio, cruzam-se ainda com uma *moura negra*⁴², serva dos que ficavam no outeiro. Os portugueses hesitam sobre o que fazer, sendo que os outros eram pelo menos em dobro, mas Antão Gonçalves não se deixa intimidar, e comanda a captura. Impotentes, os outros assistiram do alto do outeiro, retraídos de ver os portugueses tão prontos para os enfrentar e com receio que a eles viessem, acabaram por se afastar ainda mais.

Entretanto, o jovem cavaleiro Nuno Tristão, também ele criado desde pequeno na casa do infante, chega aquele lugar onde andava Antão Gonçalves, de caravela armada e com ordens que fosse além de Pedra da Galé o mais longe possível e aí capturasse alguém. Antão partilha a experiência da sua incursão por terra e Nuno Tristão que trazia consigo um árabe servo do infante, chama-o para que tente falar com aqueles cativos, mas em vão. Tristão, movido de vontade de não ficar aquém, convence a sua tripulação a ir a terra fazer captura ainda maior. Argumentando em favor do retorno financeiro do infante, propõe a Antão que lá fossem juntos tentar capturar os restantes do outeiro. Este, já com conquista maior do que lhe tinha sido pedido, hesita, mas a vontade partilhada de retribuir ao infante era muita e a tripulação demonstrou tanto apoio, que reuniram cada um dez homens e partiram assim que se pôs noite.

E tal foe sua ventura, que assy de noite forom dar onde gente jazia espargida em dous alojamentos, hora fosse aquella que Antam Gllz

*achara, ou outra alguma semelhante; o apartamento porem dos alojamentos era pequeno, e os nossos se partiram em tres partes, porque os podessem mylhor acertar, ca ainda nom avyam certa sabedorya do lugar onde jaziam [...]*⁴³

Os portugueses invadem tempestuosamente o alojamento, gritando por Portugal e Santiago, acordando-os de tal sobressalto que eles desatam a fugir desordenadamente. Dos homens que se tentaram defender com as suas azagaias, morreram quatro. Entre homens, mulheres e crianças fizeram dez prisioneiros e mais não foram porque conseguiram fugir.

A façanha levou os homens a aclamar que Antão Gonçalves fosse feito cavaleiro, ao que este achou o feito pequeno para tal honra, mas Nuno Tristão, encontrando razão no requerimento, assim o fez.

Assim, feito o primeiro cavaleiro por aquelas terras, ficou aquele lugar conhecido como *o Porto do Cavaleiro*.

*Recolheitos aquelles capitaães a seus navyos, mandarom a aquelle alarve, que Nuno Tristam levava comsigo, que falasse com aquelles Mouros, e nunca o poderom entender, porque a linguagem daqueles nom he mourisca, mas azaneguya de Zaara, ca assy chamam a aquella terra;*⁴⁴

Mas um dos prisioneiros, de nome Adahu, que diziam cavaleiro pelo desembarço durante a contenda, e que parecia nobre ante os outros cativos, andara por outras terras onde aprendera a linguagem mourisca, conseguindo responder às perguntas do servo árabe. Em seguida, mandaram este árabe e uma das prisioneiras ir a terra encontrar os outros berberes e fazer-lhes saber que estavam abertos a negociações, fosse de algum resgate ou de actividades mercantis. Dois dias depois, trazendo consigo o árabe, apareceram cento e cinquenta homens a pé e trinta e cinco em cavalos e camelos. Apenas três portugueses se mostraram, enquanto os outros esperavam escondidos em emboscada. Ao aperceberem-se da cilada, os mouros aparecem perante a ribeira arremessando pedras e exibindo aprisionado o árabe que lhes foi enviado, o qual dali lhes disse que se precavesses que ali não eram bem-vindos. Retiraram-se os mouros, levando o árabe consigo e os portugueses regressaram aos navios onde, à sorte, fizeram repartição dos cativos. Antão Gonçalves, tendo carregada a mercadoria, retorna sem mais demoras a Portugal, enquanto Nuno Tristão segue adiante cumprir a sua missão e chegando ao Cabo Branco.

E seguindo sua vyagem, passarom o porto da Gallee, ataa que chegarom a huu cabo, ao qual poserom nome o cabo branco, onde sayrom em terra por veer se podyam fazer algua presa. E pero que achassem rastros dhomees, e ainda redes, ouverom conselho de se tornar, visto como por aquella vez nom podyam avantajar sobre seu primeiro aqueecimento.⁴⁵

É assim, ainda no ano de 1441, que chegam a Lagos os primeiros cativos e com eles chega a amostra do que haveria de ser tornar a expansão do tráfico de escravos. Primeiro Antão Gonçalves com a sua parte, seguido logo por Nuno Tristão que não tardou com os restantes. Este feito era grande, não pela quantidade de prisioneiros, que era pouca, mas pela esperança dos outros que lá se haveriam de ir capturar. Era ainda determinante para o infante D. Henrique, que vinte e seis anos depois de ter lançado a primeira expedição, via agora chegar, pela primeira vez, algo com grande potencial económico.

Nom posso contemplar na chegada destes navyos, com a novydade daquelles servos ante a face do nosso principe, que nom ache algua deleitaçom, porque me parece que vejo ante os olhos, qual serya sua folgança, porque quanto as cousas som mais desejadas, e se mais e mayores trabalhos por ellas despoõe, tanto trazem com sygo mayor deleitaçom, quando as homem pode cobrar.⁴⁶

Apesar da linguagem daqueles mouros não ser entendida pelos que haviam em Portugal, fossem cativos ou alforriados, aquele cavaleiro que trouxe Antão Gonçalves bastou ao infante, que sem delonga, foi ao seu encontro apurar todo o conhecimento que conseguisse sobre aquelas terras. Percebendo que haveria de lá enviar muitos homens, em muitas expedições armadas a fim de combater aqueles “infiéis”, apressou-se a solicitar ao pontífice a aprovação da santa Igreja, para salvação das almas que se perdessem nesta demanda. Frei Fernão Lopes de Azevedo, conselheiro-mor da Ordem de Cristo, foi quem ficou a cargo da embaixada, à qual o papa Eugénio IV de boa vontade, concedeu a bênção.

Mais tarde, em 1443, haverá o infante de juntar a esta graça da igreja, a do reino. Com autoridade de regente do reino, D. Pedro decreta por meio de carta régia que caiba ao infante todo o quinto que ao Rei pertencia e, em reconhecimento da iniciativa e do enorme investimento do irmão por tais descobertas, concede-lhe a exclusividade da navegação a sul do Cabo Bojador.

É também a 22 de Outubro⁴⁷ do mesmo ano, que acedendo a pedido D. Henrique, lhe é doado o território de Sagres. O infante, nos seus quarenta e nove anos de idade, consagra assim com aquela pequena fortaleza que fez sua casa, construída no alto de um ermo, o seu carácter e estilo de vida asceta.

Adahu, aquele mouro nobre ante os outros prisioneiros, por melhor que conste que era tratado, não se conformava com o cativo e insistia com Antão Gonçalves que o levasse de volta, que haveriam de dar por ele nada menos que cinco ou seis mouros, e que por dois outros que haviam ali também cativos receberiam semelhante resgate.

Não era muita pressa de voltar àquelas terras, mas o desejo constante de servir bem o infante, levaram Antão Gonçalves a requerer o seu consentimento, argumentando que poderiam obter mais conhecimento do que aquele que o mouro lhes havia partilhado, e que não receberiam menos que dez mouros.

[...] ca segundo lhe o mouro afirmava, o menos que por sy daryam seryam dez Mouros, e que melhor era salvar dez almas que tres, ca pero negros fossem, assy tiinham almas como os outros, quanto mais que estes negros nam viinham da linhagem de Mouros, mas de gentyos, pello qual seryam milhores, de trazer ao caminho da salvaçom, e que pellos negros podya, ainda saber novas da terra muyto mais longe;⁴⁸

O infante então lhe encomendou o trabalho e acrescentou que além daquelas terras, desejava ainda haver conhecimento sobre as Índias e também da terra de Preste João⁴⁹. Antão Gonçalves parte de imediato, mas uma inesperada tempestade força-o a tornar a Lisboa. Aqui haveria de se cruzar com Baltazar, *gentil*⁵⁰ homem da casa do imperador da Alemanha, que à do infante havia vindo com intenção de ser enviado a Ceuta e lá ganhar honras de cavaleiro. Segundo nos conta Zurara⁵¹, recebeu com muita honra a sua cavalaria, mas a sua ambição não se contentava. Desejando levar daqui grande história que pudesse contar, partiu com Antão Gonçalves em busca de ver aquela nova terra. Lá chegados, enviaram o nobre mouro, para que fosse aos outros dar conta da execução do resgate.

O Mouro era muy bem vestido de roupas que lhe o Iffante mandara dar, consiirando que polla excellencia da nobreza que em elle avya sobre os outros, recebendo benfeitorya, poderia aproveitar em anymaçom daquelles pera os trazer a trautos de mercadarya.⁵²

Antão Gonçalves então quatro léguas adentro do Rio do Ouro, fez lançar ancora e aí esperou sete dias, ao fim dos quais, dois mouros apareceram com recado que no dia seguinte lá iriam outros concretizar o resgate. Assim foi, entre mouros e mouras lá chegaram cerca de cem, dos quais Antão Gonçalves recebeu dez pelos seus dois cativos. Enquanto até aqui apenas com aquele cavaleiro se haviam conseguido comunicar, revelaram agora os mouros bom saber da linguagem mourisca, facilitando o trabalho de Martim Fernandes, alfaqueque do infante enviado nesta missão.

E a allem dos negros que Antam Gllz recebeo daquela rendiçom, ouve ouro em poo, ainda que pouco fosse, e hua darga, e muytos ovos dema, em maneira que vierom huu dya aa mesa do Iffante tres iguaryas delles, tam frescos e tam bõos como se foram dalguas outras aves domesticas.⁵³

Daquele ouro, ficaram ainda a saber que por lá haviam mercadores com quem eles negociavam. Mas o dito mouro cavaleiro, que havia dado esperança de se dar início a actividades comerciais nunca regressou, traíndo assim a confiança que lhe havia sido depositada por Antão Gonçalves, que desta lição se fez mais cauteloso. Regressaram assim a Portugal e depois de receberem as suas honras recompensas, o cavaleiro alemão tornou à sua terra.

2.2.7 Baía de Arguim

Ainda no ano de 1443, o infante arma outra expedição, esta a cargo de Nuno Tristão. Chegado ao Cabo Branco decide ir adiante, cerca de vinte cinco léguas⁵⁴, onde dão com uma pequena ilha que mais tarde souberam de nome *Gete*⁵⁵, a qual conhecemos hoje por ilha de Arguim. Aqui encontram gente no mar, em cima daquilo que seriam mais de duas dezenas de almadias, cada uma levando três ou quatro homens, e navegavam assim nus, sentados com as pernas pela água usando-as como remos. Sete dos homens da caravela de imediato se lançaram de batel para os capturar, mas este não tinha lotação para tamanha presa, e ao fim de capturados quatorze atingia o limite. Voltaram mais uma vez, mas o temor dos outros foi grande e dispersaram em direcção à praia, morrendo ainda alguns antes de a alcançarem. Chegados à ilha, capturaram ainda mais quinze mouros. Ao lado desta ilha havia ainda outra, onde grande quantidade de garças, assim como muitas outras aves, à qual deram assim o nome de Ilha das Garças.

*E o que peor era que allem dos vulgares do povo, os outros mayores fallavam em ello casy por maneira descarnho, teendo que eram despesas e trabalhos de que nom podya viir alguu proveito. Mas quando viram os primeiros Mouros, e segundos, steverom ja quanto dovidosos de sua primeira tençom, a qual de todo teverom por errada quando viram a terceira presa que trouxe Nuno Tristam, cobrada em tam breve tempo, e com tam pequeno trabalho; e constringidos da necessidade, confessavam sua mingua, avendosse por neiceos pello que ante nom conhecerom, pello qual lhes era forçado de tornarem suas reprehensões em publicos louvores, ca manifestamente diziam que o Iffante nom podya ser senom que era outro Alexandre, e desy a cobiiça começavalhes de crecer, veendo as casas dos outros cheas de servos e servas, e suas fazendas acrecentadas [...]*⁵⁶

Podemos conferir pelas palavras de Azurara, que mesmo depois da importante descoberta dos arquipélagos da Madeira e Açores, que depois de povoados tão úteis se revelaram na produção de bens essenciais; mesmo depois de desfazer mitos como o do Mar Tenebroso; mesmo enquanto as suas expedições avançavam pela costa africana alcançando terras e gentes desconhecidas; mesmo tendo um papel fundamental, de dimensão europeia, nos avanços da navegação que dependia dos avanços de tantas áreas, desde a astronomia à matemática, arquitectura naval e geografia; eram ainda muitas as vozes de escárnio em relação ao Infante D. Henrique e à sua ambição marítima. Do povo às classes mais altas, da indiferença à zombaria dos céticos, esta visão do infante demonstra assim algo intemporal na humanidade: a vanguarda, a novidade, o génio, só se revelam a quem neles acredita; os novos mundos, só se mostram a quem neles acredita, a quem os sonha.

E porque o infante se havia estabelecido no Algarve, enquanto aguardava a conclusão da sua *villa*⁵⁷ em Sagres, é em Lagos que se dá esta revelação, assim à vista de todos, do fruto que aquele tanto investimento começava a dar. São assim de lá os primeiros, que se apressaram a ir ao infante pedir licença para poder ir aquela terra de onde vinham os mouros.

O primeiro é Lançarote de Freitas, que ficará conhecido como Lançarote de Lagos, vila onde era almoxarife do rei, *homem de grande siso*⁵⁸, criado desde novo na casa do infante, de quem era escudeiro e moço de câmara. Sendo alguém estimado localmente e considerando o proveito que poderia advir de tal viagem, começou a falar com alguns amigos no sentido de juntarem a ele naquele feito.

[...] os moradores delle comunalmente som homees honrosos, e que se trabalham de seer em boas cousas, specialmente em pellejas de mar, porque a sua villa jaz muyto acerca da costa, he seu huso muyto mais em navyos que per terra.⁵⁹

Conseguiu reunir uma pequena frota de seis caravelas e assim foi pedir licença ao infante, que radiante, mandou prontamente que se fizessem as bandeiras com a cruz da Ordem de Cristo, para levar cada uma das caravelas.

Decorria assim o ano de 1444 quando os seis, Lançarote de Freitas, Gil Eannes, Estêvão Afonso, Rodrigo Álvares, João Dias e João Bernaldez, bem apetrechados, partiram. Chegaram à Ilha das Garças a 10 de Junho, véspera do Corpo de Deus, e aí repousaram. Em concelho aquando da paragem, Lançarote aproveitou, para reforçar a responsabilidade que lhes cabia de servir a Deus e ao infante, e quanto o retorno tinha de ser proporcional à dimensão daquela frota, que era a maior lá enviada.

Soube-se, por alguns dos mouros que Nuno Tristão havia levado, que ali perto, haveria uma *ilha de Naar*, que teria perto de duzentos habitantes. Os capitães Martim Vicente e Gil Vasques, então encarregues de fazer o reconhecimento da tal ilha, partiram ao pôr do sol com cinco bateis e trinta homens. Assim que avistassem a ilha, deveriam regressar o mais rapidamente possível ao encontro dos outros e aí, de manhã muito cedo partiriam todos em direcção à ilha. Remaram noite dentro e, já prestes a nascer o novo dia, deram com a ilha. Reconhecendo os sinais que os mouros haviam contado, indo ao longo da costa, encontraram, ao amanhecer, uma povoação de mouros que se encontrava próxima da ribeira e onde estariam todos os habitantes daquela ilha. Visto que já era dia e o plano inicial havia falhado, hesitaram entre voltar ou atacar já ali. Martim Vicente então falou aos outros convencendo-os do ataque, argumentando que estavam já tão em cima deles e que sendo já dia, se voltassem agora para trás seriam vistos e os mouros, tanto aqueles como os que nas redondezas houvessem, partiriam logo em fuga para terra firme, e que não teriam assim nenhum proveito daquela viagem. Graças às informações que tinham, sabiam que os mouros seriam por volta de cento e setenta a cento e oitenta, dos quais apenas cinquenta a sessenta seriam homens. E mesmo que fossem em dobro, sabiam bem da fraca defesa que tinham. E com a pressa que o momento exigia, concordaram todos, vendo que os mouros se começavam a aperceber da sua presença, à medida que saíam dos seus alojamentos.

[...] e elles chamando Santiago, sam Jorge, Portugal, derom sobre elles, matando e prendendo quanto podyam. Ally poderiees veer madres

desemparar filhos, e maridos, molheres, trabalhando cadahuu de fogir quanto mais podya. E huus se afogavam sob as auguas, outros pensavam de guarecer sob suas cabanas, outros scondyam os filhos de baixo dos limos, por cuidarem de os scapar, onde os depois achavom. E em fim nosso senhor Deos, que a todo bem da remuneraçom, quis que pollo trabalho que tiinham tomado por seu serviço, aquelle dya cobrassem vitorya de seus imiigos, e gallardam e paga de seus trabalhos e despesas, cativando delles, antre homees, e molheres, e moços, clxv., a fora os que morrerom e matarom. Acabada a pelleja, louvaram todos a Deos, polla muyta mercee que lhe fezera, em lhe querer assy dar vitorya, e tanto a seu salvo.⁶⁰

Resultaram então desta feita cento e sessenta e cinco cativos, dos quais meteram nos bateis os que couberam, os restantes ficaram amarrados em terra. Nisto, havia já sido enviado a pé um dos homens, ao longo da costa em busca das caravelas. Pouco mais de uma légua depois, deu com as a caravelas a virem em sua busca, tal como havia dito que faria, Lançarote partiu ao amanhecer. O homem então com um alfareme branco em sua lança fez sinal da sua posição às caravelas, que assim foram em sua direcção. Chegando perto, lançaram um batel ao seu encontro, onde aquele contou as novidades e fez saber do auxílio necessário para carregar os restantes que haviam ficado na praia, que os outros entretanto já vinham de batel ao longo da costa naquela direcção. Lançarote recebeu com grande alegria e louvor a Deus a notícia, de tão grande feito por tão poucos aqueles que lá haviam ido, mas Zurara comenta:

Porem quem me preguntar se o prazer que dello avyam era de todo verdadeiro, sem aver em elle alguma parte fingida, pelo que pequena fosse, eu lhe dirya que nom, porque os altos coraçooes bõos e ardidos, daquelles a que os Deos per graça deu, nom se podem realmente contentar de nom seerem em todollos bõos feitos em que razoadamente se podem acertar, nem carecem os taaes de todo daquella enveja, que em tal caso nom he huu daquelles principaaes vicios, ante acostandosse a hua boa razom, segundo os bõos homees fazem, pode seer chamada vertude.⁶¹

Transportados os mouros dos bateis para as caravelas, foram então ver dos que ficaram em terra. Recolhidos todos os cativos era já tarde, então repousaram. Lançarote porém, aproveitou com o seu tradutor para indagar os mouros acerca do lugar e tempo em que

se encontravam e apurando também que ali próximo haviam outras ilhas povoadas. Em conselho conseqüente, deliberaram que as fossem procurar.

No dia seguinte, 14 de Junho de 1444⁶², prepararam os bateis para uma nova incursão. Com provisões suficientes para dois dias, partiram assim da ilha de Naar, Lançarote e os outros capitães num total de trinta homens, rumo à ilha de Tíger, que seria a cinco léguas de distância, levando consigo dois dos prisioneiros que daquela povoação lhes haviam falado, onde haveriam até cento e cinquenta mouros.

*E tanto que foe menhaã, enderençaram sua partida, encomendandosse todos a Deos muy devotamente, e pedindo mercee que assy os encaminhasse, que elle fosse servido, e sua sancta fe catholica eixalçada.*⁶³

Chegados à ilha, guiaram-se por um dos mouros que levavam, mas não encontraram ninguém. Desconfiados que o mouro lhes mentia e que os estivesse a tentar levar a algum sítio onde houvessem tantos mouros, que teriam suas vidas em perigo, feriram e ameaçaram o mouro. Este disse que os levaria a outro lugar, e que deveriam ir de noite para serem bem-sucedidos, que de dia não tinham como não ser vistos, e assim dariam tempo a que se pusessem a salvo. A situação divide o grupo, e uns dizem que se deve tornar ao navio, enquanto outros dizem que se siga o que o mouro lhes diz. Gil Eannes então propõe que o grupo se divida, e que uma metade lá vá averiguar a dita povoação, enquanto a outra ficaria a aguardar e que dali, juntos, se fosse caso disso, investiriam. O consenso é aprovado por Lançarote, que então assume a vontade de ficar do grupo que vai averiguar, propondo que fique Gil Eannes ao comando do grupo de guarda.

*E indo ja meya legoa donde os outros ficarom, viram ir nove Mouros e Mouras, com dez ou doze asnos carregados de tartarugas, que queryam passar aa ilha de Tider que serya dally hua legoa, e passam de baixa mar de hua a outra a pee.*⁶⁴

Os portugueses de imediato correram na direcção deles, e sem defesa de que se valessem os mouros, foram todos presos num ápice, excepto um, que logo tornou a avisar os da aldeia. Lançarote então ordenou que se levassem os cativos a Gil Eannes, e que este, deixando-os guardados, se viesse juntar ao grupo da frente, crendo que não tardaria que se cruzassem com aqueles que o mouro conseguiu avisar, e haveria confronto e gente para capturar. Chegados os cativos trataram de os prender bem, e deixando apenas um homem de guarda, partiram seguindo o rasto a Lançarote. Este havia já partido a pé,

seguindo a orientação do mouro que ia com eles. Chegados à aldeia, haviam já sido evacuados os habitantes, graças ao aviso daquele que escapou. Foram avistá-los, refugiados num ilhéu, a que passaram com as suas jangadas. Os cristãos, não podendo alcançá-los senão a nado, ali ficaram a vigiá-los à distância e a aguardar os reforços. Estes chegaram, e todos constatando que pelo rio que os separava não havia dano que conseguissem fazer, resolveram tornar aos bateis, que haviam ficado duas léguas atrás. E no regresso, vasculharam ainda a aldeia, encontrando escondidas sete ou oito mouras⁶⁵ que cativaram, e daí foram então aos bateis aos quais chegaram ao cair da noite. Nessa noite, apesar do cansaço, não puderam tardar a decisão sobre o que fazer. Em conselho, crendo que aqueles mouros voltaram à sua aldeia, pensando que os portugueses haviam tornado em desistência, acordaram lá voltar à povoação, indo nos bateis, surpreendendo-os ao nascer do dia.

Determynado seu conselho, partirom de noite, levando seus batees ao longo da terra; e rompendo a alva, sayrom fora, e deram na aldeia, e nom acharom em ella ninguem, ca os Mouros, tanto que os vyram o dya passado tornar, vierom a aldeia, e nom quiserom porem em ella dormyr, mas foronse allojar afastados della huu quarto de legoa, acerca de huu passo porque passavam a Tider.⁶⁶

Não encontrando ninguém na aldeia, prosseguiram a procura, costeando a ilha e mandando quinze homens por terra em busca de rasto. Avançando, avistaram os mouros em fuga, e logo saltaram todos em terra e correram na direcção deles. Os homens ainda conseguiram escapar, mas as mulheres e crianças ficaram para trás, e foram assim capturadas dezassete ou dezoito⁶⁷. E de um dos mais pequenos bateis que seguia pelo canal costeando a ilha, onde seguia João Bernaldez, avistaram cerca de vinte⁶⁸ almadias que passavam de Tíger para Tíder, nas quais iam, como era comum quatro a cinco mouros em cada uma, entre homens, mulheres e crianças. Remaram até eles, e estes, em desespero, abandonavam as jangadas e atiravam-se ao mar, e os cristãos indo por entre eles todos, escolhiam os mais pequenos, para mais caberem no barco. Apanharam quatorze, que se juntaram a um total de quarenta e oito cativos resultantes daqueles dois dias, exceptuando alguns que não sobreviveram.

Tornaram assim aos navios, onde repousaram e fizeram o seu habitual conselho. Gil Eannes sabendo que havia ali grande número de mouros, segundo diziam os prisioneiros, e estando tão próximo da ilha de Tíder, intercedeu a favor de lá irem. Defendeu que para bem servir a Deus e ao infante, não deveriam dali partir sem antes, pelo menos, avistarem os mouros e haverem certeza do seu número, que tal informação

seria muito valiosa ao infante, para que lá pudesse enviar uma armada se assim quisesse. Todos concordaram e ao outro dia pela manhã, partiram trinta homens nos bateis. Os restantes ficaram a preparar os navios para o regresso ao reino, assim que aqueles regressassem. Chegaram a Tíder por volta do meio dia, e foram a terra vinte homens explorar o território. Subindo a um monte avistaram dois mouros que vinham na sua direcção, estes não se aperceberam daquela presença sendo facilmente capturados. Logo viram mais dez adiante, que vinham com os seus asnos carregados de pescado, e estes apercebendo-se da presença dos cristãos lançaram-se a eles tentando defender-se, mas acabaram todos capturados. Daqui enviaram apenas dois homens mais adiante, ver se encontravam mais alguém, os quais foram dar com muitos mouros, que assim que os viram se lançaram aos cristãos, que correram informar os outros que haviam ficado para trás. Perante aquele grande poder de mouros, que seriam cerca de trezentos⁶⁹ que vinham contra eles, retiraram-se o mais depressa que puderam, levando os cativos, mas antes que conseguissem alcançar os bateis tinham já alguns mouros sobre eles e tiveram de lutar para conseguir escapar dali. Lançarote e o escudeiro do infante Martim Vaz foram os que se destacaram, sendo os últimos a recolher aos bateis. Já de noite, chegaram ilesos às caravelas.

Na manhã do dia seguinte, partiram rumo ao Cabo Branco ao qual chegaram dois dias depois. Enviaram cerca de vinte homens a terra e estes, pouco depois, avistaram alguns mouros que andavam por ali à pesca. Mesmo em desvantagem, os cristãos almejando o feito, fizeram-se aos mouros que, instintivamente, começaram a fugir, mas ao perceberem-se em maior número esperaram para os enfrentar.

Os xpãos chegarom a elles, e a pelleja se começou, sem alguu mostrar a seu inmiigo senom per que o ouvesse de temer; e em fim aquelle do que Santyago disse, que decendya todo bem, que lhe ja dera tam boõ começo e meo, como dicto he, quis que na fim ouvesse comprida vitorya de seus imiigos, e que suas vidas fossem salvas, e as honras acrecentadas.⁷⁰

Os mouros então começaram a fugir e os cristãos, indo atrás deles, prenderam quatorze. Tornaram assim aos navios, levando além dos cativos o pescado que eles haviam nas suas redes. Lançarote achou ainda por bem, que também dali não fossem sem conhecimento de quantidade de mouros. Enviou com esse encargo cinco homens, que encontraram uma povoação e logo voltaram com a informação. Depressa lá foram para tomar aqueles mouros, mas estes haviam dado conta da presença dos primeiros e logo deixaram a povoação.

[...] nom acharom senom hua moça, que ficara dormindo na povoraçom, aqual levarom, tornandosse pera suas caravellas, donde fezerom vella pera Portugal.⁷¹

Esta última moura junta-se aos quatorze cativos do cabo Branco, e aos doze de Tíder, e aos quarenta e oito de Tíger, e aos cento e sessenta e cinco de Naar.

A 6 de Agosto de 1444, chegaram as caravelas a Lagos e com elas as novas, que depressa chegaram ao infante.

[...] Iffante, que ante poucas horas se acertara chegar ally doutras partes onde avya dyas que andava. E como veedes que as gentes som desejosas de saber, huus cometerom de se chegar aa rybeira, outros se metyam nos batees, que achavam amarrados ao longo da praya, e hyam receber seos parentes e amigos, de guisa que em breve tempo foe sabido seu boõ aqueecimento, com o qual geralmente todos eram allegres. E por aquelle dya abastou a esses principaes de beijar a maaõ ao Iffante seu senhor, contando-lhe em breve a soma de seus feitos, e desy repousaram, come homees que chegavam a sua terra e a suas casas, onde ja sabees qual serya sua folgança antre suas molheres e filhos.⁷²

No dia seguinte foi então Lançarote ao infante, para que tratassem sobre a divisão e condição dos escravos.

E agora estes Mouros, pollo grande tempo que ha que andamos no mar, assy pollo nojo que devees consiirar que teeram em seus coraçoos, veendosse fora da terra de sua natureza, e postos em cativeiro, sem avendo alguu conhecimento de qual sera sua fim; desy a husança que nom ham de andar em navyos; por todo esto veem assaz mal corregidos e doentes; pollo qual me parece que sera bem que de manhã os mandees tirar das caravellas, e levar a aquelle campo que esta a allem da porta da villa, e faram delles cincoo partes, segundo costume; e seja vossa mercee chegardes hi, e scolher hua das partes, qual mais vos prouver.⁷³

Com a aprovação do infante, ordenou Lançarote na manhã do dia seguinte, 8 de Agosto de 1444, que se levassem os captivos para aquele campo, onde se fariam as repartições.

E antes que estas tivessem início, escolheram o mouro que acharam melhor, para ser oferecido à igreja de Lagos e outro, que se tornaria frade de São Francisco, enviaram ao cabo de São Vicente.

Terminamos assim nesta data, com este episódio, este estudo e relato desta guisa minuciosa, com a transcrição na íntegra do capítulo *XXV^o – Como o autor aquy razoa huu pouco sobre a piedade que ha daquellas gentes, e como foe feita a partilha*, aqui traduzido para português contemporâneo.

Ó tu celestial padre, que com tua poderosa mão, sem movimento de tua divinal essência, governas toda a infinda companhia da tua santa cidade, e que trazes apertados todos os eixos dos orbes superiores, distinguidos em nove esferas, movendo os tempos das idades breves e longas, como te praz! Eu te rogo que as minhas lágrimas não sejam dano da minha consciência, que nem por sua lei destes, mas a sua humanidade constrange a minha que chore piedosamente o seu padecimento. E se as brutas animálias, com o seu bestial sentir, por um natural destino conhecem os danos de suas semelhantes, que queres que faça esta minha humanal natureza, vendo assim ante os meus olhos esta miserável campanha, lembrando-me que são da geração dos filhos de Adão! No outro dia, que era 8 de Agosto, muito cedo pela manhã por razão da calma, começaram os mareantes de correger seus bateis, e tirar aqueles cativos para os levarem, segundo lhes fora mandado; os quais, postos juntamente naquele campo, era uma maravilhosa coisa de ver, porque entre eles haviam alguns de razoável brancura, formosos e apostos; outros menos brancos, que queriam semelhar pardos; outros tão negros como tiopios⁷⁴, tão desafeiçoados, assim nas caras como nos corpos, que quase parecia, aos homens que esguardavam, que viam as imagens do hemisfério mais baixo. Mas qual seria o coração, por duro que pudesse ser, que não fosse pungido de piedoso sentimento, vendo assim aquela campanha; porque uns tinham as caras baixas, e os rostos lavados com lágrimas, olhando uns para os outros; outros estavam gemendo muito dolorosamente, esguardando a altura dos céus, firmando os olhos neles, bradando altamente, como se pedissem socorro ao pai da natureza; outros feriam o seu rosto com suas palmas, lançando-se estendidos no meio do chão; outros faziam suas lamentações em maneira de canto, segundo o costume da sua terra, as quais posto que as palavras da

linguagem aos nossos não pudesse ser entendida, bem correspondia ao grau da sua tristeza. Mas para seu dó ser mais acrescentado, sobrevieram aqueles que tinham carrego da partilha, e começaram de os apartarem uns dos outros, a fim de porem seus quinhões em igualdade; onde convinha de necessidade de se apartarem os filhos dos pais, e as mulheres dos maridos, e os irmãos uns dos outros. A amigos nem a parentes não se guardava nenhuma lei, somente cada um caía onde a sorte o levava! Ó poderosa fortuna, que andas e desandas com tuas rodas, compassando as cousas do mundo como te praz! E sequer põem ante os olhos desta gente miserável algum conhecimento das coisas postumeiras, para que possam receber alguma consolação no meio de sua grande tristeza! E vós outros que trabalhais desta partilha, esguardai com piedade sobre tanta miséria, e vede como se apertam uns aos outros, que apenas os podes deslegar! Quem poderia acabar aquela partição sem muito grade trabalho; porque tanto que os tinham postos em uma parte, os filhos que viam os pais na outra, levantavam-se rijamente, e iam-se para eles; as mães apertavam os outros filhos nos braços, e lançavam-se com eles de bruços, recebendo feridas, com pouca piedade de suas carnes, para não lhe serem tirados! E assim trabalhosamente os acabaram de partir, porque além do trabalho que tinham com os cativos, o campo era todo cheio de gente, assim do lugar, como das aldeias e comarcas dos arredores, os quais deixavam naquele dia folgar suas mãos, em que estava a força do seu ganho, somente para ver aquela novidade. E com estas coisas que viam, uns chorando, outros departindo, faziam tamanho alvoroço que punham em torvação os governadores daquela partilha. O infante era ali em cima de um poderoso cavalo, acompanhado de suas gentes, repartindo suas mercês, como homem que de sua parte queria fazer pequeno tesouro, que das 46 almas que aconteceram no seu quinto, muito breve fez delas sua partilha, que toda a sua principal riqueza estava em sua vontade, considerando com grande prazer na salvação daquelas almas que antes eram perdidas. E certamente que seu pensamento não era vão, que como já dissemos, tanto que estes haviam conhecimento da linguagem, com pequeno movimento se tornavam cristãos; e eu que esta história juntei a este volume, vi na vila de Lagos, moços e moças, filhos e netos destes, nados em esta terra, tão bons e tão verdadeiros cristãos, como se

*descendessem, do começo da lei de cristo, por geração, daqueles que primeiro foram baptizados.*⁷⁵

2.2.8 Sumário

O Primeiro Império, de 1415 a 1580, fica então marcado pelos descobrimentos e expansão em África, Ásia e América do Sul.

O Segundo Império, de 1580 a 1822, surge depois da morte de D. Sebastião em 1578, em Alcácer-Quibir, que instala uma crise dinástica que culmina na perda de independência do Reino de Portugal, e agregação ao Reino de Espanha, resultando numa União Ibérica. Este feito agregou os dois impérios além-mar, e agregou também os inimigos de Espanha, o que custou a Portugal a perda de influência no Oriente, e que por isso redireciona, mais tarde, o seu foco para o Brasil.

O Terceiro Império, de 1822 a 1975, irrompe com a independência do Brasil, recaindo assim a grande parte da pulsão imperial portuguesa no continente africano, e prolonga-se até à queda do regime ditatorial português Estado Novo, e consequente declaração de independência imediata, de todas as suas províncias ultramarinas.

Resquícios do Império⁷⁶, de 1975 a 1999, devido à rejeição da transferência imediata, por parte da República Popular da China, permanece a soberania de Portugal em Macau, como território chinês sobre administração portuguesa, até à transferência como Região Administrativa Especial.

2.3 Nova Identidade – O Mundo da Língua Portuguesa

2.3.1 Intróito

O aparecimento da cultura opera uma alteração de órbita na evolução. A espécie vai evoluir muito pouco, anatómica e fisiologicamente. São as culturas que se tornam evolutivas, mediante inovações, integração de conquistas, reorganizações; são as técnicas que se desenvolvem; são as crenças, os mitos que se alteram; são as sociedades que, a partir de pequenas comunidades arcaicas, se metamorfosearam em cidades, nações e impérios gigantescos. No seio das culturas e das sociedades, os indivíduos irão evoluir mentalmente, psicologicamente, afectivamente. A linguagem, surgida no decurso da hominização, encontra-se no centro de toda a cultura e de toda a sociedade humana [...]

A cultura, vamos repeti-lo, é constituída pelo conjunto dos hábitos, costumes, práticas, saber-fazer, saberes, regras, normas, interdições, estratégias, crenças, ideias, valores, mitos, conjunto que se perpetua de geração em geração, que se reproduz em cada indivíduo, gera e regenera a complexidade social. A cultura acumula nela o que é conservado, transmitido, aprendido, comportando princípios de aquisição, programas de acção. A cultura é o capital humano primordial. [...]

Em cada sociedade, a cultura é protegida, alimentada, mantida, regenerada, sem o que estaria ameaçada de extinção, delapidação, destruição.⁷⁷

Quando se lança um olhar psicológico, o indivíduo aparece na sua autonomia e nas suas características distintivas e, em caso extremo, a sociedade desaparece; mas quando se lança um olhar sociológico, o indivíduo desvanece-se, ou a rigor não passa de um executante zombie do determinismo social.⁷⁸

Tal como foi repetido, não é então tudo cultura? Das maiores às mais pequenas coisas, não será tudo cultura? Das conscientes às inconscientes? E se a cultura funciona nesta, intrínseca, dialógica sociedade-indivíduo, indivíduo-sociedade, da cultura que gera identidade social, que gera identidade individual em cada um, que no seu conjunto geram

de volta identidade social, somos conscientes de onde começa e acaba a nossa identidade, ou seremos apenas meras consequências identitárias? Percebemos a nossa cultura? Percebemo-nos dentro e fora dela? Cometemos algo, porque é realmente essa a nossa identidade, ou é a nossa acção uma mera consequência da identidade social? Está a nossa identidade individual tão diluída na social, que as nossas acções são apenas um produto dela, ou somos conscientes de onde acaba uma e começa a outra? Não é essa consciência que nos permite questionar a sociedade? Não é a mesma consciência, a que nos permite questionar a nós próprios? Se são as duas indivisíveis, questionar uma, não é questionar a outra?

Se a cultura é identidade social e individual, a história também o é. E é ainda a memória dessa mesma identidade, social e individual.

Se a cultura se reproduz em cada indivíduo, gera e regenera, o que nos faz avançar, ao invés de andarmos em círculos, numa eterna repetição? Não é a consciência então o leme, a ferramenta primordial, que nos permite dar sentido? Mas que sentido? A memória, individual e cultural, permite-nos conhecer o passado, de onde vimos, por onde passámos, mas não é a consciência a tecnologia humana, que nos permite interpretá-lo? Não é da interpretação que devemos extrair a mais correcta direcção? Mas a consciência existe apenas no presente, então não podemos ainda saber sem antes responder à pergunta: onde estamos?

Além da história, o que diz de nós a maneira como olhamos, hoje, para ela?

[...] pois o regimento e principal governança das cousas que som por viir, está no boõ conhecimento das passadas.⁷⁹

Quantos, desta sociedade que fala em português, conhecem o episódio com que aqui fechamos o capítulo anterior? Quantas datas conhecemos, celebramos, homenageamos? Quando é que alguma vez aquela foi sequer lembrada? Quantos nomes da história conhecemos, alguns por feitos menos marcantes, enquanto o de Lançarote de Freitas é deixado na penumbra da história?

Olhamos sequer para a história no seu todo, ou existe, de facto, um *branqueamento*⁸⁰ da história, da que escolhemos contar e da maneira como a contamos? Não serve, esse branqueamento, o propósito de perpetuar este enaltecimento, irracional, da história? Que, por sua vez, serve o propósito de perpetuar este enaltecimento, irracional, da identidade portuguesa? Não é já tempo de ultrapassar estes, irracionais, nacionalismos? Não se reflete esse enaltecimento irracional na sociedade portuguesa? Não se reflete na identidade de cada um? Esse perpetuar do olhar, poético-heróico, dos Lusíadas, não perpétua também conceitos retrógrados da identidade do século XVI, no século XXI?

Não perpetuamos com esse excessivo orgulho, altivo, imperialista, um retrógrado sentimento de superioridade sobre outros, outras étnias, outras pátrias, outros humanos? Sobre esse mundo que subjuguámos, que hoje é o mundo da Língua Portuguesa? Não é esse o nosso mundo? Não é essa a nossa gente? Não é essa a nossa étnia, ou raça? Não é essa a nossa verdadeira pátria? Qual o efeito destas questões da sociedade portuguesa, nas outras que forma esta da Língua Portuguesa?

O império desfez-se, sob o peso do século XX, depois de muito insistir contra os nossos que faziam os dois lados, e contra o mundo inteiro que nos condenava, como perdura este orgulho irracional? Não nos faz tudo isto arrastar, quando deveríamos estar a avançar? Quanto avançou este mundo de Língua Portuguesa independente? Manter *laços privilegiados de amizade e cooperação*⁸¹, é compactuar com uma ditadura de quase quarenta anos? Ainda mais conhecendo nós, por experiência própria, essa realidade?

Não deveríamos olhar também o lado menos alto e nobre da história? Não devíamos usar essa coragem heróica que foi em busca do novo mundo, para encarar e enfrentar a nossa, partilhada, História de Língua Portuguesa de frente, e nos libertarmos dos branqueamentos e tabus, em busca de uma nova consciência, de uma nova identidade? Não consegue evoluir o nosso olhar, formatado, unitário, para um novo olhar binário? Porque não? Temos vergonha, de sentir vergonha sobre o óbvio? Não nos cabe um pouco de humildade no espaço que enchamos de orgulho? É condição de ser português, expressar orgulho irracional? Temos de optar e manter o binário, ou podemos ter um sentimento complexo? Não podemos sentir orgulho daquilo que é de a sentir, e vergonha daquilo que também é de a sentir?

Essa covardia em relação à história, não tem repercussões na hipocrisia do presente, não terá no futuro? Além de conceitos imperfeitos de nobreza e de superioridade, quantos outros perpetuamos na sociedade? Quais os efeitos que tem na nossa sociedade portuguesa? E nas outras? Essa identidade de superioridade que vem de trás, não se reflete no racismo e na xenofobia de hoje? Não se traduz na hipocrisia dos que em negação, ou em desprezo, ignoram todas estas questões?

Não está, esta enaltecida identidade, impressa, além dos livros, nos monumentos, estátuas e padrões que se ergueram e erguem? Levámos pedras em forma de cruz ao mundo inteiro, mas não fomos ainda capazes de carregar uma única pedra em homenagem a todos os escravos, que carregaram todas as outras pedras do império? A história é feita apenas de gloriosos? Ou é feita do sofrimento de muitos, para a glória de alguns?

Não se refletem todas estas questões na nossa, mais profunda, individualidade, tal como na nossa sociedade portuguesa, assim como na nossa sociedade de Língua Portuguesa?

Não se reflete na nossa cidade? Na arquitectura e no urbanismo? Quem habita a Cova da Moura? Quem habita a Linha de Sintra? Quem habita Portugal? Somos um país feito apenas de portugueses?

*Cabo Verde não tem dez ilhas, tem 11 e uma delas está em Portugal [...]*⁸²

Quem foi o Vasco Vieira da Costa? Quem foi o Pancho Guedes? Não se constata a lacuna que existe no estudo e na divulgação do trabalho desta, singular, *geração africana*?

Não se constata⁸³, nos outros países, uma dualidade complexa de vontades, em relação à preservação do património de Língua Portuguesa? Não evidenciam estas complexidades um, ainda por ultrapassar, ressentimento, em relação à história e a Portugal, presente nessas sociedades? Não é compreensível que Portugal, ao insistir no seu olhar erróneo da história, perpetue estes estrangimentos? Não se apropria Portugal em demasia desta história e língua e cultura, que é de tantos? Não cabe à sociedade portuguesa dar o primeiro passo, e todos os que forem necessários, para resolver qualquer ressentimento? Os impérios, os heroísmos, já lá vão, o que ficou? Não é a Língua Portuguesa aquilo que ficou? Não ficaram apenas os que a falam? Não ficámos ainda, apenas humanos? Não é esta a nossa história? Não é esta língua a nossa verdadeira herança? Não somos todos seus herdeiros? Não é ela que verdadeiramente nos une? Não é ela que une territórios, culturas e gentes tão distantes, numa só gente?

Não são os patrimónios então de Língua Portuguesa? Não é então a História da Língua Portuguesa? Não somos todos nós seres de Língua Portuguesa?

*As sociedades são extremamente diversas. A infinita variedade das sociedades arcaicas dos caçadores-recolectores cobria o planeta. Hoje, subsistem tribos, sociedades quase feudais, impérios, minúsculas cidades-estados, ao mesmo tempo que as nações se multiplicam. As funções no seio de uma sociedade, as especializações no trabalho e a utilização das técnicas determinam inumeráveis diversificações corporais e gestuais, entre, por exemplo, guerreiros, camponeses e artesãos. A estruturação em castas e classes determina tipos humanos particulares. Ricos e pobres, dominantes e dominados, privilegiados e proletários possuem ideias, conceitos, comportamentos que os tornam estranhos uns aos outros, como se não pertencessem à mesma espécie.*⁸⁴

Os seres humanos diferenciam-se pela morfologia, pelo rosto, altura, musculatura, compleição óssea. Assim, coexistem no planeta indivíduos

baixotes, esguios, obesos, de nariz aquilino, de nariz abatado, corcundas, de olhos azuis, cinzentos, verdes, castanhos ou negros, com bocas espessas e lábios finos. O volume dos seios de umas, o comprimento do sexo de outros possuem dimensões variáveis. Existe grande diversidade somática, de acordo com a herança genética e com a herança étnica, com a alimentação ministrada na infância, as prescrições e tabus alimentares, a idiosincrasia de cada um. As condições climáticas modificam a fisiologia: assim, os bolivianos do Planalto (4000m) possuem um metabolismo que lhes permite oxigenar o sangue de forma desconhecida às outras populações.⁸⁵

[...] a consciência é ela própria múltipla, mutável, segundo as formas de pensamento, as condições culturais, provocando múltiplas possibilidades de falsa consciência e de regressão intelectual, algumas das quais estão ligadas à sua própria progressão (assim, como o desencanto moderno conduz a um niilismo que suscita em resposta o regresso à religião dos Antigos). As consciências são diversamente ecologizadas, sociologizadas, historicizadas.⁸⁶

2.3.2 Património de Língua Portuguesa – Personalidade / Identidade

Consideramos que é desta História da Língua Portuguesa, que nascem os Seres de Língua Portuguesa, que contêm a Identidade de Língua Portuguesa, que habitam os territórios que constituem este Mundo de Língua Portuguesa, que contêm o Património de Língua Portuguesa.

Cada um dos territórios, que contêm este património, realizado no âmbito da expansão portuguesa, possui história e características próprias, que afirmam uma personalidade específica nos aspectos urbanísticos e arquitectónicos.

Analisando os variados contextos e períodos, podemos compreender as diferentes tonalidades geográficas e os processos históricos próprios, de onde resultam essas diversas personalidades.

A África Subsaariana é o território que detém a maior longevidade e continuidade de ocupação colonial portuguesa, tendo-se iniciado logo no início da era dos descobrimentos, no Primeiro Império, ainda no século XV, quando o foco era o Oriente. Manteve-se, constante, durante o segundo, quando o foco era o Brasil e, só no terceiro,

no século XIX é que este território se torna o foco, consolidando em si a atenção imperial, agora quase exclusiva, tendo assim um pico de desenvolvimento, que se estende até ao século XX. O Brasil aparece ainda no primeiro império, mas é no segundo que se torna o território principal, até à sua independência que fecha este período do império, e no Oriente, apesar da continuidade, a ocupação é residual, feita de pontos estratégicos como Goa, Macau e Timor.

Observamos então, três personalidades distintas: a da ocupação colonial do vasto território da África Subsaariana, feito num processo que evoluiu de maneira gradual, sendo o que tem a maior longevidade, constante, do primeiro ao último momento; enquanto o Brasil se destaca pelo seu, rápido foco, ocupação e exploração intensa, de um território contínuo, até à sua independência, tendo assim o período mais curto; por último, no Oriente, uma ocupação longa e constante, residual, feita de pontos estratégicos, mais longínquos e de complexa manutenção.

Esta diversidade revelou-se nas tipologias de ocupação, urbanização e edificação, utilizadas no decorrer dos distintos tempos-espacos históricos. No primeiro império, em que foco era o Oriente e as rotas comerciais, traduziu-se sobretudo na arquitectura de entrepostos marítimos pontuais. No segundo, inicia-se uma busca pelo enraizamento territorial, deixando a arquitectura apenas de espaços litorais e insulares e iniciando a incursão adentro dos espaços interiores continentais, seguindo sempre ao longo dos rios, tal como a ocupação das ilhas. Por fim, no terceiro império, é encetada e consolidada a definição dos amplos territórios de Angola e Moçambique, dotadas de abrangentes planos urbanísticos, unidos por extensas redes ferroviárias. Essa série de redes infraestruturais, de consequentes construções urbanas e obras arquitectónicas, definiram a rede urbana desses dois vastos países.

Podemos por aqui perceber, como esta diversidade se materializou na arquitectura e no urbanismo de todos estes territórios, e como este património reflecte todas estas personalidades diversas que fazem parte desta, em constante gestação, identidade de língua portuguesa.

2.3.3 Arquitectura e Urbanismo de Língua Portuguesa – Personalidade Africana

Como nação colonizadora, Portugal, produziu nos territórios da África Subsaariana, um modesto conjunto de espaços de vida colectiva e de comunidades organizadas, num primeiro momento, que se inicia nos finais da Idade Média e se estende por toda a Idade

Moderna, assim como uma considerável obra urbana de espaços e construções, desenvolvidos ao longo da Idade Contemporânea.

Influída pelos diferentes contextos e ciclos históricos, políticos e económicos, nesta imensa extensão geográfica, a arquitectura, assumiu características bastante diversificadas.

Segundo José Manuel Fernandes⁸⁷, podemos, de um modo sintético, agrupar as diferentes formas de ocupação portuguesa nas áreas da África Subsaariana em três principais tempos históricos:

- a) Nos séculos XV e XVI, inicia-se uma ocupação de carácter micro-urbano e de implantação geográfica pontual, entrepostos, onde o território envolvente ao da fixação não é por norma dominado, com o objectivo de prestar apoio às longas viagens transatlânticas, de que é exemplo a feitoria-fortaleza, em pontos costeiros ou insulares;
- b) Nos séculos XVII-XVIII, adiciona-se uma ocupação de expressão territorial, embora circunscrita a pequenas regiões, de carácter não urbano, ou semi-urbano, ou proto-urbano, com o objectivo de exploração económica e comercial, de carácter rural e escravagista, traduzindo-se num conjunto de aldeias e fazendas, instalações agrárias e comerciais, protegidas por pontos de fortificação de apoio;
- c) Nos séculos XIX e XX, consolida-se uma ocupação de carácter conexo e de dimensão macro-territorial, organizada em rede, ligando agora vastas sucessões hierarquizadas de povoações, vilas e cidades, dotadas de infra-estruturas, equipamentos e instalações urbanas, com o objectivo de expandir a exploração rural e introduzir a industrial.

2.3.4 Metamorfose Espacial 1 – Do século XV ao XVIII

Parece-nos que a visão do infante D. Henrique, que nasce dos objectivos de descobrir o caminho marítimo para a Índia e disseminar a cristandade no mundo, que leva à ideia da expansão marítima portuguesa, que gera essa utopia de um império português, não era propriamente nova, sendo que o conceito de talassocracia, tinha já tradição longínqua nos mares, como o Mediterrâneo. Aquilo que o torna pioneiro e mesmo revolucionário, é a adaptação, desse antigo sistema, à realidade portuguesa, oceânica, transcendendo-o a um modelo talassocrático oceânico, que iria criar ligações directas entre o nosso ponto e outros, do outro lado do planeta, abrindo um novo capítulo neste processo, turbulento, de conexão humana, que hoje conhecemos como globalização.

Como em todos os impérios, talassocráticos ou telurocráticos, a arquitectura desempenha um papel fundamental na expansão e consolidação dos mesmos. Assim, nestes dois primeiros períodos de colonização, do século XV ao XVIII, em que a telurocracia, e de pouca expressão, só foi praticada no Brasil, a grande predominância é a do modelo talassocrático. Essa predominância reflectiu-se assim nos princípios da arquitectura de expansão praticada, que serviram, de idêntico modo, todas as áreas de ocupação.

Ao carácter desta arquitectura talassocrática oceânica de língua portuguesa, é preciso ainda acrescentar a escassez de recursos humanos e financeiros de que Portugal dispunha, que no seu conjunto, se traduz na instalação de pontos costeiros de pequena dimensão, resumidos a uma obra forte, ou a uma feitoria, ou ainda a uma povoação de diminuta dimensão. De acordo com José Manuel Fernandes⁸⁸, tratou-se assim de conceber e desenvolver uma ocupação urbana, de tipo medievo-renascentista, que Portugal aperfeiçoou e então exportou, estruturada em:

- Um urbanismo costeiro, litoral e insular, visando a instalação comercial das rotas transatlânticas, e a sua conseqüente manutenção e defesa, em parques portos de reabastecimento distribuídos estrategicamente;
- Cidades e povoações sumárias, de estruturação interna orgânica, com planos pragmáticos e de definição gradual, de características espaciais e materiais baseadas na cultura urbana europeia medievo-renascentista, meridional e mediterrânea;
- Dois sub-tipos de áreas de ocupação, dentro deste modelo: a presença territorial ao longo da bordadura das costas continentais, como a costa de Angola; e a ocupação de arquipélagos ou de ilhas costeiras, como o arquipélago de Cabo Verde ou a Ilha de Moçambique.

Este sistema binário, de ocupação continental e insular, era assim complementar. Se por um lado a ocupação das ilhas era mais pacífica e de defesa mais fácil, devido ao isolamento geográfico e à pequena escala, mas os recursos eram escassos, por outro, a presença continental, mais complexa e de difícil manutenção, devido à tensão com os habitantes locais, mas era onde abundavam os recursos. Sendo que esta é uma lógica natural das coisas, onde há abundância, há mais gente e uma situação política mais complexa, onde há escassez, há menos gente e uma situação política mais simples, Portugal, encontrou nesta presença dialógica continental-insular um certo equilíbrio que lhe permitiu a longa manutenção durante cinco séculos.

Assim, de um ponto de vista global, podemos observar como em tão vasto espaço, seguindo a linha⁸⁹ imaginária dos trajectos marítimos, apoiando-a gradualmente, nesta estratégia sequencial de entrepostos binários, seguiram em busca de definição e consolidação das rotas. Por outras palavras, as linhas dos trajectos, como directrizes,

geravam a busca e encontro com os tais espaços, que pudessem funcionar como entrepostos marítimos que, por sua vez, ajustavam e consolidavam essas linhas, como rotas marítimas. Deste modo, de Portugal se podia seguir em direcção à Madeira, de onde se prosseguia para Cabo Verde e daqui para a Guiné e assim sucessivamente, avançando e descobrindo, definindo e consolidando, gradualmente, a rota de ida, que chegaria até ao Japão. Na rota de regresso, usava-se o mesmo método, ajustando os pontos de paragem, de acordo com as correntes oceânicas, os ventos dominantes e as estações do ano. Por exemplo, se na ida a rota se descrevia próxima à costa africana, rumo à madeira, no regresso, para alcançar Portugal, afastava-se da costa, até mar alto, passando pelos Açores.

Com o decorrer do tempo, este processo complexo, de dialógica permanente entre áreas costeiras e insulares, transcendeu da dimensão territorial à humana, transformando-se também num processo de miscigenação. As viagens que no princípio eram apenas de descoberta, transformaram-se nesta expansão territorial, e a ocupação desses territórios deu origem à diáspora portuguesa, que gerou o processo de miscigenação. Estas rotas, que apenas tinham como primeiro objectivo chegar às especiarias da Índia e levar ao mundo o cristianismo, com a sua estabilização e consolidação, evoluíram tanto a nível territorial, como a nível humano, transformando-se, criando estas novas realidades mais complexas, gerando uma sociedade complexa. Complexidade essa que compreende problemas e conflitos que se estendem até aos dias de hoje. A diáspora dos portugueses e a diáspora dos escravos africanos, geraram esse processo de miscigenação, que gerou os mestiços que geraram uma nova diáspora.

José Manuel Fernandes⁹⁰ revela-nos também estes processos forjaram ao longo do tempo aspectos e condições estruturantes, como a formação e deslocação de quadros profissionais, sobretudo nos epicentros de miscigenação, que ocorriam com mais facilidade em contexto insular, sendo Cabo Verde o principal exemplo, já que este era o primordial ponto charneira entre Europa, África e América.

A Cabo Verde, afluíram inicialmente e em grande parte, gentes já insulares, provenientes dos Açores e Madeira, que fizeram parte desse processo de miscigenação, juntamente com os escravos que ali tinham passagem obrigatória, dando origem à população cabo-verdiana, que dispõe assim no seu todo, de condições, estatuto e autonomia de carácter especial, ao contrário de outros territórios em que esta relação de descendência portuguesa, que é uma constante em todos os territórios, mas se reflete de forma mais fragmentada. Assim sendo, muitos cabo-verdianos migravam e actuavam nas incursões adentro dos territórios continentais, tanto por iniciativa própria, como por nomeação oficial, ou por via empresarial.

Percebemos então melhor como o conjunto destes arquipélagos atlânticos, no seu todo, tiveram um papel essencial nesta história da língua portuguesa, como Açores e Madeira foram fundamentais na ligação, ocupação e consolidação dos territórios de Cabo Verde e São Tomé, de onde se fará a ligação e ocupação dos territórios continentais da África Subsaariana, seguindo ao longo dos rios, conectando Cabo Verde e Guiné-Bissau, São Tomé e Angola. A antiga cidade da Ribeira Grande em Cabo Verde, apoiava a ocupação em Cacheu, e mais tarde a cidade da Praia a ocupação em Bissau; mais a baixo Santo António do Príncipe servia da mesma maneira os interesses na presença em M'Banza Congo e São Paulo de Luanda em Angola, e daí se seguia entre fortalezas e povoações ao longo do rio Quanza.

Podemos também constatar a maior dificuldade em relação à presença insular na costa Oriental Africana, que tentava desempenhar um papel análogo, mas com escala e força menores, como o entreposto no arquipélago de Zanzibar, em Sofala e a muito pequena e próxima da costa, Ilha de Moçambique.

Da Madeira, saíram as mudas de cana que Martim Affonso de Souza, em 1531, levou para o Brasil, onde a implantação da monocultura, a exploração agrícola da cana-de-açúcar de grande escala, gerou essa explosão da sociedade colonialista escravocrata, evoluindo no sentido retrógrado, da dependência feudal de servos e vassalos, para a dependência de trabalho escravo.

Factores como a resistência dos indígenas brasileiros à escravatura, com apoio dos Jesuítas, resultaram no foco sobre a população africana, tornando assim este continente o âmago do colonialismo mundial, o grande fornecedor de mão de obra escrava do continente americano, onde se disseminavam as diversas plantações, que cresciam exponencialmente em sintonia com a demanda mundial.

O Brasil, que durante algum tempo, foi mesmo detentor do monopólio da produção de cana-de-açúcar, gerando uma prosperidade financeira sem precedentes ao Reino de Portugal e dos Algarves, ganhou assim uma preponderância ímpar no império, apesar do estatuto de colónia.

2.3.5 Metamorfose Espacial 2 – Do século XIX ao XX

A transição para o século XIX fez-se, turbulenta, com a ebulição dos ideais constitucionistas e independentistas, que desde o século XVII, fervilhavam e se alastravam entre países soberanos e colónias, alimentando os movimentos liberais.

As Invasões Napoleónicas, levaram ao acontecimento inédito da inversão metropolitana, em 1807, com transferência da corte portuguesa para o Brasil, onde ficaria até 1821. Reprimidas as investidas francesas com o apoio britânico, e com a corte no Brasil, estava assim aberto caminho às conspirações liberais que culminariam, em 1820, na Revolução Liberal do Porto e conseqüente queda do absolutismo e implementação da primeira Constituição Portuguesa.

Este evento forçou o regresso do rei D. João VI e da sua corte a Portugal no ano seguinte, enquanto D. Pedro permaneceu no Brasil como regente. Isto gerou instabilidade no Brasil, que além de não querer abdicar dos benefícios que havia colhido de ser sede do império, dividia-se ainda em movimentos independentistas e separatistas. D. Pedro toma o lado brasileiro e o conflito estende-se até ao Grito do Ipiranga, em 1822, onde proclama a independência do Brasil, sendo no mês seguinte aclamado rei D. Pedro I do Império do Brasil. A resistência portuguesa prolongou-se até à assinatura do Tratado do Rio de Janeiro, em 1825, reconhecendo a soberania do Brasil.

Os tumultos não ficaram por aqui, e logo no ano seguinte, a morte de D. João VI, desencadeia o conflito de sucessão, reacendendo o confronto entre absolutismo e liberalismo, que desembocaria na Guerra Civil Portuguesa, entre 1832 e 1834. A reviravolta trouxe a vitória aos Liberais, liderados por D. Pedro, que em 1831, havia abdicado do trono brasileiro, deixando-o ao seu filho D. Pedro II, para voltar a Portugal, defender a sucessão da sua filha D. Maria II, a causa liberal e constitucional.

Esta turbulenta sobreposição de fenómenos, impeliu uma metamorfose dos sistemas de vida colectiva, da estrutura política-social e da organização territorial, até aí vigentes por tão longo período de tempo.

O século XIX foi portanto uma época de profunda transformação geopolítica, territorial e administrativa, que muito afectou as áreas ultramarinas portuguesas. Os seus reflexos nos aspectos urbanísticos, arquitectónicos e artísticos são por isso necessariamente complexos e multifacetados.⁹¹

Podemos então compreender como a busca da rota marítima para a Índia e disseminação do cristianismo, serviram de catalisador a todo este processo metamórfico colonial, que gerou esta ascensão do Brasil a super-potência do império, e como do pico desse crescimento se dá o cataclismo social e a ruptura com Portugal.

Estas convulsões sociais em Portugal, geraram assim uma nova metamorfose e mudança de paradigma colonial. Com a perda do Brasil e a proeminência dos novos ideais

progressistas liberais, a transformação não ficou apenas pela transferência do foco para o continente africano, mas também com o início de um processo binário, tanto de adaptação e implementação das novas políticas, ao mesmo tempo que estas continuam o seu processo evolutivo. Iniciava-se assim o processo de evolução do conceito colonial tradicional, de territórios coloniais do império, que haveria de passar pelo conceito *nação multirracial e pluricontinental*⁹², passando as colónias a serem detentoras do estatuto de províncias ultramarinas.

Agregado, inevitavelmente, ao progressismo, que trouxe o liberalismo e o constitucionalismo, estava o abolicionismo.

Este progressismo, teve origem no movimento iluminista, com fundamental influência da publicação da *Encyclopédie* (1751-1772) de Jean le Rond d'Alembert e Denis Diderot, onde também se começou a construir a denúncia e ataque contra o colonialismo e contra a escravatura.

*[...] escravatura é o estabelecimento de um direito fundado sobre a força, direito que torna um homem propriedade de outro homem, que é o senhor absoluto da sua vida, dos seus bens, da sua liberdade [...]*⁹³

Deste processo de Abolicionismo de Língua Portuguesa, denuncia-se mais uma vez o branqueamento da história e da verdade, e adianta-se que tem certamente primórdios na resistência dos nativos brasileiros à escravatura, com apoio Jesuíta, coagindo o rei D. Sebastião a decretar a abolição da escravidão de ameríndios não-hostis à presença portuguesa no ano de 1570. Logo a seguir, em 1595, um apontamento à abolição do tráfico de escravos chineses e, depois disso, hiato até 19 de Setembro de 1761, quando Marquês de Pombal aboliu o tráfico de escravos em Portugal continental, e que parece ter voltado, desta vez para ficar, o conceito de abolicionismo. Dois anos depois, 1763, Marquês de Pombal aprova a *lei do ventre livre*⁹⁴, que determina que filhos de escravos passariam a ser homens livres, e que todos os escravos cuja bisavó já era escrava podiam ser libertados, deixando, teoricamente, apenas a última geração a cumprir o resto da sua escravidão. Ao mesmo tempo, o mesmo Marquês de Pombal, mantinha e promovia a escravatura nas colónias, criando as Companhias Comerciais Portuguesas, monopolistas, que continuaram a desenvolver e aperfeiçoar o tráfico negreiro que abastecia o Brasil.

Mas além dos que continuaram a praticar a escravatura, agora na ilegalidade, abriam-se exceções, como quando o rei D. João VI, após a independência do Brasil, concedeu privilégio especial aos retornados portugueses, que traziam os seus escravos consigo, os quais aos olhos da lei seriam livres assim que pisassem solo português. Seguiu-se o

Tratado de Viena em 1815, no qual Portugal e Inglaterra acordam regulamentar o tráfico de escravos, sem grande repercussão em Portugal e colónias. Em 1833 o parlamento britânico aprova o *Slavery Abolition Act*, que abolia a escravatura em Inglaterra e em todas as colónias britânicas, entrando em vigor no ano seguinte e contemplando um plano de indemnizações aos proprietários de escravos, aumentando ainda mais a pressão diplomática, levando o Secretário de Estado dos Negócios Estrangeiros, visconde de Sá da Bandeira, a conseguir decretar em 1836 a proibição da transação de escravos em todas as colónias portuguesas, sem excepção, a norte e a sul do equador.

Continuava o empenho da sociedade portuguesa em não cumprir as novas leis vigentes, atendendo aos interesses coloniais e continuava a pressão britânica, obrigando a novo tratado com a Grã-Bretanha em 1842, que decretava o fim do tráfico negreiro e a vigilância mútua, com vista ao cumprimento das novas leis. A 25 de Fevereiro de 1869, no reinado de D. Luís I, é decretada a abolição da escravatura em todos os domínios portugueses, a qual foi rapidamente contrabalançada pela legislação trabalhista, insistindo na necessidade do trabalho indígena, sendo que na prática só se torna formalmente ilegalizada em 1876, e a lei só entra em vigor em 1878.

Também o Brasil, sofreu da pressão britânica para o início do longo e complexo processo de abolição, com a ilegalização do tráfico a acontecer em 1850, e a abolição da escravatura apenas em 1888.

Apesar da abolição formal da escravatura, prolongaram-se os abusos sobre os antigos escravos, e toda a descendência, passando a ser designados por *serviçais* ou *contratados*, até ao século XX. Neste novo *modus operandi* os trabalhadores eram manipulados por meio de simulacros de contratos de trabalho, que serviam apenas o propósito de os manter presos às plantações ou serviços domésticos dos seus antigos proprietários, sem esperança de repatriação, vivendo de forma semelhante à da sua antiga condição.

Apesar da resistência constante e incansável ao progresso social e à igualdade humana, perpetrada pelos ignóbeis crónicos, que lutaram e lutam pela construção e manutenção da desumanização escravocrata conservadorista, edificada desde o século XVI, foram ainda mais resistentes e incansáveis os liberais, progressistas que saíram vencedores da Guerra Civil portuguesa e que, longe da perfeição, seguiam o inexorável fluir do avanço da humanidade.

Estes, agora encarregues do poder legislativo, tinham também ideias bastante claras em relação à política colonial, com foco no continente africano. Mas a turbulência desta metamorfose social prolongou-se ainda até à Regeneração de 1851, que só terminaria com a subida ao poder do Partido Reformista em 1868, o que fazia tardar a introdução das novas políticas progressistas de modernização no contexto colonial.

José Manuel Fernandes dá-nos uma noção da visão esclarecida e progressista de Sá da Bandeira, do que seria essa nova política colonial, citando uma reflexão de 1829 onde este referia que:

O governo português deveria, no mesmo decreto que abolisse o tráfico de escravos, declarar o comércio livre dos portos que possui na África e na Ásia com todas as nações, sujeitando os navios portugueses. Luanda, Moçambique, Diu, Damão, Goa, Macau e Dili em Timor deveriam ser declarados portos francos, assim como um dos portos das ilhas de Cabo Verde. Dever-se-ia estabelecer uma forte colónia no Zaire e para assegurar a navegação deste estabelecer-se-ia uma outra em [...] e no sul, no porto de Moçâmedes; na África oriental haveria muitas coisas a fazer. Trabalhar-se-ia para unir pelo interior as possessões ocidentais às da costa oriental. Dever-se-ia enviar bons missionários e em grande número para o interior (Bandeira, 1976; Vol. II: 36, 37).⁹⁵

O autor⁹⁶ continua, refletindo como a partir do discurso do futuro político reformista, se percebe um novo olhar, uma nova consciência sobre o seu tempo e espaço, e como já idealizava a exploração das potencialidades da baía de Porto Grande, na recém povoada ilha de São Vicente em Cabo Verde, povoação que haveria de nomear Mindelo, em homenagem ao Desembarque do Mindelo dos Liberais, assim como a colonização dos extremos norte e sul de Angola e Moçambique, reforçando os diversos quadros para o povoamento, demonstrando essa perspectiva de foco no espaço colonial africano.

Deste modo, com o assentar da poeira da instabilidade política na metrópole, a partir da segunda metade do século XIX, deu-se início a esse processo de mudança de foco colonial. Seguindo o modelo de outras potências europeias, deu-se início a um ciclo de expedições geo-científicas, que no caso português penetravam o interior da África Austral. No rescaldo da Conferência Geográfica de Bruxelas de 1876, a partir de 1877, João de Andrade Corvo lança as primeiras expedições, executadas por Hermenegildo Capelo, Roberto Ivens e Serpa Pinto, que sob o mote da exploração científica, serviam a pretensão portuguesa de expansão interior, e estudavam a possibilidade de ligar por terra Angola e Moçambique.

Esta nova colonização urbana, mais uma vez complexa, trabalhou por expandir a ocupação ao longo das costas angolana e moçambicana, ao mesmo tempo que empreendia a penetração interior, com implantações proto-urbanas e rurais. Essa ocupação interior, sustentada por luso-brasileiros, pernambucanos, madeirenses, algarvios e boers, levou conseqüentemente, a um crescimento colonial intenso entre 1875 e 1925.

Assim, a par da mudança do foco para o continente africano, esta metamorfose integra também a mutação do modelo de ocupação talassocrático para telurocrático. O modelo de expansão que começou com a definição de um território marítimo, que se estendeu até ao Extremo Oriente, de presença superficial, litorânea e insular, que evoluiu para um sistema híbrido, com a introdução da monocultura no Brasil, já com exploração interior nesse caso particular, é agora abandonado. Dá então lugar a este novo modelo de expansão e consolidação terrestre, que visa reforçar a presença efectiva no território, e expandi-la tanto pelo litoral como para o interior.

O abolicionismo em simultâneo com a Revolução Industrial espoletaram nos países industrializados europeus a grande corrida à dilaceração de África. A partir de 1870, cada uma dessas potências se esforçou por ocupar e consolidar as suas posições, ignorando a reivindicação portuguesa do *direito histórico*, defendido como adquirido por primazia e por séculos de colonização efectiva.

Confirmando todos os receios portugueses, as decisões da Conferência de Berlim, condensadas no Acto Geral da Conferência, consagravam um novo Direito Colonial Público, segundo o qual, “para ocupar qualquer ponto, deveria existir uma autoridade suficiente para fazer respeitar os direitos adquiridos e a liberdade do comércio e do trânsito”. Terminava, deste modo, o reconhecimento do direito histórico tradicional e impunha-se, em sua substituição, a posse efectiva que resultasse da ocupação territorial.⁹⁷

Na sequência da Conferência de Berlim, terminada em 1885, o Governo português ordenou a elaboração de um plano de ocupação, que deu origem ao Mapa Cor-de-Rosa, apresentado pela Sociedade de Geografia de Lisboa em 1886, representando a pretensão portuguesa à soberania sobre os territórios entre Angola e Moçambique. Essa pretensão portuguesa de ligar este a oeste, colidiu com o interesse britânico de ligar norte a sul e de construir uma ferrovia entre o Cairo e a Cidade do Cabo. As movimentações militares decorrentes do plano de ocupação português, acabaram então interrompidas pelo *Ultimato* de 11 de Janeiro de 1890, memorando no qual, o Governo britânico exigiu ao Governo português, o abandono das áreas disputadas. O Governo português cedeu e, no ano seguinte, assina o Tratado Anglo-Português, encerrando a disputa entre os dois países, no qual fica legitimado o direito português sobre os territórios de Angola e Moçambique, consagrando as fronteiras que ainda hoje os limitam, compreendendo cerca de dois milhões de quilómetros quadrados.

De acordo com José Manuel Fernandes⁹⁸, no que concerne à arquitectura e ao urbanismo, da *África Portuguesa* do século XIX, podemos entendê-la dividida em dois momentos:

- i. No primeiro, a persistência da tradicional ocupação costeira, com pontuais iniciativas de penetração para o interior, centrada em Luanda e Benguela, em Angola, e entre a ilha de Moçambique e Sofala, em Moçambique;
- ii. No segundo, acentuado pela urgência da *ocupação efectiva*, prolongando-se até ao início do século XX, um forte e crescente investimento urbanístico, litoral e interior, alicerçado na criação de infra-estruturas, caminhos de ferro e portos, de iniciativa estatal. Isto propiciou o surgimento e desenvolvimento de novas cidades e povoações, das quais se destacam cinco novas grandes urbes: Lourenço Marques/Maputo (1876) e Beira (1907), em Moçambique, e Sá da Bandeira/Lubango (1885), Lobito (1902) e Nova Lisboa/Huambo (1912) em Angola.

Este processo reformista, iniciado na transição para o século XIX, do qual resultou esta metamorfose urbanística, prolongou-se ainda no início do século XX, período em que as transformações ultramarinas passam também por uma modernização administrativa, social e política.

A I República acentuou esta vontade, simbolizada na intervenção do consulado de Norton de Matos em Angola. Novas cidades (como Nova Lisboa/Huambo) e redes de ferrovias asseguraram a dinamização da colonização no interior dos dois vastos espaços “provinciais” sul-africanos.⁹⁹

Norton de Matos manifestava essa urgência de modernização das políticas de administração dos territórios, tendo especial atenção ao caso angolano, mas defendendo que todos deveriam seguir uma orientação comum, sem a qual poderia temer-se o fim do império colonial.

Tinha a sensibilidade e a consciência claras de que algo de mais consistente teria que ser feito em Angola, para Portugal não correr o risco de perder esta como outras possessões. Norton de Matos tinha uma intenção política, com um projecto simples: desenvolver Angola,

promover o negro e reforçar a soberania portuguesa. Estes três princípios traduziam as linhas orientadoras do desenvolvimento e da unificação.

Queria renovar Angola através de um governo enérgico, traçando-lhe um destino mais valorizado, debruçando-se sobre os problemas da pobreza social, económica e mesmo política, para que esta se transformasse numa terra de futuro e, naturalmente, numa extensão de Portugal. Para isso, implementou algumas medidas renovadoras que passavam pela reforma do regime administrativo da colónia, com a substituição gradual do regime militar pelo da administração civil, contando com os funcionários administrativos no mato.

“exigindo-lhes desembaraço e actividade, gosto da iniciativa e das responsabilidades, competência quase enciclopédica, não só para a cobrança do imposto e administração da justiça, como também para as obras públicas e melhoramentos de estradas, lançamento de pontes provisórias, criação e exploração de granjas, limpeza e higiene de povoados indígenas e europeus.” (Galvão, 1951; 125)

Outras medidas, como o desenvolvimento do comércio, a proibição do pagamento de impostos em géneros, a estimulação da entrada de moeda em Angola visando a participação dos indígenas na economia monetária, a atribuição à agricultura dum papel mais relevante no futuro para Angola devendo ser a actividade por excelência, com zonas agrícolas para africanos e para europeus, e a desburocratização dos serviços técnicos centrais, transformando os governadores de distrito e os seus funcionários em autênticas figuras de autoridade local, espalhadas por todo o território angolano.¹⁰⁰

Nota¹⁰¹ também sobre o binário entre continuidade e ruptura dos modelos de desenho urbano ultramarinos ao longo do século XIX. Por um lado assistia-se à inércia urbana, que persistia na prática de modelos tradicionais, do qual são exemplos a concepção do Mindelo, em 1870, a primeira fase de Lourenço Marques/Maputo, em 1876, ou os primeiros traçados viários do Lobito, em 1902; por outro lado, a insuficiência dos sistemas arcaicos, demandava a emergência de modelos modernos, geométricos, de organização reticular, como no caso do plano para o Mindelo de 1838, que não viria a ser concretizado, ou no notável plano de expansão de Lourenço Marques/Maputo, em 1887;

já no século XX, dentro do modelo geométrico, surgem também exemplos de desenho irradiante, como no plano de Nova Lisboa/Huambo, de 1913, ou no de Vila Cabral/Lichinga, de 1931.

Este período fica assim marcado por duas fases de urbanização, cronologicamente distintas¹⁰²:

1. Na primeira, de certa ambiguidade, entre 1822 e 1885, dando já espaço à criação de novas cidades e povoações, dividindo-se entre as malhas tradicionais e a busca de uma expressão mais moderna. Em Cabo Verde, a implantação do Mindelo, como apoio carvoeiro à recente navegação a vapor, entre 1838 e 1858, além de pequenas povoações como Vila Maria Pia/Ponta do Sol, de traçado regular, ao tornar-se sede de concelhia de Santo Antão, em 1881¹⁰³. Na Guiné-Bissau, surge a povoação de Bolama, em 1930 e assiste-se ao crescimento de Bissau, elevado a vila em 1858. Em Angola, começou o processo de penetração e ocupação interior, seguindo um modelo de fundação de uma sucessão de *presídios*, que originavam o desenvolvimento de povoados à sua volta, que dilatavam até se tornarem vilas e cidades, tais como N'dalatando, em 1835, Catumbela, em 1836, Huíla, em 1839, Lobito Velho, ocupação falhada, e Moçâmedes, em 1842, Malange, em 1852, Porto de Ambriz, em 1856 e Porto Alexandre, em 1864. Em Moçambique, o processo de urbanização do Sul, com início em Lourenço Marques/Maputo, em 1867, e Inhambane, em 1862. Em São Tomé e Príncipe, o fim do tráfico negreiro, em 1836, e o prazo de vinte anos para a extinção definitiva da escravatura, obrigou a uma reordenação estratégica. É neste contexto que a planta do café, introduzida no início do século XIX, e a do cacau, duas décadas mais tarde, ganham preponderância, surgindo um forte investimento no seu cultivo, a par de uma intensiva missão de reorganização territorial e socioeconómica, da qual resultam novas infra-estruturas de produção maximizada, as *roças*.
2. Na segunda, essencialmente impulsionada pelo movimento de expansão interior e assente na introdução de vias ferroviárias, entre 1885 e 1925. Em Angola, a definição do território moderno, a partir de quatro grandes eixos ferroviários, independentes, de sentido poente-nascente: a norte, o eixo Luanda/Dondo/Malanje; depois o eixo Amboim/Gabela; ao centro, o eixo Lobito/Benguela/Huambo, que mais tarde ligaria ao Congo Belga/República Democrática do Congo; e a sul, o eixo Moçâmedes/Lubango. Em Moçambique, também a penetração se desenvolve em conjugação com o apoio ferroviário, a partir de três linhas, que se iriam desenvolver independentes entre si, de sentido

nascente-poente: Lourenço Marques/Maputo a sul, ligando Moçambique ao Transvaal/África do Sul, à Rodésia/Zimbabwe e à Suazilândia/Essuatíni; Beira ao centro, ligando à Rodésia/Zimbabwe e ao Malawi; Nacala a norte, ligando ao Malawi. Esse impulso urbanizador desenvolve assim: a sul, Lourenço Marques/Maputo, em 1876, a cidade fronteiriça Ressano Garcia, em 1890, e também novos pontos costeiros como Inhambane, em 1885, e Xai-Xai, em 1910; no centro, a Beira, em 1887, Tete, em 1912 e Quelimane, com a chegada da Missão das Obras Públicas à vila em 1887¹⁰⁴; a norte, Pemba/Porto Amélia, em 1921, Angoche/António Enes, em 1910, Ibo, em 1885, e mais tarde Nampula e Nacala. Em São Tomé e Príncipe, introduz-se a organização das roças em *sede-dependências*¹⁰⁵, os sistemas de *mini-ferrovias* que serviam o transporte de trabalhadores e mercadorias, e as conseqüentes infra-estruturas de apoio, modernizaram o arquipélago, que na transição para o século XX, era um forte exportador mundial de cacau. Na Guiné, o crescimento de Bissau concedia-lhe um plano em 1919.

*O modelo progressivo e inovador das avenidas, presente no arranque de Novecentos como sistema urbanizador dinâmico, presente igualmente nas novas cidades africanas, ou em Macau e, de modo mais tímido, nas restantes possessões ultramarinas, acusou a vontade essencial deste tempo histórico nos espaços de influência portuguesa: modernizar, seguindo a influência e os padrões da Europa industrializada.*¹⁰⁶

A *Arquitectura do Ferro*¹⁰⁷, foi assim dando forma aos territórios ultramarinos e caracterizando as duas grandes capitais, a atlântica Luanda, fundada no século XIX, modernizou-se e expandiu-se de forma gradual, em contraste com a índica Lourenço Marques, praticamente criada de raiz, seguindo o modelo urbano europeu do Reformismo Industrial, de traçado geométrico regular, mas adaptado à topografia, de largas avenidas e quarteirões em retículo.

Também as novas “segundas cidades”, secundárias, complementares das capitais, mas mais utilitárias e portuárias – como a Beira moçambicana e o Lobito angolano – se preencheram com ruas ladeadas de edifícios erigidos com materiais industriais importados, dotados de varandas cobertas assentes em finos pilares metálicos, de vãos protegidos por persianas e com coberturas em chapa de zinco – servidas

*por transportes mecânicos, e alegradas com mundanos quiosques e jardins.*¹⁰⁸

Esta metamorfose colonial reformista, marcada pela lenta queda da escravocracia e início do reformismo industrial, acusou dificuldade em efectivar essa modernização, urbana e social, devido ao contexto de uma metrópole pobre e de uma sociedade dependente das práticas obsoletas, resistente à evolução, gerando o contínuo choque entre conservadores e reformistas, causa da constante instabilidade política e social. Foi neste intrincado contexto que se desenvolveu esta *modernidade possível* nos territórios ultramarinos de língua portuguesa.

2.3.6 Metamorfose Espacial 3 – 1930-1975

*A ideia da “África Portuguesa”, assente sobretudo nos vastos territórios de Angola e Moçambique, e dominante sobretudo nos segundo e terceiro quartéis de Novecentos, absorveu as atenções, constituindo-se como que em nova “terra prometida”, de migração e desbravamento, de urbanização e de nova arquitectura.*¹⁰⁹

O século XX foi palco da consolidação do novo epicentro colonial e do seu desaparecimento. Depois da independência do Brasil, deu-se gradualmente, a metamorfose de reestruturação do império colonial remanescente. Com o novo foco no continente africano, Angola e Moçambique, pela dimensão e potencial, partilham *o papel principal* no panorama ultramarino, enquanto Cabo Verde mantém a sua posição de mera *adjacência* da metrópole, matizada entre África e Europa, e a Guiné e São Tomé e Príncipe constituem fragmentos territoriais *perdidos*. No Oriente, as frágeis *reliquias*, Goa, Damão, Diu e Dadrá e Nagar-Aveli, Macau e Timor, alienavam-se pela distância e desenquadramento na conjuntura.

A entrada para o século XX foi atribulada. As dificuldades diplomáticas externas, a instabilidade política e social interna, e a carência financeira levaram o país ao antagonismo do rotativismo, confirmado pelo culminar no regime ditatorial de João Franco e a constante incapacidade de adaptação à modernidade. O quadro contribuiu para a erosão da monarquia constitucional portuguesa, que teve o início do fim pelo regicídio de D. Carlos, em 1908. Em 1910, implantava-se a Primeira República Portuguesa, que também não conseguiria alcançar a estabilidade desejada, e que pouco

depois atravessaria a I Guerra Mundial. A instabilidade política e social crescente, a crise económica e financeira, revelavam a ineficácia dos consecutivos governos republicanos, abrindo caminho aos ideais fascistas e à instauração da Ditadura Militar em 1926, até à constituição do Estado Novo, em 1933.

A I Guerra Mundial, teve consequências devastadoras na integridade política, económica e social da Europa. Essa debilidade repercutiu-se na criação e desenvolvimento de ideais e movimentos de autonomia nos territórios sob administração europeia.

O espaço perdido pela Europa no protagonismo mundial, foi rapidamente ocupado pelos Estados Unidos da América e Rússia, imprimindo às relações internacionais inovações e ritmos inesperados.

Contra o desmembramento do território alemão e anexação das suas colónias, a diplomacia americana reverberou por todo o mundo, em defesa doutrina da autodeterminação dos povos. Nas bases enunciadas para a conclusão da paz, em 1918, Woodrow Wilson incluiu um parágrafo obrigatório sobre o reconhecimento dos interesses dos povos colonizados, forçando a discussão do tema na Conferência de Versalhes.

Após a Revolução de 1917, a Rússia, que dava os primeiros passos no comunismo, conduzida pelos bolcheviques, afirmava-se no seio da comunidade internacional, antagónica ao espírito europeu e forte opositora do colonialismo. A partir daí, apoiariam todos os movimentos nacionalistas, emancipacionistas e independentistas, colaborando com os activistas no terreno. Partilhavam da mesma opinião, Lenin e Stalin, que todo o apoio dado a esses movimentos, beneficiaria a causa comunista e a anemização do Capitalismo, fazendo uma luta indirecta e evitando o oneroso confronto directo contra a Europa.

Em 1920, teve lugar em Baku o Congresso dos Povos do Oriente, organizado pela Comintern, que delineou a acção futura a desenvolver, para implementar a sua filosofia política no mundo não europeu.

Fundada em 1919, resultante do Tratado de Versalhes, a Sociedade das Nações, produto da nova diplomacia americana, demonstrava-se também ao serviço da doutrina da autodeterminação dos povos, da independência política e integridade territorial. Durante a guerra, grande parte dos países em confronto, recorreram aos recursos humanos e económicos das colónias, prometendo, em troca, o caminho para um futuro de independência e autonomia. Terminado o conflito, os movimentos depressa começaram a cobrar os apoios devidos.

O pós-guerra, demonstrou a fenda aberta na sociedade, que se tornou assim mais permeável a novos conceitos como a negritude e o pan-africanismo, emergindo e

reverberando por todo o mundo, autores como W. E. B. Du Bois, Marcus Garvey e Jean Price-Mars, que defendiam o papel vital do continente africano e dos negros, espalhados por todo mundo, para um futuro de equilíbrio social.

Os congressos em defesa do direito de autodeterminação de todos os povos colonizados explodiram por todo o mundo: o “Congresso Para a Defesa dos Povos Africanos”, em Paris (1919), em Londres (1921) e em Nova Iorque (1927). No congresso de Paris, estiveram presentes 15 países, incluindo Portugal, cujo representante expôs a essência da política ultramarina portuguesa: “Se a lei não faz distinção entre as províncias metropolitanas e do ultramar e entre os portugueses nascidos de um e do outro lado dos mares, o povo a acompanha de bom coração. É assim que vedes em Portugal os africanos desempenhar todos os lugares de Administração e os vedes ministros, professores, juízes, oficiais ou soldados, todos com os mesmos direitos... A única diferença que se faz entre nós é a que resulta da educação, do saber, do trabalho e do valor moral dos indivíduos.”

No Congresso de Londres, o Governo Português foi acusado de permitir a prática da escravatura nas suas colónias, o que originou um veemente protesto do representante português, com grande eco nas intenções dos outros delegados pois, na acta final, afirmava-se expressamente: “Portugal e Espanha nunca praticaram, nas leis, a distinção entre os brancos e as pessoas de origem negra. Portugal tem um código humanitário para os indígenas e iniciou a sua educação em certas regiões”. O manifesto de encerramento concluía com um apelo: “Pedimos que, em todo o mundo, os negros sejam tratados como homens. Não vemos outro caminho que possa conduzir à paz e ao progresso”.

No Congresso de Nova Iorque, exigiu-se o direito de os africanos poderem ser ouvidos pelos governos que os colonizavam. Foram proclamados os direitos de os negros serem donos das suas terras e recursos, de disporem de uma justiça que incluísse juízes africanos e foi pedida a implementação do ensino primário gratuito e o seu tratamento como homens civilizados.¹¹⁰

Ahimsa¹¹¹

do sânscrito – “não injúria”

É um princípio ético-religioso adotado principalmente pelo Jainismo e presente no Hinduísmo e Budismo e que consiste na rejeição absoluta da violência sobre outros seres vivos, tanto por actos, palavras e pensamentos. O Ahimsa é inspirado pela premissa de que todos os seres vivos têm uma centelha de energia espiritual divina, conseqüentemente, ferir alguém é ferir a si próprio, o que denota também que qualquer violência tem conseqüências cármicas.

Satyagraha¹¹²

Um dos principais ensinamentos de Mahatma Ganghi, o termo designa a aplicação do princípio da não-agressão no activismo, que se traduz na resistência não-violenta como forma de protesto. Tem como sua principal expressão a desobediência civil.

O termo satyagraha foi cunhado por mim na África do Sul para expressar a força que os Indianos lá usaram ao longo de oito anos e foi cunhada em ordem a distingui-la do movimento que decorria no Reino Unido e África do Sul sob o nome de resistência passiva.

A raiz do seu significado está em agarrarmo-nos à verdade, conseqüentemente a força-verdade. Também a chamei de força-amor ou força-alma. Eu descobri nos estágios primários na aplicação do satyagraha, que a busca da verdade não admite a inflicção de violência no oponente, mas que ele deve ser desmamado do erro pela paciência e compaixão. Pois o que aparenta ser verdade para um, pode parecer um erro ao outro. E paciência significa auto-sofrimento. Assim, a doutrina veio a significar a reivindicação da verdade, não pela inflicção de sofrimento no oponente, mas em si mesmo.¹¹³

Entretanto, na Ásia, insurgia-se Gandhi contra o Governo inglês, preconizando os princípios da Ahimsa e Satyagraha e protagonizando o activismo de resistência não-violenta e a estratégia da desobediência civil, trazendo ao mundo um novo método de lutar pela liberdade e independência sem recorrer ao conflito armado. Na China, Indochina e um pouco por todo o continente asiático, emergia um activismo de orientação e apoio soviético.

No período compreendido entre as duas guerras mundiais, assistiu-se a uma evolução mais proeminente dos movimentos de auto-determinação no continente asiático do que no africano.

A formalização das independências do Egipto em 1922 e do Iraque em 1932, concedidas pela Inglaterra, embora mantendo os territórios sobre forte influência, representavam um relevante avanço e uma esperança revigorada, a todos os povos que aspiravam à independência.

Os indícios que prenunciavam a II Guerra Mundial fizeram acalmar a pulsão dos movimentos independentistas.

*Quando a guerra começou, em 1939, a Europa ainda detinha a hegemonia política. Porém, a mentalidade dos povos africanos havia evoluído de forma irreversível.*¹¹⁴

Ao longo deste período, foi tumultuoso o percurso do movimento pan-africanista português. Criada em 1912, a Junta de Defesa dos Direitos de África aspirava congregar todas os organismos similares, pretensão que não foi alcançada. Em 1919, esta acabou por se fragmentar e alguns dos seus dissidentes deram origem à Liga Africana. A junta transformou-se depois no Partido Nacional Africano, em 1921, e as duas estruturas haveriam de manter as divergências que as separavam. Só mais tarde, em 1931, conseguiram finalmente unir-se pela causa africana, formando o Movimento Nacionalista Africano.

*Proclamava não querer excluir os brancos do desenvolvimento da África, como bem o afirmou o Dr. José Magalhães, deputado eleito por S. Tomé: “Os regionalistas africanos não proclamam ‘África para os Africanos’; mas também não podem aceitar a ‘África para os Europeus’”.*¹¹⁵

É neste período, em 1930, que António de Oliveira Salazar assume interinamente o Ministério das Colónias e promove a publicação do Acto Colonial, a 8 de Julho, em substituição do título V da Constituição Política da República Portuguesa de 1911. Este diploma é depois incorporado no texto da Constituição de 1933, que será a base da instituição do Estado Novo.

Este acto, assente nos princípios do nacionalismo imperialista, da inviolabilidade da integridade territorial, e da missão civilizadora de Portugal, enquanto país cristão, ocidental e europeu, vem assim deliberar a lei-padrão da colonização portuguesa. Resumidamente, proclama para o país uma *função histórica e essencial de possuir, civilizar e colonizar domínios ultramarinos e de civilizar as populações indígenas que neles se compreendam*, a ideia fundamental que o *Estado não aliena, por modo nenhum,*

qualquer parte dos territórios e direitos coloniais de Portugal e institui que os domínios ultramarinos de Portugal se passam a denominar colónias e constituem o Império Colonial Português.

Este decreto pôs fim à autonomia administrativa das colónias, extinguindo a figura institucional dos altos-comissários, substituída pela dos governadores gerais ou de colónia, aos quais foi reduzida drasticamente a autonomia, centralizando o poder de decisão no ministro das Colónias ou no Governo de Lisboa. O orçamento geral passa também a depender da aprovação expressa do ministro das Colónias, e as colónias deixam de poder contrair empréstimos em países estrangeiros sem o crivo da metrópole, pondo termo à autonomia financeira. Restringiu ainda as concessões a estrangeiros, quer no domínio territorial, quer na exploração de portos comerciais e pôs fim à concessão e renovação de prerrogativas de funções de soberania a empresas particulares. As futuras concessões do Estado, mesmo que com capital estrangeiro, ficariam subordinadas à nacionalização e desenvolvimento da economia das colónias. Define também que *a metrópole e as colónias, pelos seus laços morais e políticos, têm na base da sua economia uma comunidade e solidariedade natural*, pertencendo à primeira a responsabilidade de *assegurar pelas suas decisões a conveniente posição dos interesses que [...] devem ser considerados em conjunto nos regimes económicos das colónias*. Quanto aos *indígenas, o estado garante a protecção e defesa dos indígenas das colónias, conforme os princípios de humanidade e soberania [...] e as convenções internacionais que actualmente vigorem ou venham a vigorar*, e decreta que *o trabalho dos indígenas em serviço do Estado ou dos corpos administrativos é remunerado e também que o Estado somente pode compelir os indígenas ao trabalho em obras públicas de interesse geral da colectividade, em execução de decisões judiciais de carácter penal, ou para cumprimento de obrigações fiscais*. Em matéria de cultos religiosos, o documento estipula que *o Estado assegura nos seus territórios ultramarinos a liberdade de consciência e o livre exercício dos diversos cultos, com as restrições exigidas pelos direitos e interesses da soberania de Portugal, bem como pela manutenção da ordem pública, e de harmonia com os tratados e convenções internacionais*, e também que *as missões religiosas do ultramar, instrumento de civilização e de influência nacional, e os estabelecimentos de formação do pessoal para os serviços delas e do Padroado Português terão personalidade jurídica e serão protegidos e auxiliados pelo Estado, como instituições de ensino*.¹¹⁶

O Acto Colonial define assim de modo geral, até 1951, o novo panorama jurídico, institucional, económico, cultural e identitário para os territórios sob domínio português. O Estado Novo incute no quadro colonial e na sociedade de língua portuguesa uma política centralizadora, marcada profundamente por ideais imperialistas e

nacionalistas. Em suma, o Estado Novo exige para si a posição de *árbitro supremo* das relações entre metrópole e conjunto colonial.¹¹⁷

A II Guerra Mundial, decorrida entre 1939 e 1945, apesar da “vitória”, fez um enorme rombo na sociedade e em todos os preconceitos enraizados. O imperialismo ganhou uma nova conotação aos olhos do mundo, e fundamentalmente aos dos que estavam habituados a estar do lado agressor, o que originou uma transcendência na consciência individual e social, e consequentemente uma metamorfose da opinião pública, que se repercutiu inevitavelmente no poder político.

O imperialismo, sempre havia sido o mesmo, o que mudava agora era a consciência sobre este, e com ela o olhar que recaía sobre o seu significado e consequências. Os olhos que antes não conseguiam ou não queriam ver, precisam da consciência para saber olhar, e quanto mais consciente o olhar, mais se aproxima da verdade. A verdade é a realidade, mas esta acontece fora de nós. Os olhos captam imagens, desenhadas pela luz e pela sombra, que são desenhadas dentro das nossas cabeças. A consciência é a tecnologia que nos permite interpretar o mais profundo significado das imagens e delas extrair a verdade.

Assim, nas décadas de 1950 e 1960, o colonialismo tornou-se objecto de exponencial contestação e aversão por parte dos povos colonizados e da comunidade internacional, cada vez mais favorável aos princípios da autodeterminação.

As circunstâncias que se desenvolveram em torno do desenrolar e desfecho da II Guerra Mundial, geraram uma conjuntura propícia a que emergissem, na cena internacional, dois poderosos actores políticos, a América e a Rússia, designados, desde então, por superpotências. As duas nações agiram, estrategicamente com o objectivo de disporem de áreas de influência mundiais, construídas com o uso de todos os meios ao seu alcance: políticos, económicos, militares, diplomáticos e culturais.

Esta disputa resultou na divisão do mundo em duas facções, causando enormes tensões, que raramente ultrapassavam os limites da diplomacia, ficando o fenómeno conhecido pelo nome de Guerra Fria.

Cada uma das potências procurava, alargar e consolidar a sua área de influência em todos os continentes, dentro dos limites diplomáticos, para que a disputa não se transformasse em conflito armado e em nova guerra mundial. Foram definidas áreas, alvos e objectivos estratégicos e iniciou-se a acoitada corrida ao seu apossamento. Imbuídos dessa voracidade, o domínio do continente africano era essencial para alcançar a hegemonia mundial.

Entretanto os movimentos nacionalistas voltaram ao activo e retomaram a prática dos congressos, um meio eficaz de congregar governantes e políticos de diversos espectros.

Apenas um mês depois da guerra, de 15 a 21 de Outubro de 1945, tomava lugar em Manchester o V Congresso Pan-Africano, onde se destacam os organizadores, o trinitário George Padmore e o ganês Kwame Nkrumah. Este congresso foi considerado um êxito, por nele ter sido aprovada uma declaração que afirmava, inequivocamente, que a única solução para o problema colonial africano era a independência plena dos seus povos, além de condenar e discutir temas como o imperialismo, discriminação racial e capitalismo. É também considerado o mais significativo dos congressos, visto que marca um ponto de viragem, sem retorno, quanto à perspectiva e estratégia do caminho para a independência, devido à mudança de disposição assente num unânime sentimento de traição, devido à falta de lealdade dos países europeus, que negaram cumprir as promessas de independência, feitas em troca de apoio durante a guerra.¹¹⁸

*Adquiriu renovado sentido o conceito de negritude proclamado por Leopold Senghor, cerca de 1935, no qual se dava voz à recusa dos negros em assimilar as culturas impostas pelos colonizadores, bem como em aceitar a sua dominação política. Negritude e independência deram as mãos, tornando-se num instrumento eficaz de libertação.*¹¹⁹

*Porém, o acontecimento que maior relevo viria a ter em todo este processo foi a conferência de Bandung, realizada na Indonésia a partir de 18 de Abril de 1955, com o objectivo de “fomentar a boa-vontade e a compreensão entre as nações da África e da Ásia, estudar e favorecer os seus interesses mútuos e comuns para estabelecer e promover a amizade e relações de boa vizinhança. Examinar os problemas que interessam especialmente aos povos da Ásia, por exemplo, os problemas que afectam a soberania nacional como o racismo e o colonialismo. Apreciar a posição da Ásia e da África e a da dos seus povos no mundo contemporâneo, bem como a contribuição que eles podem dar ao fortalecimento da paz e cooperação internacional”.*¹²⁰

O mais importante propósito desta conferência era dispor ao serviço do continente africano a experiência independentista asiática, mais desenvolvida e, conseqüentemente, auxiliar na mobilização das colónias africanas no seu processo de autodeterminação. No comunicado final, as nações signatárias declararam a aceitação plena da Carta das Nações Unidas e da Declaração Universal dos Direitos do Homem, e proclamaram ser dever de todos os povos livres, prestar auxílio aos povos ainda subjugados na busca pela soberania, tanto por via pacífica como violenta.

*A Conferência de Bandung provocou a consciencialização da comunidade internacional no que respeita à dignidade dos povos de cor, abrindo o caminho à anulação de todos os complexos de inferioridade que impregnavam as comunidades negras.*¹²¹

O impacto significativo desta conferência deu, aos soviéticos, o impulso necessário para desencadear ofensivas diplomáticas e não diplomáticas, tanto no Sudoeste Asiático como em África, concretizando a incursão russa em ambos os continentes. Este protagonismo conquistado pela Rússia, permite-lhes, a partir daqui, desempenhar um papel preponderante na luta contra todos os países detentores de colónias nos dois territórios, podendo-se constatar esse incremento de influência logo em 1957, na Conferência do Cairo. Em diversos casos, acabou mesmo por comandar os próprios movimentos independentistas, por intermédio de quadros negros ideologicamente alinhados, e facultou as condições para a criação de novos movimentos nos territórios onde eles não existiam, providenciando auxílio político-ideológico, financeiro e militar.¹²²

Detentor de vastos territórios coloniais, Portugal, constituía um forte obstáculo à implementação dos objectivos estratégicos das superpotências e da ONU, onde desde a sua entrada a 14 de Dezembro de 1955, vinha defendendo a soberania plena sobre os territórios ultramarinos, pregando que haviam deixado de ser simples colónias para se tornarem parte integrante do território nacional, os quais competia a Portugal manter, defender e desenvolver.

Portugal vinha preparando, alterações legais e administrativas desde 1951, esforçando-se por criar uma imagem de um Portugal uno, indivisível e pluricontinental. O Acto Colonial que definiu o conceito colonial português desde 1933, foi assim revogado, modificado e integrado, na Constituição portuguesa na revisão executada em 1951. Nesta revisão a visão imperialista foi teoricamente abandonada, sendo substituída por uma estratégia que visava a agregação das colónias à metrópole e a assimilação da população indígena. Substituiu a designação do Ministério das Colónias para Ministério do Ultramar. No Ministério do Exército foi criada, em 1952, a Direcção-Geral dos Serviços do Ultramar e no ano seguinte foi publicada a *Lei Orgânica do Ultramar*. Em 1954, o Governo aprovou o *Estatuto dos Indígenas Portugueses das Províncias da Guiné, Angola e Moçambique*, consagrando a divisão da população em três categorias de nativos: *brancos, assimilados e indígenas*. No mesmo ano, foram ainda incluídos na política de segurança e defesa nacional os territórios ultramarinos, criando no interior da PIDE o Quadro para o Ultramar.

Tratou-se de um conjunto de medidas, cuja finalidade era retirar argumentos à comunidade internacional, que mantinha uma forte e ascendente pressão anti-colonial, tentando dissimular o colonialismo e demonstrar que os territórios ultramarinos haviam deixado de ser colónias e eram agora parte integrante do território nacional.

Esta posição de princípio do Governo português era sustentada ao arrepio claro do Art.º 73º da Carta das Nações Unidas, no qual, inequivocamente, se exprimia a obrigatoriedade de todos os países membros informarem a ONU sobre o estatuto e as condições em que se encontravam todos os territórios sobre a sua administração, ou seja, territórios não autónomos. Em Fevereiro de 1956, o Governo português foi questionado, por carta do secretário-geral da ONU, sobre se administrava algum território dependente, ou não autónomo, tal como os definia o Art.º 73º da Carta da ONU. A resposta foi, uma vez mais, negativa: esses territórios “já eram independentes com a independência da nação”.¹²³

Em 1957, a ONU voltou a questionar a problemática dos territórios não autónomos e censurou Portugal por ter adulterado o espírito e a letra do Art.º 73º da Carta, reafirmando que mantínhamos colónias. Não se questionava a nossa soberania legítima sobre esses territórios, nem a integridade e unidade da nação portuguesa. Criticava-se, sim, o facto de a lei portuguesa admitir o indigenato, regulamentado por lei, o que, por si só, provava a existência de populações privadas do direito de cidadania, facto que obrigava Portugal a declará-los perante a ONU. O Governo português recusou sempre fazê-lo. Em vez disso, procurou demonstrar que esses territórios eram auto-suficientes administrativa e economicamente.¹²⁴

O Estado Novo continuou a criar novas estruturas administrativas e militares na senda da defesa do Império Colonial, tentando contrariar os avanços sociais e políticos do seu tempo. Numa extensa reforma das Forças Armadas, em 1958, a prioridade foi transferida da NATO para a defesa dos territórios ultramarinos e, em 1959, remodelada toda a filosofia orçamental respeitante às forças militares do ultramar. Antevendo a luta armada pelos movimentos nacionalistas e de autodeterminação, o Ministério do Exército emitiu directivas, ordenando a organização de unidades terrestres especializadas na organização e execução de operações de contraguerrilha, destinadas a operar no

ultramar. No seguimento, em Janeiro de 1960, o CEMGFA, redefiniu, por directiva, os objectivos estratégicos de defesa nacional, incorporando nesse conceito e objectivos os territórios ultramarinos, como partes integrantes do território nacional.

Em Abril, a ONU tornou pública a rejeição de qualquer configuração jurídica que dissimulasse a dimensão colonial dos territórios portugueses em África, e exigiu ao Governo que cumprisse o Art.º 73º, criando um Governo próprio para cada um desses territórios. O Governo português respondeu ao secretário-geral, Dag Hammarskjöld, informando que não reconhecia competência à assembleia-geral, que pudesse exigir aos Estados membros informação específica sobre assuntos internos.

A 20 de Setembro, a ONU iniciou a sua XV Sessão, estando presentes as principais figuras do Terceiro Mundo¹²⁵, entre eles estiveram presentes representantes de dezassete novos Estados, dos quais dezasseis eram africanos. Estiveram presentes as figuras mais proeminentes da política internacional como Khruchchev, Gomulka, Kadar, Tito, Nehru, Nasser, Nkrumah, Sukarno, Sékou Touré e Fidel Castro. Debateu-se o problema das autonomias, tendo sido apresentado um Projecto de Estatutos para os Territórios não Autónomos, o qual foi aprovado, com voto contra de Portugal. A assembleia aprovou três moções: uma sobre os territórios não autónomos, outra contendo o colonialismo e a terceira declarando que Portugal possuía territórios coloniais e lhes negava o direito à autodeterminação, constituindo essa recusa uma ameaça ao bem-estar da humanidade e à paz internacional. O enrijecido novo posicionamento da ONU, deixou de reconhecer as províncias ultramarinas como parte integrante da nação portuguesa, e impôs a Portugal o reconhecimento do direito à autodeterminação a todos esses povos.

Em resposta à hostilidade internacional, o Governo português reforçou as medidas estruturantes do dispositivo militar, tornando iminente e inevitável o conflito armado.

Nesta XV sessão, ficou claro o posicionamento das superpotências, que mesmo rivais, em disputa pelas áreas de influência e em confronto político-ideológico e económico-social, surpreendentemente, se viam forçadas a convergir no caso das colónias portuguesas, em apoio aos movimentos independentistas africanos, especialmente depois do início do conflito armado em Angola, a 4 de Fevereiro de 1961.

A avaliação desta conjuntura levou a Administração de Kennedy a corrigir a sua orientação em relação aos movimentos de libertação africanos, o que afectou o curso normal das relações diplomáticas com Portugal. Esta nova orientação americana acrescentava ainda maior dificuldade à política externa de Portugal, que ficava assim completamente isolado.

O nosso governo manifestou sempre grande dificuldade em compreender porque é que, sendo nações antagónicas, a atitude americana fosse convergente com a russa na questão colonial.

Esta convergência foi de curta duração, mas suficiente para envenenar as relações luso-americanas. A nossa posição ficou deveras enfraquecida, pois os movimentos de libertação dos nossos territórios acabavam de ganhar um novo e poderoso aliado. Passaram a dispor de todo o apoio internacional para as suas causas, materializado na instalação de estruturas políticas no exterior dos territórios, abundantemente financiadas. Poderosas máquinas de propaganda, montadas e financiadas por países amigos, instigavam as populações contra Portugal. As acções subversivas prolongadas foram sustentadas por ajudas maciças de instrução e treino militar, material de guerra e vasto apoio logístico.

Kennedy, o grande inspirador da nova estratégia americana para a África, avalizou pessoalmente um conjunto de medidas de apoio aos movimentos nacionalistas, tais como a atribuição de bolsas para membros desses movimentos, entrega de excedentes alimentares e ajuda financeira, mas sempre recorrendo à intervenção da ONU, com vista a despolitizar ao máximo essa ajuda.¹²⁶

Com o início do conflito armado no Norte de Angola, Rússia e a América uniram-se pela primeira vez, num voto comum contra Portugal, reprovando a forma violenta e desastrosa como o Exército português havia reagido. Ipso facto, o acontecimento resultou também no fim de qualquer aspiração que Portugal tivesse ainda de conseguir convencer o mundo que as colónias eram parte integrante da nação.

Em forma de protesto, os delegados portugueses, abandonaram os trabalhos da assembleia-geral da ONU, consagrando o isolamento português.

Os governos de Salazar e Caetano demonstraram inflexibilidade na condução da política colonial. Num quadro de grande apoio internacional ao desmantelamento dos impérios coloniais, Portugal não ousou tirar vantagem dessa mais-valia diplomática, optando por fechar todas as portas a uma solução sensata, credível, digna e honrosa para a pátria. [...]

Porém, uma avaliação desapassionada das nossas possibilidades de fazer vingar o projecto colonial permitiria aos diplomatas, aos governantes e

a todos aqueles que influenciavam, então, as decisões do Executivo compreender que, perante a nova ordem mundial desenhada pelas potências depois de Ialta, os impérios coloniais não tinham a mais ténue possibilidade de sobreviver.

O país ficou refém da nostalgia do Império. [...]

Ao perder a iniciativa de conduzir o processo de autonomia e independência dos territórios, o Governo comprometeu a relação privilegiada que a presença histórica prolongada tinha cimentado entre os povos português e africano e não aproveitou a oportunidade de substituir, estrategicamente, as vantagens territoriais pelas vantagens político-estratégico-económico-culturais, já consumadas com grande sucesso por outras nações, cuja experiência foi ignorada, em vez de seguida e aperfeiçoada.¹²⁷

Depois de décadas de trabalho árduo contra a evolução social, de desrespeito pelos direitos humanos e de política externa repugnante, inviabilizando todas as oportunidades de diálogo diplomático, não restava ao Governo outro caminho senão ir até às últimas consequências da sua própria ignobilidade e desumanidade, dando origem à Guerra Colonial.

Ao longo dos 13 anos seguintes, as Forças Armadas Portuguesas sustentaram a mais longa frente de batalha do mundo, que ia de Lisboa a Timor.

O Governo, a quem competia conduzir a manobra política com vista a encontrar solução para o estatuto dos seus territórios coloniais, manifestou-se sempre incapaz de cumprir esse desígnio nacional, preferindo empenhar o melhor da nação numa guerra sem objectivos claros, sem calendário e sem qualquer horizonte visível de solução. Tanto Salazar como Caetano revelar-se-iam incapazes de delinear, no contexto das relações internacionais, uma solução pacífica para o problema colonial. [...] Desprezaram um dos mais preciosos princípios políticos do uso do poder militar: uma nação só deve fazer a guerra durante o tempo estritamente necessário à criação da solução política para o conflito que a gerou. A sua duração deve ser a mais curta possível, de modo a evitar o enfraquecimento da posição negocial e o exaurimento

dos seus recursos humanos, económicos e produtivos de todos os actores envolvidos.

A actuação do Governo português ao longo dos 13 anos de guerra permite-nos concluir que não soube, ou não quis, utilizar o tão longo tempo de que dispôs para encontrar essa solução e poupar a nação a vários anos de múltiplos sacrifícios inglórios.¹²⁸

lusotropicalismo

nome masculino

[Sociologia]

Tese desenvolvida pelo sociólogo brasileiro Gilberto Freyre (1900-1987), que procura identificar um suposto conjunto de fenómenos e características específicas que teriam marcado o modelo colonial aplicado pelos portugueses nas regiões tropicais (capacidade de aclimatização, propensão para a miscigenação, etc.), tornando-o distinto das restantes experiências de colonização levadas a cabo por povos europeus.¹²⁹

Esta tese desenvolvida por Gilberto Freyre tenta sobretudo descobrir, estudar e definir a génese do povo brasileiro, rejeitando o *branqueamento* do Brasil e a visão deste como *Europa dos trópicos*. Ao invés, Freyre vê o seu país como caso de estudo no qual índios, europeus e africanos se tinham juntado para criar uma sociedade genuinamente multirracial e multicultural, destinado a ser um novo mundo nos trópicos.

A observação recai, obviamente, sobre a influência da colonização portuguesa, que leva ao estudo sobre o contraste, inerente, entre processo de colonização onde predomina a miscigenação e colonização onde predomina a segregação.

É importante realçar que Freyre nasceu já num Brasil livre e, escrito entre Brasil, Estados Unidos e Portugal, publica o seu primeiro livro num Brasil com 111 anos de independência, longe do suplício colonial, podendo-se dar assim ao “luxo” de estudar aquilo a que chamou *Lusotropicologia*.

É importante também esclarecer, que dentro do estudo “*do modo português de estar no mundo*” de Freyre, destacando qualidades como tolerância, fraternidade, plasticidade, de forte vocação ecuménica e dedicado à missão civilizadora, com maior abertura a relacionar-se e misturar-se com outros povos, essa génese da descoberta, não apenas de novas terras, mas também das novas gentes, ao contrário de outros colonizadores europeus, vincadamente segregacionistas, impulsionando ao máximo o racismo, que não iam além do interesse pela exploração económica, não é nunca, nem pode ser

confundido, com uma busca por eufemizar, justificar, defender ou promover o colonialismo, ou proclamar a existência, antagónica, de algum tipo de colonialismo benigno.

Ao longo das décadas de 1930 e 1940, o *Lusotropicalismo* de Gilberto Freyre, foi ignorado e rejeitado pelo Estado Novo, devido à importância que conferia à diversidade, explorando a *mestiçagem*, a interligação cultural e a herança árabe/africana na génese do povo português.

Só a partir da década de 1950, é que as ideias do sociólogo brasileiro tiveram uma recepção mais favorável no seio da sociedade da metrópole portuguesa, disseminando-se pelo meio académico e científico. Por esta altura, com o crescimento da contestação internacional perante o colonialismo português, o regime viu na tese do Lusotropicalismo um instrumento de enorme potencialidade eufemística da atrocidade colonial. O Governo português apropriou-se assim do conceito, deturpando-o e adaptando-o à medida dos seus propósitos, incutindo-lhe os ideais imperialista e nacionalista, para ser instrumentalizado e usado na máquina de propaganda interna, externa e colonial, à margem do profundo antagonismo.

Se na corrida colonial do final do séc. XIX, perpetrada pelos países europeus ao continente africano, Portugal criou e defendeu o conceito do *direito histórico*, tentando obter a melhor definição territorial possível, depois da II Guerra Mundial, tentava agregar à anterior, a ideia do Lusotropicalismo, deturpado numa espécie de conceito de *direito cultural*, com o objectivo de manter dissimuladamente o obsoleto império colonial, à margem de uma comunidade internacional que estava em processo de descolonização, efectiva e ideológica, desde o fim da I Guerra.

Em 1961, coincidindo com o arranque da Guerra Colonial, Adriano Moreira deixa o cargo Subsecretário de Estado da Administração Ultramarina para assumir funções como Ministro do Ultramar. Este, promulga um conjunto de medidas legislativas de influência lusotropicalista, à revelia de Salazar e da facção mais conservadora do Estado Novo, para os quais este conceito era apenas um instrumento teórico, de retórica e propaganda, e não legislativo. Entre as principais medidas de Moreira, que pretendia promover a emancipação e desenvolvimento social dos povos colonizados, está a revogação do *Estatuto dos Indígenas Portugueses das Províncias da Guiné, Angola e Moçambique*, que vigorava desde 1954, permitindo assim que os *indígenas* pudessem aceder de forma mais fácil à cidadania portuguesa e aos direitos que lhe eram inerentes. O atrito, causado pelas suas medidas, haveria de lhe custar a permanência no cargo, demitindo-se em 1963, depois de recusar anuir perante ultimato de Salazar.

Mais tarde, em 1971, aquando da revisão constitucional, no culminar da *Primavera Marcelista*, o sucessor de Salazar, Marcello Caetano, Presidente do Conselho de Ministros desde 1968, de contida tendência reformista, defendeu também a implementação de uma autonomia progressiva e participada das províncias ultramarinas, organizadas em regiões autónomas.¹³⁰

2.4 O Espaço Colonial

2.4.1 Os anos 1930-50

Nas décadas de 1930 a 1940 foi evidente a preocupação do Governo português em definir, um *Espaço Colonial*, ideológico e mitológico, tentando inclusive firmar o conceito de *Império*, pela utilização de um intenso simbolismo histórico-comemorativo. Esta postura, de orientação congregante, agenciada e liderada política e culturalmente pelo Estado Novo, teve, como não podia deixar de ser, reflexos relevantes nas colónias africanas, pois constituíam os territórios ultramarinos mais significativos.

É neste período que surgem as viagens presidenciais às colónias, erguendo e inaugurando monumentos aos *heróis da pátria*, exposições de propaganda e celebrações públicas. Em simultâneo, iniciava-se o extensivo investimento no planeamento e implantação de uma moderna rede de transportes e de comunicações, complementada com a construção de equipamentos e de serviços estatais com carácter sistematizador, tais como Escolas, Hospitais, Correios e Telégrafos, etc.

De facto, há que ressaltar aqui a contemporânea produção oficial de arquitectura e de urbanismo para as “Colónias”. Nos anos de 1920-30 aquela produção era assegurada, ainda que precariamente, pelo sistema do “arquitecto-urbanista itinerante”, como era o caso de Carlos Rebelo de Andrade [1887-1971], o qual dava apoio pontual à arquitectura e urbanismo das várias regiões coloniais por onde viajava. Recordamos a sua viagem Macau-Beira-Lobito, em 1929, da qual resultaram obras e planos. Mas era uma acção individual e localizada, manifestamente insuficiente para os tempos que então despontavam, de reestruturação e modernização conjunta dos espaços coloniais.¹³¹

Numa carta publicada a 26 Março de 1932, identifica-se um antecedente do serviço urbanístico estatal para os territórios coloniais, onde a sociedade dos arquitectos da

época solicitava, ao Ministro do Ultramar Armindo Monteiro, a criação de um *Serviço Central de Urbanismo Colonial*. Só mais tarde, em 1944, a coordenação e produção urbanística oficial, centralizada a partir da metrópole, ficaria assegurada para as colónias africanas através do Gabinete de Urbanização Colonial, instituído pelo então Ministro das Colónias Marcello Caetano.

Sediado em Lisboa, o gabinete e produziu uma ampla obra de planeamento urbanístico. Orientado pelo arquitecto João António Aguiar, contou ao longo do seu percurso com a colaboração de vários técnicos, entre os quais os arquitectos: Lucínio Cruz, Mário de Oliveira, Eurico Pinto Lopes, Luís Coelho Borges, José Manuel Galhardo Zilhão, Alberto Braga de Sousa, Fernando Schiappa, José Gomes Bastos, Francisco Castro Rodrigues, Costa Martins e Victor Consiglieri.

O gabinete seguia, de modo geral, uma atitude centralista e autoritária, pois, segundo testemunhos, João António Aguiar concentrava em si as decisões fundamentais, e as frequentes viagens de trabalho, de teor urbanístico e arquitectónico. Este serviço funcionou também como *estágio* e processo de divulgação de um novo *espaço de vida e trabalho* para muitos dos envolvidos, já que uma parte considerável dos profissionais referidos acabou, mais tarde, por ir trabalhar e viver para África.

Entre 1940 e 1950 encetou-se, com bases técnico-políticas sólidas e centralizadas, um significativo investimento na organização e planeamento urbanístico do vasto território colonial, reflectido nos planos do Ministério das Colónias, na expansão das redes rodoviárias, e no povoamento interno por meio de incentivo à migração para os *Colonatos Agrícolas*, associados à irrigação de vastas áreas, com ocupações de tipos europeu, misto e indígena.

Assistiu-se a alguma produção teórica, urbanístico-arquitectónica, sobre organização das comunidades e disposição dos alojamentos, para *habitação dos europeus* e para as *habitações indígenas*. Seguindo a mesma linha da metrópole, tornada padrão nas obras oficiais, praticava-se uma arquitectura tradicionalista, de referência aos modelos lusos, apenas com ligeiras adaptações ao clima africano.¹³²

Mas já nesse tempo, uma nova geração de autores, arquitectos-urbanistas, conseguia minar na prática os próprios fundamentos da atitude oficial, passista e retrógrada. E uma iniciativa privada nascente, cada vez mais radicada nos (e apegada aos) territórios, apoiava-se mais nessa visão e atitude inovadora, do que nas premissas estatais, centralistas e conservadoras.¹³³

2.4.2 Os anos 1950-60

Os primeiros anos da década de 1950, foram tempos manifestamente difíceis para uma livre afirmação dos jovens arquitectos portugueses no retrógrado, fechado e repressivo ambiente, cultural e social, do país fascista. Para os que iniciavam a via profissional, era recorrente pensar-se na imigração como solução de recurso para uma abertura que em Portugal lhes era vedada. Sendo que a relação com a Europa ou com os Estados Unidos da América era ainda nestes tempos muito distante e restritiva, e estava estagnada a possibilidade do Brasil como *terra a desbravar* para o imigrante português, a escolha incidia sobre *África Portuguesa*, hiperbolizada pela propaganda do Estado Novo como *terra das oportunidades*.

Assim, para uma geração jovem e recém-formada, com a agravante da demanda na área profissional para a efectivação material da colonização, pelo urbanismo, arquitectura e construção, que neste período estava em pleno curso e expansão em Angola e Moçambique, intensificava-se a ideia de *escape e aventura*, e efectivava-se naturalmente a concretização da ida para África, onde a afirmação profissional tinha caminho aberto, apoiada pelo funcionamento social e institucional das comunidades luso-africanas, muito próximas ou dependentes das da metrópole e facilitada pela – tecnologia que aqui neste trabalho se defende como primordial – língua comum.

Outras colónias, como Goa, Macau ou Timor, além de se situarem demasiado longe, não potenciavam tantas possibilidades, tal como as mais próximas Guiné, Cabo Verde e São Tomé.¹³⁴

Também no decorrer da década de 1950 se irá sentir, em Angola e Moçambique, um profundo contraste nas linguagens arquitectónicas mais praticadas, comparativamente com as duas décadas anteriores. Enquanto ao longo da guerra e do pós-guerra se assistiu a um carácter de forte continuidade do urbanismo e da arquitectura, seguindo o decadente modelo neo-tradicionista, confirmando uma relativa estagnação sócio-económico-cultural; no início dos anos 1950, ergue-se uma nova fase, dinâmica e moderna.

Por um lado, dá-se progressivamente a transposição cultural do aceso conflito entre modernismo e tradicionalismo, da Europa para África, por via da nova geração de arquitectos portugueses e luso-africanos, que procurava na ida para África um modo de afirmação de vida, dos seus ideais, projectos e criatividade; por outro, é a própria iniciativa privada, propulsora de uma renovada dinâmica sócio-económica, que ao mesmo tempo eclode e procura afirmar o seu espaço, tectónico e simbólico.

A via conservadora que até aqui, por meio de Comissões de Estética que operavam nas Câmaras Municipais, censurava activamente o modernismo, em defesa da produção da arquitectura “nacionalista” Português Suave, entra nesta fase em conflito directo com a procura de afirmação da Arquitectura Moderna. Emergiam, neste período, organizações com o objectivo de preconizar o movimento moderno, como a ODAM, no Porto, onde se destacam nomes como Viana de Lima e Fernando Távora, e o ICAT, em Lisboa, com Keil do Amaral e Francisco Castro Rodrigues.

*O regime mantinha (ou tentava manter) o país, o mais longe possível das elites culturais europeias e de todos os movimentos e correntes artísticas inovadoras da época.*¹³⁵

Alguns destes autores marcavam presença nos vanguardistas congressos CIAM, originados por Le Corbusier, que desde 1928, geravam, aprofundavam e desenvolviam o pensamento moderno, sob o compromisso de dar um sentido social e económico à arquitetura, e rejeitando o academicismo vigente, tanto no ensino, como nas práticas.¹³⁶ Em 1948 dá-se o 1.º Congresso Nacional de Arquitectura, presidido por Cottinelli Telmo e organizado pelo Estado, por meio do Ministério do Trabalho e das Corporações, que controlava o Sindicato Nacional dos Arquitectos. Abre com discurso do ministro das obras públicas, José Frederico Ulrich, referindo-se ao Presidente da República, Óscar Carmona, como o verdadeiro arquitecto português. Organizado para consagrar a arquitectura nacionalista portuguesa, acaba por ter o efeito contrário e dar voz aos dois referidos grupos de arquitectos modernos, do Porto e de Lisboa, que se insurgem em contestação e defesa do ideário da arquitectura moderna.¹³⁷

Consequentemente, reforça-se a oposição obstinada dos arquitectos tradicionalistas em relação aos arquitectos modernos. Digna também de nota, a dificuldade em levar de vencida uma geração corrompida, comprometida com os modelos e cânones do passado, dado o enraizamento em termos de encomenda e obra que essa geração detinha, de que é exemplo Luís Cristino da Silva, face aos autores mais novos. Apesar disso, na Angola e Moçambique dos anos 1950 e 1960, essa geração não constituiu um verdadeiro obstáculo, pois os autores conservadores, sediados na Metrópole, tinham na distância um forte diluente da sua influência.

Por outro lado, a iniciativa mais liberta e a grandiosa escala de intervenção, em territórios tão vastos e virgens, constituía em África como que um desafio que apelava de modo directo a uma modernidade, de ordem técnica e estética – mesmo, ou sobretudo, por parte das forças

*da iniciativa privada. Os empecilhos, quando ocorriam, vinham por outra via (que não o confronto entre arquitectos) – a do poder político colonial-provincial e das forças sociais locais com estrutura cultural tradicional, em muitos casos pré-urbana. Claro que uma arquitectura tradicionalista e retrógrada – provinda, na maioria dos casos, da “Metrópole” – foi persistindo, “moribunda”. Mas a presença das obras modernas foi desde cedo mais forte, e implantada na linguagem dos autores da produção local.*¹³⁸

Como exemplo deste processo, José Manuel Fernandes¹³⁹ refere dois casos extremos, e por isso mesmo, significativos, ambos em Luanda: o edifício do Banco de Angola, em 1956, por Vasco Regaleira, de estilo barroco-classicizante, implantado na marginal de Luanda, e símbolo mais completo da arquitectura passadista e monumentalista; e, em contraste absoluto, o edifício do Mercado de Quinaxixe, em 1958, por Vasco Vieira da Costa – deploravelmente demolido em 2008 – espantosamente contemporâneo na sua modernidade, não muito distante no espaço urbano, em relação ao primeiro, mas a léguas na linguagem e qualidade.

Os planos urbanísticos e equipamentos desenhados pelo GUU¹⁴⁰, iam chegando a África, alguns desenhados na Metrópole, outros desenhados localmente, seguindo sempre a linha oficial, que reflectia em geral as formas e expressões passadistas ou tradicionalistas. Ao contrário do que acontecia em Portugal, quanto mais periférica a localização em relação ao poder da capital, mais duradoura e persistente foi essa tendência retrógrada. Veja-se, como exemplo, a permanência da linguagem neo-solarenga, de inspiração setecentista, no edifício da Câmara/Tribunal de Vila Luso/Luena, no longínquo Moxico, com o seu longo telhado de quatro águas e beiral, marcado pelo pórtico central e simétrico da fachada. Isto, em 1959, em plena afirmação da arquitectura moderna na capital, reflectida no referido mercado municipal de Luanda.

Por outro lado, mesmo programas com uma tradição arreigadamente conservadora, como os da arquitectura religiosa, davam sinais de mudança mais radical. Observe-se em Angola, a igreja da Sagrada Família, em Luanda, de 1964, desenhada por António de Sousa Mendes e Sabino Luís Martins, com uma torre de desenho abstrato, e volumetria de expressão estrutural, que introduz na cidade uma inovadora visão de um sagrado moderno; enquanto em Moçambique, o incontestável exemplo é a Igreja de Santo António da Polana¹⁴¹, concluída em 1962, em Lourenço Marques/Maputo, flor de betão invertida, esculpida por Nuno Craveiro Lopes, que influenciado também pela

arquitectura brasileira e italiana, desenhou a estrutura piramidal nervurada em betão armado, que apresenta no topo grandes aberturas triangulares dotadas de vitrais coloridos que permitem a entrada de luz policromática criando um espaço etéreo e inusitado no interior, onde cada uma das dezasseis nervuras corresponde, alternadamente um dos sete altares e à pia batismal. Também em Lisboa se assistia a uma renovação, mais controlada, da arquitectura religiosa.¹⁴²

Uma terceira via, designa José Manuel Fernandes, foi a dos edifícios que refletiam uma certa abertura ao desenho moderno, na volumetria e na geometria, mas mantinham um certo peso monumentalista, na tipologia e materiais. Um exemplo que demonstra bem esta vertente foi o público Palácio de Vidro, actual edifício do Ministério do Comércio, no Largo Diogo Cão/Largo 4 de Fevereiro, em Luanda, de vários autores, como Luís Amaral e João Américo, tal como muitos dos projectos de programas de liceus e escolas técnicas e comerciais. Em crescimento desde a segunda metade da década de 1950 e acompanhado da definição das Normas para as Instalações dos Liceus e Escolas do Ensino Profissional nas Províncias Ultramarinas, em 1956, era comum que os arquitectos do GUU elaborassem concepções destes edifícios escolares, com vastos espaços modulados e utilizando largamente a tecnologia moderna, mas exibindo traços imutáveis da arquitectura nacionalista, como o pórtico de entrada, simbolicamente simétrico e monumentalista à revelia da lógica inovadora, como se pode observar na Escola Técnica Silva e Cunha actual Liceu Nacional de São Tomé e Príncipe, inaugurado em 1969, concebido pelo arquitecto Mário de Oliveira. A escola santomense é representativa da evolução programática ocorrida até ao final da década de 1960, aproximando-se de soluções cada vez mais pragmáticas e flexíveis, abandonando gradualmente a rigidez organizativa e volumétrica do modelo, através de composições mais articuladas que refletem os diferentes conteúdos programáticos. Os desafios climáticos são resolvidos através de sombreamento e ventilação cruzada, auxiliada pela inserção de cobogós prefabricados de modo a garantir a entrada e circulação do ar. Segundo a prática frequente dos arquitectos dos Gabinetes, a planta reflete a organização funcional do programa, e o corte foca-se nas questões climáticas.¹⁴³

A inserção das artes plásticas assume neste projeto um enorme protagonismo e relação com o projeto arquitetónico, implicando um forte investimento. Os desenhos são realizados pelo arquiteto Mário de Oliveira e João Barata pinta os painéis de azulejos que ornamentam algumas fachadas e a entrada principal da escola. A temática figurativa centra-se nas principais produções e actividades económicas do

arquipélago. O sucesso e interesse levaria a Mário de Oliveira a ornamentar outros edifícios seus construídos em São Tomé.¹⁴⁴

Um dos aspectos mais curiosos do ambiente social e cultural do meio arquitectónico e urbano, da capital angolana, nesta fase histórica, é-nos dado por Francisco Silva Dias, que refere a lisboênciade de Luanda, expressa em vários aspectos concretos: num certo “ambiente popular” de convivialidade e informalidade de trato e de relação, entre os diversos agentes da construção da cidade (desde os promotores, industriais e investidores, aos técnicos e representantes municipais e governamentais – ambiente que rapidamente se transformava numa rede de “intriga de corte”, se ou quando eclodissem “casos difíceis” que a legislação ou sistema vigente não pudessem prever e resolver). Este sistema de “gestão da cidade” recorda muito, sem dúvida, o contemporâneo sistema lisboeta, com as suas pequenas “guerras e influências”, os seus “jogos de bastidores” – aqui apimentados com um sabor colonial-tropical.

Noutra perspectiva – agora não em termos de estrutura mas de processo – luandense, passo a passo, as diversas nuances, os acontecimentos, as tendências da “Capital do Império” – numa proximidade relativa mas sempre desejada. O fenómeno não é novo, e recorda por exemplo o ambiente de vida do Rio de Janeiro, quando esta cidade era capital da colónia (e no período em que foi “Capital do Império”, nos anos 1808-1822), que persistiu de resto durante largo período depois da independência, na sua relação com a notícia lisboeta – que se reflectia na própria vivência de rua, do espaço, e globalmente no modo de construir e de usar a cidade. Por exemplo, a relativa “primavera político-cultural” do quadro geo-histórico euro-americano, característico da fase internacional entre 1957-1961, foi sentida em Lisboa, e igualmente teve alguns reflexos em Luanda.¹⁴⁵

Este período reflecte uma relativa abertura em Portugal, marcada entre as sequelas do MUD e da candidatura de Norton de Matos, e a ressaca da euforia da candidatura de Humberto Delgado. De facto, tanto a nível nacional como internacional, na segunda metade dos anos 1950 assistiu-se a um *início de desanuviamiento*, sobretudo após a Guerra da Coreia e o fim da *caça às bruxas* do senador Joseph McCarty. O ambiente nublado voltaria, no entanto, ao entrar na década de 1960.

Foi também tempo de significativo debate sócio-cultural em Angola e Moçambique, travado na margem, entre as fortes limitações do regime e a afirmação de uma *cultura de esquerda*, que irradiava do movimento moderno, à qual não foram alheios os arquitectos de língua portuguesa. A participação dos arquitectos radicados em Angola e Moçambique nos encontros e conferências internacionais africanos foi efectiva, embora irregular e pontual.

O debate incidia sobretudo nas problemáticas da habitação e urbanismo, no quadro das comunidades negras da região, nos países colonizados ou em vias de descolonização. José Manuel Fernandes, a título exemplificativo, remete-nos para Bernardino Ramalhete que faz referência à *Conference Interfricaine sur le Logement et l'Urbanization*, que na sua segunda sessão, em Janeiro de 1959, realizada em Nairobi, contava com a presença de dezasseis arquitectos de Moçambique, dois de Angola e dois da Metrópole. Os documentos da reunião mencionam os membros da impressiva comitiva moçambicana, tais como Francisco Assis e Nuno Craveiro Lopes, das Obras Públicas de Lourenço Marques e A. J. Rodrigues da Silva da Câmara Municipal; Abel da Silva Pascoal, Fernando Augusto de Sousa, João José Tinoco e a esposa Maria Carlota Quintanilha, professores da Escola Industrial Mouzinho de Albuquerque de Lourenço Marques; João Afonso Garrizo do Carmo, Francisco José de Castro, Bernardino Ramalhete e Paulo de Melo Sampaio, da Beira. O encontro reuniu também, entre outros, técnicos da África anglófona, francófona e da Etiópia.

Em Moçambique, a gradual emergência de um debate sócio-cultural autónomo, naturalmente centrado sobretudo na capital Lourenço Marques, era servida por associações, como o Núcleo de Arte ou o Cineclubes, beneficiando ainda da proximidade com África anglófona, com maior capacidade e liberdade de informação. Isto ajudava a quebrar o isolamento e a tradição de *elite culta*, que o meio artístico e arquitectónico da cidade cultivava. Nesse processo de democratização da cultura, foram fundamentais arquitectos com uma consciência social, cultural e política desenvolvida, como João José Tinoco e o seu grupo de relações e amizades.

Também outros arquitectos devem ser mencionados neste processo de debate sócio-cultural, não pela politização, mas pela sua consciência desenvolvida, dimensão cultural e carácter participativo, como Pancho Guedes, que de modo mais individualista, actua de forma independente. No quadro da gradual tomada de consciência colectiva do problema das más condições de vida e habitação da população negra, no extenso Caniço na periferia de Lourenço Marques, refira-se, a título de exemplo, um artigo desenvolvido pelo arquitecto, publicado no jornal *A Tribuna* (n.228 de 9/6/1963: 6-7), intitulado *A cidade doente – várias receitas para curar o mal do caniço e o manual do vogal sem mestre*, onde Pancho, com o seu inconfundível estilo irónico e bem-humorado, propunha

de A a Z uma série de medidas para a recuperação e qualificação urbana daquelas áreas.¹⁴⁶

Sobre Pancho Guedes, é imprescindível referir ainda, a sua vertente “subversiva”, que o levou a desenvolver projectos *clandestinos* para, e com, a comunidade do Caniço em Lourenço Marques/Maputo, como a *Creche para Órfãos*. A construção rudimentar, de cariz vernacular, só concluída depois de duas tentativas interrompidas pela polícia municipal, que não permitia que fossem erguidas estruturas permanentes nos bairros de lata. Assim, para evitar a interferência das autoridades, a obra foi concretizada no mínimo espaço de tempo e custos, contando com a ajuda de toda a comunidade, mesmo com trabalhadores sem formação. Para potenciar o rendimento do terreno, o projecto detinha ainda um quintal para cultivar vegetais para a sopa diária.

Esta terá sido a obra mais emblemática de construção clandestina, organizada pelo arquitecto [...] dado que todo o projecto havia sido pensado e desenhado para se desenrolar nestes moldes: custos mínimos, rapidez e clandestinidade na execução.¹⁴⁷

Este exemplo é, no entanto, uma excepção à regra, dado que a obra do arquitecto se pauta pelo cumprimento dos regulamentos das várias instituições que tutelam a análise e aprovação de projectos.

Digno também de menção, é seu primeiro *Manifesto*, de 1952, que resume uma outra via que não a da politização, a via de Pancho Guedes, de onde se destaca o profundo e heterodoxo desejo de transformação do arquitecto num artista e de o desamar de todas as convenções e dogmas inerentes à profissão e à sociedade, e inegavelmente, um arquitecto livre, é um arquitecto melhor, e um arquitecto livre e melhor, constrói uma sociedade livre e melhor.

I claim for architects the right's and liberties that painters and poet's have held for so long.¹⁴⁸

2.4.3 Os anos 1960-74

Entre 1960 e 1974, desenrolar-se-á pelo Estado Novo, uma tentativa tardia de amenizar a hostilidade internacional, exponenciada pela Guerra Colonial, propagandeando a ideia, de base lusotropicalista, de *nação pluri-racial*. Paralelamente à guerra, surgirá um novo

investimento público na produção energética com a construção de grandes barragens hidroeléctricas e na criação de bases industriais, com amplitude para uma escala global. Inerente ao crescimento industrial, assistiu-se a uma aceleração da explosão demográfica urbana, e à conseqüente expansão das cidades, com a renovação de equipamentos e serviços, e aumento significativo do investimento e construção privada.

É então que atingirá o seu auge a consolidação das nascentes “redes urbanas”, em Angola e Moçambique, num processo que podemos genericamente designar por “construção das cidades”, que decorre em várias frentes, paralelas e simultâneas entre si: pelo acentuar do desenvolvimento das urbes já existentes; pela elevação a cidade de diversas vilas e povoações de menor dimensão, mas com clara importância estratégica, locativa e/ou administrativa; e pela implantação de novos povoados, mesmo que em fase embrionária. Em todas elas assistiu-se a investimentos públicos, concentrados, em infraestruturas e equipamentos.¹⁴⁹

Foi assim com naturalidade, que neste período, para dar resposta ao surto urbano, se consolidou a nova linguagem arquitectónica do Movimento Moderno Internacional, assente nas novas tecnologias construtivas. A demanda por betão impulsionou o investimento na produção local de cimento, em Angola e Moçambique, aliada à importação do aço e do vidro. A actividade industrial impulsionava o crescimento urbano e o crescimento urbano estimulava de volta a actividade industrial, dinamizando o crescimento económico. Novos e renovados arquitectos, com um novo olhar e uma nova preponderância, deram origem a novas construções, num período dotado com uma nova escala e dimensão, dinamizaram as cidades, vilas e também os centros de exploração industrial e energética adentro dos territórios, e acima de tudo, a sociedade.

Todo este avanço tardio possibilitou a crença no *progresso acelerado* – que alimentou, paradoxalmente, a ilusão da continuidade colonial – que o súbito, e predestinado, desenlace político-militar suspendeu.

De facto, em 1974-75, com o súbito mas inevitável espoletar do processo de descolonização, todo este movimento evolutivo urbano e arquitectónico sofreu um corte brusco e brutal – agravado na maioria dos casos pelo posterior estado de guerra, sobretudo em Angola e Moçambique – de que hoje, ainda que passadas décadas, as cidades e as arquitecturas destes territórios se ressentem.¹⁵⁰

3. Conclusão

3.1 Transcendência Espacial – A Identidade Complexa de Língua Portuguesa

Transcender

v. (sXIV)

1 t.d. e t.i. *elevantar-se sobre ou ir além dos limites de; situar-se para lá de*

2 t.d. *superar (alguém, algo, um grupo) por lhe ser superior*

3 pron. *superar-se por ir além de suas limitações*

4 t.i. *exceler em algum atributo ou qualidade; exceder, salientar-se especialmente*

ETIMOLOGIA

lat. **transcēndo, is, di, sum, ěre** 'passar subindo, atravessar, ultrapassar, transpor'¹⁵¹

¹ *Complexo* |cs|

adj.s.m. (1689)

1 *diz-se de ou conjunto, tomado como um todo mais ou menos coerente, cujos componentes funcionam entre si em numerosas relações de interdependência ou de subordinação, de apreensão muitas vezes difícil pelo intelecto, e que ger. apresentam diversos aspectos*

ETIMOLOGIA

lat. **complexus, a, um** part.pas. de *complecti* 'cercar, abarcar, compreender'¹⁵²

Esta linguagem de dupla articulação, que faz a sua originalidade e a sua superioridade sobre as línguas animais, não é absolutamente nova na vida, uma vez que o código genético dispõe da mesma estrutura. Mas, enquanto este faz comunicar as moléculas e as células, a nossa linguagem faz comunicar os espíritos. [...] a escrita vai oferecer a possibilidade de uma inscrição além da memória individual e de um crescimento infinito de conhecimentos [...]

A linguagem é uma máquina no sentido que definimos. Funciona fazendo funcionar outras máquinas que, por sua vez, a fazem funcionar. Assim, está engrenada na maquinaria cerebral dos indivíduos e na maquinaria cultural da sociedade [...] Depende de uma sociedade, de uma cultura, de seres humanos, que, para se realizarem, dependem da linguagem [...]

O que significa que a linguagem é a placa giratória essencial do biológico, do humano, do cultural, do social. A linguagem é uma parte da totalidade humana, mas a totalidade humana encontra-se contida na linguagem [...]

O homem fez-se na linguagem que fez o homem. A linguagem está em nós e nós estamos na linguagem. Somos abertos mediante a linguagem, encerrados na linguagem, abertos para os outros através da linguagem (comunicação), fechados sobre os outros pela linguagem (erro, mentira), abertos para as ideias pela linguagem, fechados sobre as ideias pela linguagem. Abertos para o mundo e afastados do mundo pela nossa linguagem, estamos, de acordo com o nosso destino, encerrados por aquilo que nos abre e abertos por aquilo que nos encerra [...]

A linguagem permite a emergência do espírito humano, este é-lhe necessário para todas as operações cognitivas e práticas, e é inerente a toda a organização social.¹⁵³

Os três termos cérebro-cultura-espírito são inseparáveis. Uma vez que o espírito emergiu, ele retroage sobre o funcionamento cerebral e sobre a cultura. Forma-se um círculo entre o cérebro-espírito-cultura, em que cada um destes termos é necessário a cada um dos outros. O espírito é uma emergência do cérebro que suscita a cultura, a qual não existia sem o cérebro [...]

Mediante o pensamento, a inteligência humana coloca interrogações e levanta problemas, encontra soluções, inventa, é capaz de criar.

A consciência é a emergência mais notável do espírito humano. Produto/produtora de uma actividade reflexiva do espírito sobre si mesmo, sobre as suas ideias, sobre os seus pensamentos, a consciência confunde-se com esta reflexividade activa. O indivíduo humano pode dispor da consciência de si próprio, capacidade para se considerar como objecto, sem deixar de permanecer sujeito. O pleno desenvolvimento do pensamento comporta a sua própria reflexividade: a consciência pode incidir sobre o ser humano reflectindo sobre si mesmo, e pode incidir sobre o próprio conhecimento, tornando-se conhecimento do conhecimento.

A inteligência, as suas múltiplas formas, o ingegno, o pensamento, a consciência e, como veremos, a alma, são formas diversas de uma

actividade polifónica do espírito. Apresentam-se aqui como distintas, mas não poderiam ser separadas.

A própria sociedade é transformada, complexificada pela emergência do espírito humano, pois são as interações entre espíritos individuais que a produzem; e, visto que a linguagem multiplica as intercomunicações, alimenta a complexidade das relações entre indivíduos e as complexidades da relação social.

Nó górdio onde se associam inteligência, pensamento, consciência, indivíduo, linguagem, cultura, sociedade, o espírito é simultaneamente uma inovação na evolução hominizante e um inovador na evolução humana. A partir de agora, já não são as reorganizações genéticas que inovam, mas as aptidões do espírito.¹⁵⁴

Este trabalho nasce da percepção e certeza intuitiva irredutível, de que algo está profundamente errado na nossa sociedade portuguesa e de língua portuguesa, na nossa identidade social e individual, e desenvolve-se em busca desse erro. A filosofia contemporânea de Edgar Morim é a caravela, a tecnologia de ponta, que nos leva nessa viagem e capaz de nos levar ao novo *eu*, ao novo *nós*. Levantando vela ao sabor das perguntas: *Quem somos nós? Onde estamos, de onde viemos e para onde vamos?* não tardou a percepção que nos guiávamos por uma bússola onde o norte é o *espírito* e as outras coordenadas são a *linguagem*, a *cultura* e o *cérebro*, seguindo a direcção da linguagem.

É então aí que percebemos que a nossa linguagem, a nossa língua portuguesa, tem uma dimensão absurdamente superior à nossa cultura, cérebro e espírito. É aí que reside o erro, na desproporcionalidade entre esses elementos. Se na dialógica em que o cérebro gera linguagem que gera cultura, que por sua vez, gera espírito e vice-versa, porque é que falha o processo em que a linguagem geraria cultura e cérebro, que geraria espírito? Porque reluta o nosso espírito, cultura e cérebro em expandir à proporção da nossa linguagem?

Esta percepção de algo que está profundamente errado, advém de uma longa gestação – que se inicia paralela ao desenvolvimento da consciência e identidade individual e social, e se torna confluyente – alimentada por um interesse e curiosidade pela “História de Portugal” e dos descobrimentos à volta do mundo, inflamada por uma incapacidade, inata, de acatar o instituído *orgulho nacional irracional*. Esta história mitológica de Portugal, que tem de facto aspectos fantásticos, podia, e deveria, ter sido apenas e

verdadeiramente fantástica, por ter sido a história de como um povo se tornou muitos povos e como muitos povos se tornaram um só. Mas não, esta é a história da única coisa que ficou, da única dádiva que, sem querer, se deu, porque é da sua natureza dar-se, esta é a História da Língua Portuguesa. Esta é a história de um povo pequeno, com uma língua pequena que se tornou gigante, mas o seu povo não, manteve-se do mesmo tamanho. A história de Portugal continua, a história da língua portuguesa permanece suspensa, envolta em tabu, reprimida nas profundezas do ego individual e social, blindado pelo orgulho nacional, incapazes de admitir o erro e de crescer.

Mudámos o nome da Ponte Salazar para Ponte 25 de Abril, mas mantivemos o Padrão dos Descobrimentos, abandonámos o fascismo, mas mantivemos o mesmo nacionalismo? Abandonámos as colónias, mas teremos abandonado o colonialismo? Onde está o “Padrão dos Descobertos”? Onde está a homenagem e demonstração de respeito pelos outros, cuja força e vida, foi tirada e se encontra nas fundações deste país? Onde está o memorial às vítimas da escravatura? Temos Monumento aos Combatentes do Ultramar, a homenagear aqueles que combateram pela pátria, onde está o monumento dos que “não combateram” pela pátria, porque combatiam pela democracia e pela auto-determinação dos povos? Onde está o memorial às vítimas da Guerra Colonial? Onde está a homenagem e reconhecimento dos “outros capitães de abril”, Amílcar Cabral, Agostinho Neto, Eduardo Mondlane?

Somos, desde que nascemos em território português, instruídos e encheidos de um orgulho nacional identitário, orgulho imperialista e colonialista, do qual a língua é um mero resquício que serve de prova, sustentado pelos “outros”, os brasileiros, os angolanos, que falam a “nossa” língua. Somos nós, os portugueses, donos da língua? A língua pertence-nos, ou nós pertencemos à língua?

É a língua portuguesa a nossa última e remanescente colónia?

Percebemos assim de onde vem esta propriedade individual e social sobre a língua, do nacionalismo imperialista remanescente no nosso profundo âmago identitário. Até quando? Até quando vamos sustentar essa limitação impregnada na nossa cultura, esse erro, que nos limita cérebro e espírito e nos impede de atingir o tamanho da nossa linguagem? Até quando vamos sustentar este bloqueio num dos elementos, que gera este desequilíbrio na dialógica cérebro-linguagem-cultura-espírito, que devia gerar a evolução do indivíduo e da sociedade?

A língua, tal como a vida, é uma dádiva, sem darmos por isso nascemos, sem darmos por isso estamos a falar a nossa língua materna. Não escolhemos nascer, não escolhemos falar português, não escolhemos a história que nos cabe, cabe-nos fazer dela o melhor

uso que soubermos. Não saberemos melhor que isto? Dá-la sem querer, apenas porque é da natureza dela dar-se? Não somos capazes de partilhá-la conscientemente? Não somos capazes de desconstruir os muros entre “nós” e o “outro” e sermos apenas nós? Se fomos capazes de construir um “nós” europeu, não conseguimos construir um “nós” de língua portuguesa?

[...] as palavras estão, na verdade, terrivelmente cansadas e velhas, gastas. Transportam a bagagem de outros demasiado tempo. A única maneira de as recuperar é fervê-las, limpá-las com Brasso, libertá-las nos espelhos e usá-las com moderação.¹⁵⁵

A história da expansão portuguesa também é a dos seus horrores e a das suas vítimas. Branqueá-la para evitar julgamentos morais sempre serviu melhor a direita reacionária do que o prestígio dos nossos alegados antepassados.¹⁵⁶

Apesar da descolonização política, a psique nacional reitera os hábitos mentais do colonizador; e assim, na consciência de muitos, Portugal ainda é império. Por outro lado, boa parte do comentariado tradicional desqualifica as leituras alternativas da história como anacrónicas, estrangeiradas e “incordiais”. A quem serve a hegemonia lusotropical e quem são os seus cultores? Um ensaio sobre a eterna leveza do anacronismo e os guardiães do consenso lusotropical [...]

De facto, nem o 25 de Abril nem as independências africanas beliscaram o consenso ideológico em torno do lusotropicalismo. Apesar da descolonização política, que teve lugar no pós-25 de Abril, a psique nacional reitera repetidamente os hábitos mentais do colonizador; e assim, na consciência de muitos, Portugal ainda é império [...]

Outro contributo narrativo e representacional é dado pela internacionalização da universidade, o incremento da mobilidade dos académicos portugueses e o crescente interesse de estrangeiros nos arquivos coloniais portugueses. Mas a questão da descolonização, que também é académica, configura, na sua essência, um problema de cidadania e representação democrática.¹⁵⁷

Num primeiro momento – o capítulo Novo Olhar – A Humanização da História – procura-se, bradar a verdade histórica, com o objectivo primordial humanizar a história

e desenvolver um novo olhar sobre esta. Isto, tem duas motivações distintas, mas complementares, numa luta pela dissipação da polarização social dentro da sociedade de língua portuguesa: por um lado a urgência de desconstruir o *branqueamento da história*, olhar construído pela perspectiva do povo ex-colono; por outro travar a crescente rejeição do passado, da influência e língua portuguesa, olhar em construção pela perspectiva do povo ex-colonizado.

Enquanto em Portugal se construiu, ao longo de séculos, o referido *orgulho nacional irracional* que se imprimiu na sociedade e identidade portuguesa, sustentado pelo desenvolvimento desta *mitologia nacional*, que depois se reflecte, de forma mais activa ou mais passiva, em todos os aspectos das dialógicas sociedade-indivíduo e indivíduo-sociedade, desde os conteúdos que se ensinam na disciplina de história, à maneira como se ensinam, ao hino nacional, aos monumentos que se erguem ou se mantêm, à esfera armilar e a toda a simbologia e signos nacionais, tudo faz parte de uma narrativa que busca, inegavelmente, a aceitação inconsciente, a defesa e desresponsabilização perante toda a conotação negativa da história, blindada pelo eterno argumento do anacronismo, em detrimento de um processo de constante reflexão ponderada e consciente e de desenvolvimento da consciência; nos outros países de língua portuguesa, principalmente os do colonialismo tardio, os PALOP, procuraram, após a independência, de modo instintivo – e perfeitamente compassível – “exorcizar” o espírito português e colonial que os atormentava à meio milénio, dilacerando a sociedade e, conseqüentemente, a si próprios. Prova palpável disso, foi todo o património vandalizado e mesmo destruído, e o restante que se renegou e abandonou, que definha, moribundo, até aos dias de hoje, à espera de ser salvo. Países muito novos na sua independência, com muito trabalho pela frente em todos as frentes, que se debatem com a construção política e económica, onde a construção e consolidação identitária, cultural e educativa, fundamental, fica ainda mais relegada no segundo ou terceiro plano, onde a história que se aprende ainda é a de Portugal à maneira de Portugal, o que perpetua a irresolução social e individual, e a relação controversa e distópica com Portugal, com a história e com a sua própria língua.

Defendemos e clarificamos também aqui, a inquestionável responsabilidade portuguesa e dos portugueses, que deve ser assumida em todos os momentos – e na própria identidade – pelo bem da sociedade de língua portuguesa, visto que foi Portugal que deu origem a esta sociedade complexa e não os restantes países de língua portuguesa.

Cabe-nos, não só assumir responsabilidade pelo nosso olhar branqueador da história, como também, certa parte, pelo olhar do outro, de crescente rejeição da história, influência e língua portuguesa. Isto, porque além desse olhar do outro ter ficado

profundamente ferido pelos 13 anos de guerra mais absurdos da história da língua portuguesa, pela ausência de processo de descolonização e de qualquer pacifismo, seguido de um ambíguo abandono depois do 25 de Abril, o nosso olhar *negativo*, inibe as difíceis hipóteses de o olhar do outro evoluir *positivamente*, o que gera, a título de exemplo e de modo generalizado, que o povo cabo-verdiano tenha focado a construção e definição da sua identidade com base na língua crioula, deixando a língua portuguesa, que os liga não só a Portugal mas também aos outros países irmãos de língua portuguesa, remetida a um papel secundário, ou que o povo angolano siga um processo identitário que rejeita a influência portuguesa e busca o passado pré-colonial, à margem da cicatriz de quinhentos anos de história. Mas como poderia ser de outra maneira, se o olhar branqueador da história, rejeita implicitamente, ignora, ou apropria-se indevidamente de toda a influência africana, numa sociedade portuguesa fechada para a sociedade de língua portuguesa?

O ego português, que tantas vezes se enche de si mesmo para proclamar como influenciou tantos povos, em continentes tão distantes, quando será capaz de se permitir receber, aceitar e orgulhar-se da influência dos outros? Quando é que este será capaz de reconhecer em si, a riqueza da influência que, inevitavelmente, recebeu dos que influenciou? Quando é que este será capaz de compreender que a cultura portuguesa reside dentro da cultura de língua portuguesa e não ao contrário?

Pode perceber-se, já neste ponto, um dos muitos motivos, do porquê da urgência da criação do conceito e disciplina da História da Língua Portuguesa, como base de definição e desenvolvimento do conceito de cultura de língua portuguesa, para a criação e consolidação de uma identidade de língua portuguesa, para o desenvolvimento de uma, unida, sociedade de língua portuguesa.

Refuta-se agora explicitamente, o que implicitamente se tem refutado desde o início deste trabalho e para que ele pudesse nascer, qualquer ideologia repressora, anacrónica ou não, e rejeita-se qualquer ideologia que desligue a relação da consciência e do espírito com a história, que é a nossa memória social, que molda a nossa identidade social, manifestando-se na nossa identidade e memória individual. O anacronismo é sempre apregoado como escudo de perpetuação da história como mera sucessão de factos, desumanizados e desumanizantes, onde todas as questões resultantes se tornam irrelevantes pela prescrição temporal, retirando da história a sua essência fundamental, a razão de se a estudar, que é a da evolução humana e da humanidade. É a questão que Morim põe como o *conhecimento do conhecimento*, visto que conhecimento sem aplicação é inútil, é o conhecimento fechado sobre si mesmo. Conhecimento sobre a

história é importante, mas inútil sem o conhecimento sobre como e para que usar esse conhecimento. Quanto à ideia de *prescrição da história*, surgem questões que dariam outra dissertação, visto que, na verdade, o fim do colonialismo remonta ao período moderno, quando mantivemos o Império Colonial, mesmo já depois do surgimento da ONU e da proclamação da Declaração Universal dos Direitos Humanos, a 10 de Dezembro de 1948, quando ao longo de toda a história sempre houve filantropos que defenderam o fim da escravatura ou simplesmente se recusaram a praticá-la, quando, como já aqui foi referido, D. Sebastião decretou a abolição da escravidão de ameríndios não-hostis à presença portuguesa, ou em 1595 foi aboliu o tráfico de escravos chineses, ou quando o nosso partilhado rei D. Pedro IV deixou nas suas últimas palavras, em 1834, o sonho de um mundo sem escravatura.

*Escravidão é um mal, e um ataque contra os direitos e dignidade da espécie humana, porém suas consequências são menos prejudiciais para aqueles que sofrem no cativeiro do que para a Nação cujas leis permitem a escravidão. Ela é um câncer que devora a moralidade.*¹⁵⁸

Conclui-se, em relação ao uso indevido do argumento do anacronismo, que este, desligando a história e o conhecimento que se extrai dela, do trabalho que este deve depois exercer na consciência e no espírito, serve a função de proporcionar, facilitar e perpetuar, a manutenção dos males do passado, que assim têm ambiente propício para se adaptarem ao presente.

A título de exemplo e de prova de como estas temáticas são tão relevantes na sociedade contemporânea, pode perceber-se, indubitavelmente, que o problema do racismo na sociedade capitalista contemporânea, advém da passada escravatura da sociedade colonialista. Dependendo da maneira como se deu o processo colonial e de descolonização, o racismo actual, estrutural e institucional, social e individual, revela-se de maneira mais activa ou mais passiva, directa ou indirectamente. Podemos também observar no caso da sociedade de língua portuguesa, apesar do colono e colonialismo comum, de maior tendência de miscigenação do que segregação – o que só por si já cria diferenças com países de colonialismo de maior tendência de segregação – todos os países têm diferentes níveis de racismo na sociedade interna, de diferentes graus de complexidade; por exemplo, enquanto Angola teve um colonialismo longo e estável – com ocupação efectiva tardia – sempre binário entre povo autóctone e portugueses, no Brasil, trata-se de uma base social trinitária, constituída por povo autóctone, portugueses e a diáspora africana, só por si mais complexa, exponenciada ainda por outras influências que se foram estabelecendo ao longo do tempo, como a ocupação holandesa, ou mais

tarde a imigração italiana. Essa multipolaridade da problemática do racismo na complexa sociedade de língua portuguesa, não invalida que possa e deva haver, definição de políticas e metas comuns, e uma união dos países de língua portuguesa, na luta contra o racismo dentro da sociedade de língua portuguesa, a exemplo do que acontece na União Europeia, extensível a todos os aspectos da sociedade.

Daqui resulta a conclusão que não basta conhecer a história, é preciso usar o conhecimento desta, para desenvolver a *consciência histórica*, a partir da qual podemos criar e desenvolver o *novo olhar*.

De um lado temos então o olhar que se mantém velho, à margem da evolução humana, de outro, e absolutamente compreensível, assiste-se, nos ainda tão “novos” países de língua portuguesa, a um olhar que tenta ser novo, à margem das cicatrizes do passado, assim, a primeira parte deste trabalho pretende dissolver esta polaridade e este olhar binário, encontrando um olhar comum, um olhar complexo, um olhar agregador, um olhar que não é o do ex-colono, nem o do ex-colonizado, mas sim um olhar partilhado sobre a história, cultura e identidade de língua portuguesa, o olhar de língua portuguesa, um olhar que fale a mesma língua.

E porem contaremos aquy este acontecimento, ainda que triste seja, porque nossa estorya leve sua direita ordenança.¹⁵⁹

A grandeza das cousas, respondeo o Iffante, he muytas vezes desprezada, onde alguãas pequenas som muyto louvadas; porque melhor he o pequeno coração que liberalmente se outorga, que o grande corpo que escassamente oferece sua parte. E porem o oferecymto de vossas boas voontades traz consigo mayor valor, que grandes serviços doutros mais poderosos, que me com tam boõ desejo nom fossem outrogados;¹⁶⁰

O primeiro capítulo busca então o *olhar de língua portuguesa*, um olhar comum, pautado pela verdade e pelo humanismo, um olhar que busca a verdade histórica e uma visão mais humana da história.

A verdade, reside em olhar para a história na íntegra, sem excluir nada, nem o melhor nem o pior que ela revela, para que a dialógica passado-presente-futuro leve a direita ordenança, contra o branqueamento da história, que realça e embeleza certas histórias

dentro da história, enquanto eufemiza e oculta outras, que não servem a versão pretendida, em prol de uma narrativa mitológica, poética e heróica do passado.

Esse capítulo, teve início sem sabermos onde terminaria, intuindo que haveríamos de encontrar aquilo que procurávamos, embora sem saber ao certo o que era. Terminou a busca, ao encontrar a primeira grande mancha nesse tão protegido pano da história da expansão portuguesa, ao encontrar a primeira grande história que ninguém conta nem fala, deixando que esta, desvanecida na penumbra da memória, se esvaia em esquecimento. É a história da primeira grande chegada de escravos a Portugal, a 8 de Agosto de 1444, provenientes da actual Mauritânia, perpetrada por Lançarote de Freitas, e contada por Gomes Eannes de Azurara, que presenciou aquele fatídico dia.

Podemos assim pelos olhos de Azurara, viajar no tempo, e ver que não houve naquele tempo – tal como podemos ver com os nossos olhos no presente – nada de poético, nem heróico, em capturar, raptar, traficar e escravizar seres humanos.

Queremos ainda realçar desse capítulo XXV^o, intitulado *Como o autor aqui razoa um pouco sobre a piedade que há daquelas gentes, e como foi feita a partilha*, o facto de, apesar do autor se encontrar a 504 anos de distância da proclamação da Declaração Universal dos Direitos Humanos, ir demonstrando dúvidas quanto ao comportamento dos portugueses em relação aqueles seres humanos. Discretamente, durante desenrolar da história, e de forma clara, chegou aquele episódio desumanizante, da divisão e venda daqueles cativos – que ele trata por *gentes*, humanizando-os – subentende-se, pontualmente, um certo diálogo interno que autor fazia em simultâneo. O *escritor*, conta a *história*, como lhe havia sido encomendada, com base nos testemunhos e documentos de que dispunha; mas a história gera no *humano*, questões, pensamentos e sentimentos complexos, geradores de compaixão que levam ao humanismo e ao desenvolvimento da consciência; que influenciam o *escritor*, que não se coíbe de dar o seu cunho autoral e, subtilmente, parece tentar imprimir na sua crónica, essas questões que a história despertou nele; tentando, certamente, despertar no leitor essas mesmas questões e, conjecturamos com base na subtileza, principalmente em quem lhe encomendou a obra, o Rei D. Afonso V.

Se me ante maravilhava do padecimento de Joham Frrz acerca de sua governança, pouco menos me maravilho da afeição que lhe os moradores daquela terra tomarom, e ja seja que fosse sua afabillidade muy grande pera qualquer outra gente, antre aquelles maravilhoume como pode aver lugar, ca me certificarom que quando se partira

daquelles com que nos passados sete meses conversara, muytos delles choravom com soydoso pensamento.

Mas pera que fallo eu estas cousas em quanto sey que somos todos filhos de Adam, compostos de huus meesmos ellamentos, e que todos recebemos alma come criaturas razoavees!¹⁶¹

Quem? O quê? Quando? Onde? Como? Porquê?

Estas são as perguntas primárias que se põem quando se fala de história, mas quase sempre respondidas de forma simplória e redutora – e tendenciosa, como tem vindo a ser referido – de forma enciclopédica e não holística, e principalmente a primeira – Quem? – é de todas a mais negligenciada, ficando quase sempre reduzida a um nome e um rótulo, referente ao seu título e actividade.

Nesta busca pelo lado humano da história, o descobrimento dos agentes dos descobrimentos, o humano que mais interesse e curiosidade despertava era, obviamente, o complexo e misterioso infante D. Henrique, figura central, na base de toda esta identidade portuguesa e na base da nossa, mal-amanhada, sociedade de língua portuguesa, seguindo-se os navegadores, e a investigação sobre como começou a atrocidade do comércio de escravos e quem foram esses primeiros escravos.

No entanto, discreta e inesperadamente, acaba por ser quem nos conta a história, Azurara, a figura que no final nos suscita mais questões, que vão de encontro às deste trabalho, e é quem nos revela o lado mais humano e ao mesmo tempo, o intrínseco lado mais próximo da verdade da história. É assim com o autor de *Chronica do Descobrimento e Conquista de Guiné*, que o autor desta dissertação se identifica e se vê reflectido no ténue espelho do tempo, perante submersão no trabalho teórico presente, que dialoga e funde com o do passado, nesta crónica da história de língua portuguesa, e reflexão em busca da construção da identidade de língua portuguesa.

Mas para que digo eu estas coisas, se sei que o tempo é um conceito complexo do qual o ser humano sabe ainda tão pouco, e é certo que estamos todos ligados à margem dele. Prova disso, é o diálogo que aqui se estabeleceu com o passado, em busca da percepção deste presente, para que se construa o futuro.

Podemos também concluir que apesar de Azurara ser, certamente, um dos seres mais letrados do seu tempo e ter um papel relevante e voz na sociedade portuguesa, sendo cronista oficial do reino e guarda-mor da Torre do Tombo, as questões humanísticas levantadas por este na sua crónica, repercutiram pouco ou nada na sociedade do seu tempo, que seguiu na mesma o seu curso de desenvolvimento tecnológico e económico – sem desenvolvimento da tecnologia primordial humana, a consciência – que aqui

estudámos, e as consequências que teve para a desumanidade da humanidade. Esperamos, profundamente, pelo bem da – nossa – sociedade de língua portuguesa, que a presente dissertação tenha melhor sorte, para que possamos no mundo descoberto, descobrir a humanidade contida nele.

Bem podemos conhecer pellos aqueecimentos destes homees, que a mayor parte dos feitos do mundo som mais sogeitos aa fortuna que aa rezom.¹⁶²

3.1.1 O Infante

Para desconstruir este branqueamento da história e esta narrativa mitológica que construiu esta dicotomia, que faz o herói aos olhos de uns e o vilão aos olhos de outros, queremos começar por afirmar, categoricamente, e para os dois lados deste binário, que o infante D. Henrique, era apenas um ser humano. Filho do rei e terceiro na linha de sucessão, o que tornava altamente improvável a sua ascensão ao trono, seguiu, como era prática comum no seu tempo, a via clerical e espiritual, embora sem se tornar oficialmente clérigo – mantendo assim sempre o estatuto de infante – mas assumindo, a 25 de Maio de 1420, o cargo de governador da Ordem de Cristo. Denota logo assim certo pioneirismo, ao tornar-se o primeiro mestre não-canónico, num meio pouco dado a mudanças. Antes disso, havia já começado a lançar expedições ao mar que haviam já descoberto a ilha de Porto Santo em 1418 e da Madeira no ano seguinte, demonstrando vocação de empreendedor. Mas, é ao comando da Ordem de Cristo que irá despontar e revelar um carácter, de facto, *sui generis*, dando realmente força à expansão marítima. Passa, muitas vezes, despercebido na narrativa da hegemonia marítima portuguesa, este árduo, dispendioso e nada lucrativo processo inicial, com custos assumidos muitas vezes pelo infante a título pessoal, e sustentado unicamente pelo infante e por uma tremenda fé que este teria de ter no futuro e hipotético sucesso, e entende-se, acompanhada de uma enorme devoção a Deus e á Igreja Católica, que lhe conferia esse espírito de missão – de levar o cristianismo ao mundo desconhecido – e lhe dava essa capacidade de resistir e continuar a investir, em algo aparentemente inútil à maioria dos olhos. Podemos observar pela cronologia, que passaram 14 anos desde a assunção do cargo de governador da Ordem de Cristo e o cumprimento do primeiro objectivo de passar o Cabo Bojador; o que olhando pelo telescópio do tempo histórico, parece pouco, mas se tivermos em conta que o infante viveu 66 anos, num período em que a esperança média de vida seria substancialmente inferior, conseguimos perceber melhor a escala real desse período.

Como passaremos, deziã elles, os termos que poserom nossos padres, ou que proveito pode trazer ao iffante a perdiçom de nossas almas, juntamente com os corpos, ca conhecidamente seremos omecidas de nos meesmos? Por ventura nom foram em Spanha outros principes, nem senhores, tam cobiiçosos desta sabedorya como o iffante nosso senhor? Por certo nom he de presomyr que antre tantos e tam nobres, e que tam grandes e tam altos feitos fezerom por honra de sua memorya, nom fora alguu que se dello nom atremetera. Mas seendo manifestos do perigoo, e fora da esperança da honra nem proveito, cessarom de o fazer.¹⁶³

E o que peor era que a alem dos vulgares do povo, os outros mayores fallavam em ello casy por maneira descarnho, tendo que eram despesas e trabalhos de que nom podya viir alguu proveito. Mas quando viram os primeiros Mouros, e segundos, steverom ja quanto dovidosos de sua primeira tençom, a qual de todo tenerom por errada quando viram a terceira presa que trouxe Nuno Tristam, cobrada em tam breve tempo, e com tam pequeno trabalho; e constrangidos da necessidade, confessavam sua mingua, avendosse por neiceos pello que ante nom conhecerom, pello qual lhes era forçado de tornarem suas reprehensões em publicos louvores, ca manifestamente diziam que o Iffante nom podya ser senom que era outro Alexandre, e desy a cobiiça começavalhes de crecer, veendo as casas dos outros cheas de servos e servas, e suas fazendas acrecentadas [...]¹⁶⁴

Constou-se ao longo de todo o estudo, ao contrário da narrativa vigente, que nem mesmo o rei – muito menos o infante – era verdadeiramente absoluto e ainda menos, incontestável, e a opinião pública, das classes baixas às altas, flutuava naturalmente, como nos dias de hoje, e tinha o seu peso e os seus efeitos colaterais na sociedade. Como se pode concluir por este excerto, apesar da bem construída imagem do infante e denotada solidez no referente à inteligência social, a sobreposição de 15 expedições falhadas, com a missão de sobrepujar o dito cabo, denegriam progressivamente a opinião pública em torno deste e das suas pretensões externas. Isto acontecia tanto nas classes mais altas, onde o escárnio recaía sobre o desbaratar financeiro em buscas utópicas, como nas mais baixas, onde especialmente os marinheiros, se permeavam aos sentimentos de desmoralização, dúvida, temor do desperdício das vidas, e à ideia crescente que expedição do infante era ir ao mar cometer suicídio.

Não obstante, Lagos, como referimos anteriormente, havia-se tornado o epicentro da navegação da Europa, onde se misturavam os saberes, do académico ao prático dos homens do mar, dos intelectuais aos carpinteiros, dos matemáticos aos pilotos, dos cosmógrafos e dos cartógrafos, homens de saber que o Infante contratava, alguns, inclusive, vindos de propósito do estrangeiro para ali acrescentarem e desenvolverem o seu conhecimento. A *escola* que se aqui se fez, era a de um conjunto de homens de saberes diversificados, a trabalhar em sintonia, a produzir o novo conhecimento, que nos levariam a novos mares e ao novo mundo. Havia uma nova maneira de navegar, havia uma nova maneira de construir navios, o avanço tecnológico que se produzia em terra e a experiência que se adquiria no mar levaram a que em 1482, Gil Eannes – à segunda – finalmente dobrasse o Cabo Bojador.

O infante D. Henrique fundou de facto uma vila no Algarve. Já proprietário de casas em Lagos e na Raposeira, em 1443, pediu a seu irmão, o regente D. Pedro, que lhe concedesse a região inóspita do promontório de Sagres, para aí fundar uma vila – entenda-se vila como solar, onde seria a sua casa. O pedido foi acedido, a 22 de Outubro desse mesmo ano, e a vila foi fundada no lugar de Terçanabal. Documentos indiciam que a nova vila terá sido fundada sobre ruínas de um lugar outrora habitado. O infante deixou convenientemente explicitados os objectivos da fundação desta vila, numa carta testamentária, datada de 19 de Setembro de 1460. Esta seria um ponto de assistência aos navegadores que por lá passassem perto e precisassem de mantimentos ou de aguardar por boas condições de navegação.

Aí, a trinta quilómetros de Lagos – que se havia transformado numa vila cosmopolita – o místico infante D. Henrique, aos 49 anos, poucas semanas depois da notícia da morte do infante D. Fernando, decide isolar-se e consolidar esse modo de vida asceta. Vida essa, sempre pautada pela abnegação, de um infante que nasceu sem poder ser rei, de um homem muito ligado à fé cristã, mas que não se tornou clérigo, e que também nunca quis formar família, havendo inclusive indícios de que terá morrido virgem, ficando e mantendo-se assim, absolutamente *sui generis*, situado num límbico ponto intermédio de uma trindade entre as três vias, régia, clerical e comum mortal; numa sociedade patriarcal – ainda hoje, naquele tempo ainda mais – nem rei, nem padre, nem pai.

Escolheu assim este local, no extremo sudoeste da Europa, onde construiu o seu próprio “convento”, para aqui viver até aos seus últimos dias, em recolhimento, na sua busca por Deus e na expiação da morte do irmão D. Fernando, que morreu no seu lugar.

O infante, detentor de uma enorme inteligência social, que lhe conferia uma extraordinária capacidade manipulativa, sempre capaz de resolver os conflitos da corte

e de convencer os marinheiros a vencerem o medo, foi também capaz, mesmo a partir do isolamento em Sagres, de criar a narrativa e culto do Infante Santo. Não sendo o primeiro exemplo de manipulação da história – sendo que o primeiro de Portugal é imediatamente na sua gênese, na celebre Batalha de Ourique – serve este de exemplo flagrante do poder manipulativo da narrativa, e para a construção desse culto, o infante D. Henrique foca-se em dois pontos, o material e o imaterial; o material, o objecto que servirá de corpo ao culto, são as vísceras do irmão, que o infante D. Henrique consegue que venham para Portugal, em 1450, depois usadas para dar início ao túmulo do infante D. Fernando no Mosteiro da Batalha; o imaterial, é a narrativa do Infante Santo que deu a vida por Portugal ao invés da verdade, do infante D. Henrique que deixou o seu irmão para morrer no seu lugar, crónica que este encomenda a Frei João Álvares – que havia sido prisioneiro juntamente com D. Fernando, e que, estrategicamente, credibiliza qualquer versão que escolham contar – e que este começa a escrever em 1451 e termina 9 anos depois, coincidindo com o ano da morte do infante D. Henrique. Coincidência, ou co-autoria? Aí viverá o infante, nesse ermo que escolheu para morrer sozinho, cumprindo-se a sua vontade a 13 de novembro de 1460.

Um homem que nunca foi rei, nunca foi regente, mas que se manteve sempre muito próximo do poder, que não o corporizava, mas que o controlava, as circunstâncias mudavam, aqueles que o corporizavam também, mas a influência do infante mantinha-se, constante. Homem que buscava Deus, mas perdeu na sua “guerra santa”, e como que Deus não se tivesse feito bem ouvir, faltou com a sua palavra e pagou com o irmão. Homem místico e complexo, mas humano como os outros – cheio de falhas – e não um semideus como nos é narrado, a quem calhou, afortunadamente, capacidade e meios para fazer aquilo – que aqui estudamos – e a quem não calhou capacidade para mais – que aqui propomos. Queria levar Deus, que não soube ouvir ao mundo e, sem querer, deu início àquele que haveria de ser o flagelo da escravatura, mas sem querer, iniciou também o processo que levou a língua portuguesa ao mundo, e por isso, uma figura incontornável desta nossa identidade de língua portuguesa, ainda por se cumprir. Inconsciente sobre a repercussão das suas acções, num mundo que nem conhecia completamente, chegam a nós o pior e o melhor do que de si e do seu tempo, reverberou até ao presente, cabe-nos, a nós que o conhecemos um pouco melhor, desenvolver a consciência da consciência, para a compreendermos e a sabermos usar, para que possamos cortar com o pior, para que o melhor se possa desenvolver, e para que possamos traçar a nossa nova rota da língua portuguesa, que reverberará, incontornavelmente, no futuro.

Os Canareos lha outorgarom sem nhua referta, como homees que tiinham suas voontades mais inclinadas a lhe aproveitar que a empecer. Ally chegarom logo dous capitaães daquela ilha, dizendo como eram servidores do iffante dom Henrique, e nom sem grande rezom, ca elles foram ja em casa delRey de Castella e delRey de Portugal, e que nunca em alguu delles acharom as mercees que despois ouverom do iffante dom Henrique; ca seendo em sua casa acharom em elle muy boõ acolhimento em quanto em ella esteverom, e em fim que os vestira muy bem, e os mandara em seus navyos pera sua terra, pello qual eram muyto prestes pera todo seu serviço. Pois, disserom os outros das caravellas, e nós seus criados e servidores somos [...]»¹⁶⁵

Podemos aqui observar como, estrategicamente, o infante D. Henrique, agora por uma via mais diplomática – depois da, bélica, tentativa falhada de conquista em 1424 – continuava a investir na pretensão pelas ilhas Canárias. Esta só ficaria resolvida com o Tratado de Alcáçovas, a favor da soberania de Castela sobre este território, em 1479, 19 anos depois da morte do infante.

Qual serya aquelle que podesse departyr tamanha contenda que ha antre os sabedores, acerca do nacimiento e poderyo deste ryo, ca Alexandre, que foe o mais poderoso dos reis aquem a provencia de Memfis do Egipto orava, ouve enveja do Nillo, porque nom pode saber o feito do nacimiento delle, seendo senhor do mundo! E nom soamente foe esta cobiiça em elle, mas ainda nos reis do Egipto, e nos de Persya, e nos de Macedonya, e nos de Grecia.»¹⁶⁶

Todos estes segredos e maravilhas trouve o engenho do nosso principe ante os olhos dos naturaes do nosso regno; ca posto que todallas cousas de que falley das maravilhas do Nillo, per seus olhos nom podessem seer vistas, o que fora impossivel, grande cousa foe chegarem ally os seus navyos (1), onde nunca he achado per scriptura que outro alguu navyo destas partes chegasse;

(1) Tam grande era a influencia da geografia systematica dos antigos sobre a imaginação dos Portuguezes do seculo XV^o que chegando ao Senegal, e vendo que a agua era doce junto da embocadura, e mui clara, do mesmo modo que a do Nilo (Nulli fluminum dulcior gustus est, dizia

Seneca), vendo os mesmos phenomenos não duvidarão um só momento do descobrimento do Nilo dos negros (do Niger).¹⁶⁷

Desy tomarom augua, e seguirom mais avante, atee que acharom outra ilha, naqual viram pelles frescas de cabras, e outras cousas, perque conhecerom que outras caravellas seguirom avante; e por certificação sua acharom nas arvores entalhadas as armas do iffante, e isso meesmo letras em que estava o seu moto. Por certo eu dovido, diz o autor, se despois do grande poderyo de Alexandre e de Cesar, foe alguu principe no mundo que tam longe de sua terra mandasse poer os malhoões de sua conquista!¹⁶⁸

Cobiça

s.f. (sXIII)

1 desejo ardente de possuir ou conseguir alguma coisa

1.1 desejo imoderado de bens, riquezas ou honras; ambição, avidez, concupiscência¹⁶⁹

Concluimos finalmente, com base na observação destes excertos e pelo tom do autor que, sem sombra de dúvida, era este – a descoberta do rio Nilo e da sua nascente – o primordial objectivo do infante D. Henrique. As palavras vangloriosas de Azurara ao referir-se à vitória do infante, sobre a cobiça dos reis mais poderosos da história, denotam essa mesma cobiça no infante, de saber mais do que esses reis souberam, sabendo certamente que saber é poder. A cobiça pelo saber é certa, a cobiça pelo poder do saber é menos certa, mas assinala-se o ego, a ambição e ousadia de competir com os reis mais poderosos do passado, e almejar saber mais do que estes com todo o seu poder souberam.

Queremos ainda realçar, que esta crítica que aqui se faz, não é de todo pejorativa, já que o ego, a ambição e ousadia foram características absolutamente imprescindíveis, para sustentar essa energia de descoberta, em busca da nascente do rio Nilo e do mundo; que talvez nem seja sequer tão grande quanto o ego, ambição e ousadia necessárias para sustentar esta energia de cobiça, da consciência, da redescoberta e, essencialmente, de união, do mundo de língua portuguesa, da presente dissertação.

O ego inflamado, a ambição desmedida, e a cobiça não são atributos apenas pejorativos, como comumente lhes é conotado, mas sim complexos, que tanto podem ser negativos como positivos, dependendo daquilo que se cobiça, ambiciona, e qual a chama que inflama o ego. Assim sendo, aquilo que define se essa energia é positiva ou negativa, tanto

para o indivíduo como para a sociedade, é o crivo da consciência, que deve ser sempre superior e evoluir proporcionalmente; quanto maior o ego e a ambição, maior e mais holística tem de ser a consciência.

Sendo essa cobiça do saber a derradeira motivação do infante e a essência dos descobrimentos, tudo o resto, no que respeita à expansão, é secundário, tal como a devoção a Deus e à pátria, e a expansão de Deus e da pátria, e a nobreza no seu dever de lhe servir, que tanto lhe conotam e louvam, na tentativa de o tornar um semideus da mitologia nacional. Comprova o, aqui lembrado, desinteresse pela captura de seres humanos, embora recebesse sempre o quinto que lhe competia, realçando que foco do infante era que fossem além, sempre mais além do que o anterior fora.

Desinteresse este, que tanto se esforçaram e esforçam por demonstrar, não com os objectivos que aqui se revelam neste trabalho, mas sempre com intenção de higienizar as impurezas dessa fábula histórica, que gera a mitologia e os semideuses, pelos quais se constroem os padrões e os panteões, e assim se forma a noosfera da identidade nacional. O infante deu-se ao serviço da fé e da pátria ou serviu-se da fé e da pátria, para saciar a sua cobiça pelo saber? Sendo o ser humano um ser complexo, e não binário, as duas estão certas.

Tanto a divinização a semideus do infante, como a objectificação do escravo, são desumanização inconsciente do homem, e quem as pratica, de si próprio. Aquele que pratica a desumanização, não ama a humanidade, logo não se ama a si próprio, aquele que não se ama a si próprio, não pode amar ninguém.

Inconsciente, porque mesmo quem pratica a desumanização com percepção de que a está a cometer, achando que com isso beneficia o seu interesse pessoal, não é consciente que o que faz ao outro se repercute em si próprio; o indivíduo que desumaniza, já está mais desumanizado do que o que será alvo da desumanização, e ao desumanizar o outro, desumaniza-se também a si ainda mais, criando um ciclo de desumanização.

Percebe-se assim, que desde que existe humanidade, é constante a urgência de criar, e sermos nós próprios, ciclos de humanização da humanidade, do qual este trabalho pretende ser mais um, e que gere muitos mais.

3.1.2 Os Marinheiros

Deus

[...] e elles chamando Santiago, sam Jorge, Portugal, derom sobre elles, matando e prendendo quanto podyam. Ally poderiees veer madres

desemparar filhos, e maridos, molheres, trabalhando cadahuu de fogir quanto mais podya. E huus se afogavam sob as auguas, outros pensavam de guareceer sob suas cabanas, outros scondyam os filhos de baixo dos limos, por cuidarem de os scapar, onde os despois achavom. E em fim nosso senhor Deos, que a todo bem da remuneraçom, quis que pollo trabalho que tiinham tomado por seu serviço, aquelle dya cobrassem vitorya de seus imiigos, e gallardam e paga de seus trabalhos e despesas, cativando delles, entre homees, e molheres, e moços, clxv., a fora os que morrerom e matarom. Acabada a pelleja, louvaram todos Deos, polla muyta mercee que lhe fezera, em lhe querer assy dar vitorya, e tanto a seu salvo.¹⁷⁰

[...] mas os outros que daquela manha nom sabyam, foe necessaryo de aparelhar suas voontades a paciencia, recebendo trabalhada morte, defendendosse porem tamanho espaço como lhes a força pode dar ajuda. E assy acabarom ally sete, cujas almas Deos por sua piedade receba no lugar dos sanctos. E porque diz a sancta scriptura, que quem por outrem roga, por sy meesmo roga, prazavos aquelles que esta estorya leerdes, apresentar a Deos senhas orações, porque as suas almas por vossa entercessom recebam alguu acrecentamento em sua glorya.¹⁷¹

E se voontade he de Deos de nos ajudar, como em elle spero, pois principalmente por seu serviço aquy somos chegados, aquella ajuda que nos entom ha de fazer quando formos todos juntos, essa nos fara a estes que agora aquy somos, ou per ventura melhor, porque quanto nós sentirmos a necessarydade mayor, tanto requereremos a sua ajuda com mayor devaçom, e onde entom quando juntos fossemos, poeryamos a esperança nas forças dos homees, veendonos poucos, firmaryamos o principal socorro na sua ajuda.¹⁷²

Podemos, por aqui, observar o papel absoluto que a religião desempenhava neste período, que se percebe abrangente a toda a sociedade portuguesa, do qual os marinheiros e capitães dos navios não eram excepção, e lançando-se ao mar, ao desconhecido e contra os adversários, entende-se que a bem de o conseguirem fazer, trocavam ainda o espaço das almas reservado ao medo, pela fé cega. Repara-se assim o nível absurdo da cegueira inconsciente da devoção, ao seu Deus, e a maneira como está constante e incondicionalmente presente. No trabalho que é por servir a Deus, e que por

lhe servir fazem o certo, para eles e para a pátria – pátria essa que nasceu ela própria de um milagre e por isso da vontade de Deus – e o certo é só um, o de lhe servir, e por lhe servirem incondicionalmente a sorte estará com eles, e Deus retribuirá com a mesma incondicionalidade e os ajudará a ultrapassar todos os obstáculos e todos os adversários. Servir a Deus, por Deus, com Deus, à imagem que criaram de Deus, aos supostos desígnios de Deus, com o suposto apoio incondicional de Deus. O que quer que façam é, à partida e à chegada, mal ou bem, justificado por Deus, mesmo que ignorem e infrinjam, reiteradamente, os seus mandamentos.

Infante e honras

*Hora saibamos como Nuno Tristam, huu cavalleiro mancebo, assaz vallente e ardido, que fora criado de moço pequeno na camara do Iffante [...]*¹⁷³

*[...]vaamos aa terra dos Negros, onde ja Dinis Dyaz, com huu soo navyo, no anno passado foe fazer presa; e que mais nom façamos senom veer a terra, contando despois novas della ao Snor Iffante, parte sera de nossa honra: cheguemos todavya, pois somos tam preto, e por pouco que façamos, grande proveito nos sera. Todos disserom que era muy bem que chegassem a aquella terra, ca poderya seer que lhes darya Deos melhor vitorya que elles speravam.*¹⁷⁴

*[...] onde Lançarote, per acordo de todos os outros capitaaes, tomou a bandeira da cruzada, que lhe o Iffante dom Henrique dera; e ja sabees como os que morressem sob a dicta bandeira eram absoltos de culpa e pena, segundo o outorgamento do Santo Padre, de que ja vistes o teor do mandado;*¹⁷⁵

E este Sueiro da Costa era sogro daquelle Lançarote. E era tambem naquella capitanya, Alvaro de Freitas, comendador dAljazur, que he da Ordem de Santyago, tambem homem fidalgo, e que tiinha feitas muy grandes presas nos Mouros de Graada e de Bellamarim; e Gomez Piz, patrom delRey, de que ja teemos fallado em outro capitollo; e Rodrigueannes de Travaços, criado do Regente, que era huu scudeiro muyto ardido, e que trabalhava quanto podya por acrecentar em sua

honra. E era ainda hi, Pallenço, que era huu homem que tiinha feita muy grande guerra aos Mouros, e que toda sua vida despendeo em serviço de Deos e do regno, cometendo e acabando per sy muy grandes feitos, segundo teemos fallado na cronica geeral, depois que Cepta foe tomada. Outras boas e honradas pessoas se acertarom de seer em dicta companhia, que por nom alongarmos, leixamos de screver, assa como Gil Eannes, cavalleiro morador em aquella villa, e Stevam Affonso, e outros.¹⁷⁶

Dinis Dyaz, aquella que primeiramente passou aa terra dos Negros, e Tristam, huu dos capytaães da Ilha, que foe hi pessoalmente com huã caravella; e outra dAlvaro Gonçalvez dAtayde, que entom era ayo delRey, e depois foe Conde da Atouguya [...]¹⁷⁷

E Lançarote sayu da parte de Cerina, e foe per terra, mandando aos batees que fossem pella augua; e quando virom que nom achavom nada, disse Lançarote aos outros, que era bem que fossem avante aa ponta de terra; e forom todos acordados em ello. E em se querendo correger e recolher pera se yrem, ouvyo Lançarote zurrar huu asno. Pareceme, disse elle contra os outros, que ouço o zurro de huu asno, sentemos que vejaaes prazer, ca per ventura quer Deos que nom partamos daquy sem presa. E porque nom era duvyda no que elle ouvira, disse que o sperassem ally todos, e que irya sobre huus medoões veer que podya seer aquello. E sperando assy os outros, sobyo elle sobre os montes da area, donde esguardando pera todallas partes, vvyu os Mouros onde estavam, pero muytos mais que elles, os quaaes corregyam seus asnos, e apanhavam suas fardagees, como homees que queryam dally partyr, com pouco cuidado do que lhe a poucas horas avya de sobre viir. Verdade he que elles se trabalhavam de partyr, mas nom cuidavam que pera tam longe! E porem Lançarote tanto que os teve vistos, muy passamente se deceu donde estava pera viir dar novas aos outros, as quaaes ja sabees quanto seryam allegres. Hora, disse elle, Deos seja louvado! Nós teemos o que buscavamos; Mouros estam ally prestes pera se partyr; elles som mais que nos: se querees trabalhar a vitorya he nossa. Esforçaae vossos corações, e aguçaae vossos pees, ca no primeiro topo está toda parte de nossa vitorya. Nom he pera dizer o alvorço em que todos ja estavam, ca scassamente Lançarote ouve acabadas as

pallavras, quando ja todos aballavam; pero tanto fezerom de bem, que forom sem arruydo, ataa que forom sobre os medoões; mas ja quando ally chegarom, nom podyam postar com suas voontades que se nom trigassem pera braadar. E quando parecerom sobre os Mouros, alevantarom suas vozes, as quaaes nom eram menores do que a força de cada huu podya; as quaaes ouvydas dos Mouros forom muyto spantados e torvados. Os nossos começaram de correr braadando com seus acostumados apellidos, scilicet, Sanctyago! Portugal! e Sam Jorge! cujo soom nom era muy gracioso aos contrairos, de guisa que nom ouverom vagar de poer as albardas sobre seus asnos, e os que tiinham as trouxas ao pesoço descarregavanse dellas, e o que mais era, que alguus que tiinham os filhos sobre seus ombros, veendo come os nom podyam salvar, leixavarnos cayr no chaão, ja sabes com camanho quebranto! E assy com esta angustura começaram de fogir, nom todos juntamente nem per huu caminho, mas cada huu pera sua parte, leixando ja de todo, sem algua sperança de remedyo, as molheres e filhos. Bem he que alguus avya hy que pero ja conhecessem seu manifesto desbarato, tiinham corações pera mostrar sua defesa, os quaaes muy asinha eram despachados da vida. E finalmente forom ally presos per toda a gente lvij; alguus forom mortos, e outros fogirom.¹⁷⁸

Glória e Proveito

A segunda cousa he o atrevimento daquelles dous moços, seendo assy em terra strana, tam allongados de socorro de seus parceiros, e filharem ousy de cometer tamanho numero, cujas condiçooes em arte de pellejar, eram a elles tam duvydosas.

Huu daquestes moços conheci ei despois seendo fidalgo nobre, assaz vallente no officio das armas, e chamavasse Eytor homem, o qual na cronica do regno acharees provado em grandes feitos. O outro chamarom Diego Lopez Dalmeida, fidalgo e bõo homem per sua pessoa, segundo aprendy dalguus que o conheciam.¹⁷⁹

Porque o philosofo disse, que o começo eram as duas partes da cousa, grande louvor outorgaremos a este honrado mancebo, por sua obra cometida com tal atrevimento, ca pois foi o primeiro que fez presa em

esta conquista, vantagem merece sobre todollos outros que ao despois em ella trabalharom; ca costume era antre os Romaãos, segundo poem santo Agostinho, naquelle livro que fez de civitate Dey, e Titollyvyo em suas decadas, que todos aquelles que primeiramente feryam nas batalhas, ou entravam em muros, ou saltavam em navyos, per consequente lhe davam avantajados acrecentamentos em sua honra, os quaaes levavam no dya do triumpho, em testemunho de sua vertude, segundo mais compridamente reza Valleryo, na soma que fez da estorya romaã. E porem receba Antam Gllz sua cavallarya, segundo em este capitollo entendemos de screver, e despois lhe daremos comendas na ordem de Xpõ, cujo avito ao dyante recebeo, fazendoo scripvam da poridade deste nobre e grande principe.¹⁸⁰

Antre aquelles dez que ja dissemos que eram com Nuno Tristam, avia huu Gomez vinagre, moço de boa geeraçom, criado na camara do Iffante, o qual mostrou em aquella pelleja, quejanda sua força ao dyante serya, pello qual ao despois foe posto em honrado acrecentamento. O feyto assy acabado como teemos scripto, juntaronse todos assy como forom na pelleja, e começarom de requerer Antam Gllz, que fosse cavalleiro, o qual menos preçando seu trabalho, dizia que nom era razom que por tam pequeno serviço ouvesse de receber tamanha honra, mayormente que sua ydade nom o requerya, nem elle per sua voontade nunca o serya, salvo despois que passasse per mayores feitos. E finalmente assy por os sobejos requerimentos dos outros, como por Nuno Tristam sentyr que era razom, ouve de fazer Antam Gllz cavalleiro, ainda que fosse contra seu querer; por cuja razom dally avante chamarom a aquelle lugar o porto do cavalleiro. E assy foe este o primeiro cavalleiro que foe feito em aquellas partes. Recolheiros aquelles capitaães a seus navyos, mandarom a aquelle alarve, que Nuno Tristam levava comsigo, que fallasse com aquelles Mouros, e nunca o poderom entender, porque a linguagem daquelles nom he mourisca, mas azaneguya de Zaara, ca assy chamam a aquella terra;¹⁸¹

Assy forom estas cousas crescendo pouco e pouco, e as gentes tomando ousyo de seguyr aquella carreira, huus por servyr, outros por guaanhar honra, outros com sperança de proveito, aindaque cadahua destas duas

cousas traga consigo ambas, e esto he que em servindo aproveitavam em sy, e acrescentavam em sua honra.¹⁸²

Porem enderençarom seus navyos contra o regno, dereitamente a Lixboa, onde chegarom assaz contentes de sua presa. Mas qual serya aquelle que nom fylhasse prazer de veer a multidom da gente que corria por veer aquellas cravellas; ca tanto que abaixarom suas vellas, os officiaaes que arrecadam os dereitos delRey, tomarom batees da rybeira por saber os navyos donde eram, e o que traziam; e tanto que tornarom, e as novas correrom de huus nos outros, em breve spaço foe tanta gente nas caravellas, que por pouco nom allagavam! Nem eram menos no outro dya, quando tiraraom os cativos dos navyos, e os queryam levar a huus paaços do Iffante, que som huu gram pedaço afastados da ribeira, ca de todallas outras partes da cidade, corryam pera aquellas ruas per onde os avyam de levar. Por certo, diz o autor desta estorya, bem se poderyam ally repretender muytos daquelles que primeiro falley, que murmuravam sobre o começo deste feito, ca nom avya hy estonces alguu que se quisesse contar por huu daquelles, ca os clamores do povoo eram tam grandes, quando vyam levar aquelles cativos em cordas ao longo daquellas ruas, louvando as grandes virtudes do Iffante, que se alguu se quisera atrever fallar o contrairo, muy em breve lhe convyera de o desdizer, ou per ventura lhe prestara pouco, ca sobre a openyom do povoo, mayormente posto em alvoroço, raramente se acha perdom pera nhuu que lhe falle sobre o contrairo de que elles antre sy trazem firmado; nem ainda me parece que podya seer homem de tam malleciosa condiçom, que podesse contradizer tamanho bem, doqual se seguiam tam grandes proveitos. O Iffante era em terra de Viseu, donde mandou receber seu quynto; e dos que ficarom fezerom os capitaaes sua venda na cidade, de que todos geeralmente ouverom grande proveyto.¹⁸³

Competição

Outros deziã que passassem a allem, que se per ventura na terra dos Mouros nom podessem fazer presa, que chegassem aa terra dos Negros, ca tornandosse com tam pequeno proveito donde os outros foram ricos e

*abastados, que serya sua grande vergonha, o qual acordo foe de todos louvado.*¹⁸⁴

Mais do que obter conhecimento do feito, e quando este foi executado, queremos aqui estimular à reflexão, sobre *quem* eram, de onde vinham e para onde iam os capitães dos navios do infante, que com Deus no céu e infante na terra, a seu mando, com muita ardidez e pouca consciência, se lançavam ao mar. Estes eram sempre, pelo que se percebe, já descendentes de famílias de fidalgos, que ofereciam os seus filhos à casa do infante, num gesto de boa vontade de interesse político, pondo, ao mesmo tempo, os filhos numa posição propícia ao acrescentamento de honras e por conseguinte, escalada social. Tornavam-se assim vassallos de graduação superior da casa do infante, que o acompanhavam de perto e desde tenra idade, aprendendo a servir a casa e os laços do sistema nobiliárquico.

Era assim um sistema de educação *superior* que desde muito cedo os moldava, unicamente, para a serventia ao infante e à sua casa; primeiro em lides caseiras, a partir de 7 anos de idade – a maioria aparece como moços de câmara do infante – e depois, a partir dos 14, iniciando-se nas lides militares – tornavam-se escudeiros e saíam assim nas expedições em busca de honras de cavaleiro.¹⁸⁵

Essa serventia, assim instruída desde tão cedo, parece, compreensivelmente, que se tornava a razão absoluta de viver daqueles, até porque pouco mais sabiam e desenvolviam, ampliada à medida que a idade avançava, pela motivação concedida pelas oportunidades e votos de confiança, ao progredir nas tarefas e responsabilidades – como as capitánias dos barcos, tão primordiais dos desejos do infante – e pela ambição estimulada e crescente, que o cumprimento dos desígnios do infante, se convertia em honras e títulos superiores e consequente progressão na escala social, que era acompanhada por terras, riquezas e cargos importantes.

O sucesso emergente das expedições trouxe consigo a glória dos feitos, o sucesso dos lucros e, conseqüentemente, o acrescentamento no ego, que ao começarem a ser recebidos no regresso como heróis, naturalmente, lhes transbordava das almas, tal como as certezas absolutas daquilo que nem sequer questionavam, porque foram educados a servir e não a questionar.

Tantas vezes referida e tentada provar, a alegada falta de interesse do infante na captura e venda de seres humanos, rapidamente se tornou, para os capitães das expedições, uma fonte directa de lucro, já que depois de prestado o quinto ao infante, o restante lhes cabia. A estimular todo este processo, havia ainda a natural competição interna, entre capitães, onde a ambição de um, gerava ainda mais ambição ao próximo. E o sucesso dos capitães

e da casa do infante, rapidamente atraíram o interesse da casa real e seus capitães, além de outros que, com autorização do infante, se lançavam por iniciativa própria.

Todos estes factores, combinados, geraram este ciclo vicioso e exponencial de ego e ambições desmedidas e inconscientes, que levaram ao longo processo colonial desmedido e inconsciente de consumo e esgotamento de recursos naturais e, acima de tudo, humanos.

3.1.3 Os Escravos

Consiiro aquy duas cousas, diz aquelle que screveo esta estorya: a primeira qual maginaçom serya no pensamento daquelles homees, veendo tal novidade, scilicet, dous moços assy atrevidos, de coor e feiçoos tam stranhas a elles; ou que cousa podyam cuidar que os ally trouxera, e ainda em cima de cavallos, com lanças e spadas, que som armas que alguu delles nunca vira! Por certo eu magino que a fraqueza de seus coraçoos nom fora tamanha, que se nom tiverom com elles com mayor ardidez, se o spanto da novidade nom fora.¹⁸⁶

[...] o que he bem dafirmar segundo as cousas que no começo deste livro tenho dictas acerca da passagem do cabo do Bojador, e ainda pollo espanto que os naturaes daquela terra ouverom quando viram os primeiros navyos, que se hyam a elles pensando que era peixe ou outra algua semelhante cousa natural do mar.¹⁸⁷

[...] e segundo ao dyante souberom, que a caravella de Joham Gllz Zarco, capitam da ilha da Madeira, fora aquella que ja seguya dyante. E porque em terra eram tantos daquelles Guineus, que per nhuu modo nom podyam sayr em terra de dya nem de noite, quis Gomez Piz mostrar que querya sayr antre elles per bem; e pos na terra huu bollo, e huu spelho, e hua folha de papel no qual debuxou hua cruz.¹⁸⁸

Nom nos pareceo necessario fallarmos na chegada das caravellas a Lixboa, nem ocuparmos nossa scriptura no recontamento da venda dos Mouros, assy como o achamos no trellado dAfonso Cerveira, de que tiramos esta estorea, ca ja os daquela cidade nom avyam por novo viirem Mouros daquela terra;¹⁸⁹

E esta gente desta terra verde, he toda negra, e porem he chamada terra dos Negros, ou terra de Guínee, por cujo aazo os homees e molheres della som chamados Guíneus, que quer tanto dizer como negros.¹⁹⁰

E indo assy no batel todos viij., huu delles, esguardando contra a foz do ryo, vyo a porta de hua choça, e disse contra os parceiros: Eu nom sey como as choças desta terra som feitas, mas segundo a feiçom doutras que ja vy, choça devya seer aquello que eu vejo, e presumo que o seja dalguus pescadores que viiram pescar a este ryo; e se o tevesse por bem pareceme que devyamos ir sayr a allem daquella ponta, de guisa que nom descobrissemos a porta da choça; e sayram alguus em terra, e viiram per tras daquelles medoões, e se alguus jouverem na choça podera seer que os filharom ante que se percebam. Pareceo aos outros que aquelle dezia bem, e porem começaram de o poer em obra. E tanto que aportarom em terra, sayu Stevam Affonso, e cinco com elle, e levarom aquella ordenança que o outro ante dissera. E indo assy scondidos atee cerca da choça, viram sayr della huu moço Negro, todo nuu, com hua azagaya na mão, oqual logo foe filhado, e chegando aa choça, acharom hua moça sua irmã daqueste, que serya de idade de viij. annos. Este moço fez o Iffante ao depois ensinar a leer e screver, e assy todallas cousas que compria saber xpaão, e ainda muytos xpaãos hi ha que as nom sabem tam perfeitamente como as ele sabya, ca lhe foe ensinado a oraçom do Pater noster, e a Ave Maria, e os artigos da fe, e preceptos da ley, e obras de misericordya, e assy outras muytas cousas, como a aquelle aque alguus diziam que o Iffante mandava ensinar pera sacerdote, com entençom de o envyar em aquella terra, e preegar a fee de Jhu X^o. Mas creio que ao dyante morreo, nom seendo ainda homem perfeito. Entrarom assy aquelles na choça, onde acharom hua darga preta, toda redonda, pouco mayor que as que se em esta terra costumam, aqual tiinha em meo hua copa elevada do coiro meesmo, e era dorelha dallyfante, segundo despois foe conhecida per alguus Guíneus que a viram, ca disserom que todallas dargas fazem coiro daquella allimarya, e que o acham tam gordo a allem do necessaryo, que lhe tiram mais da metade, adegaçandoo com arteficios que teem feitos pera ello.¹⁹¹

Os primeiros humanos capturados e feitos escravos, oriundos da Maurítânia, como se pode observar, eram seres de uma sociedade profundamente subdesenvolvida e indefesa perante o poderio militar português. Assistimos, como prova disso, a vários episódios nos quais apenas um punhado de homens portugueses captura um número muito superior, quase sempre sem sofrer dano algum. Comprova-se ainda como os portugueses eram os primeiros a ali chegar, e como não tinham nenhum conhecimento ou contacto com povos ocidentais, sendo referido como às primeiras aparições, os autóctones chegavam a confundir os barcos com algum tipo de peixe e depois, quando os portugueses faziam as suas capturas, os que escapavam pensavam que seria algum povo canibal.

Figuradamente, existe realmente verdade nesse canibalismo, visto que a sociedade portuguesa não comia, literalmente, os captivos, mas passou a alimentar-se vorazmente destes, voracidade esta que se disseminou gradualmente a outras sociedades.

Depois das *bem sucedidas* e fáceis investidas sobre as gentes da Baía de Arguim, chegados às terras dos guinéus, onde a resistência à força bruta é maior que a capacidade de os capturar, observa-se o início da utilização de outros meios, mais elaborados, para a subtração de seres humanos; isto para os muitos que, ainda hoje, desculpando a história e estas acções destes agentes do passado, defendendo que os líderes dos povos africanos eram a primeira engrenagem do comércio de escravos, e ignorando a longa e construída subversão perpetrada pelos portugueses, ou ainda isentando toda a responsabilidade portuguesa com o facto de sempre ter existido comércio de escravos e outros povos o praticarem; a este respeito ainda lembrar, que tal como hoje temos esta história à disposição, já naquele tempo, comprova-o Azurara nas suas inúmeras referências, detinham bastante conhecimento sobre povos e impérios passados, como o romano, e estaria à disposição um olhar atento à deterioração dos mesmos, assentes na profunda desigualdade e desumanidade.

Azurara reflecte inúmeras vezes como estes povos pareciam ser ainda dos tempos de Adão, no primeiro estágio, puro e ingénuo, da natureza humana, ao mesmo tempo que reflecte como independentemente das diferenças biológicas, culturais e sociais, são *filhos de Adão* tal como os portugueses, de carne e osso, humanos. Pelo contrário, além deste, não há referência a nenhuma reflexão, nem de consciência, nem de tipo nenhum, executada pelo infante, ou pelos capitães a este respeito, assim como nenhuma consequência das suas, partilhadas na crónica.

Queremos com isto defender veemente, a urgência de evoluir e transcender a maneira como se olha para a história do passado, e humanizando-a, humanizar o presente, e humanizando o presente, humanizar o futuro. A maneira retrógrada como ainda muito

se olha para a história, diz mais sobre os olhos do presente, do que sobre ela; a desculpabilização e a constante resistência de isenção perante a história, mesmo com tanto conhecimento desta, revela a falta de consciência sobre o conhecimento da sociedade presente.

Tal como reflecte Edgar Morim, defendemos plenamente, aqui neste trabalho, que a sociedade humana desenvolveu já o conhecimento científico a níveis e velocidades impensáveis, falta agora desenvolver a consciência, até aqui sempre negligenciada, que nos permite saber usar e aplicar esse conhecimento em função do ser humano e da humanidade.

*Os seres humanos continuarão a ser arrastados, sacudidos, catapultados na história, que se tornou mundial, dos despotismos, guerras, regressões e da progressão dos perigos agora mortais? Não teremos já atingido o ponto para além do qual a guerra pode acabar por aniquilar a humanidade, e, portanto, o ponto em que o devir da humanidade exige a abolição da guerra?*¹⁹²

Uma sociedade de costumes bárbaros conseguia deter uma superioridade técnica que lhe permitia destruir uma civilização. O enfraquecimento provém mesmo do progresso técnico e económico. O maquinismo industrial fez definharem numerosos saberes artesanais em todos os domínios [...]

*Para mais, muitas ideias salutares não são adoptadas, mas, pelo contrário, são rejeitadas pelos tabus, interdições, normas rígidas. Por fim e sobretudo, existe uma fraquíssima integração da experiência humana adquirida e um acentuado esgotamento destas experiências, dissipadas em grande parte em cada geração. Os erros transmitem-se muito mais facilmente de pai para filho do que o seu reconhecimento. Finalmente, numerosas conquistas de conhecimentos, de pensamento, de consciência, de democracia, degeneram se não forem incessantemente regenerados. Na realidade, há um enorme desperdício de conquistas na história. A história desintegra pelo menos tanto quanto integra [...]*¹⁹³

A tortura foi abolida nos Estados europeus no século XIX, e praticamente todos a restabeleceram no século XX, uns no âmbito do seu sistema totalitário, outros na periferia do seu sistema democrático, nas guerras coloniais.

Desta maneira, podemos pensar que há determinadas conservações do adquirido, na condição de se reconhecerem os seus inúmeros desperdícios. Não existe lei lamarckiana da história.

Por outro lado, os progressos técnicos e económicos não constituem uma garantia de progresso intelectual e de progresso ético. Sou daqueles que pensam que os desenvolvimentos técnicos e económicos da nossa civilização estão relacionados com um subdesenvolvimento psíquico e moral.

Estamos na era da crise definitiva do progresso linear e necessário. O progresso não é o motor quase providencial da história humana. O progresso tecno-económico não poderia ser o motor ou o garante do progresso humano.¹⁹⁴

Em jeito de nota, deixamos um exemplo demonstrativo, da desumanidade em que vivemos. É o caso dos esqueletos de 155 humanos, homens, mulheres e crianças, encontrados em 2009 em Lagos, revelando o mais antigo espaço já identificado no mundo e o único na Europa com estas características, uma lixeira onde foram depositados há seis séculos os cadáveres de escravos africanos. O terreno, para o qual se aprovou a construção de um estacionamento e um minigolf, o que levou à descoberta dos ditos corpos, tornou-se, repugnantemente, na mesma um estacionamento e um minigolf. Prova de uma inconsciência absurda e revoltante, dos responsáveis directos, desde os ignóbeis políticos, ao mais simplório executante, e dos responsáveis indirectos, todos nós, que fazemos parte de uma sociedade que permite que se desrespeite a história e a humanidade desta maneira. Aqueles humanos, que foram raptados, vendidos e feitos escravos, presos a vidas de trabalho forçado e violência, como comprovam as suas ossadas, e que foram despejados na lixeira da cidade, sem a mínima dignidade pela vida humana, no século XV, continuam hoje, no século XXI, a não receber o devido respeito pela sua humanidade.

Num país onde se construíram mosteiros para acolher ossadas dos ditos heróis, onde se construíram e constroem, padrões e estatuetas, e onde se pára tudo cada vez que se encontra uma “pedra romana”, está a vista de todos o desrespeito por estes humanos que fazem parte da nossa história. As ossadas, enviadas para Coimbra para serem estudadas, encontram-se nas instalações da Dryas Arqueologia, empresa responsável pela escavação em Lagos, e, até à data, não há notícias de desenvolvimento e, portanto, conclui-se que foram desenterradas em Lagos, para serem novamente enterradas em Coimbra à espera de cair no esquecimento.

Este local deveria e deve ainda, obrigatoriamente, tornar-se um memorial, além da integração das ossadas num núcleo museológico e interpretativo, que estimule o conhecimento consciente, a história consciente e, conseqüentemente, a consciência e a humanização, para uma humanidade consciente.

A juntar a esta questão, não referida em nenhuma das notícias e por isso, admite-se, inexistente, acrescentamos a questionável ausência de diálogo e diplomacia, com os países dos quais se acredita e se provará serem oriundos estes restos mortais. Mais uma vez, achando-se e agindo, inconscientemente, Portugal e as suas entidades, como se fossem donos destes resquícios históricos, invés de assumir o papel de parte, de uma história que é partilhada, e que é a história da língua portuguesa, e reflectir e decidir, em conjunto, com os países com quem divide esta história e este património de língua portuguesa, o rumo a dar à descoberta.¹⁹⁵

Tal como pretendem deixar cair esta história no esquecimento, outras lá moram há muito tempo, demasiado tempo, a bem do branqueamento da história, a bem da narrativa mitológica, poético-heroica, imperialista, nacionalista da expansão portuguesa, que serve a identidade vigente de supremacia portuguesa, ocidental, europeia. Uma delas, e uma das principais, é a história com a qual se fechou o primeiro capítulo deste trabalho, que é a história do início oficial do comércio transatlântico de escravos, e da história da escravatura de língua portuguesa, quando a 8 de Agosto de 1444, dois dias depois da chegada a Portugal, se fez, num campo às portas de Lagos, a divisão daqueles seres humanos capturados, em cinco partes como era costume, ao qual couberam *46 almas* ao infante, concluindo-se de um total de 230. Episódio narrado com bastante detalhe por Azurara – incluindo ainda alguma reflexão que o autor não consegue não fazer sobre o que havia testemunhado – de extrema importância para a história da humanidade e para a consciência humana e da humanidade, e ainda assim, desvalorizado e deixado no esquecimento.

É urgente e imprescindível que Portugal e Lagos, tal como sempre homenagearam e homenageiam a memória dos *descobridores*, homenageiem, de uma vez por todas, a memória dos *descobertos*, que fazem igualmente parte da nossa identidade, e que contribuíram equitativamente, ainda que forçados, para o desenvolvimento do país que temos hoje, e da sociedade portuguesa e de língua portuguesa que temos hoje. Sendo assim urgente e imprescindível que se crie em Lagos, um memorial a estes seres humanos, e a este episódio, fundamental da história de Portugal e dos países de onde vieram, da língua portuguesa e da humanidade. Tal como em Lisboa é fundamental, a criação de um *padrão aos descobertos*, que fazem tanto parte da nossa história, identidade e descobrimentos, como os descobridores. E que isto parta e tenha ainda todo

o apoio do poder institucional e não apenas um ou outro projecto independente permitido ou tolerado, mas sim um projecto de progresso e transcendência identitária, de uma sociedade não menos portuguesa, mas mais de língua portuguesa, e de uma cidade que pode ser Amália no centro, mas Cesária a toda a volta.

3.1.4 Azurara

A produção cronística de Gomes Eannes de Azurara, destinava-se a ser a matriz de serviço à pátria e a Deus, orientando e moldando o comportamento, valores e competitividade da aristocracia. Ao mesmo tempo, as suas obras cumprem também fins de documentação histórica e serviam também o interesse de propaganda de exaltação aos feitos portugueses, com o objectivo de gerar opinião pública favorável – tanto a interna, do povo, como a externa do papa – justificando e inflamando o esforço cruzadístico no Norte de África. Além de todas estas motivações que cabiam às suas crónicas, a primordial, acreditamos que seria a de servir de elemento de prova de *direito de descoberta*, salvaguardado o direito à posse e soberania dos territórios aos quais iam chegando primeiro, escaldados do litígio com Castela em relação às ilhas Canárias.

No conjunto de quatro obras que chegaram até hoje, as narrativas de Zurara merecem ser interpretadas segundo um contexto específico, considerando desde logo o facto de três delas – à exceção da Crónica da Tomada de Ceuta, com os devidos matizes – formarem um plano distinto da Crónica Geral do Reino. Neste sentido, a forma e o estilo das obras devem ser enquadradas sob várias perspetivas. Em primeiro lugar, num género literário cavaleiresco que estava muito em voga na época e cujos valores e características tinham já, no século XV, uma longa tradição. Um género onde pontifica a aventura e onde são louvados audazes e bravos cavaleiros, certamente para deleite e entretenimento dos auditórios cortesãos.

Mas, para além deste plano, as crónicas de Zurara também tinham outras implicações. Eram desde logo espelhos de nobres na medida em que nelas se encontravam relatos exemplares – para o bem mas também para o mal – que lhes conferiam um estatuto didático e de difusão de um quadro de valores e comportamentos tidos como ideais, e cuja emulação seria fonte de honra. Propunha-se fundamentalmente que os cavaleiros fossem fortes e arditos, leais e prudentes, tudo com o fito essencial de

obterem a eficiência militar que deles fazia, teoricamente, o braço armado indispensável à segurança e à estabilidade do reino. Figurar nas crónicas de Zurara como bom cavaleiro era forma de honrar a linhagem com a imortalidade da escrita, mas era também, num plano mais imediato, uma via para obter recompensas honoríficas e materiais. A escrita do cronista acabava por ser, como ele próprio não deixava de sublinhar, uma de entre as várias arenas de competição aristocrática na esfera da corte régia, traduzindo a importância da mundividência cavaleiresca enquanto forma de coesão do grupo aristocrático, mas também como meio de progressão social para os que desejavam aceder à categoria nobiliárquica.

Simultaneamente, as crónicas celebraram, em conjunto com outras peças artísticas e cerimónias públicas, a gesta guerreira portuguesa em África, retratando-a como honrada e justa e como um serviço que o reino fazia em prol de Deus e da Cristandade. Um sacrifício a que os cavaleiros portugueses eram convidados, sendo aliás uma sugestão que pretenderia certamente convencer ou silenciar as vozes que se erguiam contra o conflito, vendo-o como interminável, injusto ou infrutífero – sem sucesso, no entanto, considerando a longevidade da presença portuguesa em Marrocos. A força e a honra do reino eram também proclamadas junto de outros potentados da Cristandade, esforço que certamente presidiu à intenção de traduzir algumas das crónicas de Zurara para latim.

Através de todos estes prismas e matizes, sem dúvida que as obras de Zurara ganham muito em riqueza e complexidade. Aquilo que, numa leitura mais superficial ou menos precavida, poderá soar a repetitivo, enfadonho ou a uma exagerada glorificação retórica poderá ser, afinal, o reflexo de algo muito mais vivo e complexo.¹⁹⁶

Eu te rogo que as minhas lagrimas nom sejam dano da minha consciencia, ca nem por sua ley daquestes, mas a sua humanidade constringe a minha que chore piedosamente o seu padecimento.¹⁹⁷

Mas qual serya o coração, por duro que seer podesse, que não fosse pungido de piedoso sentimento, veendo assy aquella companha; ca huus tiinham as caras baixas, e outros os rostros lavados com lagrimas, olhando huus contra os outros;¹⁹⁸

Os nossos começaram de correr braadando com seus acostumbrados apellidos, scilicet, Sanctyago! Portugal! e Sam Jorge! cujo soom nom era muy gracioso aos contrairos, de guisa que nom ouverom vagar de poer as albardas sobre seus asnos, e os que tiinham as trouxas ao pescoço descarregavanse dellas, e o que mais era, que alguus que tiinham os filhos sobre seus ombros, veendo come os nom podyam salvar, leixavamnos cayr no chaão, ja sabees com camanho quebranto! E assy com esta angustura começaram de fogir, nom todos juntamente nem per huu caminho, mas cada huu pera sua parte, leixando ja de todo, sem alguma speranza de remedyo, as molheres e filhos. Bem he que alguus avya hy que pero ja conhecessem seu manifesto desbarato, tiinham corações pera mostrar sua defesa, os quaaes muy asinha eram despachados da vida. E finalmente foram ally presos per toda a gente lvij; alguus foram mortos, e outros fogirom. Oo e se assy fora que em aquestes que fogyam ouvera huu pequeno de conhecimento das cousas mais altas! Por certo eu creeo, que aquella meesma trigança que levavam fogindo, trouveram por se viir pera onde salvassem suas almas, e repairassem suas vidas; ca pero a elles parecesse que vivendo assy vivyam livres, em muyto mayor cativeiro jaziam seus corpos, consiirada a desposiçom da terra e a besteallidade da vida, doque antre nos eram vivendo em senhoryo alheo, quanto mais a perdiçom das almas que sobre todallas cousas delles devera seer mais sentida. Por certo ainda que os olhos corporaaes nom conhecessem alguma parte desta bemaventurança, os olhos do verdadeiro conhecimento, que he a alma limpa com infiinda glorya, recebidos em este mundo os sanctos sacramentos, com alguma pequena de fe partidos desta vida, em breve poderom conhecer o primeiro erro de sua ceguydade.¹⁹⁹

Pareceme que pois em este passado capitollo falley de como as nossas caravellas chegarom ao ryo do Nillo, que vos devo fallar alguma cousa de suas maravilhas, caasy porque o nosso principe receba honra mandando fazer presa sobre as auguas do mais nobre ryo do mundo. E acerca da grandeza deste ryo som maravilhosas tençoões, ca fallarom dello Aristotilles e Tollomeu, Plinyo e Homero, Esidro, Lucano, e Paullo Orosyo, e outros muytos sabedores; nom porem que determinadamente saibam acabar suas maravilhas.²⁰⁰

Este último excerto, além da comprovação do principal objectivo do infante, como referimos anteriormente, demonstra o vasto acesso ao conhecimento que Azurara detinha, e confirma que este seria, certamente, um dos seres mais eruditos da sociedade portuguesa do seu tempo.

Apesar de no penúltimo excerto Azurara revelar as suas, perfeitamente compreensíveis, limitações sociais contemporâneas, reflectindo a sua crença, que a captura portuguesa libertava aquelas almas da pequenez das suas vidas simples e pagãs, nos anteriores podemos comprovar como não era limitado humanamente, demonstrando e reflectindo sobre a dualidade que em certos momentos sentia, ao compadecer-se com o sofrimento desses mesmos gentios, que reconhecia como semelhantes, como humanos, apenas ainda numa fase mais primária da existência humana. Experiência que lhe incumbia, e este não se coibia, ao conflito interno, natural, e gerador de consciência, sentindo-se ainda ao longo da crónica, que sem retirar concretamente conclusões nesse sentido, tentava, ou não conseguia evitar, transmitir essa dúvida, esse acto de consciência, apelando ao mesmo tempo a esse mesmo acto no leitor.

3.1.5 O Estado Novo

Com o início do conflito armado no Norte de Angola, América e Rússia uniram-se pela primeira vez, desde o início da Guerra Fria, num voto comum contra Portugal, reprovando a forma violenta e desastrada como o Exército português havia reagido. Ipso facto, o acontecimento resultou também no fim de qualquer aspiração que o Estado Novo tivesse ainda de conseguir convencer o mundo, que as colónias eram parte integrante da nação. Em forma de protesto, os delegados portugueses, abandonaram os trabalhos da assembleia-geral da ONU, consagrando assim o completo isolamento português.

Com todo o apoio externo do seu lado, os movimentos de libertação, desencadearam a luta armada em todos os territórios africanos de língua portuguesa.

Os governos de Salazar e Caetano demonstraram inflexibilidade na condução da política colonial. Num quadro de grande apoio internacional ao desmantelamento dos impérios coloniais, Portugal não ousou tirar vantagem dessa mais-valia diplomática, optando por fechar todas as portas a uma solução sensata, credível, digna e honrosa para a pátria. Por motivos históricos e nacionalistas, optou por ficar,

assumindo a responsabilidade pela segurança das populações “como um imperativo de justiça e de legítima defesa”.

Porém, uma avaliação desapaixionada das nossas possibilidades de fazer vingar o projecto colonial permitiria aos diplomatas, aos governantes e a todos aqueles que influenciavam, então, as decisões do Executivo compreender que, perante a nova ordem mundial desenhada pelas potências depois de Ialta, os impérios coloniais não tinham a mais ténue possibilidade de sobreviver.

O país ficou refém da nostalgia do Império.

[...] Ao perder a iniciativa de conduzir o processo de autonomia e independência dos territórios, o Governo comprometeu a relação privilegiada que a presença histórica prolongada tinha cimentado entre os povos português e africano e não aproveitou a oportunidade de substituir, estrategicamente, as vantagens territoriais pelas vantagens político-estratégico-económico-culturais, já consumadas com grande sucesso por outras nações, cuja experiência foi ignorada, em vez de seguida e aperfeiçoada.²⁰¹

Destacamos assim – como fica claro – como obstinada e ignobilmente o Estado Novo, primeiro por Salazar e depois por Marcello Caetano, resistiu aos movimentos de libertação e autodeterminação dos povos, às directrizes da ONU e censura generalizada sobre o imperialismo português e, essencialmente, como tentou contrariar o processo natural de progresso e evolução da humanidade. A todo o custo, inconscientes, com total desprezo pela sociedade de língua portuguesa, pela vida humana e pela humanidade, perpetraram a longa e extensa, sádica e masoquista em simultâneo, absolutamente absurda, Guerra Colonial, terminando da pior maneira possível, uma história que já era péssima e ferindo, irreversivelmente, uma sociedade de língua portuguesa, doente desde o dia em que nasceu.

Queremos aqui concluir, que é imprescindível e urgente criar o conceito de vergonha nacional.

Com isto não queremos dizer que não nos podemos e devemos orgulhar, daquilo que é motivo de orgulho. Queremos sim denunciar que é essencial – para o desenvolvimento de um olhar mais verdadeiro, humano e consciente, do passado, no presente, para o

futuro – que deixemos de nos blindar, fechar, esconder, atrás deste orgulho irracional, artificial, e possamos evoluir, para um equilíbrio racional entre orgulho e vergonha, natural, que nos permita abrir, dar, ao mundo da língua portuguesa, humanizá-lo, cumpri-lo, que é humanizarmo-nos e cumprirmo-nos a nós próprios.

É urgente deixar de ter vergonha de ter vergonha.

A Portugal

*Esta é a ditosa pátria minha amada. Não.
Nem é ditosa, porque o não merece.
Nem minha amada, porque é só madrasta.
Nem pátria minha, porque eu não mereço
A pouca sorte de nascido nela.*

*Nada me prende ou liga a uma baixeza tanta
quanto esse arrotado de passadas glórias.
Amigos meus mais caros tenho nela,
saudosamente nela, mas amigos são
por serem meus amigos, e mais nada.*

*Torpe dejecto de romano império;
babugem de invasões; salsugem porca
de esgoto atlântico; irrisória face
de lama, de cobiça, e de vileza,
de mesquinhez, de fátua ignorância;
terra de escravos, cu pró ar ouvindo
ranger no nevoeiro a nau do Encoberto;
terra de funcionários e de prostitutas,
devotos todos do milagre, castos
nas horas vagas de doença oculta;
terra de heróis a peso de ouro e sangue,
e santos com balcão de secos e molhados
no fundo da virtude; terra triste
à luz do sol calada, arrebicada, pulha,
cheia de afáveis para os estrangeiros
que deixam moedas e transportam pulgas,*

*oh pulgas lusitanas, pela Europa;
terra de monumentos em que o povo
assina a merda o seu anonimato;
terra-museu em que se vive ainda,
com porcos pela rua, em casas celtiberas;
terra de poetas tão sentimentais
que o cheiro de um sovaco os põe em transe;
terra de pedras esburgadas, secas
como esses sentimentos de oito séculos
de roubos e patrões, barões ou condes;
ó terra de ninguém, ninguém, ninguém:
eu te pertenço.
És cabra, és badalhoca,
és mais que cachorra pelo cio,
és peste e fome e guerra e dor de coração.
Eu te pertenço mas seres minha, não.²⁰²*

Para desconstruir o branqueamento da história – aquilo que dela se escolhe exaltar – e os tabus – aquilo que dela se reprime – e nos possamos libertar de todo o ego negativo que ela nos imprime, e de todos os preconceitos que dela nascem e dela se desenvolvem, é preciso expandir o olhar sobre estas questões, como naturais, do processo de desenvolvimento da sociedade e da humanidade.

É importante olhar para o melhor que a herança histórica nos deixou, mas com o crivo da consciência que nos permite saber seleccionar o que é realmente melhor, como é a língua portuguesa e amplitude que todo este processo lhe deu. Mas é absolutamente fundamental, olhar igualmente para o pior que essa mesma herança histórica nos deixou, como as cicatrizes do passado imperial, desde a escravatura à guerra colonial, e como esse passado se repercute ainda, negativamente, na actualidade, em problemáticas tão obvias, graves e directas como o racismo. Outras menores e mais específicas, como a não valorização do património arquitectónico de língua portuguesa, e da sua *geração africana*. Algumas complexas, como o não desenvolvimento da identidade, cultura e consciência de língua portuguesa, que se repercute no subdesenvolvimento das relações entre países de língua portuguesa. Tudo isto, combinado, tanto o que se faz como o que se não faz, trabalha, negativamente, para que nem Portugal, nem a Língua Portuguesa, se cumpram.

Para confirmar esta teoria, basta olharmos para o exemplo da criação da Declaração Universal dos Direitos Humanos, um papel, e, indubitavelmente, o maior feito da

história da humanidade até aos dias de hoje. Mas a consciência necessária para a criação desse papel, não foi possível sem antes a humanidade sofrer a, também indubitável, pior das guerras.

Logo, confirma-se o princípio da acção e reacção. O não desenvolvimento voluntário da consciência, individual e social, leva-nos, inevitavelmente, a cataclismos, cíclicos, em que a consciência se impõe em nós, como única alternativa de sobrevivência.

Mas vamos continuar sempre nesta inércia, de adiar o melhor, à espera que aconteça o pior, para só aí reagir com o melhor possível? Porquê esperar que aconteça o pior? Porque não prevenir que ele aconteça? Porquê adiar o melhor? O ser humano não é um qualquer objecto inanimado, limitado às leis da física, ou pelo menos não devia ser. O ser humano é um ser com capacidade de consciência e capacidade de consciência da própria consciência, capaz de criar as suas próprias leis, acima das leis da física.

Por exemplo, a Satyagraha de Gandhi, a criação da resistência não violenta moderna, vai exactamente contra as leis da física, da mera acção-reacção, dando a uma acção, uma não-reacção, dando a uma acção violenta, uma não-reacção pacífica. A energia do ódio e do medo, que gera a acção violenta, que devia gerar, por reacção, mais energia de ódio e de medo, encontra assim do outro lado um agente de energia contrária, que se recusa a reagir e que responde com energia de amor e coragem, que gera a acção ou não-reacção pacífica. A não-reacção ao ódio e à violência, só por si, faz com que esta se consuma a si própria e conseqüentemente perca força e se dissipe.

Se o pior da história da humanidade, impôs a consciência necessária à criação do melhor da humanidade, no caso do pior da história da língua portuguesa, falta ainda cumprir-se o melhor.

Enquanto o flagelo da II Guerra Mundial, deu origem aos Direitos Humanos e à unificação da Europa, os flagelos da língua portuguesa, que culminaram na Guerra Colonial, deram origem à desunião, dos países de língua portuguesa. O problema não era a união, mas sim o facto de esta ser maligna, assim sendo, a melhor solução era a criação de uma união benigna, e não a desunião.

Isto significa que, se ainda não desenvolvemos a consciência necessária à criação do melhor, é porque não adquirimos consciência suficiente do pior. Possivelmente, este fenómeno, prende-se com o facto do flagelo europeu, ter acontecido na Europa, à margem de Portugal, que anos mais tarde foi capaz de perpetrar o flagelo da língua portuguesa, que também não aconteceu em Portugal. Enquanto a Europa e terror habitaram o mesmo espaço durante a II Guerra, Portugal manteve-se neutro e ileso, colhendo ainda lucro dessa neutralidade, mas não colhendo a consciência que nasceu do terror da guerra. Prova desse atraso de consciência, a Guerra Colonial, na qual Portugal não foi além da dor de ver filhos partir e não mais voltar, um terror distante, tal como

distante ficou a consciência, que aqui se pretende tentar trazer, no tempo e no espaço, para que possamos parar de ter vergonha de ter vergonha, e nos permitamos senti-la, porque é nela que residem as grandes questões que precisamos de encarar, perdoar, resolver e ultrapassar.

Através da morte participamos na tragédia cósmica; através do nascimento participamos na aventura biológica; através da existência participamos no destino humano. O ser mais rotineiro, a vida mais banal, participam nesta tragédia, nesta aventura, neste destino.²⁰³

Podemos concluir, que a consciência está garantida. A bem ou mal, voluntária ou involuntariamente, ela chega. Infelizmente, até aqui, chega quase sempre a mal, quase sempre tarde demais, seja a inconsciência social, que culmina em guerra, seja a ambiental, que insistimos em ver onde culmina.

Podemos afirmar com absoluta certeza, que a consciência é a primordial tecnologia humana, e a mais urgente, para que a humanidade se torne, menos tragédia e mais aventura.

A consciência sempre foi tão urgente como é hoje, a nossa consciência da sua urgência é que só agora dá os primeiros passos.

É urgente a consciência da consciência.

Ao sacrificar o essencial pelo que é urgente, acaba-se por esquecer a urgência do que é essencial.²⁰⁴

Onde estão os homens caçados neste vento de loucura

*O sangue caindo em gotas na terra
homens morrendo no mato
e o sangue caindo, caindo...
Fernão Dias para sempre na história
da Ilha Verde, rubra de sangue,
dos homens tombados
na arena imensa do cais.
Ai o cais, o sangue, os homens,
os grilhões, os golpes das pancadas
a soarem, a soarem, a soarem
caindo no silêncio das vidas tombadas
dos gritos, dos uivos de dor
dos homens que não são homens,
na mão dos verdugos sem nome.
Zé Mulato, na história do cais
baleando homens no silêncio
do tombar dos corpos.
Ai, Zé Mulato, Zé Mulato.
As vítimas clamam vingança
O mar, o mar de Fernão Dias
engolindo vidas humanas
está rubro de sangue.
- Nós estamos de pé -
Nossos olhos se viram para ti.
Nossas vidas enterradas
nos campos da morte,
os homens do cinco de Fevereiro
os homens caídos na estufa da morte
clamando piedade
gritando p'la vida,
mortos sem ar e sem água
levantam-se todos
da vala comum
e de pé no coro de justiça
clamam vingança...*

*... Os corpos tombados no mato,
as casas, as casas dos homens
destruídas na voragem
do fogo incendiário,
as vias queimadas,
erguem o coro insólito de justiça
clamando vingança.
E vós todos carrascos
e vós todos algozes
sentados nos bancos dos réus:
- Que fizeste do meu povo?...
- Que respondeis?
- Onde está o meu povo?..
E eu respondo no silêncio
das vozes erguidas
clamando justiça...
Um a um, todos em fila...
Para vós, carrascos,
o perdão não tem nome.
A justiça vai soar,
E o sangue das vidas caídas
nos matos da morte
ensopando a terra
num silêncio de arrepios
vai fecundar a terra,
clamando justiça.
É a chamada da humanidade
cantando a esperança
num mundo sem peias
onde a liberdade
é a pátria dos homens...²⁰⁵*

3.2 A Construção do Racismo e da Escravatura Contemporânea

Mas a nossa identidade animal foi durante muito tempo ocultada pela civilização ocidental, cujos progressos fora pagos por uma terrível regressão de consciência, indo ao ponto de considerar os animais como máquinas e, pior ainda, como objectos manipulados à sua vontade... Sujeitámos a natureza vegetal e animal, pensámos ter-nos tornado donos e senhores da Terra, até conquistadores do cosmos, e acabamos de descobrir a nossa ligação matricial com a biosfera, sem a qual não poderíamos viver; e temos de reconhecer que a nossa identidade terrestre é muito física e muito biológica. Só agora recomeçamos a tomar consciência da nossa identidade de ser vivo.²⁰⁶

A mesma crise, os adolescentes poderão responder de forma muito diferente: uns ultrapassam-na e saem dela mais fortalecidos, outros sofrem-lhe o peso neurótico que os deixará acabrunhados por toda a vida.²⁰⁷

A diversidade humana é tão visível quanto a unidade humana se tornou hoje invisível para os espíritos, que só conhecem fragmentando, separando, catalogando, compartimentando. Ou então, o que aparece aos espíritos abstratos, é uma unidade abstrata, que oculta as diferenças.

É necessário conceber a unidade múltipla, unitas multiplex.²⁰⁸

Pode conceder-se esta unidade e esta multiplicidade: cada ser humano dispõe cerebralmente de todas as potencialidades inteligentes; mas predisposições hereditárias, determinações familiares, culturais, históricas, acontecimentos ou acidentes pessoais limitam ou inibem o seu exercício, ou, pelo contrário, estimulam-no. Complexidade insuficiente e insuficiente adversidade atrofiam a inteligência; mas demasiada complexidade e demasiada adversidade esmagam-na. As carências de inteligência (incapacidade de tirar lições da experiência, incapacidade de modificar os seus esquemas mentais, selecção de falsos problemas e de falsos critérios em detrimento dos verdadeiros, perda de vista dos fins na utilização dos meios ou incapacidade de conceber os meios adaptados

aos fins) suscitam múltiplas e variadas formas de cegueira e estupidez. Na inteligência, existem diversas zonas de cegueira; na cegueira, diversas zonas de inteligência.

Acrescentamos aqui, nova indicação da unidade na multiplicidade, que todo o ser humano está sujeito ao erro e à ilusão e que não têm conta as formas de erro e de ilusão humanos.²⁰⁹

Imperialismo

s.m. (1873)

3 *econ pol forma de política ou prática exercida por um Estado que visa à própria expansão, por meio de aquisição territorial ou pela submissão económica, política e cultural de outros Estados²¹⁰*

Escravo

adj.s.m. (sXV)

1 *que ou aquele que, privado da liberdade, está submetido à vontade de um senhor, a quem pertence como propriedade*

2 *p.ext. que ou quem está submetido à vontade de outrem, a alguma espécie de poder ou a uma força incontrolável <marido e.> | <e. do pecado>*

3 *fig. que ou aquele que trabalha como serviçal; criado, servo*

4 *fig. diz-se de ou amante extremamente dedicado ou amigo fiel*

5 *fig. que ou aquele que trabalha em excesso, que vive para o trabalho*
adj.

6 *que é próprio de escravo <trabalho e.> | <vida e.>*

ETIMOLOGIA

*lat.medv. **slavus**, sclavus, do gr.biz. **sklábos**, **sklabēnós** 'eslavo', mais tarde 'escravo, cativo'²¹¹*

Colonialismo

s.m. (sXIX)

4 *econ pol orientação política ou sistema ideológico de que uma nação lança mão para manter sob seu domínio, total ou parcial, os destinos de uma outra, procurando submetê-la nos setores económicos, político e cultural²¹²*

Indigenato

[...] o termo utilizado para definir os direitos, mas sobretudo os deveres, dos indígenas das colónias portuguesas, expressos em vários diplomas legais. [...]

Até à introdução do Estatuto e, de uma forma geral, os indígenas não tinham virtualmente nenhuns direitos civis, ou jurídicos, nem cidadania. Com a nova lei ficavam estabelecidos três grupos populacionais: os indígenas, os assimilados e os brancos. Para a passagem era necessário demonstrar um conjunto de requisitos (como saber ler e escrever, vestirem e professarem a mesma religião que os portugueses e manterem padrões de vida e costumes semelhantes aos europeus, por exemplo) que os indígenas teriam de alcançar para obter o estatuto de "assimilado" e poderem usufruir de direitos que estavam vedados aos indígenas não assimilados.²¹³

Democracia

s.f. (1671) pol

1 governo em que o povo exerce a soberania

2 sistema político em que os cidadãos elegem os seus dirigentes por meio de eleições periódicas

3 regime em que há liberdade de associação e de expressão e no qual não existem distinções ou privilégios de classe hereditários ou arbitrários

4 p.ext. país em que prevalece um governo democrático

LOCUÇÕES

d. direta

pol forma de organização política em que o povo controla diretamente a gestão da sociedade, por meio de referendos, plebiscitos e outros instrumentos legais

d. representativa

pol organização social em que o povo, através de eleições, outorga mandatos a representantes que passarão a exercer autoridade em seu nome

ETIMOLOGIA

gr. **dēmokratía**, de dêmos 'povo' + *kratía 'força, poder'²¹⁴

Racismo

s.m. (sXX)

2 *doutrina ou sistema político fundado sobre o direito de uma raça (considerada pura e superior) de dominar outras*²¹⁵

O imperialismo, proveniente do sistema social monárquico, instituiu o tráfico e trabalho escravo. O constitucionalismo e o abolicionismo, sintomas de uma monarquia em decadência, que levaram à evolução para o sistema colonialista, e ao fim do tráfico de escravos.

O fim da monarquia constitucional chegou, inevitavelmente, deixando espaço ao surgimento do fascismo que veio dar continuidade e reforçar tudo aquilo que estava em decadência, como o sistema social autoritário, o colonialismo e a, abolida, escravatura. O totalitarismo, que na monarquia era encabeçado por um rei, fazia-se agora por via de um chefe de estado. O colonialismo, que se vinha degradando e perdendo força, em processo de evolução para um conceito de territórios ultramarinos, retrocedeu e consolidou-se, voltando os territórios a chamarem-se colónias e a constituírem parte integrante, do que se tornou a denominar, Império Colonial Português. Para revogar o fim do tráfico e trabalho de escravo, já abolidos, foi instituído o indigenato, que permitiu que os escravos apenas deixassem de se chamar *escravos* e se passassem a chamar *contratados*.

Concluindo, em vez de um monarca, passou a haver um chefe de estado, em vez de tráfico e comércio de escravos, passou a haver indigenato e contratados, e reúnem-se todas as condições para restituir o império colonial. Mudaram-se os nomes ao que havia sido abolido, monarquia e escravatura, e retrocedeu-se e consolidou-se o que interessa quer ao monarca quer ao fascista, o *império* colonial.

Com a queda do fascismo, caiu o colonialismo e o indigenato, institucionais – sem transição – dando lugar, abruptamente, às independências e ao sistema social democrático, onde assistimos ao surgimento deste fenómeno, impregnado na nossa sociedade de língua portuguesa, nominado racismo.

Chegados aqui a este ponto do trabalho, e olhando assim, resumidamente, parece evidente, que os portugueses saíram das colónias, mas as colónias não saíram dos portugueses. Esses resquícios de imperialismo, colonialismo, escravatura e indigenato, agora abolidos, agora inconstitucionais, continuam impregnados na nossa sociedade, e nas pessoas que a compõem.

Se por um lado é compreensível que a sociedade de língua portuguesa tem 5 séculos de totalitarismo, imperialismo, colonialismo e escravismo, para apenas 45 anos de

liberdade, independência, democracia e direitos humanos, por outro, nada desculpa este hiato, com estes mesmos anos, envolto em tabus.

Em tempos diferentes, de maneiras diferentes, e de complexidade diferente, todos estes conceitos, criados pelo desumano, contra o humano, têm no seu âmago, sempre o mesmo significado e propósito, de ferramenta de submissão e subjugação de uns humanos a outros, sempre em prol do lucro e crescimento económico e não do lucro e crescimento humano.

Ignorar, reprimir ou negar os fantasmas do passado, que assombram o presente, não os farão desaparecer. É urgente confrontá-los, aprender e crescer com eles, ultrapassá-los, não apenas Portugal, mas todos os países de língua portuguesa que compõe esta sociedade, em conjunto, e unidos, agora não para descobrirmos o novo mundo, mas para cumprirmos o nosso, o mundo da língua portuguesa.

imperialismo – escravatura / colonialismo – indigenato / democracia – racismo

A Convenção Internacional sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação Racial, aprovada na Assembleia Geral das Nações Unidas de 21 de dezembro de 1965, define “discriminação racial” como qualquer distinção, exclusão, restrição ou preferência fundada na raça, cor, descendência ou origem nacional ou étnica que tenha como objetivo ou como efeito destruir ou comprometer o reconhecimento, o gozo ou o exercício, em condições de igualdade, dos direitos humanos e das liberdades fundamentais nos domínios político, económico, social, cultural ou em qualquer outro domínio da vida pública.

É hoje consensual que o conceito de “raça”, aplicado à espécie humana, é uma construção social datada e que a hipotética existência de “grupos raciais”, tão valorizados no século XIX, não tem qualquer sustentação genética.

Ultrapassando a vertente biológica e entendido num sentido mais amplo como fenómeno de discriminação de grupos ou comunidades sociais, religiosas, étnicas, regionais, o “racismo” precedeu a teoria das raças, que defendia a divisão da humanidade em subespécies dispostas hierarquicamente, afirmando-se nos finais do séc. XVIII, aliada ao nascimento dos nacionalismos europeus.

A escravatura e o tráfico negreiro atlânticos levaram à consolidação de preconceitos relativos aos povos africanos, mas só após vários séculos desta ignóbil prática de mercantilização dos homens, a eugenia e a

incipiente antropologia física colonial vieram dar foros de “verdade científica” à inferiorização e desvalorização cultural do homem negro.

Um episódio ocorrido em 1488 e contado por Rui de Pina, cronista-mor do reino de Portugal, ilustra bem que não era este o contexto dos primeiros séculos de presença europeia em África: Bemoim, rei wolof de um território próximo da foz do rio Senegal, deposto, refugia-se numa caravela portuguesa e parte para Lisboa, onde é recebido com honras de Estado pelo rei D. João II. Também entre 1541 e 1543 um contingente de quatrocentos portugueses luta ao lado de forças do imperador da Etiópia contra invasores Otomanos.

A cristalização oitocentista dos preconceitos étnicos e raciais acompanhou a ocupação efetiva dos espaços coloniais, pelo que, salvo algumas exceções, o racismo foi em primeira instância motivado historicamente por projetos políticos que visavam a exploração económica dos territórios africanos.

Formas de preconceito com base na cor da pele, transfiguradas ou não em diferenças culturais, permaneceram até tarde no século XX com valor de lei em diferentes países, como foi o caso dos Estados Unidos da América, da África do Sul, e também nos impérios coloniais nomeadamente o português, onde o Estatuto do Indigenato, que reduzia os Africanos a instrumentos de trabalho sem qualquer reconhecimento da sua humanidade, só foi abolido em 1961.

Apesar do fim quase generalizado de situações de discriminação institucionalizada, o racismo não desapareceu, apresentando nos dias de hoje diferentes formas e argumentário e centrando-se nas problemáticas da atribuição de cidadania e de direitos políticos ou na regulação dos fluxos migratórios.

A dignidade humana e os direitos humanos têm ainda um longo caminho a percorrer.²¹⁶

3.2.1 Novas Formas de Servidão – Trabalhos Forçados

Abolida a escravatura em Portugal, a sua ideologia prevaleceu, assim como se reproduziram os mecanismos de diferenciação e discriminação étnica e racial das populações coloniais que a sustentavam.

Logo em 1875, a Lei de 29 de abril, concedia aos Libertos, agora chamados Serviçais, a possibilidade de contratação dos seus serviços por dois anos e, de preferência, pelos seus antigos donos, podendo, no entanto, ser estabelecidos contratos para servir noutras colónias.

Em 1878, o Regulamento para os Contratos de Serviçais e Colonos nas Províncias de África Portuguesa estabelecia ainda que os indivíduos considerados vadios poderiam ser compelidos a prestar trabalho.

O trabalho indígena foi, assim, o pilar central de sustentação do Império Colonial português.

Desapareceram os Escravos para dar lugar aos Libertos e Serviçais e, depois, aos Contratados.

O caso da colónia portuguesa de São Tomé e Príncipe é especialmente elucidativo: após a emancipação legal dos escravos, as necessidades de força braçal para a agricultura do cacau levam à importação de trabalhadores de outros territórios, designadamente de Angola – estimando-se que, entre 1881 e 1904, tenham sido importados cerca de 50.000 angolas.

É nestas circunstâncias que se afirma o regime da mão-de-obra contratada. Os roceiros iriam iniciar também o recrutamento de caboverdianos e moçambicanos, predispondo-se a repatriá-los no fim do contrato.

Embora fosse estipulada uma remuneração (quase sempre ausente das fichas produzidas pela Curadoria Geral dos Serviçais e Colonos), o trabalhador contraía, à partida, uma dívida superior, resultante do seu próprio transporte, o que inviabilizava o seu prometido repatriamento.

Em 1878, o Regulamento para os Contratos de Serviçais e Colonos nas Províncias de África Portuguesa introduziu a “liberdade de trabalho” mas, logo em 1899, o Regulamento do Trabalho Indígena, estabeleceu a obrigação de trabalho sob pena da sua imposição pelas autoridades.

Após a instauração, em 1926, da Ditadura Militar em Portugal, foi nesse mesmo ano aprovado o Estatuto Político, Civil e Criminal dos Indígenas de Angola e Moçambique, visando uma “ordem jurídica própria do estado das suas faculdades, da sua mentalidade de primitivos”. Para tal, considerava indígenas “os indivíduos de raça negra ou dela descendentes que, pela sua ilustração e costumes, se não distingam do comum daquela raça”. A ditadura colocava assim, de um lado, os

“civilizados”, ou seja, os europeus da metrópole e, do outro, os povos coloniais, vistos como sub-humanos e inferiores.

A legislação previa, contudo, eventuais possibilidades de ascensão social para autóctones que provassem “capacidades” de passagem a “assimilado” ou “civilizado”. Mesmo os brancos nascidos nas colónias serão identificados como “portugueses de 2.^a”.

O Estatuto do Indigenato só seria revogado em 1961, já após a eclosão da luta armada de libertação nacional em Angola.²¹⁷

3.2.2 Exploração do Trabalho Infantil

Embora as crianças tenham sido desde sempre utilizadas como força de trabalho, o Trabalho Infantil aumentou em grandes proporções com a Revolução Industrial na passagem dos séculos XVIII para XIX. As crianças trabalhavam em fábricas e minas durante longos períodos (12 a 18 horas por dia, seis dias por semana) e sujeitas a condições perigosas, muitas vezes fatais, a troco de pequenas quantias de dinheiro para ajudar as suas famílias.

A regulação do Trabalho Infantil aplicou-se apenas, de um modo geral, às economias desenvolvidas, mantendo-se em largas regiões do mundo a exploração do trabalho de crianças, designadamente pelas multinacionais que para aí se deslocalizaram.

A Assembleia Geral das Nações Unidas aprovou a 20 de novembro de 1989 a Convenção sobre os Direitos da Criança, que estipula no seu artigo 1.º que “criança é todo o ser humano menor de 18 anos”, reconhecendo-lhe, no artigo 32.º, “o direito de ser protegida contra a exploração económica ou a sujeição a trabalhos perigosos ou capazes de comprometer a sua educação, prejudicar a sua saúde ou o seu desenvolvimento físico, mental, espiritual, moral ou social.” Por outro lado, a Organização Internacional do Trabalho, na Convenção n.º 138, aprovada em 1973 e entrada em vigor em 1976, indicou como idade mínima recomendada para admissão em emprego ou trabalho os 16 anos.

Em 1999, a Organização Internacional do Trabalho indicou como plano imediato de ação o combate e eliminação das piores formas de Trabalho

infantil. Nesta lista figuram: todas as formas de escravidão ou similares, como tráfico ou venda de crianças, servidão como pagamento de dívidas, trabalhos forçados ou recrutamento para utilização de crianças em conflitos armados; prostituição infantil; utilização de crianças em atividades ilícitas, como tráfico de droga e trabalhos de risco.

Atualmente estima-se que o número global de crianças que trabalham seja superior a 150 milhões, apresentando a África Subsaariana índices de Trabalho Infantil estimados em 59 milhões, ou 21% da população infantil. Embora se pense que a escravidão já não existe, a Organização Internacional do Trabalho estima que cerca de 5,5 milhões e crianças sejam escravizadas em todo o mundo.²¹⁸

3.2.3 O Trabalho Infantil na Guiné-Bissau

Em vários países da sub-região, o ensino dos estudos corânicos tem sido utilizado por falsos mestres para seduzir centenas de pais a enviar-lhes as suas crianças com o objetivo de aprenderem a ler o Corão. Estes mestres obrigam, contudo, as crianças, conhecidas como talibés, a mendigar nas ruas dinheiro e comida para seu próprio sustento.

56,9% das crianças em idade escolar frequentam, na Guiné-Bissau, algum grau de ensino, estimando-se, no entanto, que muitas, acumulam com a escola a responsabilidade e o peso de algum tipo de atividade laboral.²¹⁹

3.2.4 A Abolição e os Direitos das Mulheres

A princípio, não havia diferenças de estatuto entre o homem da fomalha e a mulher do moinho ou entre o homem que cavava a terra e a mulher que nela lançava a semente. Marc Ferro

A escravatura veio agravar a diferenciação dos direitos das mulheres, nivelando por baixo o seu papel.

Mesmo na sociedade negra desfeita, a mulher africana não mais gozaria de salvaguardas e privilégios de que sempre dispusera.²²⁰

3.2.5 A Abolição e a Conquista de Direitos

O serviço doméstico após a abolição assume características semelhantes aos da estrutura escravagista.

O trabalho doméstico, que mantinha as mulheres negras (ex-escravas) como cuidadoras dos lares, foi uma recorrência.

Em pleno século XX, a conquista do sistema educativo nacional, universal e misto, permitiu às mulheres maior independência económica. O movimento pela emancipação e pelos direitos das mulheres, através também da conquista do direito de voto, lado-a-lado com o movimento abolicionista, trouxe à mulher direitos civis e políticos.²²¹

3.2.6 Novas Formas de Escravatura e Exploração da Mulher

A escravatura foi abolida legalmente, mas as suas heranças estão presentes no quotidiano e na vida das mulheres negras. Se para a mulher é preciso trabalhar mais horas, ou dias, para auferir o mesmo que um homem, a mulher negra permanece, hoje, duplamente condicionada.

Nos nossos dias, continuam a existir graves violações dos Direitos Humanos em muitos países. As mulheres continuam a ser prometidas em casamento a troco de compensações entregues aos pais ou à família. A mulher, por morte do marido, continua a poder ser transmitida por herança a outra pessoa. A mulher continua a ser objeto de tráfico e de exploração sexual e, em muitos casos, forçada à prostituição por redes internacionais. A mulher continua a não ter as mesmas oportunidades no acesso à educação e ao desenvolvimento. A Luta de Libertação da Guiné-Bissau constituiu um momento de importante afirmação da Mulher, chamada a lutar em pé de igualdade com os seus companheiros e tomando posição significativa em todos os momentos da afirmação política e social da Libertação.

O Relatório sobre os Direitos Humanos na Guiné-Bissau, da Organização das Nações Unidas, indicava que, em 2014, nenhuma lei proibia a violência doméstica e mesmo a penalização da violação,

dependente de denúncia da vítima, era geralmente ignorada. O casamento forçado de crianças, a venda de meninas para casamento ou a exploração sexual é ainda uma realidade na Guiné-Bissau e em muitos outros países.

Embora a Assembleia Nacional Popular tenha aprovado, em 2012, a lei de proibição da mutilação genital feminina, a prática continua a ser também uma realidade de muitas meninas guineenses, quer no interior do país, quer na diáspora. A UNICEF estimava, dez anos antes dessa ilegalização, que 50% das mulheres guineenses tinham sofrido mutilação genital.²²²

3.2.7 A Escravatura Moderna

A situação económica, financeira, política e social dos nossos dias caracteriza-se por uma enorme instabilidade, agravada pelos processos desregrados da globalização e pelas disputas de invocada natureza religiosa. Um pouco por todo o lado, conflitos de vária ordem têm provocado enormes vagas migratórias - segundo a Organização Internacional do Trabalho, só em 2014, cerca de 60 milhões de pessoas foram forçadas a mudar a sua localização em resultado de guerras, conflitos ou perseguições, o que tem vindo a agravar-se.

Esta realidade abre caminho ao aumento do tráfico de seres humanos, reduzidos à perda dos seus direitos, expostos a condições de trabalho degradantes e sujeitos à exploração e à fraude.

Estamos perante novas escravaturas, frequentemente acompanhadas da privação de liberdade de movimentos, de múltiplas formas de coação e mesmo de sujeição a trabalhos não remunerados.

Não se conhecem com rigor os dados desta Escravatura Moderna, que abarca realidades tão diversas como a servidão por dívidas, os trabalhos forçados, o trabalho escravo, o tráfico sexual ou a servidão doméstica. Mas a verdade é que estamos perante seres humanos controlados por indivíduos ou organizações que, através da violência e da coação, os mantêm reféns para melhor os explorar económica e socialmente.

Calcula-se (globalslaveryindex.org) que mais de 45 milhões de pessoas em todo o mundo estão hoje sujeitas a verdadeiras condições de escravatura.²²³

Transcrevemos aqui na íntegra estes excertos, sem nada mais acrescentar que já eles não digam, que servem de prova e consolidam a veracidade, óbvia, de todos problemas que aqui, neste trabalho, se identificam.

Comprovamos que é longa a história do imperialismo e ainda mais longa a da escravatura, e damos ainda os primeiros passos na democracia e nos direitos humanos. A nossa sociedade já deixou o colonialismo e o racismo, mas o colonialismo e o racismo ainda não nos deixaram nós.

A constituição e os direitos humanos estão criados, mas foi ainda apenas o primeiro passo, de muitos ainda por dar, na continuação da sua evolução e, acima de tudo, no trabalho árduo e diário que tem sido feito e terá de se fazer ainda mais, no sentido de garantir que elas são verdadeiramente aplicadas e respeitadas.

O imperialismo, que sofreu depois da II Guerra a mutação que o tornou numa corrida pelo poder nuclear, dando origem à Guerra Fria, evoluiu hoje já para uma nova estirpe, o imperialismo económico, onde assistimos aos países mais poderosos, em crescente competição e hostilidade económica, e começam já a revelar-se os primeiros vislumbres do que se pode vir a tornar uma guerra económica.

Dentro destas novas formas de imperialismo, desenvolve-se a escravatura contemporânea, em constantes investidas contra os direitos humanos e do trabalho, num trabalho constante pela precariedade, que dissimula e muitas vezes reverte, direitos já conquistados.

Aliado a isto, assistimos a tentativas de instigar racismo, a xenofobia e o preconceito religioso, que trabalham no sentido de envenenar e dividir o estado social e a democracia, para mais facilmente os violar.

O imperialismo económico, a escravatura contemporânea, e o recente crescimento de movimentos neo-fascistas, que abrem as portas do ódio, do racismo, da xenofobia e da intolerância, são a confirmação de que o pior do passado, que ainda agora se aboliu, já está a demonstrar a sua capacidade de se adaptar ao presente. Presente, que nos revela um nível ainda altíssimo e perigoso de inconsciência, que nos pode trazer um futuro não muito diferente do passado.

Queremos assim declarar que, chegados ao século XXI, podemos concluir que o derradeiro binário do nosso tempo, é o da inconsciência – consciência. Das corridas dos

impérios, primeiro ao mundo, depois aos escravos, depois à força nuclear, depois ao espaço, depois ao poder económico, podemos, do alto do nosso século, perceber como andamos em círculos.

Apelamos assim a Portugal e à nossa sociedade por todo este mundo de língua portuguesa, pioneiros das navegações e das tormentas, que tenhamos coragem de sermos pioneiros uma vez mais, agora da navegação da nossa língua portuguesa, para a nova humanidade, agora não orientados pelos astros, mas pela tecnologia da consciência.

Os astros, sempre estiveram aí fora, mesmo antes de aprendermos a capacidade de nos orientarmos por eles, tal como a consciência, sempre esteve e continua cá dentro, à espera que aprendamos a capacidade de nos orientarmos por ela.

Canto dos torna-viagem

*Foi no sulco da viagem
Já sem armas nem bagagem
Nem os braços da equipagem
Foi ao voltar*

*Pátria moratória
No coração da história
Que consumiste a glória
Num jantar*

*Foi como se Portugal
P'ra seu bem e p'ra seu mal
Andasse em busca de um final
P'ra começar*

*Ávida violência
Reverso da inocência
Sal da inconsciência
Que há no mar*

*Império tão pequenino
De portulano caprino
Bolsos de sina e de sino
Em cada mão*

*Pátria imaginária
De consistência vária
Afirmação diária
Do teu não*

*As malas dos portugueses
São como os olhos das rezes
Que se mastigam três vezes
Em cada chão*

*Cândida ignorância
Grande desimportância
Os frutos da errância
Já lá vão*

*Ai Senhora dos Navegantes me valei
De África, do sal e do mar só eu sobrei
Foi p'ra me encontrar que amanhã já me perdi
Longe vai o tempo em que eu já não estou aqui*

*Ai Senhora dos Talvez-Muitos-Mais-Sinais
Socorrei estes desperdícios coloniais
Foi na noite fria que o dia me cegou
Inda agora fui, inda agora cá não estou*

*Ai Senhora dos Esquecidos me lembrai
O caminho que p'ra lá vem e p'ra cá vai
Et cetera e tal, portugal é nós no mar
Inda agora vim e estou longe de chegar*

*Ai Senhora dos Meus Iguais que eu subtraí
Foi pataca a mim e não foi pataca a ti
Se é tão grande a alma na palma do meu ser
Algum dia eu vou finalmente acontecer*

*Porque não tentar outro ponto de vista
A história dos outros, quem a contará
Se qualquer colónia sem colonialista
São os que já estavam lá*

*Tentemos então ver a coisa ao contrário
Do ponto de vista de quem não chegou
Pois se eu fosse um preto chamado Zé Mário
Eu não era quem eu sou*

*Os navegadores chegaram cá a casa
E foi tudo novo p'ra eles e p'ra mim*

*A cruz e a espada e os olhos em brasa
Porque me trataste assim?*

*Não é culpa nossa se quem p'ra cá veio
Não se incomodou ao saber do horror
A história não olha a quem fica no meio
E o que foi é de quem fôr²²⁴*

3.3 Conclusão da Conclusão

Nooesfera

Termo introduzido por Teilhard de Chardin em Le Phénomène Humain, e que aqui designa o mundo das ideias, dos espíritos, dos deuses, entidades produzidas e nutridas pelos espíritos humanos no seio da sua cultura. Estas entidades, deuses ou ideias, dotadas de autonomia dependente (dos espíritos e da cultura que os alimentam), adquirem uma vida própria e um poder dominador sobre os humanos.²²⁵

O ser humano é plenamente físico e plenamente metafísico, plenamente biológico e plenamente metabiológico.²²⁶

O humano define-se, em primeiro lugar, como uma trindade indivíduo-sociedade-espécie: o indivíduo é um dos termos desta trindade.

Cada um destes termos contém os restantes. Os indivíduos não se encontram apenas na espécie, a espécie encontra-se nos indivíduos; não são apenas os indivíduos que estão na sociedade, a sociedade está no interior dos indivíduos, imprimindo-lhes a sua cultura desde o nascimento.

Os indivíduos são o produto do processo reprodutor da espécie humana, mas este processo deve ser ele próprio produzido pelos indivíduos.²²⁷

No entanto, as finalidades do indivíduo humano não se reduzem ao viver para a espécie, nem ao viver para a sociedade. Um indivíduo aspira a viver plenamente a sua vida.²²⁸

As instâncias ligadas em trindade são inseparáveis. O indivíduo humano, na sua própria autonomia, é simultaneamente cem por cento biológico e cem por cento cultural.²²⁹

Imprinting

O imprinting é a marca sem regresso imposta pela cultura familiar em primeiro lugar, social em seguida, e que se mantém na vida adulta. O imprinting inscreve-se cerebralmente desde a primeira infância pela

*estabilização selectiva das sinapses, inscrições primeiras que vão marcar irreversivelmente o espírito individual no seu modo de conhecer e de agir. A isso acresce e com isso se combina a aprendizagem, que elimina ipso facto outros modos possíveis de conhecer e de pensar.*²³⁰

As liberdades cultivam-se de preferência nas franjas, entre os artistas, os «originais», as pequenas comunidades de não conformistas [...]

As resistências espontâneas dos indivíduos às imposições e servidões de ordem social constituem um fermento libertário permanente.

Um pouco por todo o lado, há esforços múltiplos e incessantes tendentes à auto-expressão e à autodeterminação.

Em qualquer sociedade, os espíritos insubmissos ao imprinting e à normalização são os precursores das liberdades dos outros.

O indivíduo só é eminentemente livre na medida em que for capaz de contestar a sociedade [...]

*Em determinados lugares, em determinados momentos privilegiados, há irrupções de liberdades criadoras. Determinados indivíduos revelam então as suas capacidades de imaginar e de conceber e, transgredindo as normas, manifestam-se como inventores, teóricos, pensadores, criadores. Esta liberdade ainda é rara...*²³¹

Os Lusíadas

*Mas um velho, de aspeito venerando,
Que ficava nas praias, entre a gente,
Postos em nós os olhos, meneando
Três vezes a cabeça, descontente,
A voz pesada um pouco alevantando,
Que nós no mar ouvimos claramente,
C'um saber só de experiências feito,
Tais palavras tirou do experto peito:*

*«Ó glória de mandar, ó vã cobiça
Desta vaidade, a quem chamamos Fama!
Ó fraudulento gosto, que se atiça
C'uma aura popular, que honra se chama!
Que castigo tamanho e que justiça
Fazes no peito vão que muito te ama!
Que mortes, que perigos, que tormentas,
Que crueldades neles esprimentas*

*Dura inquietação d'alma e da vida,
Fonte de desemparos e adultérios,
Sagaz consumidora conhecia
De fazendas, de reinos e de impérios!
Chamam-te ilustre, chamam-te subida,
Sendo dina de infames vitupérios;
Chamam-te Fama e Glória soberana,
Nomes com quem se o povo néscio engana,*

*A que novos desastres determinas
De levar estes Reinos e esta gente?
Que perigos, que mortes lhe destinas,
Debaixo dalgum nome preminente?
Que promessas de reinos e de minas
De ouro, que lhe farás tão facilmente?
Que famas lhe prometerás? Que histórias?
Que triunfos? Que palmas? Que vitórias?*

*Mas, ó tu, geração daquele insano
Cujo pecado e desobediência
Não somente do Reino soberano
Te pôs neste desterro e triste ausência,
Mas inda doutro estado, mais que humano,
Da quieta e da simpres inocência,
Idade de ouro, tanto te privou,
Que na de ferro e de armas te deitou:*

*Já que nesta gostosa vaidade
Tanto enlevas a leve fantasia,
Já que à bruta crueza e feridade
Puseste nome «esforço e valentia»,
Já que prezas em tanta quantidade
O desprezo da vida, que devia
De ser sempre estimada, pois que já
Temeu tanto perdê-la quem a dá:*

*Não tens junto contigo o Ismaelita,
Com quem sempre terás guerras sobejas?
Não segue ele do Arábio a Lei maldita,
Se tu pola de Cristo só pelejas?
Não tem cidades mil, terra infinita,
Se terras e riqueza mais desejas?
Não é ele por armas esforçado,
Se queres por vitórias ser louvado?²³²*

É um truísmo, que se usa indevidamente Os Lusíadas para consolidar a narrativa nacionalista, que serve a inconsciência e a desumanidade, como ele próprio aqui reconhece, que se usa a Bíblia e a religião para a inconsciência e desumanidade da guerra. Mas reconhecemos que tanto Azurara, no século XV, como Camões, no século XVI, não se limitam a contar e exaltar os feitos dos descobrimentos, como nos é transmitido até aos dias de hoje, mas demonstram também dúvida, reflexão e crítica, sobre o tempo que viveram e a história que nos contam, assim como denotam nos seus textos, que conota nas suas pessoas, não só a existência de consciência e de humanidade, como o exercício delas.

Referimos, anteriormente, a clara compaixão sentida por Azurara, ao testemunhar a desumanidade perpetrada sobre aqueles semelhantes, por outros seus semelhantes, e como tanto que lhe pesou na sua alma, o sofrimento daquelas outras almas, que a sua consciência, despertou, perplexa e desassossegada, não lhe permitindo nada escrever, dedicando assim um capítulo ao episódio, à consciência e aqueles seus semelhantes humanos.

Referimos, agora, a clara reflexão crítica neste episódio, conhecido e interpretado pejorativamente, como *Velho do Restelo*, mas que acreditamos que deveria ser antes conhecida como Sábio do Restelo. No meio do povo de *nescios*, que se limitam a existir e anuir as vontades da pátria e da sociedade, inconscientes, sem sequer reflectirem as suas, um homem com certa idade, denotado de relevante inteligência, própria e resultante de vivida experiência, faz um discurso aquando da despedida e partida dos barcos ao mar, que não visa demover ou impedir ninguém, mas sim incitar ao exercício da reflexão e da crítica, da inteligência, da consciência e da humanidade.

Quer tenha sido um episódio factual ou ficcional, o facto de Camões o escrever, significa que queria que fosse lido, e que a reflexão do autor, continuasse no leitor.

Tal como confirma a religião cristã, existem inúmeras leituras possíveis e diferentes dum mesmo livro, que já causaram e causam, inclusivamente, conflitos e guerras de cristãos, contra não-cristãos e mesmo contra outros cristãos. Também sobre Os Lusíadas, livro que se tornou a bíblia da pátria e do nacionalismo português, se instituiu uma única leitura válida e aceite, que não deixa espaço a nada que vá além da anuência da narrativa apresentada, e que serve o propósito de consolidar o nacionalismo fátuo dos indivíduos e da sociedade, que assim se torna o exército, que executa, sem questionar, as ordens e os fins, ignóbeis, de quem construiu e constrói a dita narrativa.

O orgulhoso *nescio* sentir-se-á insultado, o apenas *nescio*, sentir-se-á avisado do insulto que consente ao ignóbil, e que, por fim, se faz a si próprio.

Claro, quem construiu e constrói o branqueamento da história e a narrativa poético-heroica, define os capítulos e excertos aos quais se deve dar mais ênfase e quais se devem

dissimular e deixar no esquecimento – como demonstra o episódio do Azurara – além da interpretação que se deve fazer e estimular deles – tal como demonstra o sentido pejorativo construído em torno do *Velho do Restelo* de Camões. Estas obras, que representam apogeus literários dos respectivos períodos e da literatura de língua portuguesa, são ao mesmo tempo, os documentos históricos dos quais se extraiu, e extrai, o conteúdo “científico”, literário e histórico. Assim, o conteúdo que se extrai – selecionado e tendencioso – e como se transmite – como científico e de leitura única aceite, social e academicamente, inquestionável e à margem da reflexão – reflecte-se não só na cultura popular e na identidade nacional, transmitidos por semiose, assim como influencia, escabrosamente, o panorama científico e académico, entranhando-se em todo o espectro do sistema educativo.

Essa identidade e cultura maligna da sociedade, alastra-se a todos os órgãos, atingindo esses, vitais, que são a ciência e o sistema educativo que, por sua vez, a transmite desde muito cedo aos novos indivíduos, que crescem e se formam, a partir e com a malformação, perpetuando assim esse ciclo.

O sistema social, gera o sistema educativo, que gera sistema social. Assim os erros do sistema social, passam para o sistema educativo, que educa com o erro e segundo o erro, que assim perpétua o erro.

Devia, e deve, caber a todos os órgãos da sociedade, procurar identificar os nossos erros, mas acreditamos e defendemos, aqui neste trabalho, que neste nosso meio, o académico, é absolutamente primordial e urgente este trabalho, de detecção dos nossos erros sociais, que circulam livremente por todos os órgãos da nossa sociedade de língua portuguesa. O erro social, que gera o erro identitário, é consolidado ao corromper o meio científico, académico e educativo, que passam assim a trabalhar e transmitir a educação do erro.

A própria vertente científica da história e da literatura histórica, é de modo erróneo e redutor, cingida aos dados, à sua recolha, verificação, memorização e conhecimento inconsciente, contidos dentro das muralhas do anacronismo, que impedem a entrada de erro, mas também a saída de erro, e que separam a história do presente, retirando-lhes a sua verdadeira ciência, que é a do exercício da reflexão, crítica e debate da história, que não é apenas sobre conhecimento, mas é, na sua essência, o conhecimento do conhecimento, gerador de conhecimento consciente e de consciência.

A título de exemplo, a história serve mais facilmente o conservadorismo e o prolongamento do erro, do que a sua mudança e o progresso.

O racista, facilmente justifica o seu racismo contemporâneo, com todo o racismo intrínseco na escravatura praticada ao longo da história – o passado é racista, por isso é normal que também o seja – o que representa, incontestavelmente, uma leitura inconsciente da história

O anti-racista, com muito maior grau de dificuldade usa o seu conhecimento do conhecimento da história, o conhecimento consciente, contemporâneo, para concluir que – o passado é racista, por isso cabe-me a mim, no presente, lutar para terminar de vez este erro, que nos chega desde o passado, este ciclo, para um futuro sem racismo, com novos e melhores ciclos – que representa, incontestavelmente, uma leitura consciente da história.

A maneira como a história serve, muitas vezes, mais facilmente o erro, o seu prolongamento ou adaptação, do que a sua desconstrução e correcção, é a prova que ela mesma contém o erro. O erro da história, da ciência, do meio académico, é o de estarem desligados da consciência, individual e social, humana e da humanidade, tal como o próprio humano, tal como a própria humanidade. É urgente concentrar mais energia e atenção no erro e na dúvida, em busca pelo conhecimento consciente, do que no acerto e na certeza, do conhecimento inconsciente.

A consciência é a tecnologia primordial do humano e da humanidade, humanizante, que permite ao humano humanizar, a si, aos outros e à humanidade.

A inconsciência é o oposto, é a ausência de tecnologia, arcaica, ela sim anacrónica, desumanizante, que desumaniza humanos ao patamar de animais, objectos, mercadorias e no expoente conhecido, meros números.

Nos exemplos mais categóricos, toda a ciência inconsciente humana trouxe-nos a este ponto, em que o Homem produz alimentos que davam para alimentar o mundo inteiro, no entanto a fome no mundo continua a aumentar, o Homem desenvolveu a tecnologia de construção ao extremo de construir arranha-céus com quase 1km de altura, barreira que eventualmente será ultrapassada, ao mesmo tempo nunca houve tantos refugiados no mundo, a habitar e viver em condições desumanas.

A ciência sem consciência, resulta no progresso da desumanização.

A história sem consciência, resulta no prolongamento adaptativo dos erros desumanizantes.

Esta arquitectura identitária portuguesa, que começou a ser construída às primeiras crónicas do reino, dando início ao desenvolvimento da *noosfera* portuguesa, que evoluiu exponencialmente, até ao seu apogeu no fascismo do Estado Novo, período que não só a consolidou, como levou ao extremo o seu *imprinting*, e que cravou o nacionalismo, o colonialismo, o racismo, o xenofobismo, o islamofobismo que perduram, profundamente anacrónicos, na sociedade democrática contemporânea.

Nem tudo é mau, mas não nos cabe aqui exaltar, o que mais do que exaltado está. Cabe-nos sim, aqui neste trabalho, e a todos nós, no nosso tempo, exaltar o que está por exaltar, que é o lado negativo, para que o possamos perdoar e ultrapassar.

Vivemos num período em que cresce a globalização, e como defende Edgar Morim, e como concordamos, é preciso globalizar e desglobalizar em simultâneo. É preciso assumir a complexidade como intrínseca que é. Nem toda a globalização é boa, nem todo o nacionalismo é mau. Aquilo que é indubitável é a urgência da consciência, que é a tecnologia essencial para a melhor execução destes processos e para que eles trabalhem para a humanização da humanidade.

Mas como seremos capazes de humanizar o mundo, se nem somos ainda capazes de humanizar a nossa sociedade de língua portuguesa?

Como seremos capazes de assumir essa identidade global, se nem somos ainda capazes de construir a nossa identidade de língua portuguesa?

Acreditamos que será este o primeiro passo do processo para chegar, no futuro, a uma sociedade mundial unida, que Morim, Bertrand e tantos outros já sonharam. O primeiro é desconstruir esta identidade nacional, para que possa permitir e co-existir com a construção da identidade de língua portuguesa, que depois nos permitirá continuar a avançar pelos mares nunca antes navegados da identidade da humanidade.

Não sabemos, nem poderíamos saber, o caminho, mas o astrolábio da consciência permite-nos saber onde estamos, e a bússola da consciência, aponta-nos a direcção, que é a da transcendência espacial, da identidade e sociedade território – nacional/europeu/binária – para a identidade e sociedade língua – língua portuguesa/cultural/complexa.

A União Europeia foi, e é, uma das grandes conquistas da humanidade, mas não nos faz sentido, nem podemos aceitar, que nos dêmos melhor com os nossos vizinhos, europeus, do que com a nossa família, de língua portuguesa.

Devemos reformar a educação, porque a nossa educação produz especialistas e não forma o que Jean-Jacques Rousseau, em seu livro sobre a educação no fim do século XVIII, dizia [...] falando aos alunos: Eu quero ensiná-los a viver.

Educar, é ensinar a enfrentar os problemas da vida. Não apenas conhecendo a matemática e a gramática. É preciso ensinar a compreensão humana, é preciso ensinar a enfrentar as incertezas, é preciso ensinar o que é o ser humano. É preciso ensinar a desarmar as armadilhas do conhecimento, porque o que acreditamos ser o conhecimento, frequentemente, é o erro.

Descartes, dizia que o próprio do erro, é que ele não sabe que é um erro.

*Temos de reformar completamente a educação, temos de reformar o conhecimento, o pensamento. E portanto, o pensamento político, que é tão pobre actualmente, que é tão vazio, e que tem necessidade de ter um pouco de concepção de mundo, para nos guiar nesse oceano de incertezas, no qual nos encontramos.*²³³

*Por consciência histórica entendemos o privilégio de o homem moderno poder contar plenamente com a historicidade de todo o presente.*²³⁴

*A cultura epistemológica actual não leva em linha de conta a profundidade da história humana.*²³⁵

Todos os indivíduos que trouxeram inovações e transformações históricas são à partida desviantes, muitas vezes perseguidos como tal [...]

*Todas as grandes inovações biológicas, humanas e históricas foram desviantes [...]*²³⁶

Adquirimos conhecimentos espantosos sobre o mundo físico, biológico, psicológico, sociológico. A ciência impõe cada vez mais os métodos de verificação empírica e lógica. As luzes da Razão parecem rejeitar nos antros do espírito mitos e trevas. E, no entanto, por toda a parte, o erro, a ignorância, a cegueira, progredem ao mesmo tempo que os nossos conhecimentos.

É-nos necessária uma tomada de consciência radical:

- 1. A causa profunda do erro não está no erro de facto (falsa percepção) ou no erro lógico (incoerência), mas no modo de organização do nosso saber em sistema de ideias (teorias, ideologias);*
- 2. Existe uma nova ignorância ligada ao desenvolvimento da própria ciência;*
- 3. Existe uma nova cegueira ligada ao uso degradado da razão;*
- 4. As ameaças mais graves em que a Humanidade incorre estão ligadas ao progresso, cego e descontrolado do conhecimento (armas term nucleares, manipulações de todas as espécies, desequilíbrio ecológico, etc)*

*Eu pretendia mostrar que estes erros, ignorâncias, cegueiras, perigos têm um carácter comum que resulta de um modo mutilador de organização do conhecimento, incapaz de reconhecer e aprender a complexidade do real.*²³⁷

*Educação não transforma o mundo. Educação muda as pessoas. Pessoas transformam o mundo.*²³⁸

*Educação é a arma mais poderosa que você pode usar para mudar o mundo.*²³⁹

A história e a narrativa chegaram até à liberdade e democracia, agora é preciso deixar a liberdade e democracia chegar à narrativa e à história.

Das razões que levaram ao início de toda esta história da expansão portuguesa – das oficiais, a primeira, que era conhecer o desconhecido, além do bojador; a segunda, estabelecer novas rotas de mercado; a terceira, perceber até onde ia o poder mouro; a quarta, procurar povos cristãos desconhecidos; a quinta, levar o catolicismo ao mundo; mais as duas, não oficiais, pessoais, que aqui identificamos; sexta, descobrir a nascente do Nilo e sétima, saber esse segredo que tantos e os mais poderosos tentaram descobrir e, assim, tornar-se o ser mais conhecedor do mundo e da história e, sendo que saber é poder, quiçá o mais poderoso – podemos concluir que a consciência terá razões que a própria razão, ainda, desconhece – que aqui tentamos clarificar e mostrar – porque aquilo que verdadeiramente ficou foi a língua portuguesa.

Conquistámos os mares, usurpámos os territórios, usurpámos os povos, usurpámos as riquezas, achando que o mundo era nosso para dele extrair só lucro, sem nada darmos em troca, mas as riquezas gastam-se, os povos libertam-se, os territórios regeneram-se, e os mares voltam a pertencer ao mundo, e aquilo que ficou e que é uma riqueza inesgotável, é língua portuguesa, que sem querer demos, inconscientes tanto no tirar como no dar.

É este o foco deste trabalho e a mensagem primordial que pretendemos despertar. É, indubitavelmente, esta a maior riqueza de Portugal, a língua portuguesa, e de tão rica e inesgotável, quanto mais a demos mais ela cresceu, tanto, que deixou de ser apenas de Portugal. Tudo o que é verdadeiramente riqueza, quanto mais se dá, mais cresce, as outras, que se consomem e gastam, não são verdadeiramente riquezas.

A língua portuguesa deixou assim de pertencer a Portugal, Portugal é que pertence à língua. A língua, pertence ao povo que a fala, ao povo de língua portuguesa.

Nesta família, que é a humana, aquilo que nos faz parentes directos é a língua materna. Se a língua é materna, o povo que a fala é irmão, independentemente da distância, cor, religião, da história, das guerras, independentemente do que quer que seja, é o sangue da cultura.

A nossa verdadeira pátria é a língua portuguesa.

É preciso então transcender a identidade e sociedade espacial, territorial, e alcançar a identidade e sociedade complexa, cultural, para criar e desenvolver esta nova identidade e sociedade de língua portuguesa.

Se actualmente vivemos, ainda, dentro dos limites do sistema nacionalista territorial, Portugal-Europa-Mundo, por esta ordem, aquilo que aqui se propõe seria alcançar um sistema, Mundo-Língua Portuguesa-Europa-Portugal. Tal como, por exemplo, Angola vive também no seu sistema nacionalista territorial, Angola-África-Mundo, passaria a Mundo-Língua Portuguesa-África-Angola.

A nossa primeira identidade não é um território. A nossa primeira identidade é a humana, de humano pertencente a uma humanidade. A segunda, já contida na humana, é a identidade cultural, da qual a língua é o “ADN” primordial. Só depois aparece a identidade continental e territorial. Todos nós *somos* humanos e *somos* a nossa língua e a nossa cultura, apenas *estamos* num determinado continente e determinado país. Ser e estar, têm dimensões profundamente dispares.

Consideramos assim, que esta é a História da Língua Portuguesa, de onde nascem os Seres de Língua Portuguesa, que contêm a Cultura de Língua Portuguesa, e a Identidade de Língua Portuguesa, que habitam os territórios que constituem esta Comunidade de Países de Língua Portuguesa, que contêm o Património de Língua Portuguesa.

E sonhamos que com o desenvolvimento da identidade, esta comunidade de língua portuguesa, se possa desenvolver para uma verdadeira sociedade, unida, de língua portuguesa.

Como seres de língua portuguesa, não podemos permitir que tantos flagelos continuem a persistir nesta nossa, ainda, desagregada sociedade de língua portuguesa, muito menos compactuar.

Desde a óbvia corrupção angolana, à óbvia compactuação da corrupção portuguesa, ao fascismo crescente no Brasil, ao terrorismo instalado em Moçambique, a nossa desagregada sociedade assiste inerte. A fome na sociedade de língua portuguesa, as carências de cuidados de saúde, as altas taxas de mortalidade infantil, até às, ainda insuficientes, taxas de escolarização e alfabetização.

São alguns dos principais exemplos de uma longa lista de problemas desta nossa, desagregada, sociedade.

Todo este trabalho aqui desenvolvido, em busca da consciência e da questão identitária, não é meramente ideológico, mas sim com o objectivo de ser um passo, e acreditamos ser um passo fundamental, para a união da sociedade de língua portuguesa, para que, por sua vez, consigamos transformar estes problemas em desafios e desafios em soluções. E acreditamos ser indubitável, que uma sociedade unida, é uma sociedade mais forte e por sua vez, mais capaz de resolver problemas. A mesma sociedade tem tanta capacidade para gerar problemas, como para os solucionar. Acreditamos que a desunião fortalece a tendência do surgimento e agravamento de problemas, enquanto a união fortalece a tendência para a atenuação de problemas e surgimento de soluções. Assim, trabalhar para união da língua portuguesa é trabalhar para solução dos seus problemas.

Portugal

População total, em 2019: 10 269 417

Crescimento demográfico: -0,14%

Previsão demográfica: 2030 – 9 913 000 / 2050 – 9 085 000

Taxa de alfabetização jovem, de 15 a 24 anos, em 2015: 99,6%

Proporção bruta de matrículas, em 2015: ensino pré-escolar – 93,7%; ensino primário – 107,4%; ensino secundário – 119,1%; ensino superior – 61,9%

Taxa de mortalidade infantil, de 0 a 1 ano, em 2018: 2,87 (mortes por cada 1 000 nascimentos vivos)

Taxa de mortalidade infantil, de 0 a 5 anos, em 2018: 3,30 (mortes por cada 1 000 nascimentos vivos)

Brasil

População total, em 2019: 211 049 527

Crescimento demográfico: 0,75%

Previsão demográfica: 2030 – 223 852 000 / 2050 – 228 980 000

Taxa de alfabetização jovem, de 15 a 24 anos, em 2015: 98,9%

Proporção bruta de matrículas, em 2015: ensino pré-escolar – 92,2%; ensino primário – 115,3%; ensino secundário – 99,7%; ensino superior – 50,6%

Taxa de mortalidade infantil, de 0 a 1 ano, em 2018: 12,74 (mortes por cada 1 000 nascimentos vivos)

Taxa de mortalidade infantil, de 0 a 5 anos, em 2018: 14,91 (mortes por cada 1 000 nascimentos vivos)

Angola

População total, em 2019: 31 825 295

Crescimento demográfico: 3,30%

Previsão demográfica: 2030 – 44 835 000 / 2050 – 77 420 000

Taxa de alfabetização jovem, de 15 a 24 anos, em 2015: 72,9%

Proporção bruta de matrículas: ensino pré-escolar, em 2011 – 79,2%; ensino primário, em 2011 – 128,7%; ensino secundário, em 2011 – 28,9%; ensino superior, em 2015 – 9,3%

Taxa de mortalidade infantil, de 0 a 1 ano, em 2018: 60,36 (mortes por cada 1 000 nascimentos vivos)

Taxa de mortalidade infantil, de 0 a 5 anos, em 2018: 79,31 (mortes por cada 1 000 nascimentos vivos)

Moçambique

População total, em 2019: 30 366 036

Crescimento demográfico: 2,95%

Previsão demográfica: 2030 – 41 185 000 / 2050 – 65 313 000

Taxa de alfabetização jovem, de 15 a 24 anos, em 2015: 76,8%

Proporção bruta de matrículas: ensino pré-escolar, em 1986 – 11%; ensino primário, em 2015 – 105,8%; ensino secundário, em 2015 – 32,4%; ensino superior, em 2015 – 6,4%

Taxa de mortalidade infantil, de 0 a 1 ano, em 2018: 52,69 (mortes por cada 1 000 nascimentos vivos)

Taxa de mortalidade infantil, de 0 a 5 anos, em 2018: 71,59 (mortes por cada 1 000 nascimentos vivos)

Cabo Verde

População total, em 2019: 549 935

Crescimento demográfico: 1,13%

Previsão demográfica: 2030 – 610 000 / 2050 – 679 000

Taxa de alfabetização jovem, de 15 a 24 anos, em 2015: 98,1%

Proporção bruta de matrículas, em 2015: ensino pré-escolar – 73,7%; ensino primário – 109,9%; ensino secundário – 92,9%; ensino superior – 21,7%

Taxa de mortalidade infantil, de 0 a 1 ano, em 2018: 16,65 (mortes por cada 1 000 nascimentos vivos)

Taxa de mortalidade infantil, de 0 a 5 anos, em 2018: 20,8 (mortes por cada 1 000 nascimentos vivos)

São Tomé e Príncipe

População total, em 2019: 215 056

Crescimento demográfico: 1,91%

Previsão demográfica: 2030 – 268 000 / 2050 – 394 000

Taxa de alfabetização jovem, de 15 a 24 anos, em 2015: 97,3%

Proporção bruta de matrículas, em 2016: ensino pré-escolar – 54,1%; ensino primário – 115,0%; ensino secundário – 86,2%; ensino superior – 13,4%

Taxa de mortalidade infantil, de 0 a 1 ano, em 2018: 25,87 (mortes por cada 1 000 nascimentos vivos)

Taxa de mortalidade infantil, de 0 a 5 anos, em 2018: 31,65 (mortes por cada 1 000 nascimentos vivos)

Guiné-Bissau

População total, em 2019: 1 920 922

Crescimento demográfico: 2,49%

Previsão demográfica: 2030 – 2 416 000 / 2050 – 3 557 000

Taxa de alfabetização jovem, de 15 a 24 anos, em 2015: 77,1%

Proporção bruta de matrículas: ensino pré-escolar, em 2010 – 6,5%; ensino primário, em 2010 – 113,7%; ensino secundário, em 2006 – 32,6%; ensino superior, em 2006 – 2,5%

Taxa de mortalidade infantil, de 0 a 1 ano, em 2018: 56,19 (mortes por cada 1 000 nascimentos vivos)

Taxa de mortalidade infantil, de 0 a 5 anos, em 2018: 81,09 (mortes por cada 1 000 nascimentos vivos)

Guiné-Equatorial

População total, em 2019: 1 355 986

Crescimento demográfico: 3,59%

Previsão demográfica: 2030 – 1 874 000 / 2050 – 2 821 000

Taxa de alfabetização jovem, de 15 a 24 anos, em 2015: 98,3%

Proporção bruta de matrículas: ensino pré-escolar, em 2015 – 57,8%; ensino primário, em 2015 – 79,1%; ensino secundário, em 2005 – 27,4%; ensino superior, em 2000 – 3,2%

Taxa de mortalidade infantil, de 0 a 1 ano, em 2018: 65,18 (mortes por cada 1 000 nascimentos vivos)

Taxa de mortalidade infantil, de 0 a 5 anos, em 2018: 92,52 (mortes por cada 1 000 nascimentos vivos)

Timor Leste

População total, em 2019: 1 293 119

Crescimento demográfico: 1,98%

Previsão demográfica: 2030 – 1 547 000 / 2050 – 2 019 000

Taxa de alfabetização jovem, de 15 a 24 anos, em 2015: 82,2%

Proporção bruta de matrículas: ensino pré-escolar, em 2015 – 18,9%; ensino primário, em 2015 – 136,8%; ensino secundário, em 2015 – 76,8%; ensino superior, em 2010 – 18,1%

Taxa de mortalidade infantil, de 0 a 1 ano, em 2018: 36,68 (mortes por cada 1 000 nascimentos vivos)

Taxa de mortalidade infantil, de 0 a 5 anos, em 2018: 45,93 (mortes por cada 1 000 nascimentos vivos)

Língua Portuguesa

População total, em 2019: 288 845 293

Crescimento demográfico: 1,996%

Previsão demográfica: 2030 – 326 500 000 / 2050 – 390 268 000

Taxa de alfabetização jovem, de 15 a 24 anos, em 2015: 89,02%

Proporção bruta de matrículas: ensino pré-escolar – 54,12%; ensino primário – 112,41%; ensino secundário – 66,22%; ensino superior – 20,79%

Taxa de mortalidade infantil, de 0 a 1 ano, em 2018: 36,58 (mortes por cada 1 000 nascimentos vivos)

Taxa de mortalidade infantil, de 0 a 5 anos, em 2018: 49,01 (mortes por cada 1 000 nascimentos vivos)²⁴⁰

*Portugal tem o segundo maior número de arquitetos per capita na União Europeia [...] há atualmente em Portugal mais de 23 mil arquitetos inscritos na Ordem dos Arquitetos, o que dá uma média de 2,2 per capita [...]*²⁴¹

Em 14 de agosto, o CAU registrou 106.038 arquitetos e urbanistas ativos no país [...]

*O Brasil registra hoje um índice de 0,55 arquiteto por cada grupo de mil habitantes, relação semelhante àquela dos países desenvolvidos.*²⁴²

*A Ordem dos Arquitectos de Angola (OAA) publicou, esta semana, através do Jornal de Angola, uma listagem de 1.428 profissionais como sendo os técnicos autorizados pelo país para o exercício legal da actividade.*²⁴³

É do conhecimento geral que a demografia europeia se debate com uma nova realidade, devido ao crescente envelhecimento da população, e começa-se já a reflectir sobre aquilo que se designou *silver economy*. Portugal não é excepção. Uma demografia e sociedade portuguesa-europeia estagnada no decréscimo lento e envelhecimento da população. Ao mesmo tempo, os jovens, que são a geração mais letrada e por isso, à partida, mais bem preparada, paradoxalmente, definham por oportunidades, e uma voz e papel activo na sociedade. Se a demografia falha a sua regeneração equilibrada, a sociedade falha ainda mais. A falta de capacidade da sociedade em cumprir-se como consciente e equilibrada, torna cada vez mais precária a condição dos jovens, que assim têm menos filhos e cada vez mais tarde, o que amplifica ainda mais os problemas demográficos, que voltam a influenciar negativamente a sociedade.

Inclusivamente, Portugal investe uma grande quantidade de recursos num sistema educativo, que leva aos positivos números que mencionámos, com uma proporção bruta de matrículas no ensino superior a rondar os 60%, gerando novas gerações bem preparadas academicamente, mas que depois falha, redondamente, na sua integração na sociedade e no aproveitamento desse riquíssimo activo. Portugal investe no seu sistema educativo, que gera novas gerações de *valor acrescentado*, mais bem preparadas em relação às anteriores, mas depois é incapaz na aplicação desse *capital humano*, e desenvolvimento das potencialidades e extração dos lucros, que justificariam o investimento inicial, e gerariam o retorno necessário para a continuidade do crescimento, humano, social e económico.

Quantas vezes ouvimos já dizer que há educação a mais, que há licenciados a mais, que há arquitectos a mais?

Refutamos, categoricamente, esta ideologia absurda, de que há educação a mais. Num mundo onde apenas, por volta, de 6% da população mundial atinge o nível superior de educação, e onde há ainda tanto caminho a percorrer na luta pelo cumprimento do estabelecido, direito humano à educação, consideramos que tais ideologias são ultrajantes, e chegam mesmo a ser criminosas. Implícita ou explicitamente, esses ignóbeis, que defendem essas ideias, defendem a regressão do sistema educativo e sustentam a precarização da condição social dos jovens, e certamente, são os mesmo que lucram com a inconsciência e o desequilíbrio social.

Defendemos assim que um problema, verdadeiramente, seria haver educação insuficiente, e acessível apenas às classes mais altas, como se assistiu no passado. Deter um alto nível educativo e de desenvolvimento humano, como os números de Portugal revelam, é uma mais valia, e nunca um problema. Se Portugal se revela incapaz, no trabalho que lhe compete de fazer bom uso dessa mais valia, o principal do problema não estará na população, muito menos no sistema educativo, mas sim na fraca liderança do país, que tenta esconder a sua incompetência, apontando o dedo à mais valia, chamando-lhe problema.

O país que se debate com os problemas constantes demográficos e sociais, que se traduzem, conseqüentemente, em constantes problemas urbanos e habitacionais, é o mesmo que diz que há arquitectos a mais. O país que ignora e não ataca os problemas, é o mesmo que vê a própria fonte de soluções como um problema.

Podemos aceitar que se diga que há muitos arquitectos em Portugal, aquilo que não podemos aceitar é que tal seja visto como um problema e não como uma mais valia e fonte de soluções.

Mas se Portugal quer realmente acreditar, faustosamente, que tem arquitectos a mais, que aqui afirmamos que são, indubitavelmente, uma enorme mais valia e capital humano de valor acrescentado – escasso no panorama mundial – pois então, se temos valias a mais do que Portugal necessita, que as ponhamos ao serviço da Língua Portuguesa, que está longe de se poder dar a esse luxo.

E se o número de arquitectos tem vindo a crescer, numa população portuguesa em decréscimo, esse crescimento, declaramos ser insuficiente em relação ao crescimento da população de língua portuguesa, que terá, segundo as previsões, um crescimento demográfico de 37 milhões até 2030, e de mais de 100 milhões até 2050.

Defendemos então ser essencial e urgente, que também os arquitectos portugueses – assim como todos os outros que fazem parte desta sociedade de língua portuguesa – desenvolvam a referida tecnologia da consciência, para que possam transcender essa sua condição espacial e se possam perceber como arquitectos de língua portuguesa.

Tal como a língua não pertence a Portugal, mas sim Portugal pertence à língua portuguesa – assim como nós pertencemos e somos a língua portuguesa, enquanto apenas nascemos e estamos num país de língua portuguesa – também a arquitectura portuguesa pertence à arquitectura de língua portuguesa, assim como os arquitectos pertencem e são a arquitectura de língua portuguesa.

Coloquemos esse, alegado, excedente de arquitectos, ao serviço da arquitectura de língua portuguesa. Coloquemos esse, alegado, excedente de jovens, de todas as áreas, que a sociedade portuguesa incompetentemente desperdiça, ao serviço da sociedade de língua portuguesa.

E, talvez um dia, esperamos, a sociedade língua portuguesa fique tão bem como Portugal aparentemente está hoje, que se pode dar ao luxo de desperdiçar as novas e qualificadas gerações e ter até um excedente de arquitectos. E quando isso acontecer, pois que púnhamos a língua portuguesa ao serviço do resto da humanidade. E quando a humanidade estiver tão bem resolvida que os problemas sejam escassos, talvez aí possamos concordar com os que dizem, hoje, que há arquitectos a mais em Portugal.

[...] cuja experiencia sera muy gram parte de nosso feito, pois o regimento e principal governança das cousas que som por viir, está no boõ conhecimento das passadas.²⁴⁴

Acreditamos que esta desconstrução da narrativa vigente e construção desta consciência histórica, nos permite adquirir uma nova percepção de como negligenciamos a nossa língua, a nossa cultura, a nossa arquitectura, a nossa sociedade, os nossos, e por fim, a nós próprios.

Queremos ainda ressalvar e clarificar que desconstruir, não é destruir. Não se trata, nem se pretende, destruir a identidade nacional e europeia, mas sim desconstruir, para que estas se possam abrir e deixar entrar a consciência, e se possa reconstruir uma identidade nacional e europeia conscientes, que se incluem, numa nova, que se quer construir, que é a identidade de língua portuguesa. Depois da construção desta, estaremos mais perto da construção da identidade humana.

Isto é válido para a linguagem: todo o ser humano dispõe de aptidão para falar a linguagem de dupla articulação, o que constitui um traço fundamental da unidade humana; esta aptidão permitiu e produziu, sobre esta base estrutural única, uma diversidade infinita de línguas. Desta maneira, todos os humanos têm em comum os traços que constituem a humanidade da humanidade: uma individualidade e uma inteligência de um novo tipo, uma qualidade cerebral que permite o aparecimento do espírito, o qual permite o aparecimento da consciência.²⁴⁵

Pode conceder-se esta unidade e esta multiplicidade: cada ser humano dispõe cerebralmente de todas as potencialidades inteligentes; mas predisposições hereditárias, determinações familiares, culturais, históricas, acontecimentos ou acidentes pessoais limitam ou inibem o seu exercício, ou, pelo contrário, estimulam-no. Complexidade insuficiente e insuficiente adversidade atrofiam a inteligência; mas demasiada complexidade e demasiada adversidade esmagam-na. As carências de inteligência (incapacidade de tirar lições da experiência, incapacidade de modificar os seus esquemas mentais, selecção de falsos problemas e de falsos critérios em detrimento dos verdadeiros, perda de vista dos fins na utilização dos meios ou incapacidade de conceber os meios adaptados aos fins) suscitem múltiplas e variadas formas de cegueira e estupidez. Na inteligência, existem diversas zonas de cegueira; na cegueira, diversas zonas de inteligência.

Acrescentamos aqui, nova indicação da unidade na multiplicidade, que todo o ser humano está sujeito ao erro e à ilusão e que não têm conta as formas de erro e de ilusão humanos.²⁴⁶

O egoísmo pessoal, o comodismo, a falta de generosidade, as pequenas cobardias do quotidiano, tudo isto contribui para essa perniciosa forma de cegueira mental que consiste em estar no mundo e não ver o mundo, ou só ver dele o que, em cada momento, for susceptível de servir os nossos interesses.²⁴⁷

Artigo 7.º

Relações internacionais

Portugal rege-se nas relações internacionais pelos princípios da independência nacional, do respeito dos direitos do homem, dos direitos dos povos, da igualdade entre os Estados, da solução pacífica dos conflitos internacionais, da não ingerência nos assuntos internos dos outros Estados e da cooperação com todos os outros povos para a emancipação e o progresso da humanidade.

Portugal preconiza a abolição do imperialismo, do colonialismo e de quaisquer outras formas de agressão, domínio e exploração nas relações entre os povos, bem como o desarmamento geral, simultâneo e controlado, a dissolução dos blocos político-militares e o estabelecimento de um sistema de segurança coletiva, com vista à criação de uma ordem internacional capaz de assegurar a paz e a justiça nas relações entre os povos.

Portugal reconhece o direito dos povos à autodeterminação e independência e ao desenvolvimento, bem como o direito à insurreição contra todas as formas de opressão.

Portugal mantém laços privilegiados de amizade e cooperação com os países de língua portuguesa.

Portugal empenha-se no reforço da identidade europeia e no fortalecimento da Acção dos Estados europeus a favor da democracia, da paz, do progresso económico e da justiça nas relações entre os povos. Portugal pode, em condições de reciprocidade, com respeito pelos princípios fundamentais do Estado de direito democrático e pelo princípio da subsidiariedade e tendo em vista a realização da coesão económica, social e territorial, de um espaço de liberdade, segurança e justiça e a definição e execução de uma política externa, de segurança e de defesa comuns, convencionar o exercício, em comum, em cooperação ou pelas instituições da União, dos poderes necessários à construção e aprofundamento da união europeia.

Portugal pode, tendo em vista a realização de uma justiça internacional que promova o respeito pelos direitos da pessoa humana e dos povos, aceitar a jurisdição do Tribunal Penal Internacional, nas condições de complementaridade e demais termos estabelecidos no Estatuto de Roma.

Artigo 9.º

Tarefas fundamentais do Estado

- e) *Proteger e valorizar o património cultural do povo português, defender a natureza e o ambiente, preservar os recursos naturais e assegurar um correto ordenamento do território;*
- f) *Assegurar o ensino e a valorização permanente, defender o uso e promover a difusão internacional da língua portuguesa;*
- h) *Promover a igualdade entre homens e mulheres. (promover a igualdade dos portugueses e não-portugueses, e entre as etnias/raças?)²⁴⁸*

Nada é para sempre, dizemos, mas há momentos que parecem ficar suspensos, pairando sobre o fluir inexorável do tempo.²⁴⁹

Aqui dizemos, nada é para sempre, acreditamos, mas há limitações que parecem ficar suspensas, pairando sobre o fluir inexorável do tempo.

Do imensurável número de questões aqui apresentadas, a essencial, que engloba todas as outras, é o porquê de não nos conseguirmos cumprir na nossa identidade língua portuguesa, o porquê de não nos conseguirmos cumprir a nós próprios.

Esta questão, nasce do desassossego de uma crescente sensação de incompletude, social e individual, de onde se desenvolveu uma intuição, de que algo só poderia estar profundamente errado no âmago da nossa identidade, social e individual. É também assim o âmago, de todo este trabalho, a busca por esse erro identitário, porque o mais difícil no erro não é a sua resolução, mas sim a sua percepção, a consciência do erro, porque não se pode resolver algo que não se sabe que está errado.

Como dizia Descartes, é próprio do erro não saber que é um erro, logo é lógico que o erro identitário não saiba que é um erro identitário, e se repita ciclicamente ou, como nos parece neste caso, se mantenha simplesmente suspenso, pairando sobre o fluir inexorável do progresso.

Mas, o ser humano além de conter o erro, inato ou impresso, nasce com essa tecnologia congénita, a que damos o nome de consciência.

Mas, talvez pela complexidade de desenvolver a referida consciência da consciência, a humanidade em toda a sua história parece resistir-lhe, fugir-lhe, preferindo o facilitismo da inconsciência e resignando-se à coexistência com erro, aceitando-o como parte indissociável da condição humana. Talvez seja, talvez o erro seja verdadeiramente indissociável da condição humana, e aceitamos que seja, mas também a consciência e a complexidade o são de certeza – preferimos essas. Aceitamos o erro, mas não nos subjugamos perante ele, e renunciamos à complacência e à repetição, escolhemos a

complexidade resultante da consciência do erro, e escolhemos lidar e resolver os erros do passado e do presente, para que possamos abrir espaço aos erros do futuro.

Toda esta perífrase epistemológica, apologética da identidade de língua portuguesa, revelou-nos o erro, que é exactamente a falta dessa identidade.

Toda esta busca, que nasceu da intuição do erro, no presente, e que levou estudo e reflexão, do passado, da história da língua portuguesa, desde o início da sua expansão, revelou-nos não apenas o erro, mas a sua origem e evolução até ao presente. E, ao regressar ao presente, percebemos que aquela intuição do erro transcendeu agora a consciência do erro, e que além de apenas o sentirmos, podemos agora detetá-lo, vê-lo.

E foi assim, que começámos uma nova busca por encontrá-lo, visível, no meio de nós, aqui, no presente. E foi assim, que depois de vaguearmos durante algum tempo, fomos parar ao âmago da democracia portuguesa, a Constituição da República, e aí, rapidamente o encontramos, surpreendidos pela rapidez e facilidade com que se encontra algo quando se sabe o que se procura. Ali estava ele, o erro, o nosso erro, no nosso presente, depois de atravessar cinco séculos de história.

Portugal tem, claro, a identidade nacional – *património cultural do povo português* – e conseguiu adicionar e desenvolver, a identidade europeia, que a Constituição não só reconhece como afirma o trabalho a fazer por ela – *Portugal empenha-se no reforço da identidade europeia*. Mas, por incrível que possa parecer, em cinco séculos de história de língua portuguesa, não foi ainda capaz de criar a identidade de língua portuguesa, e em relação ao povo de língua portuguesa, Portugal mantém apenas e ambigualmente – *laços privilegiados de amizade e cooperação com os países de língua portuguesa*.

Portugal não foi capaz até aqui, mas é hoje, por nosso meio, que somos Portugal do presente. Está lançada aqui, neste trabalho, a primeira pedra da construção da identidade de língua portuguesa, do povo de língua portuguesa.

A próxima, imperativa e essencial, é rectificar a Constituição da República Portuguesa, corrigir-lhe enfim o erro, para que esta, finalmente, reconheça a identidade de língua portuguesa, e o seu povo de língua portuguesa. A partir daí, continuaremos a trabalhar no sentido de unir o povo e os países de língua portuguesa.

Portugal passará assim a reconhecer as quatro identidades – por esta ordem – a humana, a de língua portuguesa, a europeia e a portuguesa.

Portugal, tal como já é capaz em relação à Europa, passará a empenhar-se no desenvolvimento e partilha da identidade de língua portuguesa, e no fortalecimento da

acção dos Estados de língua portuguesa, a favor da democracia, da paz, do progresso humano, social e económico, e da justiça nas relações entre os povos.

Portugal, tal como deve em relação ao povo português, deve ao povo de língua portuguesa, e em conjunto com todos os países de língua portuguesa, também trabalhar e definir estratégias para proteger e valorizar o património cultural do povo de língua portuguesa, defender a natureza e o ambiente, preservar os recursos naturais e assegurar um correcto ordenamento do território.

Concluimos por fim, que este é apenas ainda o início. É tempo de partir à descoberta da nova humanidade, de partir da extrema e rica diversidade da língua portuguesa, para criar a unidade de língua portuguesa.

Declaramos por fim, que Portugal deve imperativamente, rectificar a Constituição, reconhecendo a identidade e o povo de língua portuguesa e permitir, promover, incentivar e participar, no trabalho para a união e desenvolvimento da identidade, do povo e dos países de língua portuguesa, para que possamos trabalhar, verdadeiramente, a cooperação com todos os outros povos para a emancipação e o progresso da humanidade – referida na alínea 1 do artigo 7º. – e para que possamos, finalmente, cumprir a pátria da língua portuguesa e cumprirmo-nos a nós próprios.

Em todas as coisas humanas, a extrema diversidade não deve mascarar a unidade, nem a unidade intrínseca mascarar a diversidade: a diferença oculta a unidade, mas a unidade oculta as diferenças. É necessário evitar que a unidade desapareça quando aparecem as diversidades, e que as diversidades desapareçam quando aparece a unidade. Isto é fácil de compreender, mas difícil de integrar, pois os espíritos recaem na disjunção que, no seio da nossa cultura, domina o seu modo de conhecimento.²⁵⁰

Deus quer, o homem sonha, a obra nasce.

Deus quis que a terra fosse toda uma,

Que o mar unisse, já não separasse.

Sagrou-te, e foste desvendando a espuma.

E a orla branca foi de ilha em continente,

Clareou, correndo, até ao fim do mundo,

E viu-se a terra inteira, de repente,

Surgir, redonda, do azul profundo.

*Quem te sagrou creou-te portuquez.
Do mar e nós em ti nos deu signal.
Cumpriu-se o Mar, e o Império se desfez.
Senhor, falta cumprir-se ~~Portugal!~~²⁵¹*

Se o que Fernando Pessoa nos diz é verdade, Deus falhou, porque o mar que uniu é o mesmo que separou. Aquilo que nos falta cumprir, é o que nos une verdadeiramente, é a língua portuguesa, e cabe-nos, a nós e não a Deus, cumpri-la, unindo-a.

4. Acto de Língua Portuguesa

4.1 Da Identidade Complexa à União Complexa

4.1.1 Título I – Da iniciativa

Artigo 1.º A Constituição da República Portuguesa deve ser alterada, passando a reconhecer a identidade de língua portuguesa.

Art. 2.º A Constituição da República Portuguesa deve passar a reconhecer a identidade complexa, composta pelas quatro identidades, por esta ordem: a identidade humana, a identidade de língua portuguesa, a identidade europeia e a identidade portuguesa.

Art. 3.º A partir da identidade de língua portuguesa:

1.º Portugal deve empenhar-se no desenvolvimento da identidade de língua portuguesa;

2.º Portugal deve iniciar a constituição da cidadania de língua portuguesa;

3.º Portugal deve, imperativamente, trabalhar para garantir o cumprimento dos direitos humanos de todos os cidadãos de língua portuguesa;

4.º Portugal deve tomar a iniciativa de ampliar a sua abertura à circulação, livre e igualitária, dos cidadãos de língua portuguesa dos restantes Estados de língua portuguesa;

5.º Portugal deve empenhar-se no desenvolvimento e fortalecimento da democracia de língua portuguesa, da paz na língua portuguesa, do progresso – humano, social e económico – de língua portuguesa, da justiça de língua portuguesa e das relações do povo de língua portuguesa;

6.º Portugal deve trabalhar e definir estratégias para desenvolver a cultura de língua portuguesa, proteger e valorizar o património cultural do povo de língua portuguesa, defender a natureza e o ambiente, preservar os recursos naturais e assegurar um correcto ordenamento do território;

7.º Portugal deve empenhar-se numa consciente, benéfica e equilibrada gestão dos recursos humanos da língua portuguesa:

- d) Portugal deve criar um programa de intercâmbio de estudantes, professores e investigadores universitários de língua portuguesa, incluindo o 1.º, 2.º e 3.º ciclo de estudos, verdadeiramente multilateral e onidirecional – não unilateral e unidirecional, como acontece no presente – que deverá ser transdisciplinar e direcionado para o desenvolvimento da identidade, sociedade e união de língua portuguesa. Afirmamos também que o nome do intercâmbio deve, impreterivelmente, homenagear Amílcar Cabral;

- e) Portugal deve também, no seguimento da alínea anterior, criar um programa de estágios de língua portuguesa;
- f) Portugal deve, ainda, criar dentro desse programa a vertente de intercâmbio profissional, individual e empresarial, público e privado;
- g) Portugal deve também criar as instituições complementares, necessárias ao cumprimento deste trabalho de gestão; por exemplo, a Ordem dos Arquitectos de Língua Portuguesa, que deve englobar as Ordens de cada país de língua portuguesa, para que, em conjunto, trabalhem e regulem o sector da Arquitectura de Língua Portuguesa, cabendo-lhes trabalhos fundamentais de apoio, como a recolha de informação e dados concernentes ao sector. Estes, devem ser facultados às entidades superiores para que se possam, conscientemente, desenvolver as políticas necessárias à gestão dos recursos humanos, da arquitectura e património de língua portuguesa, assim como devem, sempre, ser tornados públicos, para que possam servir desde estudos académicos ou criação de novos projectos, até à simples democratização do conhecimento, que serve consciência individual e social do povo de língua portuguesa;

4.1.2 Título II – Da cooperação

Art. 4.º Portugal deve empenhar-se na partilha da identidade de língua portuguesa.

Art. 5.º Portugal, cumprindo a identidade de língua portuguesa e trabalhando, empenhadamente, para o bem do povo de língua portuguesa, cumpre a sua parte e espera que, voluntariamente, os restantes países de língua portuguesa, reconheçam também a identidade de língua portuguesa e a integrem nas suas respectivas Constituições.

Art. 6.º A partir da identidade de língua portuguesa integrada em mais do que um Estado de língua portuguesa, estes, empenham-se na cooperação para a criação e institucionalização da União de Língua Portuguesa.

Art. 7.º A União de Língua Portuguesa deve assim continuar, em cooperação, o trabalho iniciado por Portugal:

- 1.º Empenhando-se no desenvolvimento da identidade de língua portuguesa;
- 2.º Continuando a constituição da cidadania de língua portuguesa;
- 3.º Trabalhando para garantir, imperativamente, o cumprimento dos direitos humanos de todos os cidadãos de língua portuguesa;

- 4.º Alargando a abertura à circulação, livre e igualitária, dos cidadãos de língua portuguesa dentro do território da União de Língua Portuguesa;
- 5.º Empenhando-se no desenvolvimento e fortalecimento da democracia de língua portuguesa, da paz na língua portuguesa, do progresso – humano, social e económico – de língua portuguesa, da justiça de língua portuguesa e das relações do povo de língua portuguesa;
- 6.º Trabalhando e definindo, em conjunto, estratégias para desenvolver a cultura de língua portuguesa, proteger e valorizar o património cultural do povo de língua portuguesa, defender a natureza e o ambiente, preservar os recursos naturais e assegurar um correcto ordenamento do território;
- 7.º Empenhando-se numa consciente, benéfica e equilibrada gestão dos recursos humanos da língua portuguesa.

Como sabe, nós temos uma longa caminhada juntamente com o povo português. Não foi decidido por nós, não foi decidido pelo povo português, foi decidido pelas circunstâncias históricas do tempo da Europa das Descobertas e pela classe de "antanho", como se diz em português antigo; mas é verdade, é isso! Há essa realidade concreta! Eu estou aqui falando português, como qualquer outro português, e infelizmente melhor do que centenas de milhares de portugueses que o Estado português tem deixado na ignorância e na miséria.

Nós marchamos juntos e, além disso, no nosso povo, seja em Cabo Verde seja na Guiné, existe toda uma ligação de sangue, não só de história mas também de sangue, e fundamentalmente de cultura, como o povo de Portugal. [...] Essa nossa cultura também está influenciada pela cultura portuguesa e nós estamos prontos a aceitar todo o aspecto positivo da cultura dos outros.²⁵²

4.2 Manifesto

4.2.1 Arquitectura Complexa

I claim for architects the rights and liberties that painters and poets have held for so long. Architecture is not apprehended as intellectual experience but as sensation - an emotion. Buildings must become presences - be like vast apocalyptic monsters or gently floating albatrosses. Buildings should be so invented as to be remembered forever like the temples of India and the pyramids of Egypt.²⁵³

O arquitecto assume um papel relevante no desenho da cidade e na construção social; poderíamos por isso, sem grande margem de erro afirmar, que o arquitecto intervém na própria “felicidade” do indivíduo e da sociedade onde habita.²⁵⁴

I claim for architects the consciousness, complexity and dreams that philanthropists, philosophers and activists have held for so long.

Reivindicamos para os arquitectos a consciência, complexidade e sonhos que filantropos, filósofos e activistas sustentam há tanto tempo. Antes de apreendida como uma experiência intelectual e emocional, a arquitectura deve ser apreendida como experiência de consciência e como experiência dos sonhos – é a arquitectura complexa.

O arquitecto não pode ser submisso ao que a sociedade pede, para lhe poder oferecer o que ela precisa.

A arquitectura não deve ser, inconscientemente, apenas um produto do meio, mas sim, consciente, criadora de meio. Assim, o arquitecto não deve ser, inconscientemente, um mero criador de edifícios – o arquitecto complexo é um criador consciente de humanidade.

Os princípios de inteligibilidade, os sistemas de ideias são extremamente diversos de cultura para cultura e até no seio de uma mesma cultura. Conforme as culturas, segundo os indivíduos, as repartições e as combinações entre o pensamento racional-empírico-técnico e o pensamento simbólico-analógico-mágico são extremamente

diversificados, diversidade a que se acrescenta a das formas de inteligência, de compreensão e incompreensão, assim como a diversidade entre as formas de pensar lógicas, analógicas, intuitivas. A fabulosa diversidade das teorias ou filosofias vem acrescentar-se à enorme variedade das cosmogonias e das visões do mundo.²⁵⁵

Todos os indivíduos que trouxeram inovações e transformações históricas são à partida desviantes, muitas vezes perseguidos como tal [...]

Todas as grandes inovações biológicas, humanas e históricas foram desviantes [...]

Qualquer desvio inovador pode ser facilmente quebrado na origem, e houve certamente na história germes de conhecimento, saber, virtude, religião, que nunca chegaram a ver a luz do dia por terem sido implacavelmente esmagados no ovo.

O principal motor interno da história é o desvio, que se desenvolve ao mesmo tempo que se paralisa a regulação que o refreia ou que se enfraquece a força que a reprime.

O desvio que consegue enraizar-se cria o micro-ambiente no qual encontra o seu primeiro ninho.²⁵⁶

4,2.2 Teoria do Sonho

O quinto império

*Triste de quem vive em casa,
Contente com o seu lar,
Sem que um sonho, no erguer de asa,
Faça até mais rubra a brasa
Da lareira a abandonar!*

*Triste de quem é feliz!
Vive porque a vida dura.
Nada na alma lhe diz
Mais que a lição da raiz —
Ter por vida a sepultura.*

*Eras sobre eras se somem
No tempo que em eras vem.
Ser descontente é ser homem.
Que as forças cegas se domem
Pela visão que a alma tem! [...]*²⁵⁷

*Architecture is about people.*²⁵⁸

*To move forward, people need to be inspired: they need buildings that enhance their creativity and push them to take their future into their own hands.*²⁵⁹

*Trata-se de construir um novo pensamento que interprete que, por trás do mundo das formas, existem implicações sociais e éticas; cada posição formal remete a uma concepção do mundo, tempo e sujeito. Trata-se de construir sistemas interpretativos de síntese que saibam conciliar as interpretações formais com a crítica à ideologia, isto é, que expliquem a arte, a arquitectura e a cidade a partir do social e do político, mas que, ao mesmo tempo, saibam analisar a fundo as obras, rejeitando explicações simplistas e esquemáticas que pretendam reduzir a complexidade dos mundos criativos e formais exclusivamente a condições económicas e ideológicas.*²⁶⁰

*Existe um além da razão e da loucura que, de certa forma, contém uma e a outra, as associa e as ultrapassa. É isso que será agora necessário considerar.*²⁶¹

*Até, e sobretudo, um acto criador é simultaneamente autónomo e possuído. Os românticos falavam de uma Inspiração superior que se apodera do artista. Os actos criadores incluem ao mesmo tempo uma parte consciente que transcende a possessão e uma possessão inconsciente que transcende a parte consciente.*²⁶²

De forma contraditória, podemos sentir que o nosso mundo é absolutamente real, no sentido em que nada é mais real do que o sofrimento, a felicidade, o amor, e que ele é absolutamente irreal, feito

de aparências, de miragens, de alucinações, de ilusões, o que se traduz nos termos de samsara e maya, sentimento incompleto da nossa realidade [...]

Somos, sem dúvida, vítimas do nosso modo de conceber, que separa e opõe o real e o irreal, e banaliza cada um destes termos. Não chegamos a conceber os seus laços, as suas interferências, nem a designar o que os une e o que os separa. Isso mesmo nos impede de imaginar de que maneira somos ao mesmo tempo despertados e sonâmbulos.²⁶³

I have a dream that my four little children will one day live in a nation where they will not be judged by the color of their skin but by the content of their character.²⁶⁴

É verdade que a nossa existência acontece na realidade, mas a vida, cumpre-se apenas na dialógica entre sonho e realidade.

É verdade que um edifício existe na realidade, mas a arquitectura, cumpre-se apenas na dialógica entre sonho e realidade.

Nem toda a construção é arquitectura, nem toda a existência é vida. Se pensar é existir, sonhar é viver.

Tanto a construção como a arquitectura se materializam em objectos inanimados, a diferença é que uma nasce do sonho humano, e vive na transmissão desse sonho noutros humanos, nos quais se despertam por sua vez outros sonhos; a outra apenas existe, desprovida de sonho, desprovida de vida.

Logo, o sonho é a vida da arquitectura.

Assim, a arquitectura só se cumpre mediante a complexidade. Não apenas como um exercício e experiência dialógica binária, intelectual e emocional, mas antes disso, no seu âmago, um exercício e experiência dialógica não-binária entre realidade e sonho, geradora de complexidade, por sua vez geradora de consciência.

De que nos serve arquitectura intelectual inconsciente, ou emocional inconsciente? Serve a inconsciência, que por sua vez serve a desumanização da humanidade.

A humanidade precisa de arquitectura consciente, que sirva a humanização da humanidade.

Assim, para que não se caia na megalomania surrealista da utopia, nem na mediocridade realista do conformismo, a complexidade é a resposta na busca pelo equilíbrio que se extrai da consciência.

A consciência brada-nos que não podemos arrastar o passado pelo presente, mas também nos revela que não podemos, simplesmente, saltar da realidade presente para as utopias de futuro.

Assim, a arquitectura complexa resulta da intrincada dialógica trinitária, entre a compreensão do passado, o sonho do futuro, do qual se extrai a completa consciência do presente, para o presente, que nos permite criar equilíbrio complexo e humanizante.

A arquitectura complexa, é apenas um meio, a humanização da humanidade, o fim.

A arquitectura é apenas uma ferramenta, o agente é o arquitecto. Então, se para a construção de uma humanidade mais humana, precisamos de uma arquitectura mais humana, para uma arquitectura mais humana, precisamos de arquitectos mais humanos. À arquitectura complexa cabe, em primeiro lugar, a humanização do arquitecto, e, cabe ao arquitecto cumprir-se, humano, consciente, complexo, e agente activo no processo de humanização da humanidade.

O fim futuro cumpre-se, cumprindo-se dia a dia, gradualmente, o presente, com consciência que a arquitectura não existe apenas num espaço material do mundo, mas vive num espaço temporal, imaterial, do homem e da humanidade.

A arquitectura pode ser mais ou menos intelectual ou mais ou menos emocional, mais ou menos *naïf* ou mais ou menos política, mais ou menos neoliberal ou mais ou menos socialista, mais ou menos bonita ou mais ou menos feia, mais ou menos bruta ou mais ou menos delicada, mais ou menos orgânica ou mais ou menos artificial, mais ou menos regionalista ou mais ou menos globalista, mais ou menos passista ou mais ou menos futurista, pode até ser mais ou menos complexa consoante as variáveis mas, imperativamente, tem de ser plenamente consciente.

Contida na arquitectura complexa, concebemos assim a teoria do sonho, que não mais separa, opõe e banaliza o real e o irreal, mas pelo contrário une-os, e admite-os como partes integrantes do todo que é a complexidade – que resulta da dialógica entre os opostos – da qual se extrai a consciência – que resulta da união dos opostos.

Este método, liberta-nos para conceber os seus laços, as suas interferências e designar o que os une e os separa, que nos permite encontrar o seu equilíbrio. Isso mesmo nos liberta das amarras da realidade que nos limitam a capacidade de sonhar, ao mesmo tempo que nos liberta das ilusões da imaginação que nos limitam a capacidade de discernir com clareza a realidade. A consciência resultante da complexidade, permite-nos assim levar realidade ao sonho, e trazer sonho à realidade.

No início, realidade e o sonho estão opostos e isolados. Pode o ponto de partida ser um como outro. Da realidade medita-se de forma ascendente ao sonho, iniciando o diálogo, do sonho medita-se de forma descendente de volta à realidade, terminando um ciclo dialógico complexo. Esta dialógica circular tende assim a aproximar o sonho à realidade e a realidade ao sonho, tendendo assim a aproximar a consciência do centro, onde se encontra o núcleo da verdade.

A realidade precisa do sonho para se transformar, o sonho precisa da realidade para se concretizar.

A questão-chave é como enfrentar os grandes desafios sociais e ambientais com uma arquitectura ecológica e com um urbanismo autenticamente participativo, de maneira que se evolua em direção à igualdade e ao reconhecimento da diversidade, a uma sustentabilidade entendida a partir da vertente social.²⁶⁵

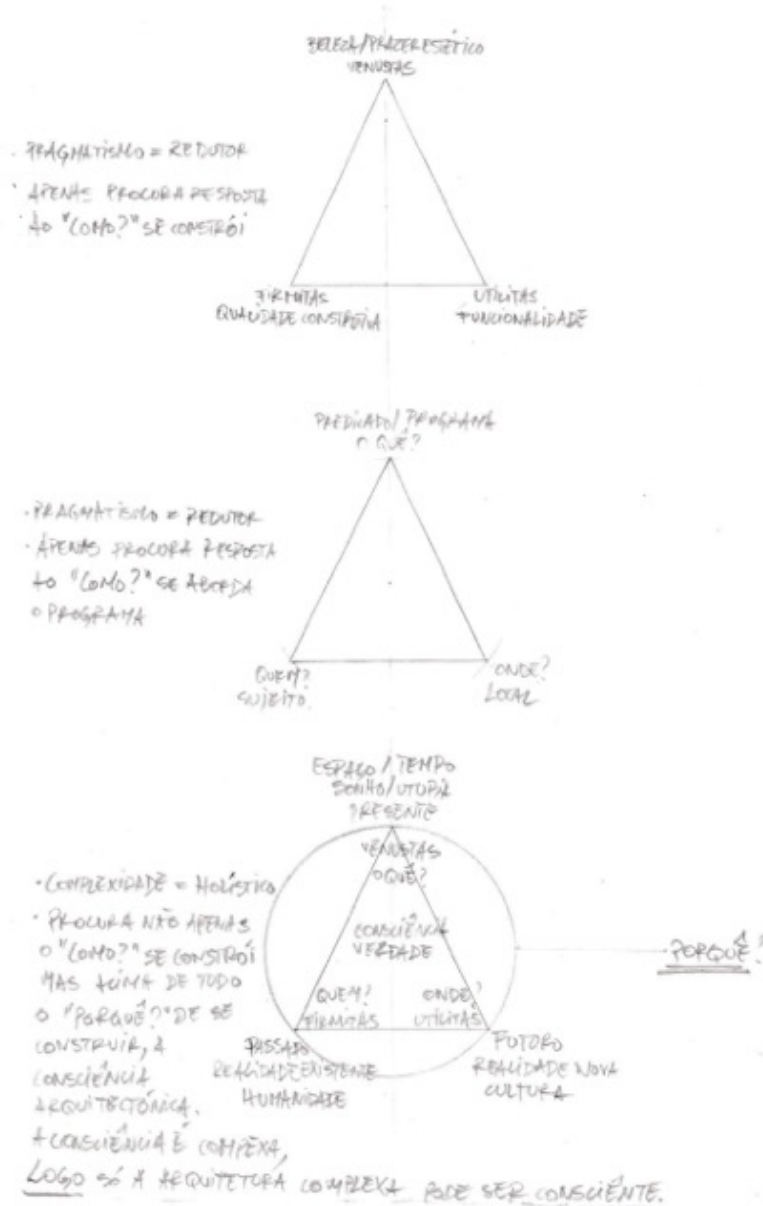
As sociedades contemporâneas caracterizam-se por duas cisões, e uma das mais importantes é a separação cada vez maior, às vezes abissal, entre a cultura institucional e a sociedade civil; isto é, por um lado, entre os argumentos e expectativas propostos pelas administrações, com as suas políticas baseadas na imagem e promovidas em direção ao exterior, e, por outro lado, a vida cotidiana das pessoas, baseada na experiência empírica da realidade, com todas as suas dificuldades e com toda a sua capacidade reivindicativa e criativa de formar redes. Há cada vez mais sectores que não se sentem absolutamente representados pelos partidos políticos, fato que se reflete na abstenção crescente nas eleições políticas. Cada vez é mais visível o abismo que separa os jovens – com altas porcentagens de desemprego e escassas expectativas de futuro – das decisões de seus governantes e suas administrações [...]²⁶⁶

Ao longo do livro fizemos uma crítica do pensamento e da prática neoliberal predominantes, em um mundo cada vez mais submetido ao mercado e aos interesses financeiros, e fomos indicando alternativas. A proposta mais básica e imprescindível é o fortalecimento de uma cultura crítica [...]

Como vimos, no contexto mais geral do neoliberalismo, a arquitectura não é uma exceção: perdeu o seu senso crítico que teve até à década de

1970. Por isso, é preciso fomentar uma nova cultura arquitetônica crítica ao lado das novas narrativas dominantes da economia global.²⁶⁷

A gente tem é que sonhar, senão as coisas não acontecem. ²⁶⁸



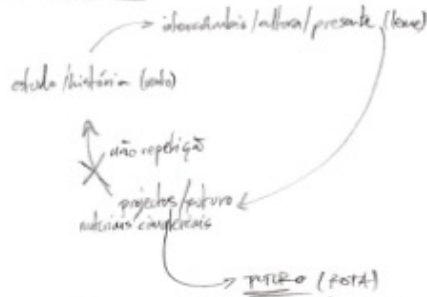
02. Esboço de ideograma da arquitectura complexa. Esquisso do autor, 2020

- Explorar como a falta de conhecimento fazos outros fazos no respeito da ideia do program, para que estabeleça os próximos objetivos tendo esse conhecimento.

- Diferentes níveis de objetivos, objetivo típico e objetivo inédito; objetivo exacto

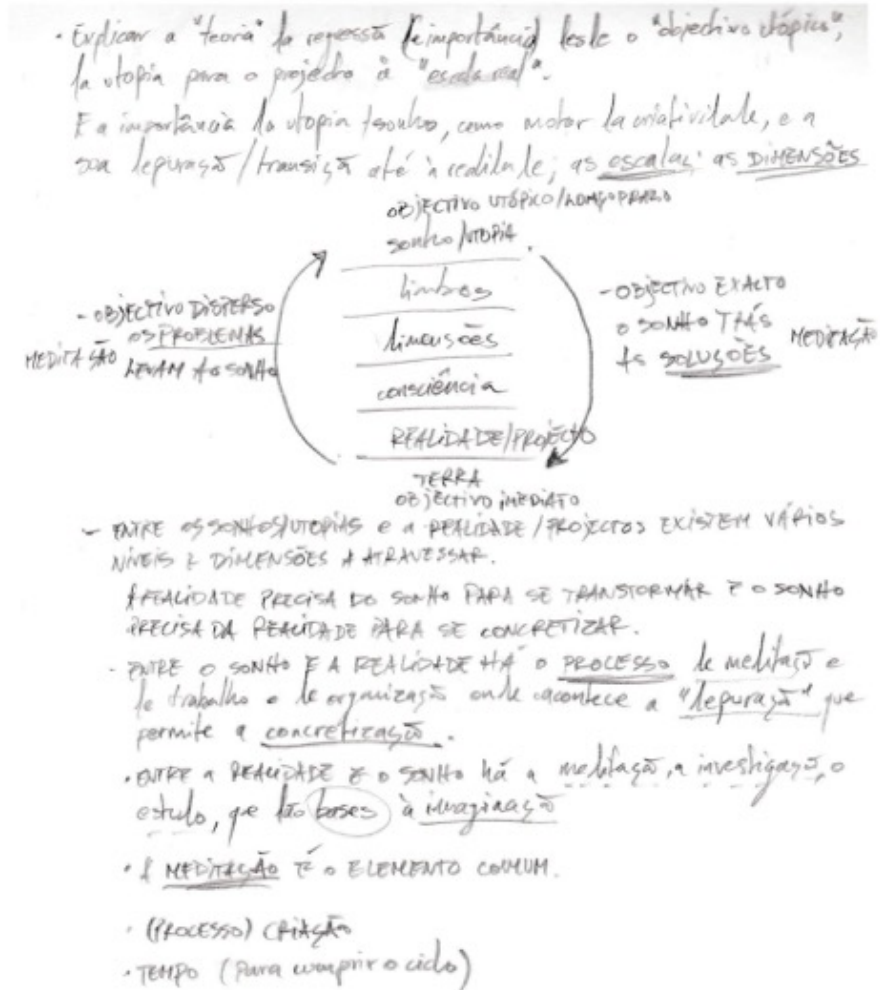
objetivo típico: missão de criar as regras da língua portuguesa
 objetivo inédito: missão de programar a interactividade
 objetivo exacto: missão de implementação
 ?
 objectivos de pesquisa: busca (pela problemática, objeto, investigação, resultados)
 ou intuitivo

- Falar sobre a importância que tem o papel, usar a história; acrescentar ao programa de história de arquitectura portuguesa - a arquitectura de língua portuguesa;
 - a importância da dimensão do espaço, como elemento importante, para a consciência das culturas - do "humano"
 - da a proposta de interactividade



→ FATEF sobre; arquitectura apenas consequência do meio?

arquitectura como acção que implica e muda meio?
 arquitectura geradora "literatura" de acção
 transformativa



04. Esboço de processo da arquitectura complexa. Esquisso do autor, 2020



5. Memória Descritiva

5.1 Introdução

Partimos da realidade, presente, para toda esta meditação teórica ascendente, que nos levou até ao apogeu do sonho de futuro, o sonho da união de língua portuguesa. Daí, do sonho, do futuro, da utopia, partimos para a meditação descendente de volta à realidade, presente, em busca das aplicações, possíveis, de futuro no presente, sonho na realidade. Do ciclo resulta a consciência da consciência, a consciência da verdade da complexidade, a consciência da verdade da identidade complexa, e a consciência da nossa verdade, da nossa identidade de língua portuguesa.

Assim, a urgência é trazer consciência, complexidade, e a identidade de língua portuguesa à realidade.

Da meditação descendente resultam o Acto da Língua Portuguesa, o Manifesto da Arquitectura Complexa e a proposta para a criação de um programa de intercâmbio de língua portuguesa, o PAC – Programa Amílcar Cabral.

5.2 PAC – Programa Amílcar Cabral

Não se trata de um simples programa de mobilidade, mas sim um complexo programa de mobilidade.

Este programa de intercâmbio de língua portuguesa, nominado Programa Amílcar Cabral, nasce da identidade complexa, da identidade de língua portuguesa, e é assim um meio de preconizar essa mesma identidade e complexidade nas novas gerações, que são o futuro da língua portuguesa e a quem lhes caberá desenvolver a identidade, a sociedade e união de língua portuguesa.

O programa contém cinco unidades curriculares suplementares, a desenvolver, duas no primeiro semestre, gerais, e duas no segundo, específicas, e uma opcional, em qualquer dos semestres, que as universidades participantes devem integrar no seu programa regular:

- 1.º Semestre: Teoria da Identidade Complexa e História da Língua Portuguesa;
- 2.º Semestre, exemplo para o curso de Arquitectura: Teoria da Arquitectura Complexa e Arquitectura de Língua Portuguesa;
- Opcional: Línguas Nativas

Numa universidade, cada curso deverá escolher o professor mais indicado, para assumir a responsabilidade pela gestão do seu curso no âmbito do programa, e por mais indicado queremos dizer, mais humano, mais consciente, mais motivado e mais criativo.

O conjunto dos professores de cada curso correspondem ao conselho responsável pela gestão da sua universidade no âmbito do programa.

Os alunos de identidade de língua portuguesa ou qualquer aluno que fale a língua portuguesa é elegível ao programa.

A candidatura deverá sempre ser acompanhada de uma carta de motivação e as notas são meramente indicativas. Caberá ao professor responsável pela gestão por curso fazer a selecção dos alunos que achar mais indicados, e por mais indicados queremos dizer, mais humanos, mais conscientes, mais motivados e mais criativos. Poderá ainda ser solicitado pelo professor outro tipo de recursos complementares à decisão, como entrevistas, portfólio, etc.

Os alunos, ao participarem do programa, comprometem-se perante um código de ética que consagra a defesa dos direitos humanos, a defesa da identidade de língua portuguesa, e o serviço em prol da humanização da língua portuguesa e da humanidade. Comprometem-se também a desenvolver um relatório de intercâmbio. É ainda pressuposto, que os alunos escolhidos, continuem a dedicar-se à causa da humanização e da identidade língua portuguesa depois do intercâmbio, nos seus mestrados, doutoramentos, investigações, estágios, tal como fora do meio académico.

5.3 UBI + Uni-CV

Porque o caminho da identidade da língua portuguesa e do Programa Amílcar Cabral é longo, complexo e de extensa escala, propomos assim começar por um primeiro pequeno passo, com um projecto de escala adaptada à medida do exequível.

Propomos assim à Universidade da Beira Interior – da qual fazemos parte, assim como este trabalho – que assuma o papel pioneiro na criação, do Programa Amílcar Cabral, e no estabelecimento da primeira parceria deste, com a Universidade de Cabo Verde.

Acreditamos que por ser o país de língua portuguesa com maior proximidade geográfica a Portugal, tal como uma boa proximidade no que diz respeito às relações diplomáticas, assim como a sua própria conjuntura social e política, pacífica e acolhedora, Cabo verde e Universidade de Cabo Verde, reúnem condições que consideramos muito favoráveis ao

estabelecimento deste primeiro passo do programa, com uma primeira parceria bilateral, entre os dois países, entre as duas universidades.

Reivindicamos também poder contar com o apoio das entidades:

União Europeia

União Africana

Organização das Nações Unidas

República Portuguesa

República de Cabo Verde

Instituto Camões, I. P.

Comunidade dos Países de Língua Portuguesa

Associação das Universidades de Língua Portuguesa

Conselho Internacional dos Arquitectos de Língua Portuguesa

5.4 Casa de Estudantes #1

Para acolher esta fase inicial do programa de intercâmbio, propomos assim o projecto de uma primeira, pequena, unidade de habitação para cinco estudantes.

Acreditamos que cinco estudantes é número mínimo para cumprir o arranque do PAC, e serve a dinâmica de proporcionalidade e crescimento gradual que se pretende. Assim, o programa começará sempre com um mínimo de uma unidade de alojamento e cinco alunos, podendo começar com mais – até um máximo de seis unidades para trinta alunos – dependendo da vontade das respectivas entidades. Acreditamos que a partir de um número superior a trinta alunos, justifica-se o desenvolvimento de uma nova tipologia adaptada à nova proporcionalidade.

Pretende-se assim, idealmente, que estes cinco alunos por unidade sejam de cursos diferentes, complementando-se e partilhando do mesmo objectivo comum de estudar e trabalhar com e para a língua portuguesa.

Para que esse estudo e esses alunos não fiquem fechados sobre si mesmo, e excessivamente confinados ao meio académico e a um campus, optamos por inserir, estrategicamente, as unidades de alojamento em zonas urbanas, a uma distância razoável da universidade, sobre as quais os alunos devem, no dia a dia, debruçar um olhar atento. Além do meio e estudo académicos, que os alunos vão frequentar, pretende-se que com o seu olhar novo, observem e explorem a sua envolvente urbana e social que vão habitar.

Ao invés do aluno ficar fechado numa “incubadora académica”, onde estuda e habita, o aluno estuda na universidade, mas desloca-se e habita a cidade, conhecendo assim, por experiência própria, as suas dinâmicas, os seus aspectos positivos, as suas problemáticas e, acima de tudo, a sua gente.

Acreditamos também que esta tipologia de *casa* é a mais adaptável em todos os momentos. Se por um lado permite um início fácil do programa de intercâmbio, de pequena escala, que requer um investimento financeiro inicial reduzido, por outro, à medida que o programa atingir escalas superiores e esta tipologia deixe de servir, poderá ser facilmente adaptada para suprir outras finalidades, como por exemplo alojamento para convidados da universidade. Em último caso poderá ser vendida, já que é uma casa, com a mais valia de que permite ainda a adaptação do número e dimensão de quartos, sendo que os cinco quartos individuais podem, facilmente, ser redimensionados para um quarto duplo e três individuais, ou dois duplos e um individual.

5.5 Custo Controlado

5.5.1 Localização

Aplicação do conceito de Coeficiente de Aproveitamento Básico 2: define que a área de construção inicial deverá ser o dobro da área do terreno ou lote objecto da operação urbanística, significando que todos os prédios para construção referidos no nr 1, obtêm a referência altimétrica inicial de aproveitamento urbanístico básico de edificação equivalente a dois pisos ($R/ch + 1$);

c) Aplicação dos seguintes Índice de Ocupação do Solo/Implantação de referência em relação aos Lotes de terrenos habitacionais:

I.O. até 100% para lotes de terreno com área $\leq 200m^2$;

I.O. até 80% para lotes de terreno com área $> 200m^2$ e $< 1.000m^2$; e

I.O. até 50% para terrenos com área igual ou superior a $1.000m^2$.²⁶⁹

Como se pode observar no Anexo 1 – Contexto Urbano, o novo campus da Universidade de Cabo Verde, encontra-se nos limites da cidade, assim o alojamento deverá inserir-se numa das zonas entre este e o centro da cidade, Zonas Urbanas Praia Sul e Praia

Ocidental – Palmarejo Grande, Cidadela, Palmarejo, Tira Chapéu e Terra Branca – e garantindo, invariavelmente, boa acessibilidade aos transportes disponíveis.

Tendo em conta os objectivos referidos da dialógica entre meio académico e meio urbano, a nossa preferência recai na zona do Palmarejo, que utilizamos assim para efeito de simulação.

Observando a realidade urbana da cidade, de modo geral, destacamos as artérias principais, onde o preço dos lotes deverá ser mais elevado, e por isso a cêrcea máxima de quatro pisos é comumente praticada. Não se aplica portanto, nem à escala, nem à política de custo controlado que se pretende para a Casa de Estudantes #1. Concluimos assim, que o contexto mais indicado para o projecto será optar por lotes situados em artérias secundárias, onde os lotes terão um preço mais reduzido e onde é, por isso, mais repartido o nível das cêrceas e mais frequente a utilização mínima de dois pisos, que é a que consideramos proporcional à lotação do nosso alojamento.

Observámos a existência de dois tipos predominantes de lotes regulares, os de forma rectangular largos – com medidas que variam entre 12m e 16m de largura e 20m e 30m de comprimento – e os de forma rectangular estreitos – com medidas que variam entre 6m e 10m de largura e 16m e 22m de comprimento.

Optou-se assim pelo desenho do alojamento de forma rectângular, com 8m de largura e 20m de comprimento, de maneira a ajustar-se às proporções predominantes dos lotes, e que ao mesmo tempo fosse ainda capaz de compreender certa maleabilidade a variações de proporção.

A planta base conta assim com uma ocupação do solo de 160m², mantendo-se abaixo do limite de 200m², que permite a ocupação de 100% do lote, e ao mesmo tempo para um lote de 10m por 20m, que atinge esse limite, cumpre igualmente o limite de 80% de ocupação do solo. As proporções da planta do alojamento foram idealizadas com vista ao melhor aproveitamento do espaço possível e seguindo uma política de custo controlado, mas de modo equilibrado, e não mínimo, permitindo assim a adaptação da planta a lotes de diferentes proporções e de proporções inferiores.

Como podemos observar no Anexo 2 – Palmarejo, a forma da planta prevê também diferentes disposições: isolada, um alojamento num lote rectangular estreito, cumprindo 100% de índice de ocupação; dupla, dois alojamentos lado a lado, num lote rectângular largo ou quadrado, cumprindo 80% de índice de ocupação; dupla, dois alojamentos contínuos de modo longitudinal, ocupando dois lotes de costas um para o outro.

Tendo em conta a realidade urbana e disposição dos lotes, partiu-se do pressuposto que só está garantida uma frente, e por isso trabalhou-se o desenho da planta a partir dessa limitação. No Anexo 3 – Implantação, percebe-se a solução encontrada para esta limitação que, em contraste com o que se observa nos edifícios envolventes, passa pela a

abertura de pátios interiores, que permeiam uma luminosidade controlada e, ao mesmo tempo, permitem trabalhar a fluência da ventilação.

O Anexo 4 – Estrutura, mostra como o edifício assenta então em dois muros laterais cegos que, à partida, encostam nos edifícios contíguos, e um terceiro que fecha a retaguarda, deixando a frente livre, assim como o núcleo do volume.

O Anexo 5 – Organização Espacial, esquematiza como por questões de segurança e privacidade, o piso térreo seria fechado, enquanto o 1.º piso deveria ter uma transparência controlada que permita uma observação à escala da rua e, por fim, do terraço deveria ser possível um olhar à escala da zona urbana.

5.5.2 Sustentabilidade

A humidade relativa média anual oscila entre 67% e 71%, enquanto que os valores mínimos (59%) e máximos (77%) são registados em Março e Setembro, respectivamente. Os valores mínimos coincidem com o período em que predominam os ventos de Este e Nordeste, acompanhados de poeira em suspensão, ou seja, o período de maior ocorrência de bruma seca.²⁷⁰

A temperatura média no arquipélago é da ordem dos 25°C e amplitude térmica anual é pequena, oscilando entre 20°C a 30°C. A insolação é geralmente elevada dada a fraca nebulosidade e o longo período seco.²⁷¹

As ilhas de Cabo Verde são de origem vulcânica, emergidas a partir de erupções submarinas sucessivas de magma proveniente de falhas das placas tectónicas e da cordilheira submersa do Oceano Atlântico. No arquipélago, as rochas sedimentares são pouco presentes, sendo que a maior parte é magmática, constituída por basaltos, rochas granulares, brechas vulcânicas, fonólitos e carbonatitos.²⁷²

Atendendo ao contexto climático de Cabo Verde [...] as prevenções a levar em conta na prática da construção prendem-se com a elevada radiação solar, os ventos acompanhados de poeira em suspensão e as chuvas que embora sejam irregulares e pouco frequentes, são de carácter torrencial.²⁷³

A maior preocupação para o clima quente e seco, como é o caso de Cabo Verde, é o sobreaquecimento. Este é causado pela transformação da energia solar em energia térmica, levando a que sejam alcançadas no interior dos edifícios temperaturas superiores às do ambiente exterior, que por si só são elevadas. A forma mais típica de evitar o sobreaquecimento é a protecção contra a radiação solar (espaços sombreados ou isolados), procurando-se desta forma reduzir os seus efeitos sobre a construção e criar microclimas favoráveis à volta do edifício.²⁷⁴

Tendo em consideração a realidade social, urbana e climática de Cabo Verde, foi premissa fundamental para o projecto da Casa de Estudantes #1, a *sustentabilidade*, económica e climática.

Esta sustentabilidade deveria assim reflectir-se em todos os aspectos do projecto, localização, estrutura, organização, materialidade, e na passividade e auto-suficiência energética.

Estava então até aqui definido que seria uma casa entre muros, de frente e núcleo livres, aberta por pátios interiores, onde o piso térreo seria fechado, o piso intermédio de transparência controlada e terraço aberto.

Outra premissa fundamental desde o início, que se pode observar no Anexo 6 – Luz/Sombra, era que os quartos nunca estivessem expostos a luz directa, mantendo sempre uma térmica agradável ao longo de todo o dia. Assim, definiu-se que a zona privada da casa, os quartos, seriam no piso térreo, que estava já definido que seria o mais fechado, deixando assim a zona pública da casa para o permeável 1.º piso, que faz ligação ao aberto terraço.

No Anexo 7 – Ventilação Natural, podemos ainda perceber a dinâmica da ventilação e como esta complementa o sombreamento para a passividade energética da casa.

5.5.3 Organização

O acesso à Casa de Estudantes #1 faz-se assim pela rua, marcado por um patamar assente sobre a floreira exterior, que é coberta pela varanda do piso superior. Desse patamar exterior, sobe-se ao patamar interior que marca a zona de entrada da casa. Este patamar está assim numa cota ligeiramente intermédia, que define a ligação entre a zona privada, e a escada que leva à zona pública.

Como se pode observar no Anexo 5 – Organização Espacial, a casa está assim dividida em 2 zonas, de um lado a zona dos espaços habitáveis – quartos no piso térreo; salas no 1.º piso – do outro lado a zona técnica – casa de banho modular no piso térreo; cozinha, casa de banho de serviço e lavandaria no 1.º piso – compreendendo ainda as circulações, horizontal e vertical.

Do patamar de entrada, desce-se o degrau até ao corredor da zona privada, bem iluminado pelos pátios, onde os cinco quartos se dispõem à esquerda, enquanto a casa de banho modular se encontra do lado direito.

A “casa de banho modular”, com o objectivo de servir melhor a dinâmica quotidiana dos cinco estudantes, foi dividida em três módulos: o módulo lavatório, o módulo chuveiro e o módulo sanita.

O módulo lavatório, central e aberto ao corredor, poupa um espaço que permite a abertura de um saguão, importante para a ventilação natural de toda a casa, que conferindo ainda um suplemento de luz indirecta. Devido à sua horizontalidade, este módulo permite implementar assim três pias, deixando ainda um espaço generoso de bancada livre, que complementa o espaço de arrumação conferido pela prateleira inferior e outra superior. Ao longo de toda a bancada encontra-se ainda um toalheiro em aço inoxidável.

Em cada uma das extremidades do módulo lavatório, encontram-se dois módulos sanita, que aproveitam assim a ventilação e luz natural do saguão.

Em cada uma das extremidades dos módulos sanita, encontram-se os módulos chuveiro, que dispõe cada um de um banco e ganchos para pendurar roupas e toalhas, e do seu próprio pátio privado, que admite luz e ventilação natural.

Esta casa de banho modular, desconstruída, torna independente cada acção, isola os chuveiros e as sanitas, e abre o lavatório ao corredor, facilitando uma melhor gestão do espaço, da luz e da ventilação, e permitindo uma melhor dinâmica quotidiana da sua utilização.

Numa casa de banho comum, que integra no mesmo espaço chuveiro, sanita e lavatório, sempre que alguém utiliza uma função, inutiliza duas. Com a casa de banho modular, mesmo que os cinco estudantes se preparem em simultâneo, podem dividir-se nas tarefas de higiene, garantindo uma boa gestão do tempo.

Do lavatório para o saguão, a janela, tal como as restantes do corredor, que dão para os pátios, são em vidro, para garantir que mesmo nos dias de chuva o corredor tem sempre iluminação natural.

O móvel do lavatório é feito de placas de Viroc cinzentas e as pias de pousar, são feitas, cada uma, de uma peça esculpida de basalto vesicular, e revestida no interior com resina epóxi.

Os bancos do módulo chuveiro são em MDP hidrófugo branco, e a base de chuveiro é circunscrita num negativo no pavimento pré-moldado em microcimento com acabamento jateado e, além do ralo na zona do negativo, encontra-se ainda a toda a volta do pavimento um rodapé de escoamento. As paredes do módulo chuveiro são revestidas em azulejo branco de acabamento tosco, com a mesma proporção e métrica do tijolo, prolongando-se deste o interior ao exterior, tornando assim o pátio mais claro. As paredes do módulo sanita são igualmente revestidas em azulejo branco, mas apenas no interior e apenas desde o rodapé até meio da parede.



06. Vaso. Cooperativa Remanescente do Vulcão, basalto vesicular

Os quartos, desenhados para cumprir as funções primárias de dormir e vestir, são aparentemente estreitos, mas dispõem de portadas venezianas, com abertura em fole, ao longo de todo o comprimento do quarto, que se abre assim ao pátio, permitindo uma excelente luminosidade indirecta e ventilação. O quarto, em forma de corredor, abre-se assim de um lado ao pátio, enquanto do outro se fecha na sua funcionalidade, resolvida com um móvel longitudinal, modular, em madeira MDP e HDF, recicladas, pintadas de preto. Este é constituído por quatro peças, armário, cama, cómoda e secretária, a última disposta transversalmente para que não se fique de costas para o pátio, assim como mais próxima da luz natural. As portas dos quartos são também em MDP, pintado de preto enquanto as portadas são em madeira WPC, de cor natural, que confere assim elevada resistência e durabilidade sem necessidade de manutenção, com caixilharia de alumínio anodizado. Nota ainda para o colchão em espuma HR, para as prateleiras e para a secretária, fixados à parede por suporte invisível de ferro zincado, e para o tecto falso de esteira de palmeira, estruturada com ripado de cana sacarina, com tratamento anti-caruncho e protegida com rede mosquiteira, que dá assim aos quartos um pé direito ligeiramente mais baixo, um ambiente mais acolhedor e um toque tradicional da arquitectura vernacular de Cabo Verde, melhorando ao mesmo tempo a acústica do espaço. Estas esteiras, tapam também qualquer tubagem, ao contrário dos restantes espaços da casa onde esta é exposta, e deve ter um ligeiro afastamento de 10mm entre folhas, para ser permeável à iluminação de tecto.



07. Esteira de palmeira estruturada com ripado de cana sacarina. Cidade Velha, Cabo Verde. Fotografia do autor, 2016

Os pátios, com cota ligeiramente mais baixa para prevenir entrada de água aquando de chuvas torrenciais, acedem-se assim por um degrau longitudinal, ao longo do comprimento do quarto, e dispõem, cada um, de duas floreiras de forma circular. O pavimento é calcetado de basalto local e calcário português, com junta de areia, facilitando o escoamento de águas pluviais, desenhando um padrão de motivos geométricos cabo verdeados, inspirado nos padrões do Panú di Téra.



08. *Pánu di Téra*. Cabo Verde Raízes na África – Specifying the african ethenic origins for cape verdeans



09. *Pavimento de basalto.* Praia, Cabo Verde. Fotografia do autor, 2016

Voltando ao patamar interior intermédio, que marca a zona de entrada da casa, acedemos à escada que leva à zona pública. O patamar inicial da escada é marcado por uma parede cobogó, e o patamar no topo da mesma marcado por uma floreira interior e janela de vidro, garantindo que a escada é sempre um elemento bem iluminado e ventilado.

Nota ainda para a zona por baixo da escada, que acomoda um conjunto de instalações técnicas, como esquentador eléctrico, bomba e contador de água, contador de energia, inversor, quadro de consumo e bateria.

Do patamar superior, acedemos ao corredor integrado com a sala de estar. Este corredor liga todo o piso superior, desde a varanda no exterior até à sala de estudo. Saindo então do patamar superior da escada, estamos na sala de estar; à esquerda encontra-se a porta que dá acesso à varanda exterior; à direita e atravessando um pequeno corredor ladeado por uma parede cobogó de um lado e pela casa de banho de serviço do outro, acedemos à cozinha e à sala de refeições; continuando, atravessa-se outro corredor com parede cobogó de um lado e lavandaria do outro, que termina na sala de estudo.

A sala de estar, é ladeada à esquerda por portadas venezianas, em fole e feitas em WPC, e contígua a uma floreira longitudinal exterior, e à direita por janela em fole, de vidro simples e caixilharia de alumínio anodizado, que dá para um dos pátios. As janelas não chegam à altura máxima do tecto, deixando um espaço entre vigas que é preenchido em

cobogó, que garante uma ventilação superior permanente, mesmo com todas as janelas fechadas, enquanto as janelas de vidro garantem sempre boa iluminação.

O pé direito superior marca a hierarquia do espaço, ao mesmo tempo que oferece uma melhor condição para dinâmica térmica. A laje de cobertura é composta por três abóbadas em tijolo.

Se no piso inferior os pátios com as floreiras conferem uma constante relação entre o interior e exterior e contraste entre natureza e meio urbano, que se mantém na escada, que começa em cobogó e acaba em floreira interior, esta relação continua no piso superior com a floreira exterior da sala de estar, ao mesmo tempo que esta serve também o propósito de criar uma barreira visual com exterior, garantindo uma boa privacidade em relação aos edifícios em frente, mesmo quando as portadas estão totalmente abertas. Também ajudando na privacidade, o recuo da sala em relação à rua, permite ainda algum distanciamento do ruído urbano. Por cima da floreira foi ainda desenhada uma pala cobogó, para um melhor sombreamento do espaço.

A sala é composta por dois espaços, separados por um móvel em Viroc cinzento, que funciona na retaguarda como pequena estante, onde fica uma poltrona, formando assim a zona de leitura, enquanto a frente forma um sofá pertencente à zona da televisão. Esta zona dispõe ainda de mais dois sofás, paralelos, assentos e encostos enchidos e estufados em poliéster reciclado, com almofadas enchidas no mesmo material, mas revestidas a capulana. A mesa de centro é feita em tijolo e placas Viroc cinzento, enquanto o aparador apenas de Viroc.



10. *Capulana*. Mercado de Sucupira – Cidade da Praia, Cabo Verde. Fotografia do autor, 2016

No corredor encontra-se uma casa de banho de serviço, sobreposta ao módulo sanitário do piso inferior.

Era uma premissa desde o início do projecto, que os módulos técnicos, da casa de banho modular no piso térreo e da cozinha no piso superior, ficassem sobrepostos, para concentrar as tubagens na mesma zona, facilitando a construção para que esta seja o mais prática e económica possível. Assim, o módulo cozinha encontra-se exactamente por cima do módulo lavatório.

Este módulo é constituído por um balcão e prateleira inferior e superior em Viroc. No balcão encontra-se uma pia dupla em alumínio, uma placa de indução, por baixo desta um forno com função de micro-ondas e por cima o exaustor que se alinha com a prateleira superior. A placa de indução está coberta ainda um tampo em placa cerâmica, resistente ao calor e anti-manchas, que se abre verticalmente para proteger o vidro das janelas do calor e de salpicos.

Adjacente, fica a sala de refeições protegida da luz solar por uma parede cobogó, enquanto do lado oposto se abre uma varanda que dá para um dos pátios, por portadas de vidro em fole. Seguindo a mesma dinâmica de contacto com o exterior e com a natureza, a varanda contém uma pequena floreira. Por cima deste espaço da sala de refeições encontra-se uma cobertura vegetal, de onde poderá cair vegetação sobre a fachada cobogó, ampliando ainda a proteção térmica.

A sala dispõe de uma mesa em MDP e de um armário em MDP e HDF, ambos lacados a preto, onde fica embutido frigorífico.

Avançando no segundo corredor, onde se situa a pia do módulo cozinha, encontra-se logo depois um pequeno módulo lavandaria, que serve simplesmente para alojar a máquina de lavar roupa, assim como os respectivos produtos. Para potenciar a absorção do ruído gerado pela máquina de lavar, o espaço conta ainda com porta de correr composta no interior por placa de isolamento acústico geotêxtil de 20mm, e revestida por duas placas de HDF de 5mm cada, pintadas de preto.

Chegamos assim à sala de estudo, que é aberta, separada do corredor apenas por uma cortina acústica. Este espaço tem um pé direito idêntico ao da sala de estar, sendo aqui se verifica apenas uma abóbada. Isto, porque enquanto a sala de estar dispõe de duas frentes abertas, o que permite que o ar entre por um lado, flua livremente, e saia pelo outro, na sala de estudo dispomos apenas de uma frente aberta, e pretende-se que esta seja menos ventosa, para evitar folhas a voar, excesso de poeiras e desgaste dos livros. Assim o fluxo do ar é controlado manualmente por um sistema mecânico de ventilação embutido na parede posterior. Sendo que o ar mais frio é mais pesado, desce, e o quente,

mais leve, sobe, uma camada de ar mais fresco ficará mais próxima do pavimento, enquanto o ar mais quente sobe até à abobada, que tendo um pé direito maior, permite que o ar aí arrefeça e torne a cair. Assim este espaço, ao contrário dos outros cria duas camadas de ar mais fresco, uma no pavimento e uma no tecto, garantindo igualmente uma temperatura agradável, mas com uma brisa mais ligeira. O ar que vem da rua, mais quente e que passa no meio da parede, arrefecendo e imprimindo depois apenas a brisa necessária à circulação do ar, que cria assim dois movimentos circulares de ar dentro do espaço, um inferior, do pavimento até meio da altura do espaço, outro superior, do tecto até ao meio da altura do espaço.

A sala de estudo dispõe ainda de uma mesa em MDP, pintada de preto, assim como as prateleiras, que são fixadas à parede por suporte invisível de ferro zincado. Todos os espaços estão protegidos por redes mosquiteiras de fibra de vidro, em rolo, embutidas no topo, que se fixam ao pavimento por sistema de ímanes embutidos.

Do lado oposto, a partir da sala de estar, e separado por uma porta de batente em vidro, este corredor interno prolonga-se e transforma-se em corredor externo, fazendo ligação à varanda, que se encontra na frente da Casa para Estudantes #1, sendo este o único elemento aberto directamente para a rua. Forma um banco a todo o seu comprimento, assim como uma floreira que cumpre ao mesmo tempo a função de guarda e que se pretende com uma vegetação equilibrada de forma a não bloquear a visibilidade e que caia sobre a fachada. Está ainda protegida da exposição solar por uma pala cobogó a todo o seu comprimento, sendo que a varanda é ela própria protecção solar do primeiro pátio e da entrada da casa, que fica ainda protegida da chuva.

A sacada encontra-se conectada à escada exterior, por onde se acede à cobertura. Esta escada é exposta, sendo assim também um elemento da cobertura da casa, estando por isso impermeabilizada com tela de PVC, que se encontra sob chapas de zinco, que a protegem e escoam a água pluvial, com pavimento dos degraus em placas de tijoleira com terra local.

Chegamos assim à cobertura e à zona terraço. A cobertura é composta por três zonas, a zona terraço, a zona de horta e a zona técnica, unidos por um corredor.

O terraço é revestido a basalto preto de Cabo Verde e calcário branco e rosa de Portugal, com padrão inspirado no calçadão de Copacabana de Roberto Burle Marx. Este pavimento assenta sobre camada de areia, que assenta por sua vez numa camada de brita, contida numa “caixa” de zinco, que faz o escoamento da água pluvial e protege a tela impermeabilizante.

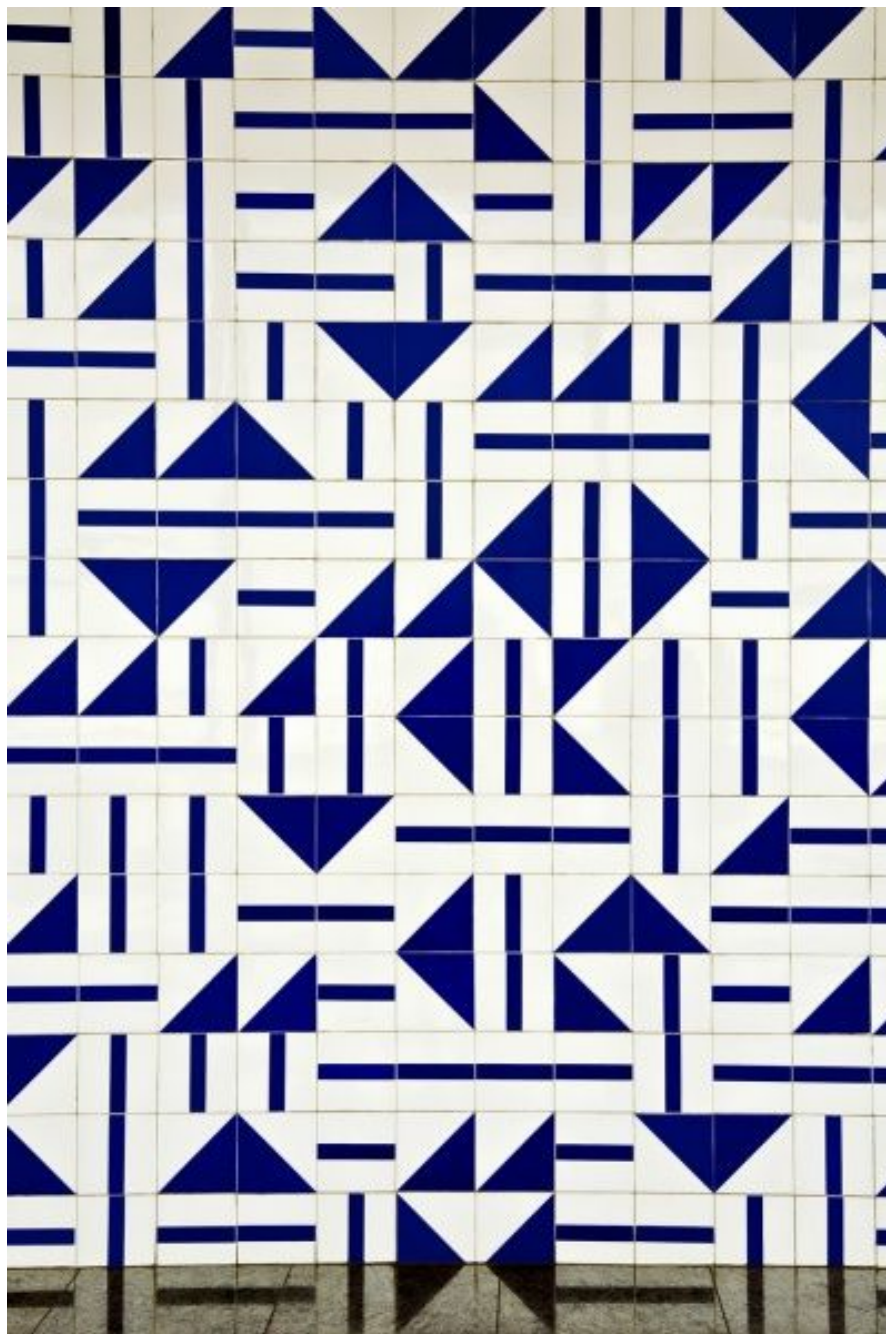


11. Calçadão de Copacabana desenhado por Burle Marx – *Pedras Portuguesas*. Fotografia de Bruno Veiga, 2014

O pavimento dos degraus das escadarias no corredor é também em placas de tijoleira de terra local. O corredor é pavimentado com mistura betão com agregados locais, leve e drenante, com aparência de saibro compactado, sobre base de brita, com o mesmo sistema escoamento de caixa de zinco.

No corredor encontra-se assim a zona horta. De um lado, uma horta mais pequena e estreita ao longo de todo o corredor, e do outro, sobre o módulo da sala de refeições, encontra-se uma horta de maior dimensão. Trata-se assim de cobertura vegetal simples, composta por terra, manta filtrante, gravilha e manta geotêxtil antes do zinco.

Por último encontra-se a zona técnica, que acomoda quatro painéis solares LG NeON 2 Bifacial 415W, de dimensões 2024x1024x40mm e 22Kg cada. Estima-se que o consumo médio mensal de energia da Casa de Estudantes #1 seja de aproximadamente 290 kWh por mês²⁷⁵, assim como cada painel deverá produzir cerca de 50 kWh por mês, o que por sua vez perfaz um total aproximado de 200 kWh/mês gerados pelo conjunto, o que garante um bom rendimento energético da casa. As células bifaciais, transparentes, produzem energia de ambos os lados, por isso o seu rendimento beneficia quanto mais clara e reflectora a superfície da cobertura. Posto isto, optámos por revestir o pavimento em azulejo branco, com padrão de Athos Bulcão, que assenta sobre uma camada de betão leve poroso.



12. *Painel de azulejos desenhado por Athos Bulcão – Torre de TV de Brasília, da autoria de Lúcio Costa, Brasília, Brasil, 1966. Fotografia de Edgar César Filho*

Neste patamar da cobertura, encontra-se ainda o topo do compartimento desenhado para abrigar dois reservatórios de água – um de água pluvial captada e filtrada e outro de água da rede pública – que se encontra embutido no piso 1. Pode aqui aceder-se à boca do reservatório em caso de necessidade de abastecimento externo via camião-cisterna.

As guardas que contornam a cobertura são em aço inox decapado, e o seu desenho foi inspirado nas guardas do MuBE, projectado por Paulo Mendes da Rocha.



13. *Guardas MuBE* – Museu Brasileiro da Escultura e Ecologia, da autoria de Paulo Mendes da Rocha, São Paulo, Brasil, 1995. Fotografia de Nelson Kon

5.5.4 Energia

A Casa de Estudantes #1 foi pensada para ser uma habitação de custo controlado, dentro dos princípios da arquitectura bioclimática, em busca de uma boa gestão dos recursos, humanos, naturais, culturais, arquitectónicos e económicos.

A precisão do desenho ganha assim um papel fundamental em todos os aspectos, que se pretende que funcionem intrinsecamente como um organismo, em busca da eficiência. Em busca da organização que acolhe e molda a dinâmica da vivência humana. Em busca da estrutura simples e rápida que o sustenta. Em busca da materialidade do corpo, composto em tijolo feito de terra local. Sem esquecer a beleza e a correlação com a natureza, dos pequenos detalhes das rochas ígneas à obstinação constante das floreiras em requerer o seu espaço, aromatizando a dialógica entre artificial e natural, e respeitando-a com o equilíbrio humilde de materiais reciclados. Em busca da climatização passiva intrínseca, que permite a respiração orgânica da casa. Em busca da energia limpa que o alimenta e do equilíbrio entre os sistemas que lhe permitem a autonomia energética.

Este custo controlado alarga o factor económico, que requer um maior investimento inicial, para uma maior eficiência e um maior benefício a médio-longo prazo. Assim, ainda que moderado, um superior investimento inicial traduz-se numa elevada melhoria da qualidade energética e de vida, da casa, de quem a habita e do planeta.

Neste sentido, a busca de autonomia é o factor que acarreta maior custo inicial, integrando o sistema de autonomia de energia eléctrica e o sistema de colecta e armazenamento de água, explorando a abundância solar do território, e tendo em conta as suas limitações pluviais.

Esta casa utiliza então apenas dois recursos, água e electricidade, descartando e rejeitando de forma irreduzível o uso de gás, ou qualquer outro combustível fóssil no uso doméstico.

Este modelo intermédio de busca pela máxima eficiência e equilíbrio, foi também desenhado com o intuito de que possa permitir a adaptação a modelos de mínimo ou superior custo.

Os sistemas de autonomia diminuem a dependência de abastecimento público, ampliando a liberdade de implantação. No entanto, sendo que o local escolhido para efeito de simulação se insere dentro da malha urbana da cidade, e tendo em conta que Cabo Verde demonstra um significativo crescimento do investimento em energias

renováveis, pressupõe-se a possibilidade de uma maior ou total dependência da rede pública, diminuindo significativamente o custo inicial do projecto. Nesta situação supõe-se ainda a possibilidade de excluir o sistema de colecta e tratamento de água, mantendo o compartimento desenhado, que neste caso acolhe apenas um reservatório de água, ligado à rede pública, e com possibilidade de abastecimento externo via camião-cisterna; assim como a redução ou mesmo exclusão do sistema de autonomia de energia eléctrica.

5.5.5 Sustentabilidade Social – O Direito à Arquitectura

A Casa de Estudantes #1 foi desenhada também com intuito de se poder tornar um projecto modelo, que possa ajudar a combater as carências de habitação condigna do país.

Assim, em conjunto com todas as especialidades, um portfólio com toda a informação do projecto final seria desenvolvido, e ficaria disponível a toda a população de Cabo Verde, cuja requisição seria facultada mediante o pagamento de um valor proporcional a cada escalão económico, garantido a gratuidade ao escalão mais baixo. O dinheiro gerado iria assim para um fundo destinado a projectos de arquitectura social, com o objectivo de continuar e ampliar a luta pela causa do direito à arquitectura.

Visto que este primeiro modelo pertence à tipologia de custo controlado, seria ainda fundamental, posteriormente, continuar ao trabalho, complementando com o desenvolvimento da tipologia de custo mínimo.

Seria também necessário integrar a possibilidade de requisição de serviços de arquitectura, para a adaptação de projecto a diferentes condicionantes específicas de cada caso, que deveria estar conectado aos professores e alunos do Programa Amílcar Cabral e da Uni-CV, e ser participado por fundos públicos e aberto a privados associados.



14. *Tira Chapéu*. Bairro de “ocupação espontânea”, contíguo ao Palmarejo – Cidade da Praia, Cabo Verde. Fotografia do autor, 2016

5.5.6 Materiais

O material natural mais abundante em Cabo Verde é o basalto. A elevada inércia térmica da pedra é uma mais-valia para o contexto climático de Cabo Verde, dado que contribui para o conforto térmico do edifício. [...]

Para além dos tufos e basaltos, existentes principalmente nas ilhas de Santiago e Fogo, podem também encontrar-se, em quantidades mais reduzidas, calcários (nas ilhas de Sal, Boavista e Maio) e sienitos nefelínicos (na ilha de São Vicente).²⁷⁶

Em Cabo Verde existem grandes jazidas de pozolanas na Ilha de Santo Antão, no Concelho do Porto Novo. Estas pozolanas, são provenientes de magmas geralmente ácidos, isto é, ricos em sílica, que solidificam rapidamente durante uma erupção e que ficaram no estado amorfo, ou cripto-cristalino. A reactividade pozolânica é ainda aumentada depois de esta lava se ter meteorizado.

Estudos efectuados [...] indicam que as propriedades das pozolanas de Cabo Verde são distintas. A adição das pozolanas naturais, como as de Cabo Verde nas argamassas de cal contribuem para um aumento substancial da resistência e durabilidade destas argamassas, devido à sua elevada reactividade pozolânica.

Em Santo Antão existe uma pequena indústria de fabrico de blocos fabricados com o gravilhão fino e médio, designados “pedra-pomes”. Consiste numa mistura na proporção de 1 parte de cimento, 3 partes de pozolana, 8 partes de areia e 20 partes de jorra. Os blocos passam por um processo de cura que dura cerca de 20 dias.*

Estes blocos são muito leves, resistentes e bons isoladores térmicos e acústicos. Com este material, conseguem-se construir paredes mais frescas do que as construídas com blocos de cimento, tornando a temperatura da habitação mais amena.²⁷⁷

A palha é um material tradicional ainda hoje utilizado nas regiões agrícolas de algumas ilhas, para cobertura das casas. Já não é tão comum na habitação principal, mas quando é devidamente tratada é um material de isolamento térmico muito bom para aplicar nas coberturas

das habitações. Actualmente, a palha mais utilizada em Cabo Verde é a de folhas de cana sacarina (colmo).

*O sisal é uma planta fibrosa que se encontra nas regiões altas húmidas do país. Ainda há poucas dezenas de anos, exportava-se a fibra produzida em algumas ilhas, entre as quais Santo Antão. A fibra do sisal é utilizada na construção de telhas, placas de revestimento e abobadilhas. As telhas ou outros elementos fabricados com uso de sisal, ou seja, com uma argamassa armada de sisal, para além de serem económicas de fácil fabrico artesanal, são uma alternativa às telhas de fibrocimento importadas. [...]*²⁷⁸

As técnicas de construção em terra podem ser agrupadas em três grandes grupos: construções monolíticas, alvenarias e enchimento, que compreendem as técnicas hoje difundidas, nomeadamente a Taipa, o Adobe e os Blocos de Terra Comprimidos.

A terra é utilizada com diferente teor em água para cada técnica. Por exemplo, no adobe (adequado para terras muito argilosas) a terra deverá estar húmida, dentro do intervalo plástico, enquanto que na taipa (adequada para terras com pouca argila), esta poderá estar praticamente seca, com pouca humidade, sendo a coesão dada pela compactação. De forma semelhante, na produção de blocos de terra comprimidos, que geralmente contêm uma pequena adição de cimento, a água é necessária apenas para fornecer uma coesão inicial, que facilita o transporte dos blocos antes de se iniciar o processo de cura do cimento. [...]

Uma das grandes limitações desta matéria-prima como material de construção prende-se com a necessidade de garantir certos padrões actuais de qualidade. A regulamentação sobre construção com terra é ainda pouco competitiva face a técnicas mais modernas, que permitem a utilização de menores coeficientes de segurança. Além da sua maior facilidade em encontrar mão-de-obra e da competitividade económica e de tempo de produção, o betão e outros materiais correntes, são ainda vistos aos olhos de muitos dos utilizadores como materiais mais seguros e eficientes.

Não obstante, as matérias-primas naturais como a terra e a pedra são mais ecológicas e têm propriedades (nomeadamente acústicas, térmicas e de controlo de humidade) muito interessantes. Além disso, as suas

propriedades mecânicas e de permeabilidade da terra, podem ser melhoradas por adição de produtos ditos estabilizantes, como por exemplo o cimento, resultando um material composto, designado por solo-cimento.

O solo-cimento é um material obtido através da mistura homogénea de solo, cimento e água, em proporções adequadas e que, após compactação e cura húmida, resulta num produto com características de durabilidade e resistências mecânicas definidas. O seu processo construtivo é muito simples, podendo ser rapidamente assimilado por mão-de-obra não qualificada.

As construções feitas com solo-cimento resultam em ambientes com óptimo conforto térmico, devido à elevada inércia térmica oferecida pelo solo, adaptando-se perfeitamente ao contexto cabo-verdiano. O bloco de solo-cimento é uma boa alternativa aos blocos de betão e constitui uma óptima solução para habitações populares. Este material tem boa resistência mecânica e é impermeável, resistindo ao desgaste do tempo e à humidade, facilitando a sua conservação.

[...] Apesar de este material ser inovador, apresenta ainda pouca expressão no mercado dos materiais de construção, pelo que se tem destinado apenas a construção de habitações sociais.²⁷⁹

A partir dos materiais locais como a terra, a pozolana, o basalto, gravilha, areia, jorra, palha, sisal, usando o mínimo possível de cimento, aço e outros materiais importados, seria então necessário na fase seguinte, desenvolver o projecto de especialidade de engenharia dos materiais, definindo a composição dos blocos maiores de solo-cimento para os muros de suporte, dos blocos menores de solo cimento das paredes e cobogós, do microcimento para o pavimento interior, das placas de microcimento para os degraus da escada interior e exterior e da mistura de betão com agregados locais, leve e drenante com aparência de saibro compactado, para o corredor da cobertura.

Seria ainda fundamental que as especialidades de engenharia dos materiais, estrutural e geotécnica trabalhassem em conjunto para desenvolverem as soluções mais eficientes para composição das fundações, muros de suporte e vigas.

A estrutura da Casa de Estudantes #1 é constituída por três muros de suporte em solo cimento – dois laterais longitudinais e um à retaguarda transversal – e um conjunto de vigas transversais em betão armado, assentes nos muros laterais, com alguns pontos

suplementares de apoio intermédios. A maioria das forças verticais ficam assim a cargo dos muros de suporte, enquanto às vigas cabe a resistência lateral.

Nota ainda para a opção pelo betão armado, que se prende com os factos de ser, amplamente, o tipo de estrutura mais comum em Cabo Verde, e por ser um território rico em pozolana.

6. Posfácio



15. *Copacabana*. Fotografia tirada a partir do sopé do morro do Leme – Rio de Janeiro, Brasil. Fotografia de Marc Ferrez, 1890.

Copacabana, quando ainda era apenas a mais bela praia deserta, inóspita e insalubre. Dois anos depois abrir-se-á um túnel, ligando Copacabana a Botafogo e à cidade do Rio de Janeiro. Um túnel, foi quanto bastou para iniciar o processo que permitiria que, em apenas cinquenta anos, Copacabana se tornasse a praia e bairro mais conhecidos do mundo.

Caso todas as palavras não cheguem, as minhas, as de todos os que vieram antes, e as de todos que virão depois de mim, escolho terminar por agora este trabalho, com esta imagem.

Para mim, André Filipe Figueiredo Baptista, filho da língua portuguesa e irmão de todos quantos pelo mundo a falam, esta imagem representa a metáfora da língua portuguesa, assim como o meu habitat.

A língua portuguesa é também ela a mais bela praia deserta por cumprir, ainda inóspita, ainda insalubre. Inóspita de crateras de sofrimento deixadas pela história, insalubre de lamentável orgulho nacionalista e colonial, que permite que nesta mais bela dádiva da natureza, proliferem silenciosamente as ervas daninhas do racismo e do neocolonialismo. Que fado este, o desperdício de tal paisagem...

Mas tal como bastou uma barca para dobrar o Cabo Bojador, levando inconscientemente a dádiva da língua portuguesa ao mundo, bastou um túnel para ligar Copacabana ao mundo.

Espero, com este trabalho, no qual deposito todo o meu ser, contribuir para abrir o túnel, que unirá verdadeiramente e pela primeira vez a Língua Portuguesa.



16. *Túnel Alaor Prata*. Conhecido como Túnel Velho, inaugurado a 6 de julho de 1892, fazendo a ligação da Rua Real Grandeza, Botafogo, com Copacabana. Fotografia de Juan Gutierrez.

7. Bibliografia

7.1 Livros

Álvares, Frei João; RAMOS, Jeronymo de [ed.lit] (1730). *Chronica dos feytos, vida, e morte do Infante Santo Dom Fernando, que morreo em Fez*. Lisboa: Officina de Miguel Rodrigues.

Azurara, Gomes Eannes de; Carreira, Conde da [escriba]; Santarém, Visconde de [pref.] (1841). *Chronica do Descobrimento e Conquista de Guiné*. Paris: publicada por J. P. Aillaud, na Officina Typographica de Fain e Thunot.

Baeza, Alberto Campo (2013). *A ideia construída*. 5.^a ed. Casal de Cambra: Caleidoscópio.

Camões, Luís Vaz de (1980). *Os Lusíadas*. Porto: Porto Editora.

Fernandes, José Manuel (2002). *Geração Africana: Arquitectura e cidades em Angola e Moçambique, 1925-1975*. Lisboa: Livros Horizonte.

Fernandes, José Manuel (2015). *Luso Africana – Arquitectura e Urbanismo na África Portuguesa*. Casal de Cambra: Caleidoscópio.

Fernandes, Miguel Santiago (2007). *Pancho Guedes – Metamorfozes Espaciais*. Casal de Cambra: Caleidoscópio.

Fernandes, Miguel Santiago (2013). *Pensamentos X – Cidade | Arquitectura | Pedagogia*. Covilhã: Serviços Gráficos da Universidade da Beira Interior.

Galvão, Henrique; Selvagem, Carlos (1950-1953). *Império Ultramarino Português - Monografia do Império*. 4 volumes. Lisboa: Empresa Nacional de Publicidade

Guittard, Odette (1969). *Bandoung et le Réveil des Peuples Colonisés*. Paris: PUF.

Hanh, Thich Nhat (2010). *Lições Sobre o Amor*. Lisboa: Sextante Editora.

Lino, Raúl (1933). *Casas Portuguesas*. Lisboa: Edições Valentim de Carvalho.

Medeiros, Tomás (2012). *A Verdadeira Morte de Amílcar Cabral*. Lisboa: Althum.com

Montaner, Josep Maria; MUXI, Zaida (2014). *Arquitetura e política: ensaios para mundos alternativos*. São Paulo: Ed. Gustavo Gili.

Morin, Edgar (2003). O MÉTODO V. A humanidade da humanidade – a identidade humana. Lisboa: Publicações Europa América.

Morin, Edgar (2017). Introdução ao Pensamento Complexo. 6.^a ed. Lisboa: Edições Piaget.

Nietzsche, Friedrich (1998). *A Gaia Ciência*. Lisboa: Relógio D'Água Editores.

Pessoa, Fernando (1934). *Mensagem*. Lisboa: Parceria António Maria Pereira.

Pessoa, Fernando; Zenith, Richard [ed.lit] (2019). *Livro do Desassossego: composto por Bernardo Soares, ajudante de guarda livros na cidade de Lisboa*. Lisboa: Assírio & Alvim.

Pina, Ruy de (1914). *Chronica de D'El-Rei D. Duarte*. Porto: Renascença Portuguesa

Policarpo, Fernando (2010). *A Guerra na Guiné 1963-1974*. Matosinhos: QuidNovi.

Proust, Marcel (2008). *À la Recherche du Temps Perdu - Livre 5: La Prisonnière*. Paris: Le Livre de Poche.

Santo, Alda do Espírito (1978). *É nosso o solo sagrado da terra*. Lisboa: Ulmeiro

Sena, Jorge de (1989). *40 Anos de Servidão*. Lisboa: Edições 70.

Tostões, Ana (2014). *Arquitectura Moderna em África: Angola e Moçambique*. Casal de Cambra: Caleidoscópico.

7.2 Teses

Fonte, Maria Manuel Afonso da (2006). *Urbanismo e arquitectura em Angola - de Norton de Matos à Revolução*. Lisboa: Tese de doutoramento, FAUTL.

Inocêncio, Débora Alexandra Soares (2012). *Construção e Arquitectura Sustentáveis em Cabo Verde – Estudo de Estratégias de Projecto Sustentável*. Lisboa: Dissertação de mestrado, IST-UTL.

7.3 Vídeos

Pinheiro, Paula Moura (2014). *Visita Guiada: T.4, Ep.12/12 – Infante D. Henrique e a Fortaleza de Sagres*. Lisboa: RTP. Disponível em: <https://www.rtp.pt/programa/tv/p31777/e12#>

Pinheiro, Paula Moura (2014). *Visita Guiada: T.8, Ep.16/27 – Três Casas Modernas no Minho*. Lisboa: RTP. Disponível em: <https://www.rtp.pt/play/p4530/e367405/visita-guiada>

Salazar, António de Oliveira (1963). *Política Ultramarina*. Lisboa: RTP. Disponível em: <https://arquivos.rtp.pt/conteudos/politica-ultramarina/>

233 Morin, Edgar (2011). *O caminho: para o futuro da humanidade*. Vídeo publicado por: Fronteiras do Pensamento. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=V3t7UFTpDHE&t=654s>

Kéré, Diébédo Francis in Wagner, Marc-Christoph (2015). *Diébédo Francis Kéré: Architecture is About People*. Louisiana: Louisiana Channel/Louisiana Museum of Modern Art. Disponível em: <https://channel.louisiana.dk/video/diebedo-francis-kere-architecture-about-people>

7.4 Música

d'Santiago, Dino (2019). *EP: Sotavento – Maio (Kel Kê Di Nôs)*. Editor: Sony Music Entertainment Portugal.

d'Santiago, Dino (1019). *EP: Sotavento – Fogo (Nu Fazi)*. Editor: Sony Music Entertainment Portugal.

Branco, José Mário (2004). *Resistir é vencer – Canto dos torna-viagem*. Editor: EMI – Valentim de Carvalho.

7.5 Sites

Constituição da República Portuguesa (1976). *Diário da República n.º 86/1976, Série I de 1976-04-10*. Disponível em: <https://dre.pt/legislacao-consolidada/-/lc/34520775/view>

Constituição Política da República Portuguesa (1933). *Decreto n.º 18:570*. Emitido por: Ministério das Colónias - Secretaria Geral; Publicado em: Diário do Governo n.º 156/1930, Série I de 1930-07-08. Disponível em: <https://dre.pt/application/conteudo/224055>

Infopédia (2020). *Preste João*. Porto: Porto Editora. Disponível em: [https://www.infopedia.pt/\\$preste-joao](https://www.infopedia.pt/$preste-joao)

Dicionário de Português licenciado para Oxford University Press (2020). *Transcender*. Editora Objectiva.

Dados extraídos de *Knoema*. Disponível em: <https://pt.knoema.com/atlas/Portugal>

Pensador (2020). *José Saramago: Nada é para sempre, dizemos, mas há...* Disponível em: <https://www.pensador.com>

Kéré, Diébédo Francis (s/data). Disponível em: <https://www.kerefoundation.com/en/>

Pensador (2020). *Oscar Niemeyer: A gente tem que sonhar, senão as coisas...* Disponível em: <https://www.pensador.com>

7.6 Artigos em publicações periódicas

Henriques, Isabel Castro (2016). *Escravidão e Tráfico Negreiro*. Cacheu: Memorial da Escravidão e do Tráfico Negreiro. (pp.38) Disponível em: http://www.fmsoares.pt/iniciativas/ilustra_iniciativas/2016/001210/Catalogo_Memorial_Escravidao.pdf

Mortágua, Joana (2018). *Crónica sobre o branqueamento da história*. Artigo publicado no jornal “I”. Disponível em: <https://ionline.sapo.pt/artigo/616420/cronica-sobre-o-branqueamento-da-historia-?seccao=Opinião>

Reis, Bárbara (2019). *Cabo Verde não tem dez ilhas, tem 11 e uma delas está em Portugal*. Artigo publicado no jornal Público. Disponível em: <https://www.publico.pt/2019/04/13/politica/noticia/cabo-verde-nao-dez-ilhas-11-portugal-1869152>

Soares, Dina; Caldeira, Arlindo Manuel (2017). *A última escrava portuguesa morreu em Lisboa nos anos 1930*. Lisboa: Rádio Renascença. Disponível em: <https://rr.sapo.pt/2017/03/25/pais/a-ultima-escrava-portuguesa-morreu-em-lisboa-nos-anos-1930/noticia/79112/>

Raposo, Isabel (s/data). *Sinais de modernidade na arquitectura popular em Luanda*. Madrid: Modernidade Ignorada. Disponível em: <http://cargocollective.com/arquiteturamodernaluanda/Texto-4>

Milheiro, Ana Cristina Fernandes Vaz (2012). *O Gabinete de Urbanização Colonial e o traçado das cidades luso-africanas na última fase do período colonial português*. Curitiba: Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S2175-33692012000200006&script=sci_arttext

Milheiro, Ana Vaz (2013). *Exposição “África – visões do Gabinete de Urbanização Colonial”*. Lisboa: CCB. Disponível em: <https://cei.iscte-iul.pt/2013/12/exposicao-africa-visoes-do-gabinete-de-urbanizacao-colonial/>

Pereira, Pedro Schacht; Coelho, Rui Gomes; Marcos, Patrícia Martins; Barreiros, Inês Beleza (2020). *O padre António Vieira no país dos cordiais*. Artigo publicado no jornal

Público. Disponível em:
<https://www.publico.pt/2020/02/02/sociedade/ensaio/padre-antonio-vieira-pais-cordiais-eterna-leveza-anacronismo-guardiaes-consenso-lusotropical-1902135>

Martins, Christiana; Miranda, Tiago (2015). *Da lixeira para o sótão: 155 esqueletos ímpares no mundo encaixotados em Coimbra*. Artigo publicado no jornal *Expresso*. Disponível em: <https://expresso.pt/sociedade/2015-07-21-Da-lixeira-para-o-sotao-155-esqueletos-impares-no-mundo-encaixotados-em-Coimbra>

Ferreira, Maria Teresa; Coelho, Catarina; Wasterlain, Sofia N. (2019). Discarded in the trash: Burials of African enslaved individuals in Valle da Gafaria, Lagos, Portugal (15th–17th centuries). Artigo publicado na revista *International Journal of Osteoarchaeology*. Disponível em: <https://doi.org/10.1002/oa.2747>

Aguiar, Miguel (2018). *As crónicas de Zurara: a corte, a aristocracia e a ideologia cavaleiresca em Portugal no século XV*. Artigo publicado na revista *Medievalista*. Disponível em: <https://doi.org/10.4000/medievalista.1580>

Redação, Idealista/News (2019). Portugal, um país de arquitetos... com salários de mil euros brutos. Artigo publicado em *Idealista*. Disponível em: <https://www.idealista.pt/news/imobiliario/construcao/2019/07/23/40356-portugal-um-pais-de-arquitetos-com-salarios-precarios>

Redação, CAU/BR (2013). *Brasil já tem 106 mil arquitetos e urbanistas*. Brasília: Conselho de Arquitectura e Urbanismo do Brasil. Disponível em: <https://www.cau.br/brasil-ja-tem-106-mil-arquitetos-e-urbanistas/>

Lourenço, Isaque (2020). *Ordem controla 1.428 arquitectos | Economia | Jornal de Angola*. Artigo publicado em Makangola24. Disponível em: <https://makangola24.com/ordem-controla-1-428-arquitectos-economia-jornal-de-angola/>

Saramago, José (2009). *África*. Artigo publicado no jornal *Diário de Notícias*. Disponível em: <https://www.dn.pt/opiniao/caderno-de-saramago/africa-1331617.html>

Guedes, Amâncio (1952). *Manifesto*. Disponível em: <http://www.guedes.info/Liv01.htm>

King, Martin Luther Jr (1963). *I Have a Dream*. Washington, D.C.: The Great March on Washington. Disponível em:

<https://www.americanrhetoric.com/speeches/mlkhaveadream.htm>

Guedes, Manuel Correia [coord.] (2011). *Arquitectura Sustentável em Cabo Verde – Manual de Boas Práticas*. Lisboa: CPLP.

8. Notas

Introdução

1. Pessoa, Fernando; Zenith, Richard [ed.lit] (2019). *Livro do Desassossego: composto por Bernardo Soares, ajudante de guarda livros na cidade de Lisboa*. Lisboa: Assírio & Alvim. p.172
2. d'Santiago, Dino (2019). *EP: Sotavento – Maio (Kel Kê Di Nô's)*. Editor: Sony Music Entertainment Portugal.

(tradução do autor)

Despertando longe da minha gente
Procurando e procurando até um dia encontrar
Uma nova esperança para a nossa cultura
O Nosso batuku está no mundo!

O que é meu, teu é (não te esqueças)
O que teu é, é nosso também
O que é teu também é meu
O que é meu é nosso!

3. Morin, Edgar (2003). *O Método V. A humanidade da humanidade – a identidade humana*. Lisboa: Publicações Europa América. p.62
4. Fernandes, José Manuel (2008). *Luso Africana – Arquitectura e Urbanismo na África Portuguesa*. Lisboa: Caleidoscópio. p.7
5. Proust, Marcel (2008). *À la Recherche du Temps Perdu - Livre 5: La Prisonnière*. Paris: Le Livre de Poche.
6. Morin, Edgar (2003). *O Método V. A humanidade da humanidade – a identidade humana*. Lisboa: Publicações Europa América. p.61
7. *Idem – Ibidem*. p.33
8. *Idem – Ibidem*. p.34
9. *Idem – Ibidem*. p.62
10. *Idem – Ibidem*. p.63
11. d'Santiago, Dino (2019). *EP: Sotavento – Fogo (Nu Fazi)*. Editor: Sony Music Entertainment Portugal.

(tradução do autor)

Rapazes
Aproximem-se e entrem

Nada mudaremos lá atrás
Mas hoje faremos a diferença

Todos nós temos algo a dizer
Todos nós temos algo a fazer
Não tentemos, não tentemos
Façamos, sem lamentos

12. Azurara, Gomes Eannes de; Carreira, Conde da [escriva]; Santarém, Visconde de [pref.] (1841). *Chronica do Descobrimento e Conquista de Guiné*. Paris: publicada por J. P. Aillaud, na Officina Typographica de Fain e Thunot. p.77

Consciência Histórica

13. Morin, Edgar (2003). *O Método V. A humanidade da humanidade – a identidade humana*. Lisboa: Publicações Europa América. p.197
14. *Idem – Ibidem*. p.200
15. Nietzsche, Friedrich (1998). *A Gaia Ciência*. Lisboa: Relógio D'Água Editores. p.341
16. Hanh, Thich Nhat (2010). *Lições Sobre o Amor*. Lisboa: Sextante Editora. p.112
17. Segundo João Paulo Oliveira e Costa, O infante D. Henrique fundou de facto uma vila – entenda-se por vila, grande casa e/ou conjunto de casas de campo, nos arrabaldes da vila ou cidade – no Algarve. Em 1443, aos 49 anos de idade, D. Henrique pediu a seu irmão, o regente D. Pedro, que lhe concedesse a região inóspita de Sagres, para aí fundar uma vila. A 22 outubro 1443 o pedido foi concedido e a vila foi fundada no lugar de Terçanabal. O infante deixou convenientemente explicitados os objectivos da fundação desta vila, numa carta testamentária datada de 19 de Setembro de 1460. Esta seria um ponto de assistência aos navegadores que aí passassem perto e precisassem de mantimentos ou de aguardar por boas condições de navegação.
Em 1443, ano em Nuno Tristão entrava no golfo de Arguim, D. Pedro como regente decreta a exclusividade da navegação a sul do Bojador a infante D. Henrique, reconhecida por bula Rex Regum.
Costa, João Paulo Oliveira e *in* Pinheiro, Paula Moura (2014). *Visita Guiada: T.4, Ep.12/12 – Infante D. Henrique e a Fortaleza de Sagres*. Lisboa: RTP. Disponível em: <https://www.rtp.pt/programa/tv/p31777/e12#>

18. Um portulano é um *mapa dos fins da Idade Média, caracterizado por estar orientado ao norte magnético, representar portos, cabos e outros acidentes costeiros, e por ser um minucioso sistema de rosas dos ventos e rumos que se entreluzam sobre todo o mapa.*
Infopédia, Dicionário da Língua Portuguesa (2020). Porto: Porto Editora.
Disponível em: <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/portulano>
19. O protótipo da caravela dos descobrimentos foi concebido na Bélgica, em Bruxelas, por carpinteiros algarvios. Os Países Baixos eram governados pela duquesa irmã do infante D. Henrique – D. Isabel – que tinha casado com o duque de Borgonha. A caravela é um navio de vela latina, ideal para navegar com ventos contrários, mas com casco adequado ao oceano atlântico. Foram então os carpinteiros flamengos, habituados à rudeza do mar do norte, em conjunto com os algarvios destacados lá, que conceberam este navio, ligeiro na forma como enfrenta o mar, robusto na maneira como recebe as ondas, capaz ainda de transportar cargas. Este protótipo passou depois por um processo de adequação à navegação atlântica, tal como o próprio processo de orientação. A navegação que se fazia em toda a Europa e Mediterrâneo, até ao início dos descobrimentos, é uma navegação à vista de costa, chamada navegação de cabotagem, na qual era comum aportar durante a noite. Depois do Cabo Bojador, será necessário navegar durante dias, tendo em conta que não há portos para lá do Bojador, visto ser uma zona que não era navegada e as populações africanas não tinham hábitos de navegação. O regresso teria de ser feito por alto-mar, obrigando a outra das grandes novidades que é concebida em Lagos, a orientação com recurso ao quadrante.
Costa, João Paulo Oliveira e in Pinheiro, Paula Moura (2014). *Visita Guiada: T.4, Ep.12/12 – Infante D. Henrique e a Fortaleza de Sagres*. Lisboa: RTP.
Disponível em: <https://www.rtp.pt/programa/tv/p31777/e12#>
20. Azurara, Gomes Eannes de; Carreira, Conde da [escriva]; Santarém, Visconde de [pref.] (1841). *Chronica do Descobrimento e Conquista de Guiné*. Paris: publicada por J. P. Aillaud, na Officina Typographica de Fain e Thunot. p.44
21. *Idem – Ibidem*. p.45
22. *Idem – Ibidem*. p.46
23. *Idem – Ibidem*. p.51
24. A lenda do Mar Tenebroso, teria sido transmitida e forjada pelos povos Árabes, e descrevia o Atlântico como um oceano habitado por monstros temíveis, de

águas ferventes e ondas terríveis, que podia naufragar qualquer navio no abismo e na escuridão.

Nas notas do Visconde de Santarém podemos ler: *Azurara nos revela nestas passagens quanto era poderosa ainda naquella epoca a influencia das tradições dos geógrafos Arabes sobre o Mar Tenebroso, que segundo estes existia além das ilhas de Kalidad situadas na extremidade do Mogreb d’Africa (as Canarias).*

Azurara, Gomes Eannes de; Carreira, Conde da [escriba]; Santarém, Visconde de [pref.] (1841). *Chronica do Descobrimento e Conquista de Guiné*. Paris: publicada por J. P. Aillaud, na Officina Typographica de Fain e Thunot. p.52

25. Azurara, Gomes Eannes de; Carreira, Conde da [escriba]; Santarém, Visconde de [pref.] (1841). *Chronica do Descobrimento e Conquista de Guiné*. Paris: publicada por J. P. Aillaud, na Officina Typographica de Fain e Thunot. p.58

26. Pina, Ruy de (1914). *Chronica de D’El-Rei D. Duarte*. Porto: Renascença Portuguesa. p.53

27. *Idem – Ibidem*. p.55

28. *Idem – Ibidem*. p.58

29. *Idem – Ibidem*. p.59-60

30. *Idem – Ibidem*. p.60

31. *Idem – Ibidem*. p.61

32. Álvares, Frei João; Ramos, Jeronymo de [ed.lit] (1730). *Chronica dos feytos, vida, e morte do Infante Santo Dom Fernando, que morreo em Fez*. Lisboa: Officina de Miguel Rodrigues. p.120

33. Pina, Ruy de (1914). *Chronica de D’El-Rei D. Duarte*. Porto: Renascença Portuguesa. p.63

34. Pina, Ruy de (1901) *Chronica de El-Rei D. Affonso V*. Lisboa: Escriptorio. p.108-108

35. *Idem – Ibidem*. p.111

36. *Idem – Ibidem*. p.112

37. *Idem – Ibidem*. p.112

38. *Idem – Ibidem*. p.112

39. Álvares, Frei João; Ramos, Jeronymo de [ed.lit] (1730). *Chronica dos feytos, vida, e morte do Infante Santo Dom Fernando, que morreo em Fez*. Lisboa: Officina de Miguel Rodrigues. p.347

40. Azurara, Gomes Eannes de; Carreira, Conde da [escriba]; Santarém, Visconde de [pref.] (1841). *Chronica do Descobrimento e Conquista de Guiné*. Paris: publicada por J. P. Aillaud, na Officina Typographica de Fain e Thunot. p.66

41. *Idem – Ibidem.* p.74
42. *Idem – Ibidem.* p.75
43. *Idem – Ibidem.* p.81
44. *Idem – Ibidem.* p.83
45. *Idem – Ibidem.* p.85
46. *Idem – Ibidem.* p.87
47. Costa, João Paulo Oliveira e in Pinheiro, Paula Moura (2014). *Visita Guiada: T.4, Ep.12/12 – Infante D. Henrique e a Fortaleza de Sagres.* Lisboa: RTP. Disponível em: <https://www.rtp.pt/programa/tv/p31777/e12#>
48. Azurara, Gomes Eannes de; Carreira, Conde da [escriba]; Santarém, Visconde de [pref.] (1841). *Chronica do Descobrimento e Conquista de Guiné.* Paris: publicada por J. P. Aillaud, na Officina Typographica de Fain e Thunot. p.94
49. *A lenda do Preste João das Índias é muito antiga, pois já Marco Polo a ela se referia no seu diário de viagens. São vários e muito antigos os testemunhos de que existiria no Oriente um rei cristão nestoriano chamado João, cujo império estaria situado na Ásia, segundo uns, ou em África, segundo outros. Os reis cristãos que combatiam o Islamismo fizeram várias tentativas para contactar este importante aliado no Oriente, mas sem resultados. Em 1486, João Afonso de Aveiro trouxe da costa de Benim uns enviados do rei daquelas terras que levou à presença de D. João II. Estes relataram ao rei português que, a vinte luas da costa, onde hoje é a Etiópia, habitava um rei muito poderoso do qual forneceram muitas informações que levaram os cosmógrafos portugueses a dizer que se tratava do Preste João. D. João II escolheu Afonso de Paiva e Pero da Covilhã, que mandou para África como seus emissários. Chegados ao Cairo, separam-se aqui, seguindo Pero de Covilhã até à Índia. Quando este voltou, soube que o seu companheiro tinha morrido. Pero da Covilhã dirigiu-se então à Abissínia, de onde o rei Naú nunca o deixou sair, dando-lhe o governo de um feudo. Impossibilitado de voltar a Portugal, onde tinha família, Pero da Covilhã fundou uma nova família e teve muitos filhos. Tanto na Índia como depois em África, Pero da Covilhã prestou importantes serviços a Portugal, recolhendo uma série de informações que foram cruciais para a presença dos Portugueses naquelas paragens. Os relatos de Pero da Covilhã foram transmitidos ao padre Francisco Álvares, que com ele se encontrou na Abissínia, e que os deixou escritos para a posteridade quando voltou para Portugal. Ao que parece, Preste João nunca foi encontrado, mas a sua lenda e a vontade de o ter como aliado inspirou durante anos muitos Portugueses e*

motivou uma série de viagens que foram muito importantes na época dos Descobrimientos.

Infopédia (2020). *Preste João*. Porto: Porto Editora. Disponível em: [https://www.infopedia.pt/\\$preste-joao](https://www.infopedia.pt/$preste-joao)

50. Azurara, Gomes Eannes de; Carreira, Conde da [escriba]; Santarém, Visconde de [pref.] (1841). *Chronica do Descobrimento e Conquista de Guiné*. Paris: publicada por J. P. Aillaud, na Officina Typographica de Fain e Thunot. p.95
51. *Idem – Ibidem*. p.95
52. *Idem – Ibidem*. p.96
53. *Idem – Ibidem*. p.97
54. *Idem – Ibidem*. p.99
55. *Idem – Ibidem*. p.99
56. *Idem – Ibidem*. p.104
57. *Idem – Ibidem*. p.105
58. *Idem – Ibidem*. p.105
59. *Idem – Ibidem*. p.105
60. *Idem – Ibidem*. p.111
61. *Idem – Ibidem*. p.112
62. *Idem – Ibidem*. p.114
63. *Idem – Ibidem*. p.114
64. *Idem – Ibidem*. p.117
65. *Idem – Ibidem*. p.118
66. *Idem – Ibidem*. p.120
67. *Idem – Ibidem*. p.121
68. *Idem – Ibidem*. p.121
69. Dinis, António Joaquim Dias (1967). *Monumenta Henricina, Volume VIII, 1443-1445*. Coimbra: Universidade de Coimbra – Biblioteca Geral. p.184
70. Azurara, Gomes Eannes de; Carreira, Conde da [escriba]; Santarém, Visconde de [pref.] (1841). *Chronica do Descobrimento e Conquista de Guiné*. Paris: publicada por J. P. Aillaud, na Officina Typographica de Fain e Thunot. p.127
71. *Idem – Ibidem*. p.128
72. *Idem – Ibidem*. p.129
73. *Idem – Ibidem*. p.130
74. Sobre os tiopios: [...] e que depois que chega aa outra Mauritanya de Cesarya, que nom he terra areosa, saae sobre a terra, e que ally faz outro lago, noqual se criam aquellas meesmas animallyas, e cousas que se criam no outro, e portanto creem os homees que toda aquella augua he do Nillo, e que depois

que saae dally, e que chega a outras areas, que som a allem de Mauritanya contra Ethiopia, que se sconde outra vez, e que vay assy scondido per espaço de xx. jornadas, ataa que he dentro na terra de Thiopya, que saae de todo sobre a terra, mostrando que saae de hua fonte tal como a outra de Mauritanya, que se chama Nigris, onde se criam esso meesmo aquellas meesmas animallyas e cousas que ja dissemos. E dally avante corre sempre sobre a terra sem mais sconder, e parte Africa de Thiopya, e faz grandes lagos, deque se mantem os homees daquella terra, e per essa meesma guisa se acham ally todallas cousas que se criam nos outros lugares do dicto ryo.

Azurara, Gomes Eannes de; Carreira, Conde da [escriba]; Santarém, Visconde de [pref.] (1841). *Chronica do Descobrimento e Conquista de Guiné*. Paris: publicada por J. P. Aillaud, na Officina Typographica de Fain e Thunot. p.293

75. Azurara, Gomes Eannes de; Carreira, Conde da [escriba]; Santarém, Visconde de [pref.] (1841). *Chronica do Descobrimento e Conquista de Guiné*. Paris: publicada por J. P. Aillaud, na Officina Typographica de Fain e Thunot. p.132 [tradução pessoal]

[original]

Oo tu celsestial padre, que com tua poderosa mão, sem movimento de tua devynal essencia, governas toda a infiinda companhia da tua sancta cidade, e que trazes apertados todollos eixos dos ordens superiores, destingidos em nove speras, movendo os tempos das idades breves e longas, como te praz! Eu te rogo que as minhas lagrimas nom sejam dano da minha consciencia, ca nem por sua ley daquestes, mas a sua humanidade constrange a minha que chore piedosamente o seu padecimento. E se as brutas animallyas, com seu bestyal sentyr, per huu natural destinto conhecem os dampnos de suas semelhantes que queres que faça esta minha humanal natureza, veendo assy ante os meus olhos aquesta miseravel companhia, nembrandome que som da geraçom dos filhos de Adam! No outro dya, que eram viij^o. dyas do mes de dagosto, muito cedo pella manhã por rezom da calma, começaram os mareantes de correger seus batees, e tirar aqueles cativos pera os levarem, segundo lhe fora mandado; os quaaes, postos juntamente naquelle campo, era hua maravilhosa cousa de veer, ca antre elles avya alguuns de razoada brancura, fremosos e apostos; outros menos brancos, que queryam semelhar pardos; outros tam negros come tiopios, tam desafeiçoados, assy nas caras como nos corpos, que casy parecia, aos homees que os esguardavam, que vyam as imagees do imisperyo mais baixo. Mas qual serya o coração, por duro que seer podesse,

que nom fosse pungido de piedoso sentimento, veendo assy aquella companha; ca huus tiinham as caras baixas, e os rostos lavados com lagrimas, olhando huus contra os outros; outros estavam gemendo muy doorosamente, esguardando a altura dos ceos, firmando os olhos em elles, braadando altamente, como se pedissem acorro ao padre da natureza; outros feryam seu rosto com suas palmas, lançandosse tendidos em meo do chaão; outros faziam suas lamentaçoes em maneira de canto, segundo o costume de sua terra, nasquaaes postoque as pallavras da linguaagem aos nossos nom podesse seer entendida, bem correspondya ao graao de sua tristeza. Mas pera seu doo seer mais acrecentado, sobreveherom aquelles que tiinham carrego da partilha, e começaram de os apartarem huus dos outros; afim de poerem seus quinhooes em igualleza; onde conviinha de necessarydade de se apartarem os filhos dos padres, e as molheres dos maridos, e os huus irmãos dos outros. A amigos nem a parentes nom se guardava nhua ley, somente cada huu caya onde o a sorte levava! Oo poderosa fortuna, que andas e desandas com tuas rodas, compassando as cousas do mundo como te praz! E sequer poem ante os olhos daquesta gente miseravel alguu conhecimento das cousas postumeiras, porque possam receber alguma consollaçom em meo de sua grande tristeza! E vos outros que vos trabalaaes desta partilha, esguardaae com piedade sobre tanta miseria, e veede como se apertam huus com os outros, que a penas os podees deslegar! Quem poderya acabar aquella partiçom sem muy grande trabalho; ca tanto que os tiinham postos em hua parte, os filhos que vyam os padres na outra, allevantavanse rijamente, e hyanse pera elles; as madres apertavam os outros filhos nos braços, e levaçavanse com elles debruços, recebendo feridas, com pouca piedade de suas carnes, por lhe nom seerem tirados! E assy trabalhosamente os acabaram de partyr, porque a allem do trabalho que tiinham com os cativos, o campo era todo cheo de gente, assy do lugar, como das aldeas e comarcas darredor, os quaaes leixavam em aquelle dya folgar suas mãos, em que estava a força de seu gaanho, soamente por veer aquella novidade. E com estas cousas que vyam, huus chorando, outros departindo, fazyam tamanho alvoroço que poinham em torvaçom os governadores daquella partilha. O Iffante era ally encima de huu poderoso cavallo, acompanhado de suas gentes, repartindo suas mercees, come homem que de sua parte queria fazer pequeno thesouro, ca de Rvj.(46) almas que acontecerom no seu quinto, muy breve fez delles sua partilha, ca toda a sua principal riqueza stava em sua voontade, consiiderando com grande prazer na salvaçom daquellas almas que ante eram perdidas. E certamente que seu

pensamento nom era vaaõ, ca como já dissemos, tanto que estes avyam conhecimento da linguagem, com pequeno movimento se tornavam xpaãos; e eu que esta estorya ajuntey em este vellume, vy na villa de Lagos, moços e moças, filhos e netos daquestes, nados em esta terra, tam boõs e tam verdadeiros xpaãos, como se decenderom, do começo da ley de Xpõ, per geeraçom, daquelles que primeiro forom bautizados.

76. Wikipédia, A enciclopédia livre (2020). *Império Português*. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Império_Português#Terceiro_Império_\(1822-1999\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Império_Português#Terceiro_Império_(1822-1999))
77. Morin, Edgar (2003). *O Método V. A humanidade da humanidade – a identidade humana*. Lisboa: Publicações Europa América. p.31
78. *Idem – Ibidem*. p.47
79. Azurara, Gomes Eannes de; Carreira, Conde da [escriva]; Santarém, Visconde de [pref.] (1841). *Chronica do Descobrimento e Conquista de Guiné*. Paris: publicada por J. P. Aillaud, na Officina Typographica de Fain e Thunot. p.245
80. Mortágua, Joana (2018). *Crónica sobre o branqueamento da história*. Artigo publicado no jornal “I”. Disponível em: <https://ionline.sapo.pt/artigo/616420/cronica-sobre-o-branqueamento-da-historia-?seccao=Opinião>
81. Constituição da República Portuguesa (1976). Diário da República n.º 86/1976, Série I de 1976-04-10. Artigo 7.º (Relações Internacionais): 4. *Portugal mantém laços privilegiados de amizade e cooperação com os países de língua portuguesa*. Disponível em: <https://dre.pt/web/guest/legislacao-consolidada/-/lc/337/201903120346/127962/element/diploma>
82. Reis, Bárbara (2019). *Cabo Verde não tem dez ilhas, tem 11 e uma delas está em Portugal*. Artigo publicado no jornal Público. Disponível em: <https://www.publico.pt/2019/04/13/politica/noticia/cabo-verde-nao-dez-ilhas-11-portugal-1869152>
83. *Apesar desta realidade, porém, não está ainda assumida, quer pelos poderes públicos e políticos, quer pelas dimensões sociais e culturais vigentes nos PALOP’s (aspecto ditado por factores vários, que não vem ao caso descrever em detalhe), a importância e os valores perenes deste legado – que é por vezes erroneamente confundido, numa visão ideológica retrógrada, com o seu papel, circunstancial e passado, como agente de colonização. É até patente (sobretudo em Angola) que, em termos de conservação e restauro, tem-se por vezes dado mais valor e importância às obras da chamada “Arquitectura do Estado Novo”, neo-clássica, neo-regional e/ou*

historicismo, do que ao legado funcional-nacionalista, internacionalista, da Arquitectura Moderna (que tem um fundo conceptual de índole progressista, socializante e igualitário) – numa curiosa “inversão-identitária”. Assim, a título de exemplo, em Luanda, enquanto o excessivo e neo-barroco Banco de Angola, por Vasco Regaleria [...] de 1953-56, permanece intacto e aparentemente intocável, o soberbo Mercado Quinaxixe (de 1950-52) foi simplesmente demolido, como “coisa velha, inútil e decadente”.

É pois necessário e urgente encetar todo um processo de debate e discussão cultural, nas comunidades dos PALOP's, nos vários níveis profissionais correlatos e activos no terreno [...] para clarificar este conjunto de valores do passado próximo, mais significativos para o futuro das suas sociedades, que estão hoje em profunda mutação e (nova) modernização. No fundo, simplesmente, é necessário saber olhar, aproveitar, trabalhar e aprender – sem falsas peias e iludidos complexos – a partir deste “passado-presente”, tão próximo como ignorado.

Fernandes, José Manuel (2008). *Luso Africana – Arquitectura e Urbanismo na África Portuguesa*. Lisboa: Caleidoscópio. p.236-237

Em 2008 a implosão do Mercado do Kinaxixe (1950-1952), de Vasco Vieira da Costa, erguido em Luanda no início da década de 50 marca dramaticamente o debate sobre a herança moderna africana, não só por uma questão histórica, mas também porque este património moderno pode ser entendido como uma mais-valia cultural que integra dispositivos adaptados ao clima. Hoje em dia esta herança começa a ser assimilada pela população mais jovem e alguns edifícios irónicos de habitação corrente são reconhecidos como monumentos recentes. Esta assunção tem evitado a sua demolição e substituição por edifícios Estilo Internacional recente com cortinas de vidro, que implicam o recurso a dispendiosos sistemas mecânicos que corrijam o balanço climatérico, desafiando a sustentabilidade e desempenho energético responsável. [...] Embora o legado de Pancho Guedes comece a ser reconhecido como uma herança cultural em Moçambique e Vasco Vieira da Costa uma referência na cultura Angolana, o facto é que este magnífico património enfrenta a falta de protecção legal. No entanto, mesmo com as fragilidades de uma construção com 50 anos e pouca manutenção, estes edifícios e cidades ainda demonstram uma surpreendente resiliência. Talvez o facto da arquitectura do Movimento Moderno ser desenhada e concebida com grande consistência, preocupações climáticas e dignidade espacial e teutónica

justifiquem esta sobrevivência ao teste do tempo. É importante entender esta produção, como um processo de transformação que seguiu uma orientação verdadeiramente progressista, e a disseminação cultural destes trabalhos pioneiros com significado social e urbano. [...] Preservamos porque queremos fazer museus de memórias, obras de arte, ou porque queremos encontrar um futuro para estas obras, sítios e cidades que ainda contêm vida, o que quer dizer que ainda não perderam o seu significado? Mas como agir em contextos limite, onde é necessário racionalizar recursos e o património moderno é visto como um símbolo de domínio colonial?

Acredito que o património implica um sentimento colectivo de pertença, e gostaria de relembrar a visão utópica do papel da arquitectura do Movimento Moderno na melhoria das condições de vida para todos, e que este património pode transformar-se num recurso cultural e economicamente sustentável.

Tostões, Ana (2014). *Arquitectura Moderna em África: Angola e Moçambique*. Casal de Cambra: Caleidoscópico. p.111-113

84. Morin, Edgar (2003). *O Método V. A humanidade da humanidade – a identidade humana*. Lisboa: Publicações Europa América. p.54
85. *Idem – Ibidem*. p.54
86. *Idem – Ibidem*. p.55
87. Fernandes, José Manuel (2008). *Luso Africana – Arquitectura e Urbanismo na África Portuguesa*. Lisboa: Caleidoscópico. p.13
88. *Idem – Ibidem*. p.15
89. *Idem – Ibidem*. p.16
90. *Idem – Ibidem*. p.16
91. *Idem – Ibidem*. p.18
92. Salazar, António de Oliveira (12-08-1963). *Política Ultramarina*. Lisboa: RTP. Disponível em: <https://arquivos.rtp.pt/conteudos/politica-ultramarina/>
93. Henriques, Isabel Castro (2016). *Escravidão e Tráfico Negreiro*. Cacheu: Memorial da Escravidão e do Tráfico Negreiro. p.38 Disponível em: http://www.fmsoares.pt/iniciativas/ilustra_iniciativas/2016/001210/Catalogo_Memorial_Escravidao.pdf
94. Soares, Dina; Caldeira, Arlindo Manuel (2017). *A última escrava portuguesa morreu em Lisboa nos anos 1930*. Lisboa: Rádio Renascença. Disponível em: <https://rr.sapo.pt/2017/03/25/pais/a-ultima-escrava-portuguesa-morreu-em-lisboa-nos-anos-1930/noticia/79112/>
95. Fernandes, José Manuel (2008). *Luso Africana – Arquitectura e Urbanismo na África Portuguesa*. Lisboa: Caleidoscópico. p.19

- O *Zaire* é a região que corresponde à actual República Democrática do Congo, enquanto *Moçâmedes* corresponde à actual região do Namibe no sul de Angola.
96. *Idem – Ibidem.* p.19
 97. Policarpo, Fernando (2010). *A Guerra na Guiné 1963-1974*. Matosinhos: QuidNovi. p.8
 98. Fernandes, José Manuel (2008). *Luso Africana – Arquitectura e Urbanismo na África Portuguesa*. Lisboa: Caleidoscópico. p.20
 99. *Idem – Ibidem.* p.21
 100. Fonte, Maria Manuel Afonso da (2006). *Urbanismo e arquitectura em Angola - de Norton de Matos à Revolução*. Lisboa: Tese de doutoramento, Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica Lisboa.
 101. Fernandes, José Manuel (2008). *Luso Africana – Arquitectura e Urbanismo na África Portuguesa*. Lisboa: Caleidoscópico. p.21
 102. Fernandes, José Manuel (2008). *Luso Africana – Arquitectura e Urbanismo na África Portuguesa*. Lisboa: Caleidoscópico. p.21-22
 103. Fernandes, José Manuel (s/data). *Ribeira Grande/“Povoação Velha” [Povoação]*. HPIP – Heritage of Portuguese Influence Portal. Disponível em: <https://hPIP.org/pt/contents/place/216>
 104. Fernandes, José Manuel; Capela, José (s/data). *Quelimane*. HPIP – Heritage of Portuguese Influence Portal. Disponível em: <https://hPIP.org/pt/contents/place/339>
 105. A exploração económica do arquipélago inicia-se com a cultura de cana-de-açúcar, através da ocupação da faixa litoral e da implantação de engenhos a partir do final do século XV e durante o século XVI. Com a descoberta do Brasil, que oferecia melhores condições para a produção desta cultura, São Tomé e Príncipe atravessa um período em que a influência colonial se limita à manutenção do tráfico negreiro. Em 1836, Sá da Bandeira proclama a abolição do comércio de escravos e institui a Província Ultramarina do Príncipe e São Tomé e mais tarde, a 29 de Abril de 1858, proclama o prazo de vinte anos, para a extinção definitiva da escravatura, em todos os territórios portugueses. Estas medidas obrigaram a uma reordenação estratégica, e é neste contexto que a planta do café, introduzida no início do século XIX, e a do cacau, duas décadas mais tarde, ganham preponderância, surgindo um forte investimento no seu cultivo, a par de uma intensiva missão de reorganização territorial e socioeconómica, da qual resultam novas infra-estruturas de produção maximizada, as *roças*. Em finais do século XIX, introduz-se a organização das roças em *sede-dependências*, os sistemas de *mini-ferrovias* que serviam o

transporte de trabalhadores e mercadorias, e as consequentes infra-estruturas de apoio, modernizaram o arquipélago, que na transição para para o século XX, era um forte exportador mundial de cacau, vindo a produção a decair a partir de 1930.

Fernandes, Ana Silva; Sá, Manuel Fernandes de; Póvoas, Rui Fernandes (2011). *Património Luso-afro-tropical: O exemplo das roças de São Tomé e Príncipe*. Porto: Investigação, Centro de Estudos de Arquitectura e Urbanismo, Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto. Disponível em: https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/57218/3/46257.pdf?fbclid=IwAR1Am8utEKZ_eKmoFQpehEUhlSepX2kZ6oGudAPrfKe5jPvW_4M5PLMPiso

106. Fernandes, José Manuel (2008). *Luso Africana – Arquitectura e Urbanismo na África Portuguesa*. Lisboa: Caleidoscópio. p.23
107. *Idem – Ibidem*. p.22
108. *Idem – Ibidem*. p.22
109. *Idem – Ibidem*. p.24
110. Policarpo, Fernando (2010). *A Guerra na Guiné 1963-1974*. Matosinhos: QuidNovi. p.10
- Santos, Eduardo dos (1968). *Os congressos Pan-Africanos e as Conferências Pan-Africanas dos Povos*. Revista do Ultramar, 33.
111. Wikipédia, A enciclopédia livre (2020). *Ahimsa*. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Ahimsa#cite_note-1
112. Wikipédia, A enciclopédia livre (2020). *Satyagraha*. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Satyagraha#cite_note-2
113. Gandhi, Mahatma Karamchand (1920). *The Collected Works of Mahatma Gandhi*, vol. 19. Sevagram: Sevagram Ashram Pratishtan. p.206 [tradução pessoal] Disponível em: <https://www.gandhiashramsevagram.org/gandhi-literature/mahatma-gandhi-collected-works-volume-19.pdf>

[original]

The term satyagraha was coined by me in South Africa to express the force that the Indians there used for full eight years and it was coined in order to distinguish it from the movement then going on in the United Kingdom and South Africa under the name of passive resistance.

Its root meaning is holding on to truth, hence truth-force. I have also called it love-force or soul-force. In the application of satyagraha, I discovered in the earliest stages that pursuit of truth did not admit of violence being inflicted on one's opponent but that he must be weaned from error by patience and

sympathy. For what appears to be truth to the one may appear to be error to the other. And patience means self-suffering. So the doctrine came to mean vindication of truth, not by infliction of suffering on the opponent, but on one's self.

114. Policarpo, Fernando (2010). *A Guerra na Guiné 1963-1974*. Matosinhos: QuidNovi. p.12
115. Policarpo, Fernando (2010). *A Guerra na Guiné 1963-1974*. Matosinhos: QuidNovi. p.13
Exército, Estado Maior do (1988). *Resenha Histórico-Militar das Campanhas de África (1961-1974)*, I vol. Lisboa: CECA. p.48
116. Rosas, Fernando; Mattoso, José [dir.] (1994). *História de Portugal, vol. VII: O Estado Novo (1926-1974)*. Lisboa: Editorial Estampa. p.284-285
117. Constituição Política da República Portuguesa (1933). *Decreto n.º. 18:570*. Emitido por: Ministério das Colónias - Secretaria Geral; Publicado em: Diário do Governo n.º 156/1930, Série I de 1930-07-08. Disponível em: <https://dre.pt/application/conteudo/224055>
118. Policarpo, Fernando (2010). *A Guerra na Guiné 1963-1974*. Matosinhos: QuidNovi. p.13
Wikipédia, A enciclopédia livre (2020). *Pan-African Congress*. Disponível em: https://en.wikipedia.org/wiki/Pan-African_Congress
119. Policarpo, Fernando (2010). *A Guerra na Guiné 1963-1974*. Matosinhos: QuidNovi. p.14
120. Policarpo, Fernando (2010). *A Guerra na Guiné 1963-1974*. Matosinhos: QuidNovi. p.14
Guittard, Odette (1969). *Bandoung et le Réveil des Peuples Colonisés*. Paris: PUF. p.95
121. Policarpo, Fernando (2010). *A Guerra na Guiné 1963-1974*. Matosinhos: QuidNovi. p.15
122. *Idem – Ibidem*. p.17
123. Policarpo, Fernando (2010). *A Guerra na Guiné 1963-1974*. Matosinhos: QuidNovi. p.20
Nogueira, Franco (1986). *Salazar – Vol. IV*. Porto: Civilização Editora. p. 422-426
124. Policarpo, Fernando (2010). *A Guerra na Guiné 1963-1974*. Matosinhos: QuidNovi. p.21
125. Entende-se por *Terceiro Mundo*, neste período, a denominação dada pela *Teoria dos Mundos*, aos países de posicionamento neutro no decorrer da Guerra

- Fria, *não-alinhados* com os Estados Unidos, defensores do capitalismo e considerados *Primeiro Mundo*, nem com a União Soviética, precursora do comunismo, designados de *Segundo Mundo*.
126. Policarpo, Fernando (2010). *A Guerra na Guiné 1963-1974*. Matosinhos: QuidNovi. p.24
 127. *Idem – Ibidem*. p.26
 128. *Idem – Ibidem*. p.27
 129. Infopédia (2020). *Lusotropicalismo*. Porto: Porto Editora. Disponível em: <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/lusotropicalismo>
 130. Wikipédia, A enciclopédia livre (2020). *Adriano Moreira*. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Adriano_Moreira
Wikipédia, A enciclopédia livre (2020). *Gilberto Freyre*. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Gilberto_Freyre
 131. Fernandes, José Manuel (2008). *Luso Africana – Arquitectura e Urbanismo na África Portuguesa*. Lisboa: Caleidoscópio. p.25
 132. *Idem – Ibidem*. p.25
 133. *Idem – Ibidem*. p.26
 134. *Idem – Ibidem*. p.27
 135. Fernandes, Miguel Santiago (2007). *Pancho Guedes – Metamorfozes Espaciais*. Casal de Cambra: Caleidoscópio. p.28
 136. *Os arquitectos reunidos em 1928 no 1º Congresso Internacional da Arquitectura Moderna (CIAM), considerando que a transformação social e económica determina a transformação da arquitectura e que esta deve “exprimir o espírito da época” (Le Corbusier 1957), aplicam a noção de racionalização e normalização industrial à disciplina e introduzem uma ruptura radical ao nível da tecnologia e dos materiais, da organização do espaço, da forma e da plástica, do volume e dos pisos, defendendo uma “nova arquitectura” para um “homem novo” (Le Corbusier 1958). Os novos materiais, o aço, o betão armado e o vidro, permitem a verticalização dos edifícios e retiram função às paredes estruturantes em pedra, tijolo ou madeira, as quais são substituídas por grandes superfícies envidraçadas, que respondem a uma das novas exigências higiénicas, o sol – Le Corbusier afirmava que a introdução do sol “é o novo e mais imperativo dever do arquitecto” (1957: princípio 26) – mas criam novos problemas, reconhecidos pelos arquitectos modernos, pela falta de adequação às condições climáticas. Le Corbusier, referindo-se à forte incidência solar e à entrada catastrófica do sol no verão, em particular nos climas tropicais, considera que é necessário*

controlar a sua entrada, “obturar as janelas [...] e ‘diafragmar’ o pano de vidro”, de forma a permitir expandir a vida moderna e substituir as soluções tradicionais melhor adequadas a esses climas por soluções arquitectónicas modernas também adaptadas às condições climáticas (Toussaint 2005: 81). Assim surgem sistemas construtivos de protecção do sol e do clima, como a ventilação cruzada e o prolongamento da cobertura e dos pavimentos para além da fachada, e vários elementos de protecção das fachadas mais expostas ao sol, reinterpretações dos elementos de protecção do sol do Norte de África, como as palas ou as malhas de ensombramento, as saliências verticais, as grelhas de betão e o brise soleil, permitindo inúmeras combinações, de formas, materiais e cores, que se vão tornar nos elementos da nova plástica e expressão formal moderna, que se generaliza em países tropicais, pontuando os panos lisos, as formas puras, a decoração depurada, permitidas pelas estruturas de betão armado.

Estes elementos desenvolvidos e divulgados por Le Corbusier com grande influência na formação dos arquitectos do Movimento Moderno no Brasil e também nos países africanos (então colónias) de língua portuguesa, vão marcar a arquitectura tropicalista destas regiões no pós Segunda Guerra Mundial. A “Geração Africana” (Fernandes 2002) de arquitectos modernos portugueses, alguns dos quais tendo trabalhado directamente com Le Corbusier, terão a oportunidade de realizar os seus projectos inovadores longe de Portugal continental – a então chamada Metrópole, acanhada pelo regime – nas cidades coloniais em expansão, como Luanda, territórios de maior oportunidade e liberdade para estes profissionais, favoráveis à aplicação dos princípios que regiam a arquitectura moderna, deixando relevantes exemplares da Arquitectura deste período, adaptados às condições tropicais.

Raposo, Isabel (s/data). Sinais de modernidade na arquitectura popular em Luanda. Madrid: Modernidade Ignorada. Disponível em: <http://cargocollective.com/arquiteturamodernaluanda/Texto-4>

137. Fernandez, Sérgio in Pinheiro, Paula Moura (2014). Visita Guiada: T.8, Ep.16/27 – Três Casas Modernas no Minho. Lisboa: RTP. Disponível em: <https://www.rtp.pt/play/p4530/e367405/visita-guiada>

Os anos de 1960 são caracterizados pelos estudos dos habitats locais, por maior atenção às populações autóctones e conhecimento mais aprofundado dos assentamentos indígenas. O momento coincide com a publicação e lançamento do levantamento intitulado Arquitectura Popular em Portugal (Sindicato

Nacional dos Arquitectos, 1961), estudo que, restringindo-se à Metrópole, abre as consciências dos arquitectos portugueses e de alguns políticos e governantes às questões das especificidades locais, inserindo-se aqui as comunidades africanas. Esse facto reflecte-se no desenho dos novos bairros populares (antigas áreas marginais à cidade consolidada, ocupadas maioritariamente pela população autóctone). É o momento de arquitectos como Mário de Oliveira, autor de Problemas essenciais do urbanismo no Ultramar (OLIVEIRA, 1962), entre outros trabalhos que entretanto edita, e cujas repercussões no pensamento urbano aplicado ao Ultramar português não foram ainda totalmente rastreadas. O estudo reproduz sua experiência em Bissau (1959), repercutindo-se no novo plano para São Tomé (1960-1964) ou na consultoria que presta em Moçambique, na missão (1963-1964) cumprida com o arquitecto Fernando Schiappa de Campos (MILHEIRO, 2010). A baixa densidade da Cidade Jardim e a eleição da casa unifamiliar como opções estratégicas ao nível da produção de alojamento são princípios activos nos novos planos.

Milheiro, Ana Cristina Fernandes Vaz (2012). *O Gabinete de Urbanização Colonial e o traçado das cidades luso-africanas na última fase do período colonial português*. Curitiba: Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S2175-33692012000200006&script=sci_arttext

138. Fernandes, José Manuel (2008). *Luso Africana – Arquitectura e Urbanismo na África Portuguesa*. Lisboa: Caleidoscópio. p.28
139. *Idem – Ibidem*. p.28
140. *As diferentes designações do Gabinete exteriorizam-se nas alterações das estratégias de desenho que este vai promovendo para a cidade e seus edifícios. Como resultado das equipas multidisciplinares de arquitectos, engenheiros, peritos em medicina tropical e climatologia que aqui trabalham, desenvolve-se uma arquitectura “de representação” colonial, funcional e tectonicamente sólida, que evolui em três fases estilísticas. Primeiro, inspirando-se na arquitectura popular portuguesa do Alentejo e, genericamente, do sul do país, numa versão “mais mediterrânica”, equivalendo ao período de vigência do GUC (1944-1951). Depois, testando tipologias mais monumentalizadas e historicistas, associadas aos regimes ditatoriais, reflectindo mudanças legislativas que reprimem o uso do termo “colonial”, substituído o nome original deste organismo por Gabinete de Urbanização do Ultramar (GUU, 1952-1957). Mais tarde, deixando-se contaminar pelas tradições construtivas locais e ensaiando uma primeira expressão de “nativismo africano”,*

antecipando visões de autonomia e independência. Este momento, muito tardio e, em comparação com as fases anteriores, com menos concretizações no terreno, corresponde à actuação da Direcção de Serviços de Urbanismo e Habitação da Direcção-Geral de Obras Públicas e Comunicações do Ministério do Ultramar (DSUH/DGOP-MU, 1958-1974).

Milheiro, Ana Vaz (2013). *Exposição “África – visões do Gabinete de Urbanização Colonial”*. Lisboa: CCB. Disponível em: <https://cei.iscte-iul.pt/2013/12/exposicao-africa-visoes-do-gabinete-de-urbanizacao-colonial/>

141. Entre 1958 e 1959 é desenvolvido um projecto por Luís Possolo também para esta igreja. Este projecto diverge na implantação do edifício, que seria no topo da actual Avenida Agostinho Neto, no actual Parque dos Continuadores. A igreja implantava-se ao eixo da avenida, com um corpo principal correspondente à nave, rematado nos topos pelo coro alto e altar-mor, nas laterais existiam outros volumes que correspondiam ao batistério e casa mortuária, sacristia e arrecadação. A nave central era caracterizada por uma sequência de pórticos ogivais diferenciando-se das naves laterais, mais baixas. Os espaços interiores dos volumes laterais são autónomos conferindo uma composição fragmentada, mas equilibrada ao conjunto. São evidentes as referências aos modelos de arquitectura moderna desenvolvidos em clima tropical, com o uso do betão armado para a criação de planos opacos ou grelhas de desenhos variados. Devido aos atrasos naturais deste tipo de projecto feito à distância, e a dificuldade de comunicação entre as colónias e a metrópole, a Ordem Franciscana acabou por encomendar o projecto da igreja a um arquitecto local, Nuno Craveiro Lopes.
142. Fernandes, José Manuel (2008). *Luso Africana – Arquitectura e Urbanismo na África Portuguesa*. Lisboa: Caleidoscópico. p.29
Tostões, Ana (2014). *Arquitectura Moderna em África: Angola e Moçambique*. Casal de Cambra: Caleidoscópico. p.107
143. Fernandes, José Manuel (2008). *Luso Africana – Arquitectura e Urbanismo na África Portuguesa*. Lisboa: Caleidoscópico. p.29
Milheiro, Ana Vaz (2008). *Liceu Nacional [antiga Escola Técnica Silva e Cunha]*. HPIP – Heritage of Portuguese Influence Portal. Disponível em: <https://hPIP.org/pt/heritage/details/189>
144. Milheiro, Ana Vaz (2008). *Liceu Nacional [antiga Escola Técnica Silva e Cunha]*. HPIP – Heritage of Portuguese Influence Portal. Disponível em: <https://hPIP.org/pt/heritage/details/189>

145. Fernandes, José Manuel (2008). *Luso Africana – Arquitectura e Urbanismo na África Portuguesa*. Lisboa: Caleidoscópio. p.29
146. *Idem – Ibidem*. p.30-31
147. Fernandes, Miguel Santiago (2007). *Pancho Guedes – Metamorfozes Espaciais*. Casal de Cambra: Caleidoscópio. p.110
148. *Idem – Ibidem*. p.131
[tradução pessoal]
Eu reivindico para os arquitectos os direitos e liberdades que pintores e poetas têm mantido por tanto tempo.
149. Fernandes, José Manuel (2008). *Luso Africana – Arquitectura e Urbanismo na África Portuguesa*. Lisboa: Caleidoscópio. p.32
150. *Idem – Ibidem*. p.32

CONCLUSÃO

151. Dicionário de Português licenciado para Oxford University Press (2020). *Transcender*. Editora Objectiva.
152. Dicionário de Português licenciado para Oxford University Press (2020). *Complexo*. Editora Objectiva.
153. Morin, Edgar (2003). *O Método V. A humanidade da humanidade – a identidade humana*. Lisboa: Publicações Europa América. p.32-34
154. *Idem – Ibidem*. p.34-36
155. Guedes, Amâncio (1977). Comunicação em conferência. Sheffield: Architectural Society, Universidade de Sheffield.
Fernandes, Miguel Santiago (2007). *Pancho Guedes – Metamorfozes Espaciais*. Casal de Cambra: Caleidoscópio. p.104
156. Mortágua, Joana (2018). *Crónica sobre o branqueamento da história*. Artigo publicado no jornal “I”. Disponível em: <https://ionline.sapo.pt/artigo/616420/cronica-sobre-o-branqueamento-da-historia-?seccao=Opinião>
157. Pereira, Pedro Schacht; Coelho, Rui Gomes; Marcos, Patrícia Martins; Barreiros, Inês Beleza (2020). *O padre António Vieira no país dos cordiais*. Artigo publicado no jornal Público. Disponível em: <https://www.publico.pt/2020/02/02/sociedade/ensaio/padre-antonio-vieira-pais-cordiais-eterna-leveza-anacronismo-guardiaes-consenso-lusotropical-1902135>

158. Wikipédia, A enciclopédia livre (2020). *Pedro I do Brasil*. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Pedro_I_do_Brasil#Morte
159. Azurara, Gomes Eannes de; Carreira, Conde da [escriba]; Santarém, Visconde de [pref.] (1841). *Chronica do Descobrimento e Conquista de Guiné*. Paris: publicada por J. P. Aillaud, na Officina Typographica de Fain e Thunot. p.223
160. *Idem – Ibidem*. p.232
161. *Idem – Ibidem*. p.174
162. *Idem – Ibidem*. p.193
163. *Idem – Ibidem*. p.50
164. *Idem – Ibidem*. p.104
165. *Idem – Ibidem*. p.326
166. *Idem – Ibidem*. p.296
167. *Idem – Ibidem*. p.302
168. *Idem – Ibidem*. p.304
169. Dicionário de Português licenciado para Oxford University Press (2020). *Cobiça*. Editora Objectiva.
170. Azurara, Gomes Eannes de; Carreira, Conde da [escriba]; Santarém, Visconde de [pref.] (1841). *Chronica do Descobrimento e Conquista de Guiné*. Paris: publicada por J. P. Aillaud, na Officina Typographica de Fain e Thunot. p.111
171. *Idem – Ibidem*. p.226
172. *Idem – Ibidem*. p.247
173. *Idem – Ibidem*. p.78
174. *Idem – Ibidem*. p.210
175. *Idem – Ibidem*. p.254
176. *Idem – Ibidem*. p.237
177. *Idem – Ibidem*. p.237
178. *Idem – Ibidem*. p.316
179. *Idem – Ibidem*. p.63
180. *Idem – Ibidem*. p.77
181. *Idem – Ibidem*. p.82
182. *Idem – Ibidem*. p.99
183. *Idem – Ibidem*. p.182
184. *Idem – Ibidem*. p.197
185. Wikipédia, A enciclopédia livre (2020). *Cavalaria medieval*. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Cavalaria_medieval
Em *Chronica do Descobrimento e Conquista de Guiné*, podemos ler e conferir como Gil Eannes era escudeiro do infante, foi depois feito cavaleiro (p.56);

Affonso Gonçalves Baldaya, era seu copeiro (p. 59); Eytor homem, moço valente no ofício das armas, depois fidalgo nobre (possivelmente pai de Álvaro Martins Homem); Diego Lopez Dalmeida, fidalgo, um dos dois primeiros a percorrer aquele deserto a cavalo, a 120 léguas do cabo bojador; Antam Gonçalves, seu guarda roupa (p.70), feito cavaleiro (p.77) e o primeiro feito cavaleiro em solo “descoberto” (p. 88); Affonso Goterres, moço de câmara (p.71); Nuno Tristam, cavaleiro mancebo, criado de moço na câmara do infante (p.78), foi o primeiro a ir ao Cabo Branco; Gomes vinagre, moço de boa geração criado na casa do infante, que pela sua força e valentia em combate teve depois honrado acrescentamento (p.82).

Azurara, Gomes Eannes de; Carreira, Conde da [escriva]; Santarém, Visconde de [pref.] (1841). *Chronica do Descobrimento e Conquista de Guiné*. Paris: publicada por J. P. Aillaud, na Officina Typographica de Fain e Thunot.

186. Azurara, Gomes Eannes de; Carreira, Conde da [escriva]; Santarém, Visconde de [pref.] (1841). *Chronica do Descobrimento e Conquista de Guiné*. Paris: publicada por J. P. Aillaud, na Officina Typographica de Fain e Thunot. p.62

187. *Idem – Ibidem*. p.302

188. *Idem – Ibidem*. p.304

189. *Idem – Ibidem*. p.259

190. *Idem – Ibidem*. p.278

191. *Idem – Ibidem*. p.280

192. Morin, Edgar (2003). *O Método V. A humanidade da humanidade – a identidade humana*. Lisboa: Publicações Europa América. p.231

193. *Idem – Ibidem*. p.212

194. *Idem – Ibidem*. p.213

195. Martins, Christiana; Miranda, Tiago (2015). *Da lixeira para o sótão: 155 esqueletos ímpares no mundo encaixotados em Coimbra*. Artigo publicado no jornal *Expresso*. Disponível em: <https://expresso.pt/sociedade/2015-07-21-Da-lixreira-para-o-sotao-155-esqueletos-impares-no-mundo-encaixotados-em-Coimbra>

Ferreira, Maria Teresa; Coelho, Catarina; Wasterlain, Sofia N. (2019). *Discarded in the trash: Burials of African enslaved individuals in Valle da Gafaria, Lagos, Portugal (15th–17th centuries)*. Artigo publicado na revista *International Journal of Osteoarchaeology*. Disponível em: <https://doi.org/10.1002/oa.2747>

196. Aguiar, Miguel (2018). *As crónicas de Zurara: a corte, a aristocracia e a ideologia cavaleiresca em Portugal no século XV*. Artigo publicado na revista *Medievalista*. Disponível em: <https://doi.org/10.4000/medievalista.1580>
197. Azurara, Gomes Eannes de; Carreira, Conde da [escriba]; Santarém, Visconde de [pref.] (1841). *Chronica do Descobrimento e Conquista de Guiné*. Paris: publicada por J. P. Aillaud, na Officina Typographica de Fain e Thunot. p.132
198. *Idem – Ibidem*. p.133
199. *Idem – Ibidem*. p.317
200. *Idem – Ibidem*. p.289
201. Policarpo, Fernando (2010). *A Guerra na Guiné 1963-1974*. Matosinhos: QuidNovi. p.26
202. Sena, Jorge de (1989). *40 Anos de Servidão*. Lisboa: Edições 70. p.85-86
O poema *A Portugal* foi escrito em 1961.
203. Morin, Edgar (2003). *O Método V. A humanidade da humanidade – a identidade humana*. Lisboa: Publicações Europa América. p.44
204. Morin, Edgar in Passos, Úrsula (2019). *Seguimos como sonâmbulos e estamos indo rumo ao desastre, diz Edgar Morin*. Artigo publicado no jornal *Folha de S. Paulo*. Disponível em: <https://folha.com/5y3cam4v>
205. Santo, Alda do Espírito (1978). *É nosso o solo sagrado da terra*. Lisboa: Ulmeiro
206. Morin, Edgar (2003). *O Método V. A humanidade da humanidade – a identidade humana*. Lisboa: Publicações Europa América. p.45
207. *Idem – Ibidem*. p.55
208. *Idem – Ibidem*. p.55
209. *Idem – Ibidem*. p.59
210. Dicionário de Português licenciado para Oxford University Press (2020). *Imperialismo*. Editora Objectiva.
211. Dicionário de Português licenciado para Oxford University Press (2020). *Escravo*. Editora Objectiva.
212. Dicionário de Português licenciado para Oxford University Press (2020). *Colonialismo*. Editora Objectiva.
213. Wikipédia, A enciclopédia livre (2020). *Indigenato*. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Estatuto_do_ind%C3%ADgena
214. Dicionário de Português licenciado para Oxford University Press (2020). *Democracia*. Editora Objectiva.
215. Dicionário de Português licenciado para Oxford University Press (2020). *Racismo*. Editora Objectiva.

216. Henriques, Isabel Castro (2016). *Escravidão e Tráfico Negroiro*. Cacheu: Memorial da Escravidão e do Tráfico Negroiro. p.43-44 Disponível em: http://www.fmsoares.pt/iniciativas/ilustra_iniciativas/2016/001210/Catalogo_Memorial_Escravidão.pdf
217. *Idem – Ibidem*. p.45-46
218. *Idem – Ibidem*. p.47-48
219. *Idem – Ibidem*. p.48
220. *Idem – Ibidem*. p.49
221. *Idem – Ibidem*. p.49
222. *Idem – Ibidem*. p.49-50
223. *Idem – Ibidem*. p.50-51
224. Branco, José Mário (2004). *Resistir é vencer – Canto dos torna-viagem*. Editor: EMI – Valentim de Carvalho.
225. Morin, Edgar (2003). *O Método V. A humanidade da humanidade – a identidade humana*. Lisboa: Publicações Europa América. p.294
226. *Idem – Ibidem*. p.45
227. *Idem – Ibidem*. p.48
228. *Idem – Ibidem*. p.48
229. *Idem – Ibidem*. p.49
230. *Idem – Ibidem*. p.293
231. *Idem – Ibidem*. p.268
232. Camões, Luís Vaz de (). *Os Lusíadas*. Porto: Porto Editora. p.188
233. Morin, Edgar (2011). *O caminho: para o futuro da humanidade*. Vídeo publicado por: Fronteiras do Pensamento. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=V3t7UFTpDHE&t=654s>
234. Gadamer, Hans-Georg in Morin, Edgar (2003). *O Método V. A humanidade da humanidade – a identidade humana*. Lisboa: Publicações Europa América. p.197
235. Cerutti, Mauro in Morin, Edgar (2003). *O Método V. A humanidade da humanidade – a identidade humana*. Lisboa: Publicações Europa América. p.197
236. Morin, Edgar (2003). *O Método V. A humanidade da humanidade – a identidade humana*. Lisboa: Publicações Europa América. p.205
237. Morin, Edgar (2017). *Introdução ao Pensamento Complexo*. 6.^a ed. Lisboa: Edições Piaget. p.13
238. Freire, Paulo
239. Mandela, Nelson

240. Dados extraídos de *Knoema*. Disponível em:
<https://pt.knoema.com/atlas/Portugal>
241. Redação, Idealista/News (2019). Portugal, um país de arquitetos... com salários de mil euros brutos. Artigo publicado em *Idealista*. Disponível em:
<https://www.idealista.pt/news/imobiliario/construcao/2019/07/23/40356-portugal-um-pais-de-arquitetos-com-salarios-precarios>
242. Redação, CAU/BR (2013). *Brasil já tem 106 mil arquitetos e urbanistas*. Brasília: Conselho de Arquitectura e Urbanismo do Brasil. Disponível em:
<https://www.caubr.org.br/brasil-ja-tem-106-mil-arquitetos-e-urbanistas/>
243. Lourenço, Isaque (2020). *Ordem controla 1.428 arquitectos | Economia | Jornal de Angola*. Artigo publicado em Makangola24. Disponível em:
<https://makangola24.com/ordem-controla-1-428-arquitectos-economia-jornal-de-angola/>
Segundo estes dados recolhidos, calculamos assim um valor de 0,044869969 arquitectos *per capita*, em Angola.
244. Azurara, Gomes Eannes de; Carreira, Conde da [escriba]; Santarém, Visconde de [pref.] (1841). *Chronica do Descobrimento e Conquista de Guiné*. Paris: publicada por J. P. Aillaud, na Officina Typographica de Fain e Thunot. p.245
245. Morin, Edgar (2003). *O Método V. A humanidade da humanidade – a identidade humana*. Lisboa: Publicações Europa América. p.56
246. *Idem – Ibidem*. p.60
247. Saramago, José (2009). *África*. Artigo publicado no jornal *Diário de Notícias*. Disponível em: <https://www.dn.pt/opiniaocaderno-de-saramago/africa-1331617.html>
248. Constituição da República Portuguesa (1976). Diário da República n.º 86/1976, Série I de 1976-04-10. Disponível em: <https://dre.pt/legislacao-consolidada/-/lc/34520775/view>
249. Saramago, José in Pensador (2020) *José Saramago: Nada é para sempre, dizemos, mas há...* Disponível em:
<https://www.pensador.com/frase/NjQyOTkx/>
250. Morin, Edgar (2003). *O Método V. A humanidade da humanidade – a identidade humana*. Lisboa: Publicações Europa América. p.62
251. Pessoa, Fernando (1934). *Mensagem*. Lisboa: Parceria António Maria Pereira. p.51

ACTO DE LÍNGUA PORTUGUESA

252. Cabral, Amílcar in Medeiros, Tomás (2012). *A Verdadeira Morte de Amílcar Cabral*. Lisboa: Althum.com
253. Guedes, Amâncio (1952). *Manifesto*. Disponível em: <http://www.guedes.info/Liv01.htm>
254. Fernandes, Miguel Santiago (2007). *Pancho Guedes – Metamorfozes Espaciais*. Casal de Cambra: Caleidoscópio. p.31
255. Morin, Edgar (2003). *O Método V. A humanidade da humanidade – a identidade humana*. Lisboa: Publicações Europa América. p.55
256. *Idem – Ibidem*. p.205
257. Pessoa, Fernando (1934). *Mensagem*. Lisboa: Parceria António Maria Pereira. p.76-77
258. Kéré, Diébédo Francis in Wagner, Marc-Christoph (2015). *Diébédo Francis Kéré: Architecture is About People*. Louisiana: Louisiana Channel/Louisiana Museum of Modern Art. Disponível em: <https://channel.louisiana.dk/video/diebedo-francis-kere-architecture-about-people>
259. Kéré, Diébédo Francis (s/data). Disponível em: <https://www.kerefoundation.com/en/>
260. Montaner, Josep Maria; Muxi, Zaida (2014). *Arquitetura e política: ensaios para mundos alternativos*. São Paulo: Ed. Gustavo Gili. p.243
261. Morin, Edgar (2003). *O Método V. A humanidade da humanidade – a identidade humana*. Lisboa: Publicações Europa América. p.125
262. *Idem – Ibidem*. p.276
263. *Idem – Ibidem*. p.267
264. King, Martin Luther Jr (1963). *I Have a Dream*. Washington, D.C.: The Great March on Washington. Disponível em: <https://www.americanrhetoric.com/speeches/mlkhaveadream.htm>
265. Montaner, Josep Maria; Muxi, Zaida (2014). *Arquitetura e política: ensaios para mundos alternativos*. São Paulo: Ed. Gustavo Gili. p.211
266. *Idem – Ibidem*. p.226
267. *Idem – Ibidem*. p.235
268. Pensador (2020). *Oscar Niemeyer: A gente tem que sonhar, senão as coisas...* Disponível em: <https://www.pensador.com>

MEMÒRIA DESCRITIVA

269. Plano Director Municipal do Município da Praia (2016). *Projecto Final – Ratificação, volume II, 4.^a Versão*. p.191
270. Inocência, Débora Alexandra Soares (2012). *Construção e Arquitectura Sustentáveis em Cabo Verde – Estudo de Estratégias de Projecto Sustentável*. Lisboa: Dissertação de mestrado, IST-UTL. p.6.
271. *Idem – Ibidem*. p.6.
272. *Idem – Ibidem*. p.6
273. *Idem – Ibidem*. p.13
274. *Idem – Ibidem*. p.13
275. Consumo estimado: cozinha: 200 kWh; sala de estar: 30 kWh; quartos: 10x5 = 50 kWh; sala de estudo: 5 kWh; casa de banho: 7kWh; total: 292 kWh.
Valores aproximados consultados a partir de: <https://lojaluz.com/faq/poupar-luz/consumo-medio>
276. Inocência, Débora Alexandra Soares (2012). *Construção e Arquitectura Sustentáveis em Cabo Verde – Estudo de Estratégias de Projecto Sustentável*. Lisboa: Dissertação de mestrado, IST-UTL. p.52-53
277. *Idem – Ibidem*. p.53-54
* Jorra: lava granulada, utilizada em construção, nomeadamente como elemento de formação de betões ligeiros
278. *Idem – Ibidem*. p.54
279. *Idem – Ibidem*. p.54-56

9. Anexos